

OBRAS DO AUTOR

- SANTO AGOSTINHO** — Estudo histórico-biográfico (Liv. Salesiana Ed., Niterói, RJ).
- PAI E MESTRE** — Conferências sobre D. Bosco e sua ação educadora (Liv. Salesiana Ed., Niterói, RJ).
- S. MARIA DOMINGAS MAZZARELLO** — Comemoração do 1.º Centenário do nascimento da Co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora. (Of. Salesiana - S. Paulo, SP).
- O TRIUNFO DA ADOLESCÊNCIA** — Conferência sobre Domingos Sávio. (Of. Salesiana — S. Paulo, SP).
- MANUAL DA SEMANA SANTA** — 3.ª ed. texto latino, tradução portuguesa, explicações históricas e litúrgicas, e música. (Liv. Salesiana Ed. - S. Paulo, SP).
- O SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA** — (Liv. Salesiana Ed. - S. Paulo, SP).
- OS IMPOSTOS** — Tese de láurea aprovada com distinção pela Universidade Romana (Esgotada).
- NOÇÕES DE QUÍMICA GERAL** — De acordo com os programas das Fac. de Medicina e Escolas Politécnicas. (Liv. do Globo - Porto Alegre, RS).
- LIÇÕES DE FÍSICOQUÍMICA** — De acordo com os programas oficiais. (Liv. do Globo - Porto Alegre, RS).
- PSICOLOGIA EXPERIMENTAL** — Elementos de Filosofia Aristotélico-Tomista. (Liv. Acadêmica - S. Paulo, SP).
- COMPÊNDIO DE PSICOLOGIA** — (Liv. Salesiana Ed. - S. Paulo, SP).
- INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA** — (Liv. Acadêmica - S. Paulo, SP).
- PRIMEIRAS NOÇÕES DE GREGO CLÁSSICO** — Intercaladas de exercícios graduados (Liv. Salesiana Ed. — Niterói, RJ) (Esgotada).
- GREGO CLÁSSICO NOS COLÉGIOS** — (De acordo com os programas do Colégio Clássico (Liv. Salesiana Ed. - Niterói, RJ)
- GRAMÁTICA GREGA** — Curso Superior (Liv. Salesiana Ed. Niterói).
- NOÇÕES DE HISTÓRIA DA LITERATURA GREGA** — (Liv. Salesiana Ed. - S. Paulo, SP).
- INTRODUÇÃO A CIÊNCIA DO DIREITO** — 3.ª ed. (Livraria AGIR Ed., Rio de Janeiro, GB).

P. ALCIONÍLIO BRÜZZI
ALVES DA SILVA, SDB

P. ÁLCIONÍLIO BRÜZZI ALVES DA SILVA, SDB

A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA DO UAUPÉS

A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA DO UAUPÉS



A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA DO UAUPÉS

Dos prolongados anos de convivência com as tribos do Uaupés, na região fronteira entre o Brasil e a Colômbia, recolheu o Autor numerosas e preciosas observações sobre a Etnografia e a Linguística Indígenas que deram origem a uma série de livros (publicados uns, no prelo outros) e artigos em Revistas e teses de Congressos.

O motivo que impeliu o A. a ausentar-se das suas cátedras nas Universidades de S. Paulo e de Campinas e afrontar os incômodos de viagens, pelos rios interminos e matas indevassadas, e da vida entre os índios, foi primeiramente o de recolher as observações etnográficas daquela "interessante área cultural", observações que se condensam no presente volume. Complementando essas observações vieram depois os estudos linguísticos das Tribos Uaupesinas.

Quem folheia a esmo uma página qualquer dêste livro, sente-se tentado a ler o assunto até o fim. Concluído o assunto, o interesse que se lhe despertou impele o leitor a abordar o seguinte e, quase sem se dar conta, as páginas vão passando e se chega ao último capítulo, uma comovedora síntese da vida do índio do Uaupés, como se fôra um resumo de todo o volume.

E o leitor, especialmente o que já tem percorrido a literatura do gênero, e que talvez se formara a idéia de que além da *Marajoara* não despertam interesse as demais culturas dos indígenas brasileiros, terá que concluir que o A. fez, na realidade, a revelação de uma *interessante área cultural indígena*. Esta foi a conclusão do Dr. João Mendonça de Souza, ex-Secretário de Educação do Amazonas, lendo as páginas datilografadas do A. quando de uma sua viagem pela selva do Uaupés em 1957.

Idêntica impressão tiveram e externaram os ouvintes do P. Brüzzi, após os cursos que deu sobre a cultura indígena do Amazonas, nas Universidades Nacional de Belo Horizonte, de S. Paulo e de Campinas e em várias Faculdades.

De 1958 a 1960 o A. permaneceu nos Estados Unidos, como enviado cultural do Itamarati, preparando e sincronizando um longo *Filme* colorido que documenta as observações que o livro contém, e uma *Discoteca* de 12 LP com músicas, cantos, danças, pronúncia, lendas e vocabulários

(continua na 2.^a orelha)

RED STAR LIVRARIA SEBO
R. N. SRA. DA LAPA, 390 - LAPA - SP
TEL.: 3641-5863 - TEL/FAX: 3838-1296
R. JOSÉ BONIFÁCIO, 215 - CENTRO - SP
TEL.: 3105-2987 - TEL/FAX: 3107-1012
RUA SÃO BENTO, 81 - CENTRO - SP
TEL.: 3106-8930 - TEL/FAX: 3101-3125
sebo-redstar@sebo-redstar.com.br

A CIVILIZAÇÃO INDIGENA DO UAUPÉS

P. ALCIONILIO BRÜZZI ALVES DA SILVA

Da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena
Das Universidades Católicas de S. Paulo e Campinas, do Instituto
Histórico e Geográfico de São Paulo e do Museu Regional Dom
Bosco de Campo Grande (M.T.)

Renato Nicolai

DIRETOR do

«CENTRO DE PESQUISAS DE IAUARETÊ»
MISSÃO SALESIANA DO RIO NEGRO — Amazonas - Brasil

SÃO PAULO

1962

SÉRIE DO "CENTRO DE PESQUISAS DE IAUARETÉ
(AMAZONAS — BRASIL)

1. A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA DO UAUPÉS — Observações etnográficas
2. DISCOTECA ETNO-LINGUÍSTICO-MUSICAL
3. OBSERVAÇÕES GRAMÁTICAS DA LÍNGUA DAXSEYÉ OU TUKANO
4. VOCABULÁRIO TUKANO-PORTUGUÊS
5. VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-TUKANO
6. IDIOMAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA (com um Vocabulário de 200 palavras usuais em 38 diferentes idiomas)
7. LENDAS DO UAUPÉS

UMA EXPLICAÇÃO

Estou por dizer que este é um livro anônimo. Pois ele não traz o nome dos seus principais colaboradores. O nome que capta estes estudos é apenas um endosso. Cabe-nos, pessoalmente, pouco mais que a responsabilidade da redação, como lhe assumimos as canseiras. Os verdadeiros autores, ou, ao menos, os seus principais colaboradores são os beneméritos Missionários que há várias dezenas de anos mourejam no meio da selva quase inhospita da Amazônia, no afã de incorporar os pobres silvícolas na civilização brasileira e cristã.

O título impõe uma explicação. Como se verá, ao passar das páginas, a bacia do Uaupés, compreendendo seus dois principais afluentes, o Tiquié e o Papuri, é povoada por numerosos grupos humanos que vulgarmente se conhecem por Tribos, com densidade demográfica vária. Diferenças somáticas e linguísticas por vezes bem notáveis, estão denunciando origens étnicas diversas. No entanto, a aproximação e comércio, que, numa ação desgastadora de séculos não conseguiram limar aquelas diferenças, operaram uma fusão nos costumes. O mesmo standard ou padrão de vida que se nota num povoado do baixo Uaupés, encontra-se nas cabeceiras do Papuri ou do Tiquié e dos seus pequenos afluentes. Ao perlongarmos os rios, muda-se o nome da tribo, encontram-se tipos fisionômicos diversos, falando idiomas muitíssimo diferentes, porém residindo em malocas semelhantemente construídas, tomando os mesmos alimentos, executando os mesmos trabalhos, divertindo-se da mesma forma; nota-se, enfim, uma identidade perfeita na maneira de rir e de gesticular. Estamos, pois, diante de um mesmo grupo cultural. Podemos, assim, tomar em conjunto aquelas vinte ou mais tribos, para cuja civilização e cristianização desde 1916 desdobram suas atividades os Filhos de S. João Bosco, dirigidos, vai para 40 anos, nesse seu heroísmo anônimo, pelo dinamismo inteligente a caridade apostólica de Dom Pedro Massa.

Em princípios deste século o conhecido etnólogo alemão Teodoro Koch Grünberg visitou parte da área cujos estudos aqui apresentamos, e condensou suas observações em várias obras, especialmente a que traz por título «Dois anos entre os índios do noroeste Bra-

sileiro» (1). Estamos, agora, em condição de aquilatar não só os incômodos da sua viagem, como suas dificuldades de «Branco» e «Estrangeiro», devendo tratar com os índios fechados na sua desconfiança, prevenções e, digamo-lo, hostilidades contra os civilizados; desconhecendo, além disso, os idiomas das tribos do Uaupés (2) e devendo, por êsse motivo, socorrer-se dos préstimos sempre deficientes de intérpretes de emergência.

A nossa tarefa, de redação, em comparação com a de Koch G. ficou grandemente facilitada. Coube-nos o prazer intelectual, patriótico e religioso de quatro excursões pelo amplo e penoso campo do Apostolado Salesiano no Amazonas, e admirar a obra de patriotismo e caridade evangélica que lá realizam os Filhos de Dom Bosco. E servindo-nos da sua companhia, do seu conhecimento dos idiomas indígenas (3), do ascendente que desfrutam não só entre os indígenas que gozam da sua assistência material e moral, mas até entre os outros que só os conhecem de fama, fomos recolhendo os preciosos dados da sua observação e experiência. O material etnográfico que estas páginas encerram pôde ser recolhido em prazo relativamente curto, embora o triplo do de Grünberg. Representam, no entanto, uma existência no convívio mais íntimo possível com os silvícolas: morando na sua maloca, assistindo as suas festas, ouvindo-os nos longos cavaqueios entre si, e com êles entretendo-se em amigável conversa, participando de suas alegrias e de suas tristezas, observando-os nos seus trabalhos, admirando as suas habilidades, aproveitando-se dos seus serviços, curando-os nas suas doenças, sondando o seu espírito, ilustrando a sua inteligência em longos anos de educação, iluminando sua alma com as verdades religiosas, vendo a trechos abrir-se inesperadamente aquelas mentes em clarezas que revelam, através de uma ingenuidade encantadora, um mundo interno jamais sonhado. Compreende-se um ambiente vivendo nele; e a ambiência pode explicar-nos uma mentalidade.

Nem pareça exagêro falar numa existência de convívio íntimo com os indígenas. Pois aqui não se registram apenas as nossas

(1) "Zwei Jahre bei den Indianer nordwest-Brasiliens" — Stuttgart, 1921. Data de Stuttgart, 1922, o seu trabalho "Festschrift Eduard Seler", contendo a classificação e localização das várias tribos que visitou ou das quais obteve informações.

(2) Na boca do rio Curicuriari, o remador de Koch, o Tukano João, dá-lhe uma lição do "ininteligível Tukano": — "Gibt mir Unterricht in Tucano seiner fürchterlichen Stammsprach, voll nasaler, gutturaler und ganz UNDEUTLICHER laute" (Z. I. 137).

(3) Além de encontrarmos já numerosos índios com os quais nos pudemos entender perfeitamente em nossa língua pátria, porque haviam aprendido o português nas escolas das Missões.

observações pessoais. Procuramos conhecer e ouvir a todos os Missionários Salesianos que trabalham nos Rios Negro, Uaupés, Tiquié, Papuri e Içana e Caburi; bem como aos Missionários de Montfort que atenderam os indígenas da região fronteiriça da Colômbia, visto que algumas das tribos em estudo, têm membros residentes na zona que hoje faz parte do território colombiano. E tivemos, por mercê de Deus, o feliz ensejo de condersar com Missionários que desde 1916 estavam vivendo com os filhos das selvas e para êles.

É, portanto, êste trabalho, num sentido rigoroso, uma contribuição dos Missionários Salesianos aos Estudos Etnográficos que, se interessam de um modo geral aos estudiosos de todo o mundo, a nós, Brasileiros, nos falam outrossim, de interêsses políticos e patrióticos.

Estas páginas são um documentário de como decorre a vida dos silvícolas do Uaupés ou Caiari neste meado do séc. XX. Em força de uma mentalidade indobravelmente tradicionalista, que caracteriza êsses grupos humanos, podemos pensar sejam também, nas linhas gerais, uma descrição de como vivem há séculos, ou talvez mesmo de como vivem essas tribos desde que se aclimataram no habitat atual. Escassos dados dos primeiros exploradores e informação dos indígenas anciãos autorizam essa opinião.

Gozando nós, embora, de condições privilegiadas, que não tiveram, ou sequer poderão ter, outros etnólogos, o fundo esquivo da psique indígena tira-nos a ilusão de lhe ter desvendado a alma. Estamos mesmo convencidos que desconhecemos ainda costumes e práticas interessantes sob o ponto de vista etnológico e de muitos outros nos escapam o verdadeiro sentido. A fantasia primitiva, tanto mais desperta quanto livre do freio da razão e o contrôle inibitório da experiência positiva, naquele ambiente misterioso e sugestivo da selva milenar, terá arquitetado um mundo lendário e com belezas fascinantes para as suas almas, como se foram as riquezas estonteantes de castelos encantados, porém defesos para nós, e dos quais só podemos contemplar ao de fora denegridos muralhões, nos fragmentos quase inexpressivos das suas lendas.

Êstes apontamentos são apenas uma picada na brenha. Virão outros estudiosos refazer o caminho; retificarão desvios, ligarão com viadutos pontos anteriormente sem conexão, solidificarão com a firmeza de suas observações aquelas passagens que ora apresentam a ameaça dos atoleiros, e resultará, por fim, a avenida ampla e reta, arejada e segura, arborizada e bela da verdade por onde transitarão multidões no futuro.

Aspiram, porém, a muito mais. Desejam ser um brado de gratidão e de patriotismo. Gratidão para com aquêles abnegados Mis-

sionários (e todos eles, sem distinção de nacionalidade ou de institutos, desde Anchieta até o mais modesto Irmão Leigo ou Freira, os quais impulsionados pelo mais puro amor de Deus, renunciaram ao carinho da família, ao conforto da civilização, e muita vez também ao encanto das suas pátrias terrenas, fazendo sua a vida do índio, a fim de fazê-lo filho do Brasil e de Nosso Senhor Jesus Cristo, só esperando a recompensa de Deus, porém recebendo, não raras vezes, como antecipação, a ingratitude dos silvícolas e a calúnia de malévolos ou de irresponsáveis.

É um brado de um incontido patriotismo, chamando a atenção do Brasil, — Governo, facultosos, homens de estudos, — para aquelas raças que se abrigam sob a copa majestosa da selva amazonense. Urge despertar o interesse de todos os Brasileiros a fim de que se estabeleça uma porfia de auxílios que facilitem uma rápida integração daqueles muitos milhares de patricios na civilização brasileira e cristã. É, pois, não só obra humanitária e religiosa, preocupar-se da incorporação dos indígenas à civilização brasileira, senão também do mais lídimo patriotismo. Por isso urge se intensifique o apoio do Governo aos que consagraram sua vida e suas energias ao bem do silvícola do Uaupés.

Pe. ALCIONILIO BRÜZZI ALVES DA SILVA, S. D. B.

Capítulo I

O HÁBITAT

A área, cujos elementos etnográficos se recolhem nestes apontamentos, é a bacia do *Rio Uapés* ou *Caiari* (1), como era conhecido até há poucos anos, afluente que desemboca no **Rio Negro** cerca de 50 quilômetros acima da cidade de S. Gabriel-da-Cachoeira, hoje denominada *Uaupés*.

Resulta o Uaupés, conforme o Dr. Hamilton Rice, da união dos rios *Unilla*, que é o mais importante, e *Itilla*, ambos com suas nascentes nos planos que lindam os contrafortes dos Andes Colombianos. Após um percurso de cerca de 330 Km em território da Colômbia, o Uaupés avança em direção *SE* e *S*, como demarcador de

(1) *Caiari* ou, antes, *Ucaiari* seria o nome primitivo, conforme o Padre José Monteiro de Noronha, o qual ao n.º 184 do seu "Roteiro de Viagem" (vd. abaixo, II, 2), diz: — "O verdadeiro nome do Rio Uaupé he Ucayari, que no idioma dos índios Manaos e Barez significa — Rio de água branca: porém, como o gentio que povoa o principal tronco do Ucayari he de nação Uaupé, lhe atribuirão os mais índios o mesmo nome que os Brancos verterão em Goaupé".

Releve-se que, embora as suas águas não sejam tão escuras quanto as do Rio Negro, o Uaupés pertence ao número dos rios de "águas pretas".

"Tôdas estas tribos, informa Wallace ("Travels of the Amazon and Rio Negro" — London, 1849, pág. 335) apresentam algumas peculiaridades nos seus idiomas e costumes, porém, tôdas elas vêm sob o nome geral de Uaupés e distinguem-se, como um todo, dos habitantes dos outros rios. Daqui o ser chamado o rio Rio dos Uaupés (the River of the Uaupés), se bem que propriamente o seu nome é Ucaiari e assim é êle denominado pelos índios".

Lemos recentemente (maio de 1956) em Luiz da Câmara Cascudo ("Em memória de Stradelli", Livr. Clássica-Manaus, 1936, pág. 7), que Stradelli cita um poderoso Tuxáua *Buapé*, da tribo Taryana, (cujo nono-neto, Maximiliano José Roberto, acompanhou Stradelli em suas viagens), o qual teria vivido pelo fim do século 16, e emprestado o nome ao rio (cfr. abaixo Nota 5, II Cap.).

Esta crença é hoje perfilhada também no Rio Negro. Não sabemos, porém, se ela se funda na opinião de Stradelli, ou lhe tenha dado origem. No fim do século 19, com Stradelli, o nome *Uaupés* se nos apresenta qual corrupção do vocábulo primitivo *Buapé*. Pelos meados do século 18, ao invés, *Uaupé* seria a forma primitiva donde, por corrupção, se originou o termo *Goaupé* e nenhuma menção se faz do Tuxáua por nome *Buapé*, cuja memória, se existiu, deveria, então, ser mais viva. Com quem estaria a razão?

fronteiras entre o Brasil e a Colômbia, até *Iauareté-cachoeira* (2), onde se dá, pela margem direita, a afluição do rio *Papurí*. Tomando a seguir a direção *Leste*, corre inteiramente dentro do Brasil até desaguar no Rio Negro, depois de ter recebido, ainda pela direita, o rio *Tiquié*, pouco abaixo do povoado *Taracué-ponta*. Em território brasileiro avança 520 Km (possuindo, pois, um percurso total de 850 Km) e apresenta uma largura máxima de 3 Km e mínima de 200 metros aproximadamente.

De qual língua seria o nome *Uaupés*? e que significa? Não o sabem responder os indígenas atuais, nem os de há meio século. Com efeito, Koch Grünberg (Zwei Jahre, 131) diz apenas que o nome é depreciativo; isto, porém, porque sob o nome de *Uaupés* se entendem tribos rudes, silvestres (*Wildstaemme*) e desprezadas, como a *Tukano* e a *Kubewāna*, que lutaram contra os *Arwake* mais adiantados.

No vocabulário Nheengatú-Português de Stradelli encontramos o verbete: "*Iasaná*" — Casta das Rallidas. Nome que no baixo Amazonas e no Grão-Pará dão à *Parra Iaçaná*, que no Solimões chamam *Piasóca* — e no Rio Negro, *Uaupé* e *Uapé*.

Por sua vez o rio emprestou o nome a uma planta característica das pedras das suas cachoeiras. Com efeito, chama-se *uaupé* ou *uaupé-da-cachoeira* (e também *carurú-das-pedras* e *murera-das-cachoeiras*), uma planta aquática que nasce nas pedras das cachoeiras desse rio e da qual se serviam outrora os indígenas para a extração do sal (cf. N. 51, VI). (Cfr. Gastão Cruls, *Hileia Amazônica* — C. E. N., 1944 — pág. 35).

O nome *Ucaiari* (como de ordinário os terminados em *ri* ou *li*) é de origem *Arwake*. Na língua dos *Arara-tapuya* e dos *Kadáu-puritāna*, o rio *Uaupés* se chama *Ukayali*; na dos *Huhúdeni*, se diz *Ukáviri* (tôdas três são do grupo *Arwake*). Poderia, talvez, derivar de *U(ni)*, água rio, e *Kawale* (em *Kadáu-puritāna*) ou *Kawáeri* (em *Hihúdeni*), vento. No entanto, nenhum dos velhos das várias tribos *Arwake* dos rios *Içana* e *Aiarí*, que pudemos consultar, souberam indicar o significado do termo *Caiari* ou *Ucaiari*. Como também não o souberam os das outras tribos que habitam o *Uaupés*. Todos êstes designam o *Uaupés* por "*Dya Porsá*", rio dos *Makú* (?). Essa designação poderia induzir a pensar que so *Makú* (*Pursá*) por primeiros habitaram as suas margens, e depois, sob pressão dos invasores *Arwake* e *Tukano*, se internaram nas matas adjacentes, desde os arredores de S. Gabriel até as cachoeiras de *Jandú* e *Carurú* (no rio *Uaupés*). Verdade é que, conforme o espírito da língua, Rio dos *Makú* dever-se-ia traduzir por "*Porsá Dyá*" e não "*Dyá Porsá*".

- (2) Na Amazônia denominam-se *cachoeiras* os lugares em que o curso de água apresenta algum declive com rebojos, corredeiras e verdadeiras cachoeiras ou quedas de água; estas aliás, bem raras. Como se trata de denominações indígenas, vêm os nomes numa construção semelhante ao genitivo ou possessivo saxônico, que é muito do espírito da língua *Tukano*, e, em geral, das línguas indígenas da região. Por isso se diz: *Iauareté-cachoeira*, *Parí-cachoeira*, *Taracué-ponta*, etc., em vez de: *cachoeira de Iauareté* ou *de Parí*, *ponta de taracué*, etc., conforme a índole da língua portuguesa.

Resulta o *Papurí* (ou *Capurí*, como também se dizia outrora) da união de dois afluentes em território colombiano, pouco acima de «Melo Franco», o *Aua* e o *Paca*. Porém, a quase totalidade do seu percurso, de cerca de 280 Km, delimita a fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Os indígenas denominam-no «*Oxkó ñyisé dyá*», isto é, rio de água preta; efetivamente suas águas são mais escuras que as do *Uaupés*. Lança-se no *Uaupés* em *Iauareté-cachoeira*, com a largura de 250 metros. Embora apresente uma declividade média de 0,32 m. por quilômetro, possui um subsolo de granito, com inúmeros afloramentos e cachoeiras (3), que tornam perigosa a navegação. Ou, antes, só é viável por pequenas canoas e *montarias* (4), as quais, algumas vezes, avançam pelas corredeiras empurradas a braço ou puxadas por espias, ou mesmo são transportadas através das pedras ou matas marginais pelos «*varadoiros*» (5).

O *Tiquié* é o outro afluente, e mais importante que o *Papurí*. Resulta de dois *igarapés*, ou ribeirões: o *Uaracú-pirera* (significa em Nheengatú «pele de aracú»), que toma o nome de *Tiquié*, nome de origem e significação desconhecidas (como, outrossim, *Caiari*, e *Papurí*), depois que recebe o *Macucú*. Os de língua *Tukano* denominam o *Tiquié* «*Kösá*», cujo significado, porém, ignoram. Extremamente sinuoso, mede cerca de 450 Km de percurso, quase todo em território brasileiro. Terá seu meio quilômetro de largura na foz, porém vai estreitando-se sensivelmente para uma centenas de metros em grande parte do percurso. Em *Tucano-cachoeira* sua largura é cerca de 50 metros, e assim se mantém até *Parí-cachoeira* (até onde chegam as lanchas de pequeno calado), e estreitando-se ainda mais, apresenta até a fronteira uma largura média de 15 a 20 metros.

Corre quase paralelo ao *Papurí*, seu aspeto, no entanto, é muito diverso. O leito arenoso e profundo permite-lhe curso remansoso, parecendo por isso mais escuras as águas do que o são na realidade (6), sombreadas, ademais, pela densa mata marginante. Tem

(3) A Comissão Brasileira de Fronteiras, sob a direção do Marechal Boanerges Lopes de Souza, que fez o levantamento deste rio, assinalou 39 cachoeiras. Possui ainda alguns ilhotes e ilhas, e por isso, sua largura chega a atingir seus 500 metros.

(4) "*Montarias* são as canoas que foram ampliadas por uma ou mais tábuas longitudinais, adaptadas às suas bordas.

(5) "*Varadoiros*" são as passagens abertas na mata; ou ao longo dos rios, nos trechos não navegáveis; ou como atalhos entre dois pontos, para evitar as longas voltas dos rios.

(6) O seu maior afluente, o rio *Castanho*, de cor leitosa, clareia sensivelmente as águas do *Tiquié*.

poucas cachoeiras, entre elas a denominada «Carurú», acima de Parí-cachoeira, por certo uma das mais belas cataratas do Estado do Amazonas.

Tanto o Uaupés, como os seus dois afluentes, recebem a contribuição de inúmeros, porém pequenos, cursos d'água que, na terminologia regional se dizem *igarapés*.

A bacía que estudamos compreende as terras banhadas pelos rios Uaupés e os seus dois afluentes, o Papurí e o Tiquié. Está, pois, situada na zona equatorial (7). Entretanto a temperatura mínima diária oscila entre 19° e 22° e a máxima 24° e 32°, raro até os 36°, graças às frequentes precipitações. Apresenta terras não sujeitas a inundações, ou «terra-firme», conforme a nomenclatura regional, e grandes extensões banhadas, ao menos durante alguns meses do ano. A vegetação é, por isso, a mata alta e densa do «tipo hidro-higro-megatérmico», semelhante à do Rio Negro. Merecem um destaque as palmeiras. São de muitas variedades, por véses acompanhando os cursos de água, e outras, dispersas pela mataria, e das quais se servem os silvícolas para vário emprego.

Notamos, entre as palmeiras de «terra-firme», o *tucum* (*astrocárium vulgare*, Mart. ou *astr. tucumóides*), a *bacaba* (*oenocárpus bacaba*, Mart.), o *açaí* (*eutérpe olerácea*, Mart.) o *inajá* (*Maximiliána régia*, Mart.), a *pupunha* (*Guilberma speciosa*), a *paxiúba* (*iriártea exorrhiza* ou *settígera*, Mart.). Entre as dos banhados, o *juvari* (*astrocárium javari*), o *mirití* ou *burití* (*maurítia vinífera* e *m. flexuosa*), o *caraná* (*maurítia caraná*), o *jará* (*leopoldínia maior*), a *piçaba* (*leopoldínia piçába*, Wal.), o *tucumã* (*astrocárium tucuman*, Mart.). A palmeira trepadeira, a *jacitára* ou *Kamwarri*, do gênero *Desmoncus*, é de grande emprêgo na cestaria indígena.

Em geral existe apenas uma pequena camada superficial húmida, donde surge a imponente selva milenar, e a seguir os estratos arenosos ou argilosos. Uma primeira consequência de tão pequena base húmida é o possuírem as árvores raízes muito superficiais, e por isso os temporais freqüentemente as derrubam, causando verdadeiras clareiras nas matas. Uma segunda consequência é que a terra se torna improdutiva após três ou quatro anos da primitiva agricultura indígena.

(7) Nas 486 voltas ou sinuosidades que apresenta o Tiquié, no percurso da foz até Parí-cachoeira, corta 18 véses a linha equatorial.

Povoam rios e igarapés numerosas espécies de peixes, que constituem um alimento principal do indígena.

A fauna amazônica não é rica de variedades, e menos o é quantitativamente. Além, dos felinos perigosos, a *onça* (*felix onça*) e o *gato maracajá* (*felix pardalis* e *felix mucura*, Neuw.), poucos são os animais que o indígena pode, de ordinário, encontrar e que lhe oferece carne para alimento: o *veado* (*gen. cervus*), a *paca* (*coelogenys paca*), a *cotia* (*dasyprocta aguti*, Lin.), *queixada* e *caetitu* (*dicótyles labiátus*, *tayassú albirostris* e *tayassú tayassú*, Lin.), a *anta* (*tapirus americanus*, Briss.), a *capivara* (*hidrochoerus capybara*, Erxl.) e *macacos* de diversas espécies.

A mesma pobreza pela quantidade, porém maior riqueza pela variedade e plumagem apresentam os pássaros. Entre os apreciados como alimentos pelos servícolas, lembramos os *tucanos* (*ramphastus*), *jacamim* (*psophídeos*), *mutum*, (*crax nigra*, *alector*, etc.), *jacú* (*penélopes*), diversos *pombos* (*columba*). Procuradas pela sua plumagem são as *garças* (*heródias egretta*) e outras variedades de *ardeidae*, *tucanos*, e a variedade portentosa de *araras* e outros *psittacídeos*.

Mais variada e rica é a contribuição entomológica, servindo também algumas variedades de insectos de alimento aos habitantes da região.

Neste *habitat* em que a área para cultivo se adquire abatendo dificilmente a mata secular, e que só é aproveitável regularmente durante três ou quatro anos, não se pode, evidentemente, fazer senão um pequeno plantio. Lembrêmo-nos que primitivamente o homem uapesino dispunha apenas do machado de pedra, e que, no Uaupés, não são nem freqüentes, nem extensos os *verões*, isto é, os períodos de estiagem que permitem «a queima da roça».

A agricultura, por um lado, como também a pesca e caça não permitem grandes ajuntamentos humanos. Vamos, por consequência, encontrar a população sempre dispersa em pequenos grupos localizados à margem dos rios e ribeirões (igarapés), os quais além de subministrar, com os peixes, um alimento predileto, lhes servem de meio de comunicação.

Mínimas sendo as exigências dos indígenas, reduzem-se a três as condições que determinam o seu *habitat*: 1.º *água*, para beber, banhar-se e dar-lhes o peixe; 2.º a *floresta* que lhes proporciona a fruta e a lenha para o fogo; 3.º *terra* suficientemente fértil para o cultivo da mandioca, seu principal alimento vegetal. Nem sempre; antes, muito raramente, no estado atual, se pode, a critério indígena,

conciliar a primeira condição com a terceira. Por essa razão ordinariamente plantam a roça «*wersé*» alguns quilômetros da sua casa. Compensando o incômodo da distância, apresenta-se à inteligência do silvícola a vantagem da segurança da sua propriedade, que assim mais facilmente escapa à vista e à cobiça. A consequência natural é que a densidade da população, em cada grupo, é independente da fecundidade das terras adjacentes.

Capítulo II

AS TRIBOS DO UAUPÉS NO PERÍODO HISTÓRICO

1 — DADOS DA HISTÓRIA DOS RIOS NEGRO E UAUPÉS

O importante problema da origem dos silvícolas do Brasil, como da América, espera ainda sua solução. Visto que a ciência antropológica não os reconhece como autóctones, donde vieram? De uma só ou de várias origens. Em qual época? Por qual via? Com quais meios? Em uma ou em várias migrações sucessivas. Debaixo de qual direção? Como se espalharam?

Não visa o presente trabalho responder a essas ou outras questões conexas. Convém, no entanto, uma rápida visão desse grupo cultural do Uaupés dentro do período histórico para êle, isto é, desde a descoberta do Brasil.

A viagem de descoberta do «Rio das Amazonas», como de então ficou conhecido, foi executada por Francisco Orellana, em 1541, servindo de cronista o frade da Ordem de S. Domingos, Gaspar de Carvajal. Da sua relação, pelo que respeita o Rio Negro, só se depara que no sábado, véspera da festa da SS. Trindade, 3 de junho de 1542, «Vimos uma bôca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos e de água negra como tinta e por isso lhe pusemos o nome de Rio Negro» («Descobrimientos do rio das Amazonas», 50).

Na breve «Relação do descobrimento do Rio Amazonas, hoje S. Francisco de Quito», do Padre Alonso de Rojas, se lê apenas, ao § 6: — «Da banda do norte está um rio grandíssimo com légua e meia de bôca e as águas tão negras que se distinguem das outras. efeito que deu nome ao rio chamando-o «*Negro*».

«O piloto-mór, de quem depois falaremos, tendo navegado dois ou três dias por êste rio Negro, disse que, segundo as notícias que pôde obter de alguns índios, nasce êste rio em umas serras vizinhas do Novo Reino de Granada e que em sua origem se divide em dois braços; um dêles, com o nome de Rio Negro deságua depois de longo curso no das Amazonas; o outro vem desaguar no mar do Norte, à vista da ilha Trindade, e pensam que êste rio seja o famoso Orinoco» («Descobrimientos», 95).



Donzelas Wanana (a menor tem por mãe uma Taryana; a maior uma Kubêwana)



Tipos Pirá-tapuya (do povoado Patu, rio Papuri)



Recém-nascido Pirá-tapuya (com a pintura profilática de carajurú)

Batidas, oficiais ou não, em procura das «drogas» (os produtos naturais) e das «peças» (os índios para os serviços públicos ou mesmo como escravos) se foram sucedendo. Em breve o Rio Negro e seus principais afluentes ficaram bastante conhecidos pelos portugueses, até suas ligações com o Orinoco pelo Cassiquiare e com as Guianas pelo rio Branco.

Por carta régia de 3 de março de 1755 é criada a «Capitania de S. José do Rio Negro». Precisamente nesse ano, por decisão do Marquês de Pombal, pelo alvará de 7 de junho, os Missionários Religiosos eram excluídos da direção temporal dos povoados indígenas (direção que passava aos juizes e vereadores), e submetidos no espiritual aos Bispos (não mais aos seus Superiores Religiosos). Em abril desse ano é escolhido o Padre Joseph Monteiro de Noronha como Vigário Geral da Capitania, sob a jurisdição eclesiástica do Bispo do Pará, que nessa época é D. Frei Miguel de Bulhões, da ordem de S. Bento.

Aos 16 de julho de 1757, é nomeado o 1.º Governador Joaquim de Melo Póvoas, e, em 1758, são elevadas a Vila ou Lugares várias aldeias: a de Maruiá em Vila de Barcelos, como Capital; Itarendaua em Vila de Moura; Bararoá em Vila de Thomar; Jaú em Lugar de Ayrão; Cumarú em Lugar de Poiares; Aracarí em Lugar de Carvoeiro.

As preocupações territoriais da metrópole ditaram ordens para o guarnecimento do alto Rio Negro contra as tendências expansionistas espanholas. Para isso foi destacado em 1761 o capitão José da Silva Delgado, que fundou as localidades de S. Pedro de Simapé, S. José dos Marabitanas, N. Senhora da Guia, S. Bárbara, S. João Batista do Mabé, S. Isabel, Senhor da Pedra, N. Senhora de Nazaré de Curiana, S. Gabriel da Cachoeira, S. Sebastião e S. Antonio do Castanheiro Velho. Este é abandonado mais tarde pela impossibilidade da agricultura sempre danificada pela formiga saúva, e a população transfere-se para cima da foz do Abunã, fundando-se o povoado de S. Antonio do Castanheiro Novo. Como primeiro vigário de S. Gabriel foi nomeado o franciscano Frei José de S. Úrsula.

Em 1772 fundou-se o povoado de N. Senhora de Loreto de Macaraby, e em 1781 o de N. Senhora das Caldas na margem do rio Cauaburí.

Por ordem do General João Pereira Caldas, encarregado de Portugal para a demarcação dos limites (com D. Francisco de Requena, representando os interesses da Espanha), o coronel Manoel da Gama Lobo D'Almada, em 1784 sobe o Rio Negro, funda a povoação de S. Marcelino na foz do Xiê, e entra as águas do Uaupés.

No entanto, reduzidos os Missionários de poderes e número, a não idoneidade dos «Diretores dos Índios», foi prejudicando a sua

cristianização e estabilização em povoados. Os «Diários» de Sampaio e Ferreira documentam-no e contra isto protestam (2).

Não obstante a falta de Missionários o processo de cristianização se vai realizando, embora mais lentamente, pois índios do Uaupés desciam até S. Gabriel ou arredores, quando sabiam da presença aí de algum sacerdote.

Proclamada a independência do Brasil, em 1822, à província de S. José do Rio Negro não se concedeu, como às outras, plena autonomia, e como «Comarca do Alto Amazonas» passou até 1850 a integrar a Província do Pará.

Com os trabalhos apostólicos do Carmelita Frei José dos Santos Inocentes, no alto Rio Negro e afluentes, por mais de vinte anos a contar de 1832, a evangelização dos indígenas cobrou novo alento.

Criada 5 de setembro de 1850 a Província do Amazonas, o seu primeiro Governador, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, no mesmo ano de sua posse, 1852, nomeia o Capuchinho Frei Gregório José Maria de Bene, «Vigário encomendado das freguezias e povoações do alto Rio Negro e Missionário dos rios Uaupés e Içana», visto que Frei José dos Santos Inocentes fôra obrigado, por doença, a descer a Manaus. A atividade de Frei Gregório é grande, e, em pouco mais de dois anos, conseguiu pôr-se em relação com 25 tribos (que figuram na sua lista), procurando aldeia-las, restabele-

(2) Alexandre R. Ferreira na Participação segunda, em data de 30 de janeiro de 1786 afirma: — «Digo o que sempre disse, que os índios depois de livres ficarão nesta parte de peor condição, que a que tinham quando escravos. O senhor na vida do escravo zelava o seu dinheiro; o Director na vida do índio não zela interesse algum». E observa que os índios morriam de muito trabalho e pouco alimento. «Só lhes dão beijú ou ticoara e caribé» (o. c. 87).

As págs. 43 fala dos maus tratos que os Directores infligem aos índios, enquanto se enriquecem e tornam-se tantos fidalguetes: — «De umas para outras mãos absolutas e tão absolutas que nas vilas e lugares, ou antes, *ducados, marquezados e condados livres* dos Directores os índios sofrem atados à fiel coluna do seu sofrimento».

A pág. 70 refere do coronel Teodósio Constantino Chermont ao convidar os índios *Mucunas* para se aldearem em Tabocas, rio Apapóris, ter ouvido do seu principal Maimanaca que elles o fariam «Com tanto porém que se lhes havia de mandar vigário para os baptizar e doutrinar, como elles muito desejavam, e não poucas vezes o tinham pedido de balde: mas por nenhum modo o Director, porque da conduta de todos elles com os índios nas nossas povoações estavam bem informados, tratando somente de as destruir e não de as edificarem».

O Presidente da Província Conselheiro Herculano Ferreira Pena, na «Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas», em 1.º de outubro de 1853, depois de reconhecer que tinham falhado os nobres planos de catequese e educação dos índios afirma: — «Por uma

cendo muitos povoados, e trazendo delas muitos indivíduos ao cristianismo. Citam-se as seguintes povoações para as quais, em 1854, pede mudança de nome a saber: no *Uaupés*: Querari, Macaquinha, Micura-rapecuma (aldeia do S. Coração de Jesus), Carurú-cachoeira (aldeia de S. Fidelis martir), Mutum (aldeia de S. Cruz), Aracapuri (aldeia de S. João Batista), Jutica, Pacú-cachoeira (aldeia de S. Sebastião), aldeia do Cubeo (aldeia de N. Senhora das Dores), Umari, Iauareté (aldeia de S. Ana), Jabuti-rapecuma (aldeia de S. Paulo Apóstolo), Juquirá (aldeia de S. Domingos), Naná-rapecuma (aldeia de S. Antônio de Lisboa), S. Jerônimo (aldeia da Conceição de N. Senhora), S. Joaquim, Trovão, Pitúna-rapecuma, Inuitera, Cunuri, Coró-Coró, Iura-rapecuma (aldeia de S. Francisco das Chagas), Taracuá, (S. Francisco das Chagas), Ambaiua, Ivitera-rapecuma. No *Tiquié*: Tucano: (ou S. Isabel), Uira-poço (ou Nazaré), Maracajá (ou S. José), Turí-igarapé (ou S. Pedro). No *Papuri*: S. Luzia dos Tucanos, S. Gregório Magno dos Pirá-tapuya. (Archivo do Amazonas, Anno I, vol. I, n. 2. p. 34 e Anno II, vol. II, n. 5 p. 7).

Com alternados períodos de assistência prosseguiram os Capuchos atendendo aos incolos do alto Rio Negro e Uaupés até 1888, quando se retiraram e extinguiu-se a Missão. Desde essa época civilizados e indígenas do Rio Negro tiveram visitas periódicas de

razão bem simples e geralmente conhecida, isto é, por faltarem-lhe fieis executores desde que desaparecerão os antigos Missionários. que punham peito a essa empreza, digna certamente dos Vieira, dos Nobregas e dos Anchieta.

Exterminando os Jesuitas não previu o governo portuguez que assim decretava também a destruição dos índios, que por espaço de dois séculos tinham vivido felizes e contentes sob a paternal tutela daqueles Religiosos; entendeu pelo contrario o celebre Ministro del Rei D. José que essa tutela poderia ser vantajosamente substituída pelo mando dos Directores então creados; mas o novo systema não teve desgraçadamente outros efeitos, senão a decadencia das aldeias já formadas, e a impossibilidade de fundar outras que as imitassem como se observa no Brasil inteiro.

O que os fatos attestam é que se algum bom resultado se conseguiu foi devido ao zelo e à caridade dos Missionarios.

Entregar, portanto, a direcção das aldeias a religiosos que sejam capazes de fazer completa abnegação dos bens e gozos mundanos; que tenham a paciencia necessaria para relevar aos indígenas os erros e faltas provenientes da incontestavel inferioridade da sua intelligencia; que lhes inspirem o amor do trabalho; que os instruem nas máximas da religião catholica e da doutrina christã; que em summa os eduquem até o ponto de acharem-se habilitados para cumprir os deveres e gozar das vantagens da sociedade civil; é a meu ver o unico systema que poderemos seguir com toda probabilidade de feliz successo». («Relatorios da Presidencia da Provincia do Amazonas», vol. I, p. 218-9).

eclesiásticos, raros dos quais passaram além de S. Gabriel, e alguns nem ali chegaram.

Em 1914 a Missão do Rio Negro e Uaupés foi confiada pela Santa Sé à Congregação Salesiana de S. João Bosco e inicia-se nova e mais promissora fase para aquelas tribos. Quatorze delas localizadas ao longo dos rios Uaupés, Tiquié e Papurí são assistidas material, sanitaria e espiritualmente. Os índios são atraídos para as margens desses rios e aldeados em pequenos povoados.

Para mais perfeita assimilação civilizadora, conforme os princípios cristãos, além dos hospitais, maternidades, ambulatórios e igrejas, estão funcionando (1958) 13 colégios (6 masculinos e 7 femininos) que no regime de internato, educam e instruem na língua pátria, ciências e artes cerca de mil e quinhentas crianças de ambos os sexos. O confronto entre a vida dos ex-alunos da Missão nos seus povoados e a dos que vivem nas malocas aonde não atingiu a ação do Missionário, é a melhor prova do alcance civilizador das Missões Salesianas.

2. OS PRIMEIROS RELATÓRIOS

No século 18 aparecem três Relatórios com indicação de tribos do Rio Negro e Uaupés:

1.º «Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os Rios Amazonas e Negro. Ilustrado com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitânias do Pará e de S. José do Rio Negro», do Vigário Geral, Dr. José Monteiro de Noronha («Collecção de notícias para a História e Geographia das nações ultramarinas que vivem nos Domínios Portuguezes ou lhe são visinhas: publicada pela Academia Real das Sciencias — Tomo VI. Lisboa 1856).

2.º «Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro da Sampaio, no anno 1774 e 1775» (Lisboa — na typographia da Academia, 1825 — Com licença de S. Magestade).

3.º «Diário da Viagem Philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro com a informação do Estado, presente pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado na expedição philosophica do Estado», em 1775-6 (Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro t. 48, Rio de Janeiro 1885 pag. 147 ss.)

O ouvidor Sampaio, como os Ouvidores precedentes, chegou apenas até a povoação de Thomar; traz, todavia, dados sobre o Rio Negro e Uaupés por informações havidas especialmente do autor do «Roteiro» a quem cita.

Alexandre R. Ferreira sobe todo o Rio Negro e penetra no Uaupés até Ipanoré. Assim, além das notícias hauridas do «Diário» do Ouvidor Sampaio, pôde acrescentar as que obteve pessoalmente. Poucas, seja dito a bem da verdade, pelo que interessa a etnografia.

Data de 1789 a «Descripção Chorographica do Estado do Gram-Pará que, por ordem alphabetica, descreveu João Vasco Manuel de Braum, Governador da Praça de Macapá no anno de 1789». Mas, além de apenas repetir os dados do Pe. Noronha, e até na mesma ordem, do Rio Uaupés só aparece a «povoação de S. Joaquim do Coané, com 200 pessoas das nações *Uaupés* e *Coeuana*» (Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, vol. 36, 1873, pag. 289).

Alguns informes mais interessantes, embora já conhecidos, trazem as «Noticias Geographicas» do Cônego Fernandes de Souza. Datam do sec. 19, porem já em 1793 era êle Vigário em São Gabriel. (Cfr. Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro vol. 10, Rio de Janeiro, 1876).

Desde o meado do século passado temos noticias mais abundantes que visam em especial o Uaupés, a partir da obra «*Travels of the Amazon and Rio Negro by Alfred Russel Wallace*» sob o ponto de vista etnográfico; e, para a localização das tribos, os Relatórios do Capuchinho Frei Gregorio de Bene, nomeado Missionario do Rio Uaupés de 1852 a 1854.

3. INFORMES ETNOGRÁFICOS DO SÉCULO 18

Nas três fontes do sec. 18 conhecidas, e por nós citadas, poucos informes etnográficos encontramos sobre as tribos da bacia do Uaupés, que estudamos. Sem grande incômodo, pois, podem ser transcritos e o fazemos para maior comodidade dos leitores destes estudos.

a. No «Roteiro» lemos: — n. 184. «O verdadeiro nome do rio Uaupé he Ucayari que no idioma dos índios Manãos e Barez significa — Rio de agua branca: porem como o gentio que povoa o principal tronco do Ucayari he de nação Uaupé, lhe atribuiram os mais Índios o mesmo nome, que os Brancos verterão em Goaupé (é o mesmo que Condamine chama *Yaquiri* (no Mapa) e *Quiquiari* (no Diário)).

185. «Cinco dias de viagem pela margem austral desemboca o Tiquié. «Em distancia de mais tres dias de viagem tem uma grande catadupa chamada de *Ipanoré*... Mais tres dias a foz do rio Capuri na margem austral. No Rio Tiquié se acharam em o ano de 1749 pedras que depois de examinadas e fundidas, mostraram ser de prata. Por este rio e pelo Capuri se pode ir ao Apuapari (Apaporis), que desagua na margem septentrional do Japurá, como fica dito: passando-se das fontes daquele para o Rio *Yeyá* ou *Uayá* que desagua no braço oriental do Apuapari».

186. «No rio Ucayari e nos que lhe são collaterais habitão Indios das nações Uaupé, Cocuana, Quereruri, Uanana, Cubeuana, Burenari, Mamangá, Panenuá e outros. O gentio da nação Uaupé tem hum pequeno furo entre a cartilagem e extremidade inferior das orelhas; e outro no beijo inferior entre a barba e a extremidade superior do mesmo beijo. Sôbre o peito traz uma pedra branca sólida, bem levigada, de figura cylindrica e de uma polegada de diametro, prega ao pescoço com cordão e fio introduzido por um pequeno furo que lhe faz artificialmente pelo meio de uma extremidade a outra: os principais as trazem de meio palmo de comprido: os nobres pouco menos, e os plebeus muito mais curtas».

187. «Alguns indios da nação Tarianana habitantes do Rio Capuri forão vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas, as quais compravão a troco de pennas a Indios de outras nações que se ignoravão. Agora se sabe que os Indios da nação Panenuá, que habita na parte superior do Ucayari usa das mesmas folhetas e que delles passavão aos Tarianos. Subsiste porem a duvida donde vem os ditos fragmentos de ouro» (3).

189. «O Issana he habitado de Indios das nações Baniva, Tumayari, Tuniari, Deçana, Puetana, Uerequena e outros. Os da nação Uerequena chamada comumente, por corrupção do vocabulo Ari-

(3) Manoel da Gama Lobo D'Almada que, por ordem de João Pereira Caldas, Governador do Rio Negro, explorou as passagens do Uaupés para o Japurá, em sua relação de 13 de setembro de 1785 assim manifesta a sua opinião ao mesmo Governador (Arthur Cesar Ferreira Reis — *Lobo D'Almada*, p. 82): «No que pertence às Folhetas de ouro das quais se diz que uzavão para pendentes de orelhas certos Indios do Rio Uapés; he cousa esta de que não pude descobrir nem menor noticias por mais que o indaguei das muitas e diferentes Naçoens com que falei abitantes do mesmo Rio. Bem pode ser que aquelas perdidas Folhetas de Ouro não fossem mais do que huma illuzão quimerica originada de se ver nas orelhas dos ditos Indios as Azas de certo Bizouros grandes côr de cobre, cujas Azas depois de secas parecem uma especie metallica pela sua consistencia e luzimento.

quena, tem por distintivo hum furo mui largo entre a cartilagem e a extremidade inferior das orelhas em que mettem molhos de palha. Entre eles acham-se muitos que antecedentemente à comunicação e conhecimento de Brancos, tinham nomes Hebraicos, huns puros e outros com pouca corrupção, como: Joab, Jacob, Yacobí, Thomé, Thomequí, Davidú, Ivanan e Marianan».

b. Xavier Sampaio, no seu «Diario» escreve: — n.º 380. «Mais adiante faz barra o famoso Ucayari por outro nome Uaupés, derivado da nação assim chamada que principalmente o povoa. Desagua com duas bocas e uma ilha triangular de 20 leguas de circuito e inumeraveis cachopos e cachoeiras perigosissimas por causa de medonhos vortices que formam... Pelo sul o Tiquié e Capuri, que são os principais. Pelo norte corre ele hum canal de comunicação com o rio Guabiari que desce das vizinhanças de Santa Fé de Bogotá. Os Indios Daçanas, Tarianas e Uaupés, que comunicarão com os indios do mesmo Guabiari se tem visto com pendentes de orelhas de ouro finissimo, que se conjectura ser extraído das minas de nova Granada».

381. «He o Uaupés habitado de muitas nações das quais as principais são Cocuana, Macu, Macucoena, Uananá, Tariana, Deçaca (sic), Urinaná, Timanará, Boanari, Mamengá, Panenuá: porem a mais celebre he a Uaupés por causa da diferença que entre si admitem de varios graus de nobreza, a que serve de distintivo, como de uma ordem militar, huma pedra branca muito liza, de figura cylindrica e furada para lhe passarem um cordão com que a trazem ao pescoço. As dos principais chegam a ter meio palmo de comprido. São menores as dos nobres e muito menores as dos plebeus. Trazem os Uaupés as orelhas e beijos furados».

c. Numerosas e interessantes informações encontramos no sec. 19, especialmente nas obras de Wallace e de Koch Grünberg. A medida que se nos apresentar a oportunidade de citálos-emos, como confirmação do que se encontra no presente, ou para verificar uma modificação de costumes indígenas, ou, enfim, para retificar observações daqueles autores que nos parecem inexatas.

Emfim eu tenho para mim que esta Noticia das tais Folhetas de Ouro do Rio Uaupés, he tão Fabuloza, como o he certamente a que se afirma na Sinopse do Padre Jozé Monteiro, de se terem tirado ou trazido do Rio Tiquié no anno de 1749, Certas Pedras, que fundidas mostrarão ser de prata, quando bem se deixa crer que elas não seriam outra couza mais do que aquelas Pedras Metalicas chamadas Pirites, de que eu remeti a V. Excia algumas apanhadas no Apaporis, e que tambem se achão pelo Rio Tiquié, as quais parecerão prata a maior parte das pessoas da minha comitiva, que já como tal as pretendião carregar».

4. LUGARES DO RIO NEGRO NO SÉCULO 18

COM INDICAÇÃO DAS TRIBOS

(Conforme os dados do Pe. Noronha, Xavier Sampaio,
Rodrigues Ferreira e Braum)

		Tribos
A — Aruaque	J — Jurí (pixuna)	P — Passé
Ar — Aruniê, Ayrini, Ariini	Jp — Japiuna	Pv — Paviana
B — Baré	Jr — Jaruna	Px — Pexuma
Ba — Baiana	M — Manáo	T — Tacú
Bv — Baniva	Ju — Juma	Pt — Puiteno
C — Cubeuana	Ma — Macú	Te — Termairari
Ca — Carajal	Mq — Maquiritare	Tu — Turimarí
Cc — Cocuana	Mr — Marapitena	U — Uaupé
Ce — Coeuana	Md — Mendó	Ua — Uaranacuacena
D — Duanáis	Mp — Mepurí	Ue — Uerequena
		Uy — Uauuana, Yayauana
		X — Xamá
		Xp — Xapuena
Manaus - margem esquerda (M.E.)	2 leguas da foz	B, Bv, P.
Ayrão - margem direita (M.D.)	30 " " "	A, M, T. (860 almas)
Moura - M.D.	42 " " "	M, Ca, Ce, Ju, B, Jp, Jr,
Carvoeiro - M.D.	50 " " "	M, Pr, Ua (ext.) (1786 ")
Poiaras - M.D.	67 " " "	M, B, P.
Barcelos - M.D.	74 " " "	M, B, Ba, Ue, P.
Moreira - M.D.	90 " " "	M, B. (164 almas)
Thomar - M.D.	107 " " "	M, B, Uy, P (524 ")
Lomalonga - M.D.	111 " " "	M, B, Bv (196 ")
S. Isabel - M.E.	127 " " "	U, J, P, Ue, Bv, Ma, Mq (99 almas)
S. Ant. do Castanheiro Novo - M.E.	140 " " "	B, J, Px P, X, (108 ")
Maçarabi - M.E.	154 " " "	J, P (175 ")
S. José - M.E.	162 " " "	B (99 ")
S. Pedro (antigo Simapé) - M.D.	168 " " "	J, P (95 ")
S. João Nepom. do Camundé - M.E.	171 " " "	P, Px, J (94 ")
S. Bernardo de Camanaus - M.E.	175 " " "	J, P, X, (109 ")
N. S. de Nazaré de Curiana - M.E.	178 " " "	P, Mp, Ar, Br Ma (108 ")
S. Gabriel da Cachoeira - M.E.	180 " " "	B, Mp, J (180 ")
S. Joaquim do Coané - M.D.	185 " " "	U, Cc (257 ")
Santa Ana - M.E.	198 " " "	Bv (198 ")
S. Felipe - M.D.	202 " " "	Bv (23 ")
S. Miguel (foz do Içana) - M.E.	205 " " "	Bv
N. Senhora da Guia - M.D.	206 " " "	B, Bv, (87 ")
S. Marcelino (foz do Xiê) - M.D.	222 " " "	Bv, Ue, Md (65 ")
S. José dos Marabitanas - M.D.	231 " " "	Mr, Ar, B, Bv (165 ")

5. DIFICULDADES DE IDENTIFICAÇÃO

Grandes dificuldades apresenta a decifração da nomenclatura das tribos indígenas, mesmo limitando-nos aos grupos humanos do Uaupés e afluentes.

Tal dificuldade tem várias causas:

1.^a — Cumpre, primeiramente, indicar não apenas a possibilidade, mas a realidade de erros tipográficos. Por exemplo, a importante tribo *Taryana*, do ramo *Arwake*, que se localiza em vários povoados do médio Uaupés brasileiro, desde *Arari-pirá* até *Periquito*, no «Roteiro» do Padre Noronha é denominada *Tariarana*; nos «Diários» do ouvidor Sampaio e de Rodrigues Ferreira, respectivamente, *Taryana* e *Caryana*; e nos mapas apostólicos de Frei Gregório, *Itariana* e *Itatiana*.

2.^a — As fontes antigas, de que nos podemos socorrer, trazem notícias de segunda ou mais remota mão, de cuja exatidão ficamos, às vezes, perplexos, os que sabemos quão árduo seja obter amplos esclarecimentos da parte dos indígenas. E muitos dos informantes, para aquêles primeiros exploradores, seriam necessariamente índios.

3.^a — A dificuldade supra, compreende-se, será ainda acrescida pela má pronúncia dos indígenas; ou quicá por divergências fonéticas ou mesmo por deficiência de som nas suas línguas. A tribo, dita no próprio idioma *Hanērã*, e que habita as cabeceiras do Tiquié, é denominada *Panērôá* pelos Tukanos, e *Panênôá* pelos Tuyuka. Esta divergência torna-se muito compreensível, se revelarmos que sua língua é da família do Tukano, porém as palavras que em Tukano começaram pelo fonema *p*, em *Hanērã* iniciam pela aspirada sonora *h*. Por exemplo, *pai* se diz em Tukano *pačkô*, e em *Hanērã*, *hakô*; *mãe*, em Tukano, *pačkó* e em *Hanērã*, *hakó*.

4.^a — A expressão «região do Uaupés» ainda hoje é vaga, e muito mais o era no passado, abrangendo também as bacias do *Içana* e do *Apapóris-Japurá*. Por essa razão os primeiros catálogos (do sec. 18) situam no *Uaupés* tribos que na realidade vivem naqueles outros rios.

5.^a — Quase nunca terão podido os informantes saber como alguma tribo se denominava a si mesma. Não raro uma mesma tribo é diversamente denominada pelas outras. Indagando de indivíduos da tribo *Taryana* (entre os quais dois bem idosos: Paulino e Casimiro, de Iauareté) como se chamavam a si mesmos, responderam: — *Talyáseri* (alguém pronunciou *Talyéseri*). — Que significa a palavra *Taryana*? — Não sabemos, responderam êles. — Quem lhes deu o

nome de *Taryana*? Responderam: — os brancos» (4). Nas matas banhadas pelo *Komé-ya* (em Tukano) ou *Komé-ryaka* (na língua da região), afluente do rio *Pirá-paraná*, há várias malocas de uma tribo que no próprio idioma se diz «*Íde-masã*» — isto é, água-tapúya ou gente-água). Como freqüentemente empregam a exclamação «*aõ*» (equivale à afirmativa *sim*), as tribos vizinhas alcunharam-nos «os que dizem «*aõ*». E assim os Tukanos denominaram-nos «*Aõ-nirã*», os Tuyuka, «*Aõ-ninã*». Os Colombianos, naturalmente por informação de alguma outra tribo, designam êsses mesmos «*Íde-masã*» pelo nome «*Makuna*», termo registrado também por Koch Grünberg, cujo significado, porém, é desconhecido aos atuais «*Íde-masã*».

6.^a — Como de ordinário as tribos se denominam pelo nome de algum animal ou planta, é certo igualmente que, às vezes, seu nome é traduzido não só para a língua portuguesa ou para a *língua geral* (5), como também para o idioma de outras tribos. A guisa de exemplos: há no baixo Tiquié uma pequena tribo que se denomina em português *Miriti-tapúya*. Êsse nome é tão só a tradução do nome indígena *Nêêrôá* que indica a palmeira *miriti* ou *buriti* (*mauritia flexuosa*). Outra tribo a si mesma se chama «*Mõxtã*», que é o nome de um mosquito (dos gêneros *stegoniya*, *culex*, etc) que picam durante a noite. Em língua portuguesa é conhecida por *Carapanã*, que é termo regional da Amazônia para indicar tais mosquitos. As várias línguas procuram imitar o som «*Mõxtã*» ou traduzir o nome do inseto, donde os nomes: *Mõxtã*, em Tukano; *Muxtã*, em Pirá-tapúya; *Mõrteá*, em Tuyuka; *Mõneá*, em Desana; em Kubêwa, *Morê-Wa*, em Taryana, *Aini-wone*; em Makú, *Kyira*. A tribo conhecida por *Desãna*, no próprio idioma se denomina *Winá*; os Tukano dizem-na *Wirã*; os Pirá-tapúya, *Knã*; os Wanãna, *Kná*; os Kumãdene, *Desá*; os Maku, *Miná-dé*. Uma pequena tribo, em caminho de extinção, e até já perdeu o próprio idioma, falando exclusivamente o dos Tu-

(4) Stradelli no seu "Vocabulário Portuguez-Nheengatú e Nheengatú-Portuguez" ensina que *ana* é um sufixo Nheengatú que indica abundância ou povo; donde seu emprego em nomes de tribos: Taryana, Wanana, Desana, Kubêwãna, Barasana, etc. O termo *Taryana*, portanto, resulta de *Tarya* (ou *Talya*, com a transformação do *l* por *r* pelo fenômeno de *rotacismo*) e o sufixo *ana*. Ouve-se também *Talyãna*.

(5) Denomina-se "*Língua geral* ou "*Nheengatú*" (a língua boa, bela) o Tupi da Amazônia, língua sonora e rica de termos e expressões, falada ainda hoje por brancos e caboclos do Rio Negro e entendida por muitos índios do rio Içana. O Tupi, como se falava de S. Vicente (S. Paulo) até o Maranhão, com suas variações dialetais, denominou-se "*Abanheenga*" (a língua da gente, a língua do índio).

kano, é conhecida por *Arapasu*, termo da língua geral que indica um pequeno pica-pau. Outras tribos traduzem êsse nome para a própria língua, e assim os Tukano chamam tal tribo *Kõ'rêá*; os Kubêwãna, *Kõré-wa*; os Taryãna, *Ku-hêne*; os Makú, *Hom'de*.

7.^a — Pensamos, ainda, que, em alguns casos, a dificuldade aumenta por vir apresentada como tribo alguma subdivisão de tribo. Por exemplo: conhece-se no rio Içana uma tribo pelo nome vulgar de *Cutia* ou *Cutia-tapúya* (do grupo *Arwáke*), e na língua local se diz *Awadzurunai*. No rio Uaupés, precisamente em Taracupã, vivem hoje, ainda, algumas famílias da tribo *Pirá-tapúya*, pertencentes à subtribo *Bwá-põné*, como se diz em seu próprio idioma, e que, traduzindo para o português, significa: «*filhos da cutia*». Acima de Jandiá, no rio Papurí, há, outrossim, uma subdivisão da tribo Tukano, denominada «*Boxsó-põrá*», filhos da cutiváia (cutia pequena).

8.^a — Complicando ainda mais o problema, vêm os «descimentos», como se denominavam as migrações voluntárias dos índios, abrindo-se sob a proteção do branco, para escapar às perseguições de outras tribos. Dessas migrações resulta, em dada época, o deslocamento de uma tribo para longe do seu *habitat* anterior. Assim na primeira metade do século passado, índios de várias tribos desceram do alto Rio Negro e Içana, e vieram estabelecer-se no Baixo Uaupés, como se pode ver nos mapas de Frei Gregório de Bene (vd. abaixo, pag. 25). Ou talvez aprofundaram-se na selva, sem que dêles se saiba mais notícia alguma. Koch Grünberg informa-nos de vários grupos *Káwa-yari* que das cabeceiras do Içana e Querari, passaram, através das cabeceiras do Uaupés, para o Apapóris. Podem, outrossim, dar-se migrações de uma mesma tribo para diversos lugares, e ser designada em uma localidade preferivelmente de um modo, e em outra, de outro.

9.^a — É certo ainda que, por não se distinguirem bem as tribos, sob um mesmo nome podem vir incluídas várias tribos. Engano fácil, particularmente quando são de idênticos costumes, de línguas parecidas e, quem sabe, usando o mesmo idioma. É precisamente o que ocorre no Uaupés. De ordinário os primeiros Relatórios usam a expressão «*Nações Uaupés*», abrangendo tôdas as tribos que habitam aquele rio e afluentes.

Indicadas estas dificuldades, procuraremos, confrontando as fontes, identificar as tribos atuais com as antigas, e assim indagar do seu *habitat* há dois séculos, e dos movimentos migratórios que talvez se tenham dado nesse período.

6. AS TRIBOS DO UAUPÉS E SUA LOCALIZAÇÃO

a. Listas do século 18.

1.^a — Padre Noronha no seu «Roteiro» de 1759, cita nove tribos, das quais uma no rio Capurí ou Papurí, a *Tariarana* (Taryana) e oito no rio Uaupés.

2.^a — Sampaio, 1775, elenca doze tribos no Uaupés e seus tributários.

3.^a — Ferreira, 1785, enumera vinte e uma tribos, sendo uma no rio Papurí, a *Cariana* (Taryana) e vinte no Uaupés.

Observações — 1.^a Nenhuma dessas listas é completa, declaram os próprios autores. Uma servirá, pois, para completar a outra, se apresentar nomes que as outras silenciam.

2.^a O não figurar em lista posterior uma tribo da anterior, poderia indicar extinção ou migração de tribo. Quer parecer-nos mais provável um esquecimento do relator; ou o seu silêncio significará que não teve informações sobre a tribo silenciada.

3.^a Estas listas compreendem, outrossim, tribos que residem fora do território brasileiro, ao menos conforme as demarcações atuais das fronteiras (6).

Dispostas em quadro temos:

Pe. Noronha, 1759	Sampaio, 1775	Ferreira, 1785
1.	Aguará
2.	Arapaxi
3.	Arará
4.	Banibá
5. Burenari	Boanari	Eurenari
6.	Cequeno

(6) Conforme os marcos delimitadores da fronteira, o rio *Querari* desagua no Uaupés em território colombiano. Asseguram-nos, porém, habitantes da região que em Juruparí-cachoeira (trecho colombiano do Uaupés), pode-se ver na vasante uma pedra com o nome *Brasil* insculpido. Os Relatórios de Jesuino Cordeiro, Tenente da 6.^a Companhia do Corpo Policial, e que foi "Diretor dos Índios" nos rios Uaupés e Içana, no-lo mostram aldeando índios em postos que hoje pertencem à Colombia, como a Cachoeira-do-Mutum (hoje Mitú, capital do Território Nacional Colombiano do Waupés), e muito mais acima, no *Lago-do-Espelho* ou *Uaruruá-lago*, etc.

7. Cueuana	Cueuana	Goianá
8. Cubeuana	Cubeuana
9.	Cudujari
10.	Cuenacá
11.	Deçaca
12.	Macú	Macú
13.	Macucoena
14. Mamangá	Mueinó
15.	Mamengá	Mamangá
16.	Paicueno
17. Panenuá	Panenuá	Pananoá
18.	Pumenicá
19. Quereruri	Quereruri
20. Tariá(ra)na	Tariana	Cariana
21.	Timanará
22.	Uacari
23. Uananá	Uanana	Uanana
24. Uaupé	Uaupé	Uaupé
24.	Urinaná

a — Lista do Padre Noronha

1) *UAUPÉS*. — Uaupés é denominação genérica aplicada (como resulta dos mais antigos documentos) às várias tribos do rio homônimo (7). Virá, talvez, sob a denominação de «*Uaupés*» uma tribo em

(7) Eis a íntegra da "Carta Patente" "Manoel Joaquim do Paço, Cavalleiro da Ordem de Christo, Sargento Mor addido ao Estado Maior do Exercito do Brasil e Governador da Capitania do Rio Negro por Sua Magestado Fidelissima &. Faço saber aos que esta minha Carta-Patente virem, que tendo me requerido o Indio Abalizado Raymundo José da Nação *Uaupés*, situado no Lugar *S. Jeronimo*, no Rio Negro, tendo para isso mostrado Documentos authenticos ser agil e sufficiente; e attendendo eu ser justo o seu Requerimento: Hei por bem prover o referido Indio Abalizado Raymundo José da Nação *Uaupés* como por esta fasso no mencionado Cargo de Principal dos Indios da Nação *Uaupés* com o qual gosará de todas as honras, liberdades, izempsoens e franquezas que em Causo do mesmo Cargo lhe tocarem.

Pelo que mando a todos os Officiaes seu subalternos e mais Indios a elle subordinados o reconhecimento por Principal e como tal o honrem, estimem e lhe obedecerão, e guardem suas ordem como devem e são obrigados.

E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por mim assignada e sellada com o Sinete das Armas Reais, que cumprirá inteiramente como nessa se contem e se declara, Registrando-se aonde tocar. Dada neste quartel do Governo do Rio Negro aos dezessete dias do mez de Novembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e vinte. E eu Claudio José Carmo, Sargento Miliciano, que Sirvo de Secretário do Governo a Subscrevi L.S.).

particular? Sim. De fato, com data de 18 de novembro de 1820 existe uma «Carta-Patente» do Governador da Capitania, Manoel Joaquim do Paço, dando provisão ao índio Abalizado Raymundo José no cargo de «Principal» dos Índios da Nação Uaupés» da localidade de S. Jerônimo (8). Trata-se evidentemente, de uma tribo em particular. Isso resulta: 1.º da redação singular: «Nação» Uaupés; 2.º não se pode pensar em um chefe geral para uma confederação de tribos, fato que não se deu nessa época; 3.º os Tuxauas, ou «Principais», não são sequer chefes de toda uma tribo, porém de pequenos grupos da sua tribo. A nomeação indica que será «Principal» dos índios Uaupés do lugar de S. Jerônimo.

Hoje não se aplica essa denominação *Uaupé* a nenhuma das tribos do rio homônimo. 8.ª Qual seria a tribo conhecida até meado do século passado por *Uaupés*? Aos 17 de março de 1848, o Brigadeiro João Henrique de Mattos, Diretor Geral dos Índios, expediu título de nomeação como Tuxaua de S. Joaquim ao índio João de Matos, da «Nação Tucano» filho do finado Tuxaua Abalizado Raymundo José (Cfr. Arquivos do Amazonas, vol. I, n.º 2, pag. 30, de 23 de outubro de 1906). Ora, é sabido que os filhos pertencem à tribo do pai, donde se infere facilmente que também era «Tucano» o seu pai, dito da «Nação Uaupés» na Carta-Patente de 1820.

«Nação Uaupés» das listas antigas designa, pois, a tribo *Tukano* a mais numerosa e importante do Rio Uaupés, e da qual de modo particular se falará no presente estudo.

Encontramos pela primeira vez o nome *Tucano* e última vez a denominação *Uaupé*, em «Noticias Geographicas da Capitania do Rio Negro, no grande Rio Amazonas», do Cônego André Fernandes de Souza, Vigário Geral da Capitania e que aí exerceu seu ministério por 37 anos, sendo já em 1793 Vigário de S. Gabriel (hoje cidade de Uaupés). (Rev. do Inst. e Geog. Bras. t. 10 p. 465 — R. Janeiro, 1870).

Manoel Joaquim do Paço. Carta Patente porque V.Sa. há por bem prover ao Índio Abalizado Raymundo José no Cargo de Principal dos Índios da Nação Uaupés no Lugar de S. Jerônimo.

Para V.Sa. ver. N.º 510 a fl. 118 v.

Pagou de sello desta 1.600 reis. Barra 18 de Novembro de 1820.

Carvalho Costa
1820

(8) Pelo fim do sec. 16 conforme pensa Stradelli (cfr. Nota 1, I) viveu um grande Tuxauá *Taryana*, por nome Buopé, que fixou sua tribo no rio Ucaiarí. Com felizes façanhas guerreiras, enfrentou as outras tribos, especialmente os Wanana e tornou-se célebre. Suposta a existência do Tuxaua *Buopé*, pode-se admitir que tenha podido ligar seu nome ao rio e à própria tribo, que é a *Taryana*. Difícil, porém, de explicar-se

2) *BURENARI* ou *BOANARI*. O autor de «Pelo Rio Mar» (9) identifica *Burenari* com *Boanara* e *Boytana*, e acrescenta: «homens-cobra, índios de origem caraíba que moram no rio Uaupés». No trecho brasileiro do Uaupés e também no trecho colombiano que visitamos ou do qual podemos obter informações, não existe tribo alguma sob o nome de *Burenari*, *Boanari*, *Boianara* ou *Boytana*. A etimologia insinua realmente a derivação do nome Nheengatú *buia*, *boia*, cobra. Nos «Relatórios» (vd. Catálogos do séc. 19, pag. 34) figura igualmente a tribo *Boanari* no rio Uaupés. Entretanto na lista de Frei Gregório de Bene, Missionário no Uaupés naqueles mesmos anos, não aparece tal tribo. Os «Relatórios» podem ter sido organizados sobre informações de várias origens, como os «Diários» antigos e o próprio «Roteiro». As relações de Frei Gregório, que viveu mais de dois anos entre os indígenas do Uaupés, trazem as credenciais de valia (vd. abaixo II, 6, b). Cita Frei Gregório em *Aracapuri* (alto Uaupés) a tribo *Giboia*. Por esta localização poderia tratar-se de algum grupo vindo do Aiari ou Içana. Os «Relatórios» não mencionam nenhuma tribo *Giboia*. Encontramos, no entanto, uma tribo *Giboia* no rio Içana. Se a tribo *Burenari* é a mesma *Giboia*, concluímos que é a que se diz no próprio idioma *Dzurémê* pertencente ao grupo de tribos Arwake, como se vê pelo vocabulário que recolhemos e gravamos (cfr. o trabalho do Autor «*Discoteca Etno-linguístico-musical*»).

Artur Ramos, entretanto, ensina que os *Boanari* são do grupo *Caraíba* «quase extintos, que habitam o Uatamá, afluente do Amazonas, e hoje vivem no rio Uaupés» (Introdução à Antropologia Brasileira, I, pag. 198). Talvez essa informação deve ser retificada, ao menos quanto ao *habitat*, ou quiçá mesmo totalmente, conforme o que acabamos de expor.

é como *Uaupé* passasse a ser a denominação específica da tribo *Tukano*, rival da tribo *Taryana* à qual pertencia Buopé.

A não ser que seja mera coincidência, o mesmo nome para o Tuxáua *Taryana* e para o rio. Ou quiçá este já era denominado *Uaupés* muito antes das proezas bélicas do chefe *Taryana Buopé*, e a aproximação dos nomes se deva à confusão ou deturpação. O rio, sim, é que emprestou o nome às nações marginantes e, em particular, a uma tribo mais numerosa e dominante, a dos *Darseá* ou *Tukano*. Convém recordar que só nestes últimos anos é que se vai generalizando o nome *Uaupés* para o rio. Até cossa de 20 anos o rio era popularmente conhecido por *Caiari*.

(9) «Pelo Rio Mar» denomina-se um esplêndido Relatório organizado em 1933 pelo Prelado Salesiano do Rio Negro, Dom Pedro Massa, Bispo Titular de Hebrão, contendo um esboço histórico geográfico e etnográfico da Prelazia e as atividades dos Missionários Salesianos e fartamente documentado com fotografias e estatísticas da assistência escolar, sanitária e religiosa prestada aos selvícolas.

3) *CUBEUANA*. — É a grande tribo conhecida também pelo nome de *Kubeu* ou *Kubewa*, com muitos representantes ainda hoje no alto Uaupés e seu afluente o Querarí (vd. IV, 2p).

4) *CUEUANA*. A tribo *Cueuana* figura na «lista das Nações indígenas» dos «Relatórios da Presidência da Província do Amazonas» (Vol. I, pag. 259 ss.) correspondente aos anos de 1852-7. Entretanto nas relações de Frei Gregório não aparece tal tribo. «*Cocuane*» é que figura na lista de Frei Gregório. Curt Nimuendajú identificou-a também com *Cocuana*, e informa que em 1927 havia remanescentes da tribo «*Cocuana* ou *Cueuana*» em três sítios da foz do Uaupés, tendo já perdido o próprio idioma e só falando a *língua geral* (ou *Nheengatú*). Já em 1759, conforme noticia o Padre Noronha, os *Cocuana* residiam na foz do Uaupés em S. Joaquim do Coané. E na relação de 28 de julho de 1853, do Diretor dos Índios, Jesuino Correio, aí figuram 108 índios da nação «*Chuéuana*» como erradamente grafa.

Pensamos que o nome da localidade *Coané* (S. Joaquim do Coané) deriva precisamente da tribo que aí residia na época do descobrimento. *Coané* seria apenas diferente pronúncia do nome *Coiané*, como temos ouvido pronunciar, ou *Cueuana*.

5) *MAMANGÁ*. Na relação de Frei Gregório não aparece esta tribo, embora seja mencionada no I vol. dos Relatórios da Presidência da Província do Amazonas, como existente no rio Tiquié. Sob o nome de *Mamangá* não ouvimos falar de nenhuma tribo dos rios Uaupés, Papuri e Tiquié. Aceitando, embora, como exata a informação dessas fontes do sec. 18, pode muito bem ser que se trate de grupo que posteriormente tenha emigrado ou mesmo esteja extinto.

No entanto, não somos proclives a aceitar as hipóteses de extinção ou migração; julgamos mais plausível que se trate apenas de uma divisão de alguma tribo uaupesina. *Mamengaba*, *mamangá* ou *mangangá* é o nome das abelhas do gênero *Bombas*. Koch Grünberg assinala, (Z.L. 283) na foz do Dyí-igarapé, afluente do Uaupés, uma horda *Kubewãna* com o nome de *Uti-waiwa* ou «Índios-Vespas». É possível que se trate dos *Utsí-áwekô*, a 10.^a subdivisão dos *Kubewãna*, conforme a elencação de Josefa (Cfr. IV; 2p).

Conhecemos também uma subdivisão Tukano denominada *Yai-uxtyá* (Cfr. IV — 2.^a) que é o nome de uma vespa grande, e residindo precisamente no Tiquié nos povoados de Caruru e S. Tomé (10).

(10) Quiçá *Uti-waiwa* seja simples alteração mórfica de *Yai-uxtyá*, pela inversão dos termos (*Uxtyá-yai*), com perda da aspiração daria *Uti-yai* donde ao depois *Uti-uaiua* ou *Uti-waiwa* na representação da Fonética Internacional.

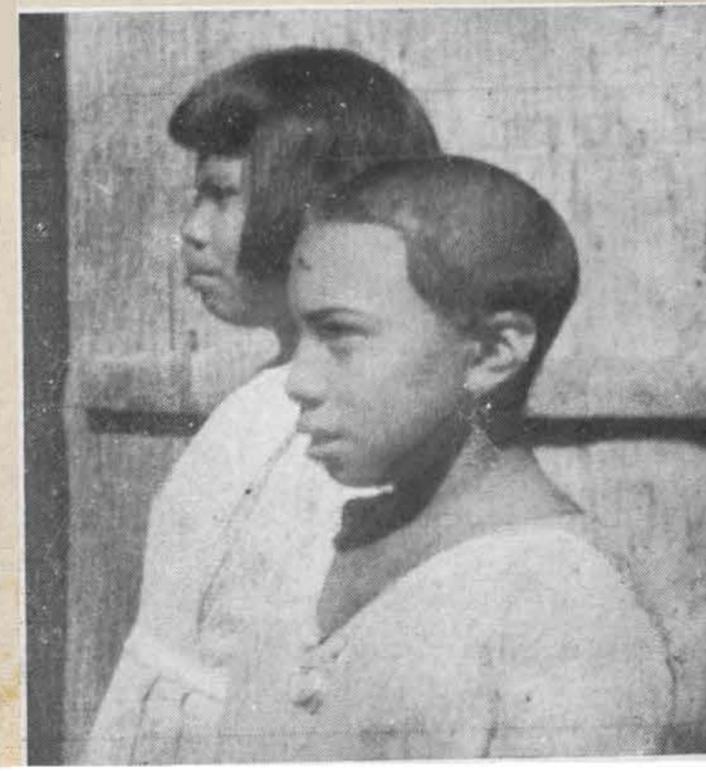


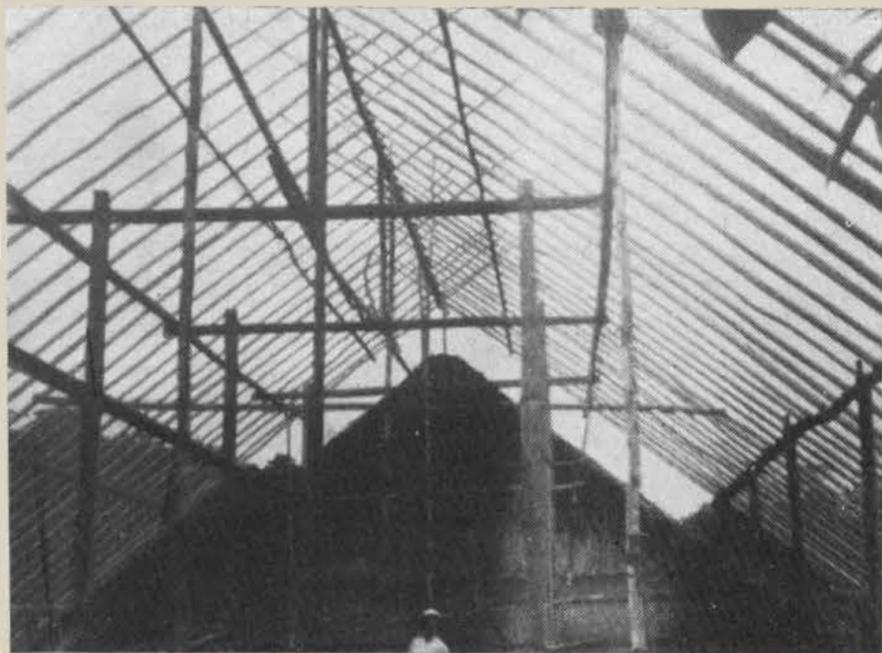
Tipo Tukano (pintado para as danças)
(povoado Iua-pixuna, rio Papuri)

Mulher da tribo Aönira ou ide-masã

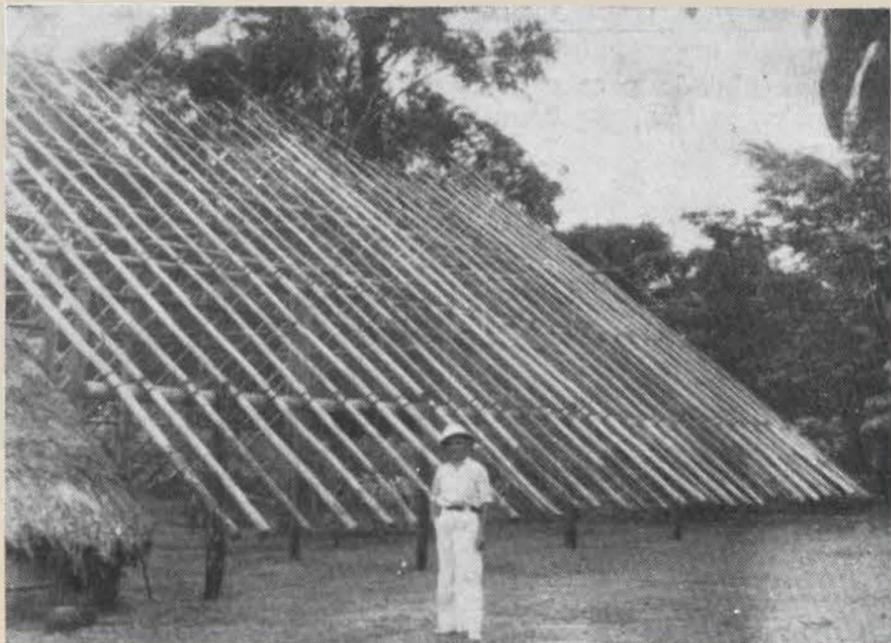


Donzelas da tribo Makú (a menor teve seus cabelos cortados no rito da iniciação)





Maloca em construção
(tribo Kubewana)



em Ambaína (rio Quera-
ri afl. do Uaupés)



Maloca em construção
(tribo Iawareté-tapuya,
rio Siari afl. do Içana)

Convém aqui recordar que no Rio Aiari (afluente do Içana) sobrevivem ainda atualmente dois pequenos grupos da tribo Arwake denominada *Kawa-tapuya* (11) ou *Ainidákenai*, no idioma natal. *Caua* é um termo da Língua Geral que significa *vespa*. Curt Nimuendajú identificou os *Kawa-tapuya* com os *maulyene* e di-los a mais numerosa tribo do rio Aiari. É possível que se trate de um engano de Curt (Cfr. nosso trabalho «*Idiomas Indígenas da Amazônia*»).

6) *PANENOÁ*. — Figura esta tribo nas listas do Padre Noronha, de Sampaio e de Ferreira. Seria ela a tribo que negociava com os Taryana aquelas folhetas de ouro que estes usavam como adorno, conforme narram os primeiros exploradores. Nas Relações de Frei Gregório não aparece essa tribo, embora a encontremos na lista dos Relatórios.

Há uma tribo denominada pelos Tukano *Panênôá* ou *Panêrôá*, e que se diz no idioma natal *Hãnera* (Cfr. IV — 2, g), da família de línguas Tukano, como se pode verificar pelo vocabulário que obtivemos. (Cfr. «*Discoteca Etno-linguístico-musical*»). Seu *habitat* são as cabeceiras do Tiquié, ou, com mais exatidão, as vizinhanças do igarapé Comé-ia.

Koch Grüberg, entre os Tuyuka do alto Tiquié, obteve notícias dos *Buchpu-machsa*, os *Palãnoá*, os *Erúlia*, os *Pamô-machsa* e outras tribos que moravam no Pirá-paraná, rio dito pelos Tukano Uaiya, e mais para as cabeceiras residiam os *Yahuana* inimigos dos *Buchpu-machsa* (Z.I. 198). *Palãnoá* seria apenas uma grafia diversa, explicável pelo rotacismo de tantos índios especialmente no Papuri e Uaupés por influências Taryana.

7) *QUERERURÍ* ou *QUERERUI*. — Do costume de se designarem os rios pelas tribos que o habitam e vice-versa, podemos pensar que se trate de alguma tribo do rio Querarí, afluente do Uaupés. Vivem, presentemente, no Querarí grupos *Kubewana* e provavelmente desse grupo será a tal *Quererurí*. Ou, à semelhança dos Tukano

(11) Um índio *Káwa-tapuya*, por nome Miguel Joaquim, da localidade de S. Joaquim, rio Aiari, apresentou-se como «*Cacau-tapuya*». Pensamos se trate de um mero equívoco. São estas as poucas palavras da língua primitiva *Káwa-tapuya* que nos soube dizer uma velha índia (pois atualmente todos falam o Siwsi):

- Cuia, *tíya* ou *tí:a*
- balaio, *ápa*
- anzol, *épwui*
- cachorro, onça, *dzáwi*
- panela, *darápi*
- cabeça, *znúida*
- êle tem, *hí-katsa*

que foram designados por *Uaupés*, não seria um grupo *Kuberwãna* conhecidos por *Quererurí*, porque dominavam o rio *Querari*?

Não logramos obter notícia alguma sobre a existência de tribo denominada *Quererurí* ou *Quereruí* na bacia do *Uaupés*.

8) *TARIANA*. — O Padre Noronha menciona como tribo do *Papurí*. «Alguns índios da nação *Tariarana* (sic) habitantes do rio *Capurí* foram vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas («Roteiro», n.º 187). Sampaio recenseia entre as tribos do *Uaupés* (incluindo os dois afluentes principais) a *Tariana*, Alexandre Ferreira grafa *Cariana* apelando para o «Roteiro» do Padre Noronha: «os índios *Cariana* do *Papurí* foram outrora vistos com folhas de ouro nas orelhas compradas por penas aos de outra nação os *Panauá*» («Diário», Participação).

Taryana é a tribo *Arwake* que presentemente ocupa várias localidades do *Uaupés* e *Papurí*, e que no próprio idioma se diz *Talyáseri* (em *Tukano Páana*) (cfr. IV — 2, y).

9) *UANANA*. — Em «Pelo Rio Mar» encontramos-la identificada com *Uaiana* ou *Yuriti-tapuya*, etc. *Wanana* é uma tribo com várias malocas e povoados nos *Uaupés*, acima de *Japu-ponta*, a qual se denomina a si mesmo *Kótirya* e na língua *Tukano* são denominados *Oxó-ti-khára*, e em *Pirá-tapuya*, *Oxó-tíria*. *Uaiana*, ao invés é o nome que os *Tukano* dão à tribo conhecida também por *Juriti-tapuya*. Atualmente, ao que nos consta, vivem apenas no território colombiano na área banhada pelo rio *Paca* e outros pequenos afluentes (*Acuaricuara*, etc. cfr. IV — 2, u). Tanto o idioma dos *Wanana* como o dos *Waiana*, ou *Juriti* é da família linguística *Tukano*, como se pode ver pelos respectivos vocabulários (Vd. «Discoteca Etno-Linguístico-Musical» do Autor).

b — De *Ribeiro Sampaio*.

Do confronto com a precedente, na lista de tribos de *Sampaio*, faltam: *Cubeuana* e *Quereruí*

a mais: *Dessana* (ou *Deçaca*), *Macú*, *Mucucoena*, *Timanará*, *Urinaná*.

1) *DESSANA*. — É elencada nas relações de Frei Gregório e nos «Relatórios». Vários grupos desta tribo subsistem ainda no *Uaupés*, *Tiquié* e *Papurí*, como adiante se verá (IV — 2, w).

2) *MACÚ*. — Figura nas várias listas posteriores. Sob esta denominação vêm indicados diversos grupos humanos, como mais adiante se verá (IV-1, a (4) e IV-2).

3) *MACUCOENA* — Atualmente ao longo dos rios *Uaupés*, *Papurí* ou *Tiquié* e seus afluentes não existe tribo alguma sob o nome

de *Macucoena*. «Pelo Rio Mar» informa-nos: «derivado do pássaro macú; encontrados no rio *Uaupés*». Embora figure na lista dos «Relatórios», não a encontramos na relação de Frei Gregório e somos proclives a pensar seja apenas outro nome sob o qual era conhecida alguma das tribos do *Uaupés*, quiçá mesmo a *Macú* ou *Makuná* (vd. adiante (IV-2, h). A não ser que se trate de um simples erro de imprensa ou de pronúncia.

4) *TIMANARÁ*. — Encontramos em «Pelo Rio Mar»: *Timanará*, *Timanarú*, citados no rio *Uaupés* — Aparece igualmente nos «Relatórios»; não, nos mapas de Frei Gregório, e, atualmente, na área do *Uaupés* não se conhece nenhuma tribo com esse nome.

5) *URINANÁ*. — Lemos em «Pelo Rio Mar»: *Urunaná*, *urinaná* — índios escudo. No rio *Uaupés*. Consta esta tribo nos *Relatórios*; não, porém, nas relações de Frei Gregório. Talvez se trate da tribo *Uriná*? Conforme Koch Grünberg pertence ela ao grupo *Arwake* do rio *Maratí*, a este do *Caciquiare*, próxima dos índios *Yabarana* (Koch G. — *Fetschrift Eduard Seler* — Stuttgart, 1922, pag. 205 — 6). Chestmir, na sua classificação das línguas, indica como desaparecido o idioma *Wiriná*, que é filia à família de línguas *Arwake* (cfr. o trabalho do Autor «*Idiomas Indígenas da Amazônia*»).

c) — De *Alexandre Rodrigues Ferreira*

Na lista de *Ferreira* notamos:

falta: *Cueuana*.

a mais: *Aguará*, *Arará*, *Banibá*, *Cecueno*, *Goianá*, *Cudujari*, *Cuenaca*, *Macú*, *Mueinó*, *Paicueno*, *Pumenicá*.

1) *AGUARÁ*. — Não figura nas diferentes listas, a não ser que a identifiquemos com a tribo *Agaram* (ou ante *Agarani*) que nos «Relatórios» se indica existir no *Rio Branco*. «Pelo Rio Mar» informa-nos apenas: «assinalados no *Rio Uaupés*», e insinua sua identificação com outra tribo também desconhecida, *Agauira*: «uma tribo mencionada no *Rio Negro*, talvez os mesmos *Aguará*».

Poder-se-ia talvez identificar *Aguará* com *Guará*? *Guará*, como ensina *Stradelli*, é o nome *Nheengatu* da *ibis rubra*, a qual, ao nascer, é branca, e só no segundo ano se torna vermelha. Esta semelhança de *guará* ainda nova com a *garça*, a cuja família — dos *ardeidae* — também pertence, de sorte que os dicionários tupi traduzem *guará* por *garça* não justificaria quiçá dar aos índios *guará* ou *aguará* o nome de *índios garça*? As lendas *Tukano* aludem aos índios *yehé* ou *garça*. No século passado *Wallace* (cfr. II-6, b) cita no rio *Papurí* *índios garça* ou *uacará* (Cfr. abaixo o que se disse sobre os *Coró-Coró*).

2) *ARAPIXÍ*. — Também não se lê nas diversas listas que possuímos. Nem existe atualmente nenhuma tribo com este nome na bacia do Uaupés. «Pelo Rio Mar» apresenta a seguinte insinuação: «Arapixí — citados no rio Uaupés; talvez os mesmos Arapaços» (cfr. IV-2,j).

3) *ARARÁ*. — Nos «Relatórios» consta uma tribo *Arará*, a qual, porém, vem localizada no Rio Madeira. Entre os *Arwake* do Içana existe uma tribo denominada *Arara-Tapuya* que, em língua Siwsi, se diz *Adaru-dákenei*. (Cfr. infra o que diz sobre os *Baniva*).

4) *BANIBÁ*. — *Baniva* (*Baniua*, *Banibá*, *Vaniva*, *Maniva*) figurará nas várias listas posteriores.

Mais do que uma tribo, é um conjunto de tribos *Arwake*. Embora se encontrem membros dessas tribos dispersos em uma ou outra localidade do Uaupés, seu *habitat* é o rio Içana. Curt Nimuendajú no seu estudo «Idiomas indígenas del Brasil» apresenta a seguinte divisão:

Baniwas occidentais:

Karútana (*Baniwa* do Içana, em Santa Ana) compreendendo 4 classes: *Mapátse-dákenei* ou *Yurupari tapuya*, *Wádzoli-dákenei* ou *Urubú-tapuya*, *Dzawí-minanei* ou *Yauareté-tapuya* e *Adarú-minanei* ou *Arara-tapuya*.

Kadaupuritana (com duas formas: *Baniwa* de Tunuí e do Mariuá)

Moriwene ou *Sukuruzú-tapuya* (*Baniwa* de Seringa-Rupitá)

Waliperi-dakenei ou *Siwsi-tapuya* (ou *Estrela-tapuya*) *Baniwa* de Carurú-poço, rio Aiari)

Hohódene (*Baniwa* do Yandú-cachoeira, rio Içana)

Máulieni (12) ou *Kawa-tapuya* (*Baniwa* do Uirá-uaçú, rio Aiari)

Payulienne ou *Pakú-tapuya* (*Baniwa* do Acutí-igarapé, rio Içana)
Adyáneme, *Adyána* ou *Tatú-tapuya* (*Baniwa* de Santa Rosa, rio Guainía)

(12) Um dos famosos informantes Siwsi deu-nos *Máuri-weni* como tradução na sua língua, de *Káwa-tapúya*. É possível que se tenha enganado. Entre as poucas palavras do idioma natal de que ainda se recordavam os *Káwa-tapuyas* da localidade de S. Joaquim, perto de Uapuim-cachoeira, rio Aiari, é o nome da própria tribo, *Aini*, nome pelo qual é também indicado pelas outras linguas irmãs. Cfr. nosso trabalho «Idiomas Indígenas da Amazônia»

Kumadá-minánei ou *Ipeka-tapuya* (*Baniwa* de S. Pedro, rio Içana)
Kapité-minánei ou *Coati-tapuya* (*Baniwa* de Camuti-poço, rio Içana)

Baniwas orientais em Moyo, no rio Orinoco.

5) *CECUENO*. — Omitem-na as várias listas, e nenhuma informação logramos alcançar, dos indígenas do Uaupés e Içana cu nos livros, sobre os *Cecueno*.

6) *CUDUIARI*. — «Pelo Rio Mar» informa-nos apenas: «tribo mencionada no Rio Negro e Uaupés, no fim do sec. 18». Talvez a esteja identificando com os *Carajari*, que os documentos do sec. 18 atestam localizada em Moura, no baixo Rio Negro? (Cfr. II-6).

Koch Grünberg (Zwei Jahre, 392) traz notícias de índios *Káwayari*, que do rio Içana passaram ao Uaupés, Pirá-paraná, Apaporis e outros rios onde ainda hoje se encontram. Trazem, diz, largo batoque nas orelhas, de sorte que os lóbulos destas chegam aos ombros. Seriam, porém, do grupo *Arwake*, e seu idioma muito semelhante aos de outras tribos *Arwake* do Içana. Entretanto Curt N. que estudou os *Arwake* do Içana, nada informa dos *Kuduyari*, nem dos *Kawayari*; como também a nós nada souberam informar dessas tribos os indígenas que pudemos consultar nos rios Içana e Aiari.

Dos *Káwa-yari* das cabeceiras do rio Cananari e Tiquié, informou-nos um negociante Colombiano, Napoleão Estrada, que os visitou, são da família de linguas Tukano. É provável, então, que os *Káwa-yari* ou *Kavirya* das matas do Cananari sejam uma tribo do grupo Tukano, ou talvez sejam os *Káwa-yari* que os Bará apresentam como subdivisão de sua tribo (cfr. IV-2, b).

Opinamos que os *Cuduiari* citados por Ferreira são os *Kubêwâna* do rio Cuduiari, pois não consta, no período histórico, ao menos de dois séculos para cá, deslocamento de índios, ditos *Cuduiari*, para outros rios.

7) *CUENACÁ*. — Não a vemos figurar em nenhuma das outras listas supra-citadas, a não ser que se identifique com a tribo *Queuanacá* que os «Relatórios», porém, situam no rio Japurá (cfr. II-6, b).

Não se trata, propriamente, de uma tribo, mas sim de uma subdivisão, *Kwénaka*, da tribo Taryana (cfr. abaixo, IV, 2, y), com representantes residindo atualmente em Iauareté e Ira-uaçú-ponta. Coincide, pois, com a localização que os mapas desenhados por Manoel da Gama Lobo D'Almada, (Governador da Capitania de S. José do Rio Negro, de 9 de fevereiro de 1787 até a data do seu falecimento, 27 de outubro de 1796, e que de 1784 até 1787 explorara a região do Rio Negro e Rio Branco por ordem da Coroa Portuguesa) sinalam para os índios *Queuanacans*.

8) **GOIANA**. — Em «*Pelo Rio Mar*» vêmo-la indentificada com *Coeuana*, *Cubeuana*, *Cubeo*, etc. Não aparece na lista dos «Relatórios», nem da de Frei Gregório. Provavelmente será a que Wallace grafa *Queianá* e situa em S. Joaquim do Coané, na foz do Uaupés, e portanto se identifica com os *Cocuana* e que temos também ouvido denominar-se *Coianá* (cfr. acima).

9) **MUEINÓ**. — Silenciam-na as várias listas. «*Pelo Rio Mar*» traz apenas: «Mueinó, citado no rio Uaupés». Num mapa do Território Colombiano do Uaupés, preparado com muito cuidado e por menores pelos Missionários da Congregação de Montfort, e que pudemos consultar em Mitú (Capital do Território) citam-se uns índios «*Moeinon*», porém localizados nas cabeceiras do *Caquetá*, rio que, unindo-se ao *Apapóris*, dá origem ao *Japurá*.

Os «Relatórios», seguindo os documentos do sec. 18, enumeram os *Mendó* e os diz localizados no povoado de S. Marcelino, na foz do Rio *Xié*. Os mapas elaborados por Lobo D'Almada situam índios *Moeinans* sobre o rio Uaupés, nas imediações da cachoeira de Ipanoré. Ora, nessa área do Uaupés residem presentemente vários grupos *Taryána* ou *Arwáke*. É provável, por essa localização, que se trate realmente de índios *Mendó*, emigrados do rio *Xié* (ou de alguma subdivisão *Taryana*).

10) — **PAICUENO, PUMENICA**. — Omitidas nas várias listas, Em «*Pelo Rio Mar*» encontra-se apenas, da primeira: «indicados no Uaupés»; e da segunda: «indicados no Rio Negro». Nenhuma outra referências nos foi possível encontrar.

11) — **UACARÍ**. — Não figura nas outras listas que conhecemos. Em «*Pelo Rio Mar*» lê-se: «Uacarú, Uacaraú, Uacarauá. Mencionados no Rio Negro e no Juruá». *Uacarí* ou *acarí*, é palavra tomada da Língua Geral, e indica o macaco de rabo curto *cacajao*, família dos *cebídeos* (gênero *cacajao*, os *brachyurus rubicundus* ou *macaco inglês*, o qual, no idioma Tukano se denomina *Wax-ti-suru*). E é também a designação de vários peixes *locartídas* (em Tukano *wã'ri*). No Uaupés brasileiro, no Papurí e no Tiquié, não só não existe tribo alguma sob a denominação de *Acarí*, como também não souberam dar informações de tal tribo os indígenas desses rios e do Pirá-paraná que pudemos interrogar. Não seriam, talvez, os *Uacarí* apenas uma subdivisão de alguma tribo? Conhecemos várias subtribos designadas sob o nome de algum macaco; por exemplo, na tribo Tukano os *Waúro*, na Yebá-masã os *Emóá* e os *Sêi*; entre os Kubewãna os *Tóreakô*. Pela localização no Uaupés poder-se-ia

pensar numa subdivisão Tukano ou Kubewãna. Parece, porém, que não se poderia identificar os *Uacarí*, nem com os os *Waú* (Uála-plisá, sagui), nem com os *Tóreakô* (macaco barrigudo).

b. Listas do século 19.

1.^a — Alfred Russell Wallace, ao findar o seu livro de viagens apresenta uma lista de tribos, acrescentando algumas vezes o significado do nome em português, e a localização da tribo. Releve-se, porém, que Wallace só esteve no Rio Negro e no Uaupés até Micura acima de Uaracapurí. Portanto as localizações das tribos em outros rios, êle as obteve por informações, e suas notícias já não possuem tôdas o mesmo valor.

2.^a — Preciosas pela localização, e bem minuciosas são as relações ou mapas de Frei Gregório de Bene.

3.^a — Possuimos a lista oficial, apresentada pelo Presidente Conselheiro Herculano Ferreira Pena, em primeiro de outubro de 1853 na «Falla dirigida à Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas» (pag. 259 ss. do vol. I dos «Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas»). Esta lista, embora oficial, tem apenas o valor de uma compilação; não traz observações novas, é, tão só, uma transcrição do «Diccionario Topographico, Historico e Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas» de Lourenço da Silva Araujo e Amazonas (1852), porem completada com os dados fornecidos por Frei Gregório. No Rio Uaupés são elencadas 28 tribos e no Papurí apenas os *Mamangá* (Cfr. acima o que dissemos sobre os *Mamangá*, II — 6, a). Na «Falla dirigida à Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas», o Presidente Angelo Thomaz do Amaral, em primeiro de outubro de 1857 apresenta um quadro dos indígenas no qual aparecem quatro tribos que não figuram na lista do Presidente Pena, a saber: *Cariarana*, *Peixe*, *Caenatarí* e *Beijú*, sendo as duas primeiras apenas grafias diversas de *Tariana* e *Pirá-tapuya*, e as duas últimas figuram no catálogo de Frei Gregório. Por essa razão não transcrevemos o elenco do Pres. Amaral.

a — De Wallace.

No Rio Uaupés: 1. *Queianá* (= *Coeuana* ou *Cocuana*) em S. Joaquim; 2. *Tariana*, em S. Joaquim; 3. *Ananá* (Abacaxí), abaixo de Iauareté; 4. *Cubeo*, perto de Carurú-cachoeira; 5. *Pirairurú* (bôcas de peixe); 6. *Puçá* (rede); 7. *Carapanã* (mosquitos, em Juruparí-cachoeira); 8. *Tapira* (anta); 9. *Uaracú* (um peixe), acima de Juquiraparaná; 10. *Cóidia*; 11. *Tocandira* (umas formigas);

12. *Jacamim* (pássaro cavadeira); 13. *Miriti* (*Mauritia*, uma palmeira) no Bacate-paraná; 14. *Omaúas* (Hianacoto).

No Rio Tiquié; 15. *Macuná*; 16. *Taiassú* (porco do mato). 17. *Tijucó* (barro).

No Japú-paraná: 18. *Arapasso*.

No Rio Apapóris (13): 19. *Tucano*; 20. *Uacará* (garça). 21. *Pirá* (peixe); 22. *Deçana*.

No Rio Queriri (Cuiari ou Iquiari) (14): 23. *Ipeca* (pato); 24. *Gi* (machado); 25. *Cáua* (vespa).

No Rio Cuduiari: 26. *Coró-coró* (colheireiro-ibis verde); 27. *Bauúna*; 28. *Tatú*. No Canici-paraná (15): 29. *Tanimbuca* (cinzas).

Em Juquirá-paraná: 30. *Macuras* (gambá).

6 — Dos Relatorios.

Rio Uaupés (pag. 259 ss.): *Boanari*, *Carapanã*, *Coeuana*, *Cubeo*, *Deçana*, *Itariana*, *Juruá*, *Jurupari*, *Macú*, *Macucoena*, *Mamengá*, *Panenoá*, *Picassú-tapuia*, *Pirá-tapuia*, *Tapiira*, *Tariana*, *Timanara*, *Tocandira*, *Tucano*, *Uananá*, *Uaupés*, *Urinaná*. Pag. 616: *Catariana*, *Peixe*, *Cainatari*, *Beijú*.

Rio Tiquié: *Mamengá*.

c — Lista de Frei Gregório

Datados de 1853 (Arquivo do Amazonas, de 23 de Outubro de 1906, vol. I, n.º 2, pag. 32-39) os Mapas do labor apostólico de Frei Gregório de Bene entre os índios do Uaupés e Içana, trazem a discriminação das localidades, nome, idade e tribo dos indivíduos. Resumindo os dados temos, no rio Uaupés, as nações:

(13) Deve ser um engano de Wallace, não se trata do *Apapóris* (afluente do Japurá) e sim do rio *Papurí* (afluente do Uaupés) onde realmente têm seus principais núcleos as tribos *Tukano*, *Pirá-tapúya* e *Desãna*.

(14) Bento Aranha (no "Arquivo do Amazonas", Anno II, n.º 5 pag. 2) em resposta a uma carta de Koch Grünberg, registra *Iquiari*, como outro nome do rio Içana: "da mesma maneira por que chamam *Iquiari* ao rio Içana ou Issana.

Presentemente o rio Içana não é conhecido sob nenhuma outra denominação. Também não se conhece na região nenhum rio sob o nome de *Iquiari*. Sob o de *Quiari*, sim, existe um afluente da margem esquerda do Aiari, o qual, por sua vez é afluente da margem direita do Içana. Igualmente sob a denominação de *Queriri* não há nenhum rio na região. Talvez a grafia fôsse *Querari*, que é afluente da margem esquerda do Uaupés, na fronteira colombiana, *Caduiari* é um dos afluentes do *Querari*; e *Cuiari* um dos afluentes da esquerda do Içana (cfr. acima II-3 Informes etnográficos sobre *Yaquiri* e *Quiquiari*).

(15) Não nos foi possível obter informação sobre a existência do *Canici-Paraná*. Trata-se, provavelmente, de um erro de imprensa.

Mutum-cachoeira: Cubeo, Tocandira, Tapiira, Picassú, Bauna, Macú

Mucura-rapecuma: Itariana, Cubeo, Beijú

Aracapuri: Ananá, Deçana, Cubeo, Giboia

Pacú-cachoeira: Onça, Quaty, Tapiira, Cainatari

Carurú-cachoeira: Itariana, Ananá, Piratapuia, Cubeo, Baniua, Deçana

Jabutí-cachoeira: Cutia

Iauareté-cachoeira: Itariana, Tucano, Piratapuia, Baniua

Juquirá: Juruá, Tucano, Piratapuia, Deçana, Itariana

S. Jerônimo: Itariana, Tucano, Piratapuia, Deçana, Arapaço, Ananá, Cubeo

Naná-rapecuma: Tucano, Deçano, Arapaço, Macú, Itariano, Carapanã, Iravassú

S. Joaquim: Cainatari, Macú, Piratapuia, Cubeo, Tucano, Irauassú, Baniua, Itariana, Arapaço, Jurupari, Carapanã, Tabaiana, Itariana, Deçana, Macú, Cocuane.

Dispostas em quadro temos:

Tribos do Uaupés no século 19

Wallace, 1848	Frei Gregório, 1852-3	Relatórios, 1853-7
1.	Agarani
2. Arapaço	Arapaço
3.	Baniua
4. Bauúna	Baúna	Beijú
5.	Beijú	Boanari
6.
7.	Cainatari	Cainatari
8. Carapanã	Carapanã	Carapanã
9. Caua
10. Cóiá (Ananá)	Ananá	Uananá
11. Coró-coró
12. Cubeo	Cubeo	Cubeo
13.	Cutia
14. Deçana	Deçano	Deçana
15. Gi
16.	Giboia
17. Ipeca	Ipeca	Opeca
18.	Iraussu, Iravassú
19. Jacamí
20.	Juruá	Juruá
21.	Jurupari	Jurupari
22.	Macú	Macú
23.	Macucoena

24.	Macuná
25.	Macura
26.	Mamengá
27.	Mirití
28.	Omaua
29.	Onça
30.	Panenoá
31.	Pirá	Piratapuia	Piratapuia
32.	Piraiurú
33.	Puçá
34.	Quaty
35.	Queianá	Cocuane	Coeuana
36.	Queuanacá
37.	Tabaiana
38.	Taiassú	Quatitú
39.	Tanimbuca
40.	Tapira	Tapiira	Tapiira
41.	Tariana	Itariana	(I)tariana
42.	Tatú	Tatutapuia, tatupíá
43.	Tijucó
44.	Timanará
45.	Tocandira	Tocandira	Tocandira
46.	Tucano	Tucano	Tucano
47.	Uacará (garça)
48.	Uaracú
49.	Urinaná	Urinaná

Para um mais fácil cotejo, dispômo-las em quadro, juntamente com as três listas do século anterior:

a. *A lista de Wallace.*

É bem singular. Concorda com as listas do século precedente apenas em três nomes: *Tariana*, *Anana* (Wanana) e *Cubeo*.

Da grande lista de Frei Gregório difere: *Caua*, *Cóidia*, *Coró-coró*, *Gí*, *Ipeca*, *Jacami*, *Macuná*, *Micura*, *Mirití*, *Omáua*, *Piraiurú*, *Puçá*, *Queianá*, *Taiaçú*, *Tanimbuca*, *Tatú*, *Tijucó* e *Uaracú*.

(1) — *CAUA*. — (cfr. Mamangá, II 6, a 5).

(2) — *CÓIDIA*. — Com toda a probabilidade trata-se da tribo *Cóidia* ou *Wanana* (IV — 2, k).

(3) — *CORÓ-CORÓ*. — É o nome de uma ave aquática (*ibis melanocéphala*) que se inclui no grupo das garças (*ardeidae*). «Pelo Rio Mar» acrescenta: «Índios ibis verde. Nos rios Cuerari e Codolari afluentes do Uapés». Ensina Koch G. (*Festschrift Eduard Seler*, 205-6) que são os *Koroá* do grupo Kubewana, vivem no Cuduiari, mas desceram do alto Querari.

Pela coincidência da localização opinamos que os *Coró-coró* citados por Wallace sejam uma subdivisão da tribo Kubewana que se denomina *Koxtóá* (vd. abaixo IV — 2, p) precisamente o nome da ave *Coró-coró*.

Convém recordar que o *Coró-coró* é uma ave aquática do grupo das *ardeidae* como a garça, donde talvez o chamar a tribo *Coró-coró* de «Índios garças». É verdade que Wallace localiza os *Coró-coró* no rio Cuduiari, e os *Garça* no Papuri. Cumpre, porém, relevar que são localizações vagas as que obteve Wallace, e que das cabeceiras do rio Paca, um dos formadores do Papuri, é relativamente fácil a passagem para o Uaupés e o Cuduiari (cfr. o que se disse acima sobre os *Aguará*, II — 6, a - c, 1).

(4) — *GI* — É palavra da língua geral e significa *machado*. Encontramos em «Pelo Rio Mar»: «Gí-tapuias, Índios Machado. No rio Querari, afluente do rio Uaupés». Discorda, portanto, da localização de Wallace, que os situa no rio Cuiari, afluente do Içana. A não ser que se trate de uma confusão pois Wallace registra, além do *Cuiari*, a grafia *Queriri*, para o mesmo rio. Deve, pois, tratar-se de uma tribo *Arwake*, como tôdas as dêsses rios.

Hamilton Rice, no seu mapa, localiza os *Gí-tapuia* no igarapé do Cigarro (abaixo Uaupés). No entanto, não foi confirmada a existência aí dessa tribo por nenhum indígena dessas proximidades por nós consultados.

Um pajé do ribeirão Japú (Japú igarapé, rio Uaupés), por nome Henrique à nossa questão se conhecia a tribo *Gí-tapuya* (1955) respondeu-nos que são os «*Pirá-tapuya* da cauda» (isto é, última subdivisão dos *Pirá-tapuya*), ditos em Tukano *Komé-pá-pôrá*, residentes outrora acima do ribeirão Japú e que hoje moram em S. Francisco (rio Uaupés). Esta localização coincide com a que se pode ver no mapa desenhado por Hamilton Rice (Cfr. Mapas do Rio Uaupés N. A. 19 e Rio Putamayo S. A. 19 — Provisional Edition Published under the Patronage of Hamilton Rice — Geographical Society of New York).

(5) — *IPECA* — São os *Kumādene*, dos quais um grupo reside hoje em Urubucuará, como mais adiante veremos (Cfr. IV — 2, x).

(6) — *JACAMIM* — Silenciado nas demais listas. Lemos em «Pelo Rio Mar»: «*Jacami-tapuia*, índios trombeteiros. Indicados no rio Uaupés. Talvez os mesmos *Buchpu-machsa*».

Dos indígenas de Pari-cachoeira Koch Grünberg obteve informações sobre os *Buchpu-machsa* (que quer dizer «Gente da sara-batana», porque especialistas no fabrico dessa arma) ou *Buhágana*,

como eles mesmos se denominam, habitantes do Dyí-Igarapé, afluente do Pirá-paraná, o qual por sua vez desagua no Japurá. Soube que moravam em barracas redondas, perfuravam os lóbulos das orelhas e traziam avental de casca, ao redor das coxas, e jamais haviam visto civilizado algum. Sua língua, da qual Koch pôde mais tarde recolher um vocabulário de 60 palavras, é quase idêntica à dos *Omõá* e ambas, em algumas palavras, se afastam do Tukano (Z. I. 180). Fabricavam sarabatanas grandes (3,5 metros) e pesadas, por isso as usavam apoiadas (Z. I. 207). Releve-se, porém, que os *Buhágana* dos quais nos informa Koch, não se localizam no Uaupés. Por isso pensamos que não se podem identificar com os *Jacamim*. Um confronto dos vocabulários que recolhemos dos *Ide* e dos *Emõá* e o dos *Buhágana* de Koch, ressalta logo a semelhança deste idioma com os dois primeiros. Em agosto de 1956 um tuxáua dos *Ide-masã* ou *Makuna*, informou-nos que os *Buhágana* residiam antes nas matas do rio Taraira (afl. do Japurá), porém já se haviam extinguido em consequência das vinganças dentro da tribo e das lutas com outras tribos.

Não é improvável que os *Jacamim*, localizados por Wallace no Uaupés, sejam apenas uma subdivisão de tribo, quicá os *Taitõ-paramêra*, isto é, «Netos do Jacamim» (Cfr. abaixo as subdivisões dos *Korêterabõa*, IV — 2, p).

(7) — *MACUNA* — Não aparece, igualmente, nas outras listas. «*Pelo Rio Mar*» traz pequena relação: «Macú de côr negra» e termina dizendo «são mencionados entre os afluentes do Rio Negro, no Araganatuba, Apapóris e Jupurá». Ao invés, conforme Koch G., pertencem ao grupo Tukano, e têm seu *habitat* atual às margens do Apapóris, abaixo do Pirá-paraná, em duas malocas. São tipos de boa configuração, prossegue Koch, e falam língua bem próxima dos *Buhágana* (*Zwei Jahre*, 379; e *Festschrift Eduard Seler*, 205-6).

Podemos precisar que *Makuna* é denominação que lhes dão os Colombianos. No próprio idioma eles se dizem *Idemasã* (gente-água) e estivemos entre um grupo deles que reside no Komé-ya (Vd. abaixo *Ide-masã*, IV — 2, h).

Koch não traz no seu *Zwei Jahre* o Vocabulário dos *Makuna*, porém, sim, o dos *Kueretu*. Ora, o Vocabulário que recolhemos dos *Ide-masã* afasta-se bem do que Koch obteve dos *Kueretu*, apesar de ser este grupo indicado como subdivisão dos *Ide-masã*.

(8) — *MACURA* — *Macura* ou *Micura* é palavra da Língua Geral que significa *gambá*. De acôrdo som as informações obtidas dos índios Karapanã e Tatú, das cabeceiras do Áua e do Tim-igarapé, uma tribo por nome *Oá-maxsã* (gente *gambá*) reside entre os ri-

beirões *Jaré* e o *Tuim* (afluentes do Uaupés), e pertence à família de língua Tukano. Alguns indivíduos *Oá-mahã*, como se dizem no próprio idioma, anteriormente à nossa passagem, residiram entre os Tukano de S. Miguel e Melo Franco (rio Papuri).

Encontramos mulheres *Oá-mahã* casadas com Tuyuka, nas cabeceiras do Tiquié, o vocabulário que pudemos recolher e cuja pronúncia também gravamos autoriza incluir os indígenas *Micura* ou *Gambá* na família de línguas Tukano. (Cfr. IV — 2, n).

Obtivemos da tribo dos *Tatú* (cfr. IV 2, o), entre as divisões da sua nação, *Oá-maxsã*. Embora bem próximos, pela língua, dos *Tatú*, parece-nos que não se podem identificar com os *Oá-mahã* a divisão homônima da tribo *Tatú*.

(9) — *MIRITI* — Em três localidades do baixo Tiquié residem presentemente alguns grupos da tribo *Miriti-tapúya*, da qual falaremos adiante (IV — 2, m). Pela localização que Wallace dá aos *Miriti*, isto é, em *Bacate-paraná*, rio Uaupés, opinamos que se trata, não de uma tribo, e sim de uma subdivisão dos *Kubewãna*, a qual no idioma pátrio se diz *Neábokõ* (cfr. IV — 2, p).

(10) — *Omãnaua* — Também não figuram nas outras listas. Na família linguística Tukano, Chestmir, seguindo Koch Grünberg, inclui os *Omõá*, localizando-os nas cabeceiras do rio Tiquié. Estes são os *Emõá-masã* (Cfr. abaixo, IV — 2, f, e o nosso trabalho «*Idiomas Indígenas da Amazônia*») e que se não podem identificar com os *Omãua*.

Ensina também Koch que não se devem confundir os atuais *Omãwa* com os antigos *Omãgwa*, muito mais adiantados do que aqueles, e que se puseram logo em relações com os primeiros exploradores espanhóis (Cfr. Padre Cristobal de Acuña, «*Novo Descobrimiento do Grande Rio das Amazonas*» — Coleção Brasileira, v. 203, ed. 194, pág. 226-8).

Da relação de Jesuino Cordeiro, datada de 1853, vemos que êle conseguiu aldear os *Omãwa* junto do Lago-do-espelho ou *Uauruá-lago* (alto Uaupés). Os *Omãwa* são puros *Karibe*, como Koch verificou por umas palavras obtidas de José, o tuxáua *Bahuna* da maloca Subiroaka (Z. I. 219); são aparentados aos das Guianas, com muitas subtribos e suas diferenças dialetais, por ex.: os *Ipurukoto*, *Pianakoto*, *Parikoto*, *Purigoto*, *Arimagoto*, *Kumanagoto*, etc. Os *Omãwa* ou *Umãwa* se denominavam a si mesmos *Hyanakoto*, isto é, Gente-abutre, Urubú-tapuya. A desinência *koto* ou *goto* é *karibe* e significa gente, povo, índio. Ao conjunto *Hyanakoto* os *Wanana* chamam *Maxsa-tixtoá*, os *Taryana*, *Ehetoá* e os *Kubewãna*, *Aiwökáwõ*.

No princípio deste século viviam, os *Hyanakoto* em 8 malocas nos rios Macáya e Cuniari ou rio dos Enganos, afluente da esquerda do Caquetá-Japurá, informa Koch. A sua língua seria muito afim a dos *Tsahá-tsahá* ou índios-Mergulhão, os quais possuíam 3 malocas nas savanas dos rios Cuniari e Mesai, e a dos *Tsahá-tsahá*, por sua vez, se afasta do idioma dito *Carijona* por Crévaux, do alto rio Japurá. *Karihona*, ou melhor *Karlihona* significa *homem, gente*. Não é propriamente nome de tribo e, sim, uma expressão geral usada pelos Colombianos para designar um conjunto de tribos *Karibe* da região compreendida entre o alto Uaupés e o alto Japurá.

(11) — *PIRAIURÚ*. — Não se encontra esta tribo citada em outras listas. «Pelo Rio Mar» traz: «Piráyauara-tapuya, Piraiurú, índios de boca de peixe. No rio Uaupés». Não foi possível obter outras informações entre as tribos da região. Convém observar que *piraiurú* significa, em Nheengatú, boca de peixe, e *piráyauara* quer dizer peixe-cachorro e é o nome que se dá comumente ao lendário boto vermelho.

(12) — *Puçá* — Não a vemos também figurar em outras listas. Koch Grünberg encontrou duas pequenas casas de *Uasöna* ou *Puçá-tapuya* (por erro de imprensa grafado *Pisá-tapuya*, Fischnetz-Indianer) no igarapé Manapialia, afluente da direita do Uaupés (Z. I. 284) (16). São de corpo elegante, refere Koch, rosto alongado, parecido aos Tuyuka e Yuriti, e todos com dermatose. A língua também é próxima da Yuriti. Seu centro principal, porém, são as cabeceiras do Papuri.

Em quatro excursões pelo rio Papuri até os seus formadores, os rios Paca e Áua, e navegando este até as cabeceiras, não obtivemos notícias de tribo alguma conhecida por *Wásöna* ou *Puçá-tapuya*. Os Kubewána indicam, sim, uma subdivisão da sua tribo por *Puçá* (Cfr. abaixo IV — 2, p) e residente no igarapé Pacú (acima de Mitú, Uaupés), portanto não muito distante dos *Wásöna* visitados por Koch, cujo idioma, no entanto, se afasta bastante do dos Kubewána.

Um índio Tuyuka, por nome Lino, das cabeceiras do Tiquié, porém com prolongada permanência no alto Uaupés, informou-nos ter conhecido por lá índios denominados «*Kwásöna*», de idioma próximo ao dos Bará. É possível que sejam estes os índios *Puçá* visitados por Koch e citados por Wallace.

(16) Zwei kleinere Häuser sind hier (ins Quellgebiet des Caiari-Uaupés) von *Uasöna* (Fischnetz indianern — *Puçá*-Índios) bewohnt, deren Hauptsitz wiederum am oberen Papury ist.

(13) — *QUEIANA*. — Wallace situa-a em S. Joaquim do Coané. *Queianá* ou *Coianá* (donde o nome Coané) é a tribo que outros denominam *Cocuana* (Cfr. acima II — 6 a).

(14) — *TAIAÇÚ*. — Omitida, igualmente, em outras listas. Koch localiza nas margens do rio Oocá, uns índios do grupo Tukano (*Betoya* como diz Koch) ditos *Yupúa* ou *Taiasú-tapuya*, de língua próxima à dos *Desána*, e dos quais recolheu seu pequeno vocabulário. *Taiaçú* é o nome do porco-do-mato. Os *Desána* indicam uma subdivisão da sua tribo que se diz, no próprio idioma, *Yexsé-pōná*, «os filhos do tiaiçú», e coincidindo precisamente com a localização indicada por Wallace isto é, pelas cabeceiras do Rio Castanho, afluente do Tiquié.

(15) — *TANIMBUCA*. — Na Língua Geral quer dizer *cinza*. São os *Opaina*, conforme Koch Grünberg, da família linguística Tukano, subdivisão da tribo *Yahuna*, a qual se compõe de muitas *hordas*, entre as quais os *Opaina* e os *Dätwana*, vivendo em oito malocas no rio Apapóris, a dois dias de viagem acima da foz do Pirá-paraná. Informa Koch que os *Opaina* são chamados *Hwaina* pelos Tuyuka (Z. I. 379) ou *Hoá-iñará*, como temos ouvido pronunciar também.

(16) — *TAPIRA*. — *Tapira*, ou *Hēma-dákenai*, como se diz na língua dos Ira-tapuya é uma tribo Arwáke dispersa em várias localidades do rio Içana, conforme a localização fornecida por Frei Gregório.

(17) — *TATÚ*. — Os índios *Tatú-tapuya* que Wallace cita no rio Cuduiari, devem ser os *Adyá-mene* do grupo Arwáke, da qual nos fala Curt Nimuendajú, ou os *Adza-nene* cujo vocabulário recolhemos e gravamos (Cfr. nossos trabalhos «*Discoteca Etnolinguístico-musical*» e «*Idiomas Índigenas da Amazônia*»). Releve-se, contudo, que Curt encontrou grupos deles em S. Rosa, no rio Guainia; e Frei Gregório, nos seus mapas registra presença de índios *Tatupia* em vários lugares do rio Içana, onde efetivamente vivem ainda hoje os *Adzanénei*.

Com estes não se confundem os índios *Tatú* ou *Páboamahã*, como eles se dizem (ou *Pamôá-marsã*, gente-tatú, como os chamam os Tukano), os quais pertencem ao grupo de línguas Tukano, como se pode ver pelo vocabulário por nós recolhido (Cfr. os dois trabalhos citados supra «*Discoteca e Idiomas*»). Seu núcleo principal situa-se entre o Jaré e o Cananari (afluentes do Pirá-paraná). São de estatura mediana, feições mais delicadas, tez e olhos mais claros que nos Tukano (Cfr. abaixo, IV — 2, o).

(18) — *TIJUCÓ*. — É a tribo *Tuyuka* das cabeceiras do Tiquié (Cfr. abaixo IV — 2, d).

(19) — *UACARÁ*. — Wallare cita ainda no Papurí, além dos Tukano, Pirá-tapúya e Desana, que efetivamente aí se encontram, a tribo *Uacará* ou *índios garças*. Presentemente nem no Papurí, nem nos seus afluentes, nem na mata circundante, de uma e outra margem, existe tribo alguma sob a denominação de *Uacará*. No tronco fluvial conhecido por Papurí, atualmente só há indígenas das tribos *Tukano*, *Desãna* e *Pirá-tapúya*. No interno da mata na margem direita, há um grupo *Karapanã*, localizado nas cabeceiras do ribeirão Umari, e alguns grupos de *Makú*, em ambas margens. Dos formadores do Papurí, no rio Paca e seus afluentes há ainda indígenas *Tukano*, *Desãna*, *Juriti* e *Suryãna*. As margens do outro formador, o Aua, localizam-se grupos *Tukano* e *Karapanã*.

As outras listas não citam índios *Uacará* ou *garça*. No entanto obtivemos uma lenda que fala de «índios garça» (no idioma Tukano, *Yeheá*), das cabeceiras do Papurí, ou quiçá mais distante ainda, do Pirá-paraná (formador do Apaporis). Num dos mapas desenhados por Lobo D'Almada aparece o nome de *Uacarás*, localizados entre as cabeceiras do Tiquié e o rio Pirá-paraná.

Seriam os *Uacará* uma tribo hoje extinta? Ou quiçá não se trate de uma tribo, e sim, de alguma subdivisão de tribo designada sob o nome de alguma ave aquática, da família das *ardeidae*, como o é a garça, e por isso traduzido pelo termo geral *garça*? No Papurí, coincidindo aproximadamente com a localização dos tais *índios garça*, de Wallace, há um subgrupo dos *Suryãna*, o qual no idioma natal se diz «*eõna*», nome de uma ave aquática (cfr. IV — 2, r e II — 6 a, *aguará*). Entre os *Bará* (cfr. IV — 2, b) há uma subdivisão *Wáya-poná*, nome também de uma ave aquática, situada, porém, nas cabeceiras do Tiquié; em coincidência, portanto com a localização registrada por Lobo D'Almada para os índios *Uacarás*.

(20) — *UARACÚ*. — Nos «Relatórios» são mencionados os *Uaracú*; dizem-se porém, localizados nos rios Jutaó e Javari. Na área do Uaupés, presentemente, não se conhece nenhuma tribo sob o nome de *Uaracú*.

Uaracú é o nome de um peixe, que em Tukano se diz *Boté*. Talvez, quando se fala de *Uaracú*, se trate de uma subdivisão de outra tribo. Por exemplo, há uma subdivisão dos *Karapanã*, «*Botéamarsã*», no rio Cananari. Traz também o nome do peixe *uaracú* a principal divisão da tribo *Desãna*, que se denomina no próprio idioma *Boré-ká pama*; porém sua residência não coincide com a dada por Wallace, pois se localizam no Papurí e não no Uaupés. Com mais

probabilidade, pela localização, seriam os «*Botéa wahyára*», subdivisão dos *Yuriti*, que vivem entre as cabeceiras do rio Paca e o Uaupés. Estes, conforme nos asseguraram indígenas do rio Paca, já estão extintos hoje em dia.

b. Lista Oficial.

Quanto à lista oficial dos «Relatórios», já assinalamos suas omissões de algumas tribos que figuram nas listas anteriores. No restante coincide ela perfeitamente com as de Frei Gregório, da qual se serve. Faltam-lhe, no entanto, as tribos *Iraussú* e *Cocuana*, e tem a mais: *Coeuana* (que, como vimos são os mesmos *Cocuana*, *Goianá* ou *Coané*) e *Queuanacá*.

Queuanacan é como lemos no mapa traçado por Lobo D'Almada, que os localiza no Uaupés, não muito acima da foz do Papurí. Provavelmente é a tribo *Cuenacá*, que figura na lista de Rodrigues Ferreira. Ou melhor, é a subdivisão «*Kwénaka*» da tribo *Taryana* (cfr. acima II — 6, a, e abaixo — IV, 2, y).

Observamos apenas que, para a tribo *Pirá-tapuya*, a expressão *Peixe* é uma tradução para o português do nome da Língua Geral.

c. Lista de Frei Gregório.

Notamos, além dos nomes que as precedentes trouxeram, os seguintes: *Ananá* (*Wanana*), *Arapaço*, *Baúna*, *Beijú*, *Cainatari*, *Cocuana*, *Cutia*, *Giboia*, *Iraussú*, *Itatiana*, *Juruá*, *Jurupari*, *Onça*, *Picassú*, *Pirá-tapuia*, *Quati*, *Tabaiana*, *Tocandira*.

(1) *ANANÁ* — É grafia diversa do nome *Wanana* (vd. IV — 2, k) ou *Wananá*. É comum a simplificação da pronuncia dos nomes da Língua Geral que iniciam por *ua* em *a* (cfr. *uacará* e *acará*, *uaracú* e *aracú*, etc.).

Os mapas desenhados pelo explorador (e ao depois Governador) Lobo d'Almada grafam também *Ananás* e os localizam no Uaupés, precisamente onde se acham os *Wanana*.

(2) *ARAPÁÇO*. — Encontra-se ainda ao longo do Uaupés, de S. José até Paraná-Jucá, e dela se falará depois (IV — 2, j).

(3) *BAÚNA* — Conforme o autor de «Pelo Rio Mar» trata-se de uma tribo espalhada desde o Rio Branco e afluentes, ao Negro, Içana, Uaupés, Japurá, Juruá, etc. e que é conhecida sob muitas denominações, sendo as principais: *Baiana*, *Povoana*, *Paxiana*, *Pauixana*, *Puelava*. Ora a tribo *Pauixana* pertence ao grupo *Arwake* do Rio Branco (cfr. Arthur Ramos — 172).

Os Kumádene de Urubucuara (rio Uaupés), no próprio idioma denominam os Baniva, *Bayaná-semá*. Talvez os *Bayana* dos quais fala «Pelo Rio Mar» sejam os mesmos *Baniva* ou *Arwake* que, efetivamente, povoam o Içana e afluentes.

Frei Gregório, ao invés, localiza os *Baúna* na Cachoeira do Mutum (hoje Mitú, Colombia). Por essa localização, parece-nos mais provável a identificação com o grupo Kubewana (família linguística Tukano), cuja língua citou Curt Nimuendajú e tem por nome *Bahuna* ou *Bahukiwa*, como os chamam os Kubewana. Koch Grünberg informa também que os *Bahuna* residem na parte central do rio Cuduiari, afluente do Uaupés (17).

As informantes da tribo *Kubewana*, Heloisa e Josefa (cfr. IV — 2, p) ambas casadas com Wanana e residentes em Carurú-cachoeira (rio Uaupés, 1955), indicaram, como 5.ª divisão da sua tribo, os «*Bahúkakö*». Em abril de 1957, duas outras mulheres *Kubewana* ou *Korêteraböa* (cfr. IV — 2, p), Nazaria e Byatrina casadas com yawareté-tapuya, e residentes em Arapaço-poço, localidade do rio Içana próxima da foz do rio Aiarí, deram-nos também como 5.ª divisão da sua tribo os *Bahuköwa*.

Koch Grünberg que os visitou (Z. I. 278) confirma que os *Bahuna* são ditos *Bahóköoa* pelos Kubewana e residem na parte central do rio Cuduiari.

(4) *BEIJÚ* — Silenciada nas outras tribos. «Pelo Rio Mar» diz apenas que foi missionada por Frei Gregório em 1852-3. O relatório de Jesuíno Cordeiro traz o número de 187 pessoas da tribo *Beijú* que em 1853 viviam no povoado de Cubio-paraná.

Um velho septuagenário Wanana, de Tiplaca (em 1954), por nome José, informou-nos que existe em Cubio-igarape uma tribo *Beijú*, a qual só fala o Kubewana e se denomina a si própria *Baxtoá*.

Outros informantes do alto Uaupés asseguram que, sob o nome de *Beijú*, só é conhecida uma subdivisão dos *Kubewana* (portanto da família de línguas Tukano) e que no próprio idioma se chama «*Awekö*».

(5) *CAINATARI* — Conforme o autor de «Pelo Rio Mar» são os *Acanyatara-tapua* que se encontram no rio Castanho, afluente do Tiquié.

(17) Os Kubewana informaram a Koch que tanto os *Bahuna*, como seus vizinhos os *Mapalöwa* (conglomerados ambos sob a denominação de *Bahököa*) são *Boloa* (Makú) e que antes falavam língua "muito feia". No princípio deste século consideravam-se como legítimos *Kubewana* cujo idioma era o que exclusivamente falavam (Zwei Jahre, 278).

A relação de Jesuíno Cordeiro, de 1853, localiza 168 indivíduos da nação *Cainatari* em Pacú-cachoeira, aí recentemente aldeados. Por essa localização (região dos Wanana) poderia tratar-se de uma subdivisão Wanana, a qual, no próprio idioma, se diz «*Witö monö*», que quer dizer *acangatara branca*.

6) *COCUANE*. — Conforme Curt Nimuendajú (em carta datada de Belem a 1.º-set. 1945 ao Pe. Antônio Giaccone) é a tribo conhecida também por *Coeuana* e da qual em 1927 havia ainda representantes em Jandiá e outros dois sítios da foz do Uaupés. Haviam, porém, perdido o próprio idioma e só falavam a Língua Geral (vd. acima II — 6, a). Foram os índios que mais facilmente se adaptaram à civilização, e dos quais descendem muitos caboclos do Rio Negro.

Em agosto de 1957, conforme Atayde Inácio Cardoso, do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), havia ainda sobreviventes dos *Cocuana* ou *Coianá* na povoação de S. Joaquim na foz do Uaupés. João, o pajé Tukano de Umarí (rio Uaupés, pouco acima de Iauretécachoeira, narrando as lendas das origens, diz que dentro da Cobra-grande vieram subindo os homens, e que «os *Kwewāna* que em Tukano se dizem *Pe'tāna*, ficaram na boca do Uaupés. Mas um dos *Kwewāna* subiu até Taracuá-ponta e até aí ficou o limite de suas terras».

7) *CUTIA*. — Conhece-se no Içana uma tribo sob o nome de *Cutia-tapuya*, do ramo *Arwake*, cujo nome, em língua Baniva seria *Awadzurunái*.

8) *GIBOIA*. — Como na metade do século último muitos indígenas passaram do Içana para o alto e baixo Uaupés, somos proclives a pensar que os aldeados por Frei Gregório em Aracapuri, são indivíduos da tribo *žiboya-tapuya* ou *Dzurēnē* do Içana, dos quais recolhemos um vocabulário (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical» do Autor e Boanari (II — 6, a).

9) *IRAUSSÚ* ou *IRAVASSÚ* — Koch Grünberg informa-nos (Z. I. 286) que na Língua Geral eram denominados *Uiráuacú* os *Hyanakoto*, isto é, um grupo de tribos *Karibe* compreendendo também os *Omáwa* (Cfr. acima este nome) dos rios Macáya e Cuniari. Os *Hyanakoto* se achavam, portanto, localizados pela longitude do lago Uauruá. Ora, os *I-raussú* ou *Iravassú* citados por Frei Gregório residem no baixo Uaupés em Naná-rapecuma e S. Joaquim da foz.

Seriam, então indivíduos descidos do alto Uaupés. A não ser que se trate de uma grafia incorreta e que fôssem membros da tribo Arwake do Içana ditos *Ira-tapuya* ou *Mápanai* no idioma natal.

10) *ITATIANA*. — Não se encontra esse nome para tribos do Uaupés. A não ser que se trate, como é provável, de um erro de imprensa, e se deva ler *Itariana*, que é como Frei Gregório chama regularmente os *Taryana*.

11) *JURUA*. — Não é propriamente uma tribo, senão um ramo da tribo *Tukano* que reside ainda hoje nas vizinhanças de Juquirá (rio Uaupés, cfr. IV — 2, a).

12) *JURUPARI*. — Serão os *Jurupari-tapuya* do rio Içana, do grupo *Karutana*, da família linguística *Arwake*, denominada no próprio idioma «*Mapátse-dákene*» e do qual recolhemos um vocabulário (cfr. nossos trabalhos «Discoteca Etno-linguístico musical» e «Idioma Indígenas da Amazônia»).

13) *ONÇA*. — Supomos, pela localização indicada por Frei Gregório, sejam como os precedentes, provenientes do Içana, onde existe a tribo *Yawareté-tapuya* ou no próprio idioma e em Siwsi *Dzawí-minánei*. O termo *Onça* seria a tradução de *Iawareté* da língua geral. São de língua *Arwake*, como resulta do Vocabulário que recolhemos (cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical» do Autor), e do grupo *Karutana*, conforme a classificação de Curt Nimuendajú.

O velho Wañana, José de Tipiaca, informou-nos da existência de uma tribo *Onça* ou *Yai-maxsã* (como se exprimiu em *Tukano*) residente nas cabeceiras do Cuduiari, acrescentando que eles falam o *Kubewãna*.

Outro velho, um *Tukano* octogenário de *Parí-cachoeira*, por nome Gabriel Costa, afirmou também a existência de uma tribo canibal, que os *Tukano* denominam *Yai-maxsã* (gente onça) ou *Yai-peri maxsã* (gente dente-de-onça) e reside nas cabeceiras do *Tiquié*.

14) *PICASSÚ*. — É palavra *Nheengatú* que quer dizer *pomba*. Frei Gregório cita a tribo *Picassú* em *Mitú*, no Uaupés. Pensamos seja a tribo dita também *Yuriti* localizada precisamente em varios *igarapés*, entre os rios *Paca* e *Uaupés*, nas proximidades de *Mitú*.

15) *PIRÁ-TAPUIA*. — É a grande tribo que hoje se encontra em muitos lugares do Uaupés e *Papuri*, e da qual damos informações mais amplas neste trabalho (Vd. abaixo IV — 2, v).

16) *QUATI*. — São os *Coati-tapuya* que passaram do *Içana*, em cujas cabeceiras ainda hoje residem. Pertencem à família linguística *Arwake*, e o nome da tribo no próprio idioma é «*Kapité-minánei*».

17) *TABAIANA*. — Silenciada, outrossim, nas várias listas. É possível, no entanto, que se trate também de um erro de grafia, e a tribo em questão seja a *Yabaana* (como grafa Arthur Ramos, 170), ou *Yabarana* (de Koch G.-*Fetschrift Eduard Seler*, 205), do grupo *Arwake* quase extinta e que Chestmir localiza no rio *Maruiá*. De fato, no mapa de Frei Gregório (1 de abril de 1853) consta aí apenas o nome de uma mulher *Yabarana*, residente em S. Joaquim na foz do Uaupés. Consta-nos que presentemente (agosto de 1957) só há um supérstite da tribo *Yabahana*, por nome Aniceto, residente na localidade dita S. Paulo, próxima de *Tapurucuará* (antiga S. Isabel), no Rio Negro.

Koch (Zwei Jahre, 379) informa haver visto indivíduos de corpo elegante, representantes da tribo *Yabahana* que vivem entre os *Markuna* do *Pirá-paraná*, e cuja língua (do grupo *Tukano*) falavam.

Pensa, no entanto, Koch Grünberg que esses *Yabahana* do *Pirá-paraná* nada tenham que ver com a tribo *Arwake Yabaána* do alto Rio Negro.

18) *TOCANDIRA*. — Presentemente não se conhece nenhuma tribo sob o nome de *Tocandira* em *Mitú* e em todo o Uaupés para baixo da cachoeira de *Jurupari*.

José o velho *Wanana* de *Tipiaca*, afirmou a existência de uma tribo *Tocandira* nos *igarapés* *Cubio* e *Mirití* (afluentes do Uaupés) e que atualmente só falam o *Kubewana*.

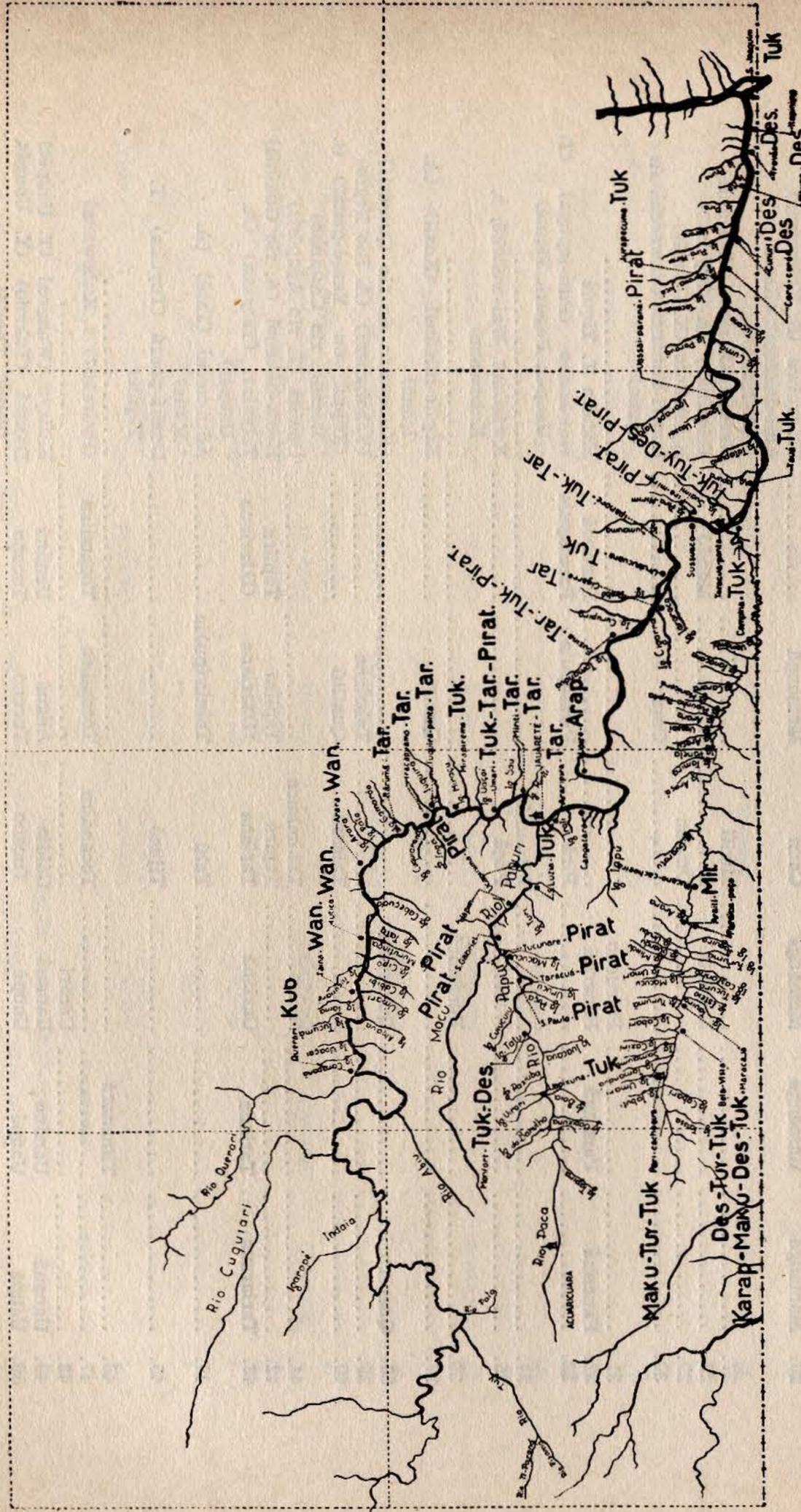
Poderia também tratar-se da subdivisão *Kubewana* que no próprio idioma se diz *Pyarákô* (que quer dizer *Tocandira*), ou ainda seria algum dos grupos *Kubewana*, conhecido por *Tocandira* por residirem no *igarapé* homônimo.

TRIBOS DA BACIA DO UAUPÉS

T = família Tukano; A = família Arwake; K = família Karaíba;
gr. = grupo; s = subdivisão

Pe. Noronha	Sampaio	Ferreira	Wallace	Fr. Gregório	Relatórios	AUTOR	
1.		Aguará	Uacará		Agarani	Garça (Yexseá?) (gr. Tukano)	
2.		Arapixí	Arapaço	Arapaço		Arapasu (Koneá) (T. rio Uaupés)	
3.		Arara				Ádaru-dákenai (Arara) (A. rio Içana)	
4.		Banibá		Banfua		Baniva (A. Içana, Xié)	
5.			Bauúna	Baúna		Bahúna (gr. Kubewana)	
6.				Beijú	Beiju	Beijú (Awekö) (s. Kubewana)	
7.	Burenari	Boanari	Burenari	Giboia	Boanari	(Dzuré-mene, Buya) (A. Içana)	
8.				Cainatarí	Cainatarí	Akágatara (Witô monô; s. Wanana)	
9.			Carapanã	Carapanã	Carapanã	Karapanã (Móxtéá) (T. Papuri)	
10.		Cequeno					
11.			Coró-coró			Koró-Koró (Koxtó) (s. kubewana)	
12.	Cubeuana	Cubeuana	Cubeo	Cubeo	Cubeo	Kubewana (Pamíwa) (T. Uaupés)	
13.	Cueuana	Cueuana	Goianá	Queianá	Cocuana	Cueuana	Kukwana (T. Uaupés)
14.		Cudujari				(Kubewana do rio Cuduiari?)	
15.		Cuenacá			Queuenacá	Kuénaka (s. Taryana)	
16.		Deçaca	Deçana	Deçano	Deçana	Desana (Winá) (T. Papuri, Tiquié, Uaupés)	
17.			Gi			Komé-pá-pona (s. Pirá-tapuya)	
18.			Ipeca	Ipeca	Opeca	Kumádene (Ipeka) (A. Uaupés, Içana)	
19.				Iraussú		Wirá-wasú (Hyanakoto) (K. Uaupés)	
20.			Jacamim			Taitô-paramera? (s. Kubewana)	
21.				Juruá	Juruá	Ihurwá (s. Tukano, Uaupé)	
22.				Jurupari	Jurupari	(A. Içana)	
23.		Macú	Macú	Macú	Macú	Makú (Uaupés, Papuri, Tiquié)	
24.			Macuná		Macucoena	Ide-masá (T. do Komé-ya)	

Pe. Noronha	Sampaio	Ferreira	Wallace	Fr. Gregório	Relatórios	Autor
25.			Macura			Oá-mahá (Mikura) (T. Tiquié)
26.	Mamangá	Mamengá	Caua	Mamengá		Utí-waiwa (S. Kubewana) Aini-dakenai? (Kawa) (A. Içana)
27.			Mirití			Neenóá (Mirití) (T. Tiquié)
28.		Mueinó			Mendó	(Moeinã?) (s. Taryana?)
29.			Omaua			Hyanakoto (K. Uaupés)
30.				Onça		Dzawí-minánei (Yawareté, A. Içana)
31.		Paicueno				
32.	Panenuá	Panenuá	Pananoá		Panenoá	Hanêra T. Tiquié
33.			Pirá	Piratapuia	Paratapuia	Waf-khana (Pirá-tapuya) (T. Uaupés, Papuri, Tiquié)
34.			Piráieurú			
35.			Puçá			Kwásóna? Waf-wehekö, s. Kubewana)
36.		Pumenicá				
37.				Quaty		Kápite-minánei (Koati) (A. Içana)
38.	Quereruri	Quereruri				(Kubewana do rio Querari?)
39.				Tabaiana		(Yabahansa?) (A. Rio Negro)
40.			Taiassú	Quatitú		(Yupuá ou Yexsé-poná?) (s. Desana, rio Castanho)
41.			Tanimbuca			Opaína (T. rio Apaporis)
42.			Tapira	Tapiira	Tapiira	Hema-dákenai (A. rio Guainia)
43.	Tariarana	Tariana	Cariana	Tariana	(I) tariana	(I) tariana
44.			Tatú	Tatuta (pu)ia		Adza-neeni (Tatú) (A. Içana)
45.			Tijucó			Doxká-poará (Tuyuka) (T. Tiquié)
46.		Timanará				
47.			Tocandira	Tocandira	Tocandira	(Pyáarakö?) s. Kubewana)
48.		Uacarí				
49.	Uananá	Uanana	Uananá	Ananá	Uananá	Kótirya (Wanana) (T. Uaupés)
50.	Uaupé	Uaupé	Uaupé	Tucano	Tucano	Daxseá (Tukano) (T. Uaupés, Papuri, Tiquié)
51.			Uaracú			(Boteá?) (s. Yurití)
52.		Urinaná			Urinaná	(Wiriná?) (A. rio Marari)



1. Tuk. Tukano; 2. Des. Desana; 3. Pirat. Pirá-tapuya; 4. Tar. Taryana; 5. Ipeka (Kumãdene); 6. Arap. Arapásu; 7. Wan. Wanana; 8. Kub. Kubewana; 9. Makú; 10. Mír. Miriti; 11. Tuy. Tuyuka; 12. Kar. Karapanã; 13. Bará

Capítulo III

MALOCAS (Baxsasé-wi'seri) E POVOADOS (Maxka)

O Uaupés lança suas águas no Rio Negro por duas bôcas, separadas pela «Ilha das Flores» (antiga Ilha do Umirí, wextî-nâxkârô) e ilhotes, pontuadas, ademais, de inúmeras pedras e rochedos: a bôca do sul com três barras formadas pelos arrecifes e a «Cachoeira do Tamanduá», sendo mais difícil a sua entrada; a do norte, também com muitos rochedos e a «Cachoeira do Carapanã».

Quem o sobe, vai encontrando, a pequenos intervalos, barracas ou agrupamentos de barracas, duas ou três aqui, oito ou dez mais além, e até dezoito ou vinte. São os «Povoados» (*maxkã*), como os denominam os da região. Terão o nome de um Santo, por Patrono, ou de algum acidente geográfico, um nome indígena ou outro qualquer escolhido, parece, ao acaso, como em geral acontece à toponímia nacional. Os nomes são, de ordinário, da língua *Nheengatú* ou *Língua geral*, e corresponde-lhe outro em *Tukano*, quase sempre como mera tradução. É difícil dizer se o nome original seja o *Tukano*, e o da *língua geral*, pelo qual é conhecido, seja apenas tradução, ou vice-versa.

Até 1924, da *Cachoeira de Ipanoré* para cima só existiam *malocas* (1), informa o Pe. João Marchesi, o veterano Missionário Salesiano do Uaupés. Data desse ano a substituição das malocas pelas casas familiares, e o aparecimento dos pequenos *povoados*, por influência das Missões Salesianas. Presentemente (1958) só existem malocas, ou no interno das matas, ou, nas margens do Rio Uaupés acima de Iutica, e do Tiquié acima de Carurú-Cachoeira.

A tradição indígena conserva o nome e a localização de malocas e ajuntamentos humanos hoje desaparecidos. Como documentário trazemos as listas abaixo. De alguns lugares, neste meado do sec. 20 existe apenas uma *capoeira* a sinalar o posto onde a mão humana abateu a mataria virgem e construiu uma maloca.

(1) *Maloca* se diz a grande habitação coletiva (cfr. VI, 1).

1. Malocas e Povoados do rio Uaupés (dyá Poxsá, rio dos Makú?)

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
S. Joaquim	?		Koená ou Kukwana
Itapinima	öxtá oharitirí-pa	Pedra pintada	Desana
Trovão	büxpó-pá	Pedra do trovão	Desana
Pituna	Naikoro	Lugar onde anoitece	Desana
Cunurí	waxpö-ñóá	Ponta do cunurí (2)	Desana
Coró-Coró	koxtó-duri ou koxtóá	Rochedos do coró-coró (3)	Desana
Iú-rapecuma	Pöxtá-ñóá	Ponta do espínho	Tukano
Pacú-capuamo	unú-náxkārō	Ilha do pacú	Desana
Caruatana (4)	buxpú-sero	(Pedaco de) sarabatana	Tukano
Macú-capuamo	Poxsá-náxkārō	Ilha do Makú	Tukano
Jacaré-ponta	öxsó-ñóá	Ponta do jacaré	Pirá-tapuya
Açai-paraná	míx'pí-yuxti	Paraná do açai	Pirá-tapuya
Arara-ponta	mahā-ñóá	Ponta da arara	Tukano
Matapí	büxkōá-wō-kó	Água do matapí	Tukano
Naná-rapecuma	sē'rá-ñóá	Ponta do ananaz	Tukano
Tauá	ewö-yá	Ribeirão do ôcre	Tukano
Tocandira	pextá-ñóá	Ponta da tocandira	(sem moradores) (5)
Taracué-ponta	me're-oá"rá-ñóá	Ponta da taracué (formiga)	Tukano, Desana, Pirá-tapuya
Darí-darí	i'á-büxkōrá-ñóá	Ponta do darí-darí (inseto)	Mirití-tapuya
Pirá-mirim	sē'á-ya	Ribeirão da Piabinha	Pirá-tapuya

(2) Ponta, na toponímia, indica sempre o acidente geográfico.

(3) Os indígenas forneceram-nos os dois nomes supra. Coró-coró é o nome de aves ribeirinhas de várias espécies: *ibis melanocephala*, *geronticus infuscata*.

(4) Aí houve, outrora, uma Missão dos Frades Capuchinhos, sob o patrocínio de S. Pedro, informa Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, pág. 231). Buxpú-seró é abreviatura de buxpú-kaxsero, pedaço de sarabatana. O nome alude às lendas da sarabatana e de Tupana-ruca.

(5) Sem moradores, isto é, não existe mais o antigo povoado.

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
Ponta-fria	yöxsōári-ñóá	Ponta fria	Tukano (Pirá-tapuya) (6)
Cabeçudo-ponta	u-ñóá	Ponta do cabeçudo	Pirá-tapuya
Sussuáka	ñamá-saaró	Chifre de veado	(sem moradores)
Paxiúba-igarapé	waxtá (paxka)-ya	Ribeirão da paxiúba (grande)	Pirá-tapuya, Makú
Ipanoré	tōpa-duri	"Rochedos" "peneira"	Taryana
Urubucuará	yōxká-pūrī-pextá	Porto do tucum	Kumādene
Finú-pinú	dyá-utikaro-ñóá	Ponta da sucurujú	Taryana
Cigarro	uxtika-pūrī	Folha do cigarro	Taryana
Mariué	maríwa-dōxpōrī	Galhos de mariué	Tukano, Pirá-tapuya, Desana
Buzina	uxpítu-ñóá	Ponta da buzina	Taryana
S. José	wirō-ñóá	Ponta do vento	Arapasu
Chibarú	yebári	Chibarú (madeira)	Arapasu
Juruparí-ponta	wāx'tí-ñóá	Ponta de Wāx'tí	Arapasu
Baía	wi"i-turiró	Sobrado	Arapasu
Ponta do Mucuí	u'mū-sūá-ñóá	Ponta dos mucuíns	(sem moradores)
Loiro	kuma-kō-ñóá	Ponta do loiro (madeira)	Arapasu
Paraná-jucá	Dyá-Poxsá-yōhōrō	Estreito do rio dos Makú	Arapasu, Tukano
Juquira	mōá-ñóá	Ponta do sal	Tukano
Ananaz	sē'ra-pá	Pedra do ananaz	Pirá-tapuya
Aracú-ponta	bo'téa-pextá	Porto do aracú	Pirá-tapuya
Cangatara	mahā-poarí-ñóá	Ponta das penas de arara	(sem moradores)
Jacitara	waú-tu dixtara	Lago da jacitara (palmeira)	Pirá-tapuya
Ararí-pirá	bixpári-pweá	Cachoeira do ararí-pirá	Taryana
Cunurí	waxpö-ñóá	Ponta do cunurí (fruta)	(sem moradores)
Juí	omā-ya-pitó	Foz do ribeirão da rá	Pirá-tapuya
Iauareté	Yaía-pweá	Cachoeira da onça	Taryana
Castanho-capuámo	Castanho-náxkārō	Ilha do Castanho	Taryana
Micura	oá-pweá	Cachoeira do gambá	Taryana
Mirití	neé-ya-pitó	Foz do ribeirão do burití	Taryana

(6) O nome entre parênteses indica os primitivos moradores.

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
Umarí	wamã-pweá	Cachoeira do umarí (fruta)	Tukano
Piranha	böo-ñõá	Ponta da piranha	Taryana
Mira-pirêra	kaxsêri-ñõá	Ponta das cascas	Tukano
Jabutí	úhuri-pweá	Cachoeira do jabutí	Taryana
Iuquira-ponta	mõá-ñõá	Ponta do sal	Taryana
Ira-capuamo	mu'mi-nãxkãrõ	Ilha do mel	Taryana
Bacaba	yu'mû-pweá	Cachoeira da bacaba	Pirá-tapuya, Taryana, Kumãdene, Wanana
Arumã	wöhö-nãxkãrõ	Ilha do arumã	Taryana
Cachoeira do machado	komé-pweá	Cachoeira do machado	Taryana
—— (7)	Poxsá-boári-ma	Rio de apodrecer makú	Taryana
Periquito	kaí-pweá	Cachoeira do periquito	Taryana, Kumãdene
Japú-ponta	umû-ñõá	Ponta do japú	Wanana
Arara	mahã-pweá	Cachoeira da arara	Wanana
Yandú	büxpö-ã'rã	Serra (monte) da aranha	Wanana
Carurú	mõá-pweá	Cachoeira do carurú (planta salgada)	Wanana
Matapí	büxkõá-wö-pé	Buraco do matapí	Wanana
Jacaré	öxsó-pweá	Cachoeira do jacaré	Wanana
Yutica	yaxpí-pweá	Cachoeira da batata	Wanana
Tiririca	wí'sõ-pá	Pedra da tiririca	Wanana
Taína (8)	nihí-pá	Pedra da criança	Wanana
Taracua	mê'rê-oã'rã-ñõá	Ponta da taracua	Wanana
Yawareté-ponta	yafa-buxpuró-ñõá	Ponta donde pula a onça	Wanana
Pacú-cachoeira	uhú-pweá	Cachoeira do pacú	Wanana
Camarinhõ-igarapé	tupí-ya ou tupí-ma	Ribeirão do lagarto d'água	Kubewana
Querari	soã-yá-pitó	Foz do rio vermelho	Kubewana

(7) Os traços indicam lugares conhecidos só pela denominação em tukano

(8) *Taina* em Nheengatú é a criança, de ambos sexos, até quando começa a falar, andar e fazer pequenos serviços. Daí em diante os do sexo masculino dizem-se *kurumim*, e os do sexo feminino, *kuñatai*.

2. Malocas e Povoados do Tiquié (Kösá)

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
Campina	waré-yuró	Campina, descampado	Tukano
Cururú-lago	táro-ã'rã	Serra do sapo	Tukano
Coró-coró	koxtó-be'tó	baía do coró-coró	Tukano
Matapí	kaxsá-yá-pitó	Foz do ribeirão do matapí	Tukano, Desana
Barreira	mi'mí-törõá	Barreira do beija-flor	Tukano
.....	Oá-kó	Água do gambá	Mirití-tapuya
Ponta do veado	ñamã-ñõá	Ponta do veado	Mirití, Tukano, Tuyuka
Serrinha	poári-ã'rã	Serra dos cabelos	Tukano, Desana
.....	pírõ-rá	Lago da cobra	Desana, Tukano
Fátima	yai-wa'í	Casa da onça	Tuyuka
Sant'Ana	bu'sá-yá-pitó	Foz do ribeirão da paina	Tukano, Desana
Tucano-cachoeira	daxsé-pweá	Cachoeira do tucano	Tukano
.....	waxpö-ñõá	Ponta do cunurí	Tukano
.....	ñyí-yá-pitó	Foz do ribeirão preto	Mirití-tapuya
Iraití	oxpé-durí	Rochedos do breu	Mirití-tapuya
Nazaré	simeõ-pürí-rá	Lago das folhas do uacú	Mirití-tapuya
Piraíba-poço	mõõ-tuxkûrõ	Poço da piraíba	Mirití-tapuya
S. Pedro (bôca da estrada)	sẽã paxkãrá dixtára	Lago dos piramirins	Tukano
Papagaio	wexkó-wi'í	Casa do papagaio	(sem moradores)
Uira-poço	daxsú-ra	Lago do azulão	(sem moradores)
.....	dixtíro-pá	Pedra do uíra-pajé (pássaro)	Tukano, Desana
Barreira alta	yuyú-thá	Local do yuyú (cfr. VII, 3, a)	Tukano, Desana
Bôca do Cstanho	pírõ-perí	Covas da cobra	Desana
S. Luiz	a'rã-ra	Lago da cana	Desana
Floresta	tho'á-bwa	amontado de yúa-pixuna (fruta)	Desana
S. José	maxká	"a vila, o povoado"	Tukano
S. Miguel	míxpí-tha	açaizal	Tukano, Desana
S. Luzia	waró-sererá	Nado dos velhos (9)	Tukano

(9) Os primeiros Tukano que vieram do Papurí ao Tiquié, aí atravessaram a nado o rio para a margem direita, quando fugiam dos inimigos.

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
Esteio	boxtári-yá-pitó	Foz do ribeirão dos esteios	(sem moradores)
S. Francisco	öxtá-tí-thá	Lugar que tem pedra	Tukano
Maracajá (povoado)	töó-ÿ'á-nõá	Ponta do pensamento	Tukano
Maracajá (estirão)	yai-kaheró-kusá	Estirão do maracajá (felino)	Tukano
S. Antônio	Bayá-pé	Furna do bayá (10)	Tukano, Desana
S. João	ñamá-âhõãri-bwá	Rasto da cobra-grande (11)	Desana
Santa Cruz	kurúsa-nú'kúrõ ou õ'mõãri-bwa	Lugar onde a cruz está de pé	Tukano
Bela vista	nũkkúparo-tha	Monte alto	Tukano
.....	suxpú-tõrõ	Praia	Tukano
.....	pêru-tõ	Rampa da boubá	Tukano
.....	ñyírã-bwá	Pote de caxirí (bebida)	(Tukano)
.....	nimá-yá-pitó	Monte do maruim	Tukano
Parí-cachoeira	sirí-pá	Foz do ribeirão do veneno	(sem moradores)
.....	thú-pá	Pedra do salto (dos peixes)	Tukano
.....		Pedra de?	Tukano
S. Domingos (Cabari)	ã'rê-mi'ri-pá	Pedra do rouxinol (tén-tén)	Tukano, Tuyuka
Caburi	kõ'rê-kaburi-nõá	Ponta do rebojo do pica-pau	Tukano, Tuyuka
S. Paulo	ki-kaxsêri-nõá	Ponta da casca da mandioca	Tukano
Carurú-cachoeira	mõ-pweá	Cachoeira do carurú (12)	Tukano, Tuyuka
.....	ñamá-âhõãri-bwá	Monte de queimar veado	Tuyuka
.....	wáf-maxsã-duhiró	Lugar onde senta a gente-peixe	Tuyuka
S. Pedro	pixkõrõ-bwá	Monte da lagarta (tapurú)	Tuyuka
.....	doé-ra	Lago da taraira	Oá-maxsã (gambá-tapuya)
.....	öxtá-dõxká	Pedraço de pedra	(sem moradores)

(10) Pedra com buraco donde sai água. Conforme a lenda se alguém beber três cuias dessa água, adormece e sonha canções, e será um bom *bayá*, isto é, mestre de danças (cfr. VII, 6, a 12).

(11) Afirmam os Tukano que é nome de origem makú, embora não nos pareça provável. Em tukano a tradução seria *pírõ pahigõ waákarõ*.

(12) *Mõ* seria a abreviação de *mõã-dari*, *carurú* (e não de *mõõ*, *pirasba*).

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
.....	púri-yá-pitó	Foz do ribeirão da folha	Tuyuka
.....	nãxkãrõ	Ilha	Tuyuka
.....	kaf-yá-pitó	Foz do ribeirão da massa do umari	Tuyuka
Sarapó	ixki-seri-yá	Ribeirão da casca do inajá	Tuyuka

3. Malocas e Povoados do Papuri (oxkó nyisé-dyá, rio de água preta).

Foz do Papuri	oxkó-nyisé-pitó	Foz do rio de água preta	Taryana
Uaracapá de baixo	wãrõ-phí	Ferro de cova	Taryana
.....	waú-nõá	Ponta do macaco uaú	Taryana
Paraná do tatú	pamõ-yuxti	Paraná do tatú	Taryana
Japurá	batí-bwi	Encima do japurá	Taryana
Micura-ponta	oá-nõá	Ponta do gambá	Pirá-tapuya
.....	bapá-nõá	Ponta do sabiá	Taryana
Uaracapá	toóka-pá	Pedra do cercado (13)	Taryana
Ituim-ponta	bũxkõá-será-nõá	Ponta do ituim	Pirá-tapuya
Ucapinima	kikaxasêri-nõá	Ponta das cascas da mandioca	Pirá-tapuya
Serrinha	ã'rã-nõá	Ponta da serra	Tukano
Parí-ponta	imí-sa-pá	Pedra do parí	Tukano
S. Luzia	sê'pé-nõá	Ponta da Cobra-grande (14)	Tukano
Japim	yõx'sõ-nõá	Ponta do japim	Pirá-tapuya
Caitetú	dyá-burú-nõá	Ponta do ribeirão do burú (15)	Pirá-tapuya
Muiritinga	buxti-o	Muiritingal	Pirá-tapuya
.....	sã'ã-pweá	Cachoeira do puraquê	Pirá-tapuya
Teresita	dyá-yó-pweá	Cachoeira da lontra	Pirá-tapuya, Desana

(13) Cfr. a lenda do rapto dos instrumentos sagrados ("*Lendas do Uaupés*" do Autor).

(14) *Sê-pé* é o nome de uma das Cobras-grandes das lendas, cfr. pág. 21.

(15) *Burú*, conforme a explicação dos indígenas, denomina-se uma argila que dá uma tinta preta.

NOME	EM TUKANO	TRADUÇÃO	TRIBOS
Pirá-mirím	sé'ã-pweá	Cachoeira da piabinha	Pirá-tapuya
S. Gabriel	natã-pweá	Cachoeira do natã (sapo)	Pirá-tapuya
Macú-paraná	poxsá-yá-pitó	Foz do ribeirão dos Macú	Pirá-tapuya, Desana
Tucunaré (e Olinda)	bwú-pweá	Cachoeira do tucunaré	Pirá-tapuya
Taracú	mé'rê-oã'rã-ñôá	Ponta da taracú	Pirá-tapuya
S. Paulo	ahã-perí	Covas do inambú	(sem moradores)
Andorinha	Sirípi-tuxkürö	Poço da andorinha	Pirá-tapuya
Jandiá	Pawá-dóxká	Pedraço de jandiá	(sem moradores)
Beijú-cachoeira	ahũ-a-pweá	Cachoeira do beijú	Tukano
Pato	dyá-kaxtá-pá	Pedra do pato água	Desana
Urucum	buxsíka-yá	Ribeirão do urucum (16)	Tukano, Desana, Makú
Piracuara	wai-perí-pweá	Cachoeira dos buracos dos peixes (17)	
Montfort	buxtwá-pweá	Cachoeira do cupim	Tukano, Desana
Cuiú-cuiú	dyá-büxkôá-yá	Ribeirão do cuiú-cuiú	Desana
Japú-capuamo	umũ-pweá	Cachoeira do japú	Desana, Tukano
Bôca do abio	kã'rê-yá-pitó	Foz do ribeirão do abio	Tukano
Iúa-pixuna	tho'á-pweá	Cachoeira da yúa-pixuna	Tukano, Desana
Anchieta	muhi-pũ-pweá	Cachoeira da lua	Desana
.....	ñaxká-yá-pitó	Foz do ribeirão ñaxká (18)	Tukano, Desana, Makú
Jandiá	Pawá-pweá	Cachoeira do jandiá	Tukano
Nova vida	poreró-pectá	Porto do gafanhoto	Tukano, Tuyuka
S. Miguel	Boxsó-pectá	Porto da cobaia	Tukano, Desana, Karapanã
Melo Franco	wexkó-sero	Couro de anta (?)	

(16) *Buxsíka* é palavra, parece, da língua Desana.

(17) De acôrdo com a tradição indígena, existiria um canal subterrâneo que de Piracuara ligaria o rio Papurí ao Tiquié, pouco acima de Parí-cachoeira.

(18) *Ñaxká* é o nome de uma madeira venenosa que deu o nome ao ribeirão.

4. *Observações* — 1.^a Como acabamos de ver, encontram-se pequenos grupos de uma nação próximos ou mesmo no meio de outras nações. A sociabilidade natural, ou a imposição das circunstâncias relaciona entre si estes grupos humanos. Várias são as conseqüências dessas relações:

A primeira, o generalizar-se de uma língua, a da nação tukano, como idioma comum a várias tribos, de modo que, no baixo Uaupés até Iauareté, quase tôdas as pessoas adultas (19) falarão, além da língua da sua tribo (20) também a da tribo tukano.

Depois, uma fusão dos costumes, com alteração ou até eliminação dos costumes ancestrais e adoção (não raro também com modificações) dos costumes de outros grupos. É a aculturação que há alguns séculos, ou quiçá dezenas de séculos se vem processando na área do Uaupés. Nota-se, por isso, uma semelhança e quase identidade de «*modus vivendi*» nesses ajuntamentos humanos. Explicando e complicando esse caldeamento étnico, vem o fato de que tôdas essas tribos admitem, como regra inviolável, da organização da família, o *matrimônio exogâmico*, pelo qual o indivíduo deve buscar, como esposa, uma mulher de outra tribo.

Quais são as práticas originárias de um grupo? Estarão em sua pureza primitiva ou sofreram o influxo de outros grupos? Quais foram os importados e de qual tribo? Houve, acaso, adaptação nessa

(19) Esta observação data de 1947, logo após nossa primeira excursão pelo Uaupés. Verificamos, então, ao penetrar a área habitada pelos *Wanana*, que raríssimos indivíduos desta tribo, conseguiam entender uma que outra frase usual Tukano. Em 1957, já se encontraram em todos os povoados, de Carurú para baixo, dentre os antigos alunos da Missão de Iauareté, ou dentre os adultos que aí estiveram empregados durante algum tempo, certo número de pessoas que não só entendiam bem o idioma Tukano, senão também o usavam nas conversas entre si. Relevamos em nossos trabalhos sobre a língua Tukano, a complacência dos jovens, que passaram pelos colégios da Missão, de falar entre si o idioma Tukano. Pareceu-nos descobrir, nessa complacência, apenas uma ponta de soberba, como se fôra uma superioridade sobre os próprios pais e outras pessoas idosas, e não por lhes proporcionar um meio de conversa entre companheiros, isento do contrôlo dos "velhos".

(20) Releve-se que não se deu a formação de uma língua, com elementos disparatados das outras, como tem acontecido em condições análogas, por ex. o *Sabir* (miscelânea do italiano, francês, espanhol, grego e árabe) que se ouve nos portos do Mediterrâneo.

É natural que venha a sofrer, em sua pureza, tanto a língua da própria tribo, como a da Tukano. A língua *Taryana* está em via de desaparecer. Em Urubuara apenas dois velhos Ipeca-tapuya sabiam, em 1954, algumas palavras do próprio idioma Kumãdene, que recolhemos e gravamos, a saber, o tuxaua septuagenário Mandú, e o quase nonagenário komú, Martinho, que veio a falecer em março de 1956.

importação? São os primeiros e graves problemas com que defronta o etnólogo, que se proponha especificar as várias camadas de cada ciclo cultural.

2.^a O problema da origem dos grupos humanos que povoam o Novo Mundo, já o dissemos, está ainda envolto em densas trevas (21). É certo, porém, que a partir do séc. 18, sempre mais freqüentes e duradouras vão sendo as relações dos colonizadores com êsses indígenas. Dessas relações, prováveis umas, provadas outras, vão resultando as modificações dos nativos e adoção mais ou menos alterada, dos usos dos civilizados. É o outro aspeto do fenômeno de *aculturação*, e bem marcado, que se pode verificar no Uaupés na metade desta centúria.

3.^a Embora biológica e culturalmente tendam a um nivelamento, consideram-se socialmente desiguais. O grupo de tribos *Tukano* é o mais nobre. Os *Makú* são considerados e denominados *escravos* (em tukano *poxsá*, termo que, conforme A. Giaccone, significa o que trabalha de graça), e êles próprios tais se julgam, servindo sem remuneração às tribos dos grupos *Tukano* e *Taryana*. Dentro do mesmo grupo de tribos, como nas *subdivisões* (cfr. VIII-3, c) de cada tribo, também se escalonam conforme certa nobreza, que é reconhecida sem discussão alguma. A Pré-história dessas tribos viria trazer luz a esta curiosa praxe.

4.^a Emerge ainda uma questão palpitante entre tôdas: esta população indígena caminhará talvez para o desaparecimento? Ou, quem sabe, se mantém numericamente idêntica; ou quiçá mesmo, tende a aumentar? Faltam-nos dados estatísticos para confronto. Podemos, contudo, afirmar:

a) Não consta aumento de um grupo por junção com outra tribo. Nem é possível, se atentarmos à mentalidade exageradamente racista dos grupos humanos do Uaupés. (22)

(21) Um resumo do que se pensa razoavelmente em nossos dias, pode-se encontrar na obra de Paul Rivet: "*Les origines de l'Homme Américain*". Montreal, 1943.

(22) Parece, sim, que houve alguns casos de uma assimilação cultural mais perfeita, com perda até do próprio idioma, por exemplo o que afirma Koch Grünberg dos *Kawa-tapuya*. Mas embora os Etnólogos queiram conglobar grupos diferentes como *Sibes* de uma mesma tribo, *socialmente* êles são considerados pelos índios como tribos distintas. Aliás no Uaupés não existem Tribos no sentido rigoroso do termo, como relevamos adiante (VIII-3, b), porém nações diversas fragmentadas em mais ou menos numerosos agrupamentos. Recorde-se o que dissemos (IV-2, a) a propósito dos *Ihurwá* que, embora havidos por *Tukano*, apresentam peculiares traços somáticos que os diferenciam dos demais Tukanos.

Nem consideramos, porque raros atualmente, os casos de matrimônios ou «*ménage*» de índias com civilizados (de resto todos fecundos), porque o filho não é, nem se considera mais indígena (23).

b) Fato indiscutível é a fecundidade da mulher índia. Das indagações feitas, constou-nos apenas um fato de um indivíduo reenviar sua mulher por infecunda, a juízo, evidentemente, do marido. Apesar do comodismo ou conveniências da mulher índia que não quer ter muitos filhos (e temos várias vezes ouvido dos seus lábios esta declaração: «é feio ter muitos filhos»), e das práticas que empregam para espaçar cada parto de 2, 3 e até 4 ou mais anos, surpreende-nos agradavelmente, em cada povoado, a presença de numerosas crianças. Encontramos, em nossas investigações, um índio válido, de seus 45 anos mais ou menos, que tinha 11 filhos (24). De uma nossa lista de indivíduos de várias tribos, na ordem casual em que foram feitas as medidas antropométricas, 20 casados dentre homens e mulheres, de seus 35 anos aproximados para mais, apresentam um total de 101 filhos. Portanto verifica-se uma média de 5 filhos por casal. Note-se que nessa mesma lista figuram apenas 18 filhos mortos, sem discriminação de idade. Se pensamos que todos os adultos se casam (ordinariamente depois dos 20 anos) (25), e que mais ou menos correspondem em número os dois sexos, dever-se-ia concluir pelo aumento da população (26)

c) Pode suceder que se encontre um local parcial ou mesmo totalmente desabitado, e que anos antes fôra florescente. Este fato de per si não autoriza concluir que se trate de uma diminuição

(23) Relevamos (n. 105, VII 5,c), que quando nasce algum filho de uma relação esporádica de um civilizado com uma índia, à qual naturalmente cabe criar a criança, esta se considera da tribo da mãe, se é solteira, ou da tribo do marido (como se fôra filho dêste), se se trata de mulher casada. Conhecemos em Iauareté (1956) dois irmãos, alunos da Missão, havidos como *Taryana*, embora filhos de pais diversos, dois aventureiros colombianos.

(24) Trata-se do índio Agostinho Barbosa, da tribo *Taryana*, em Iauareté. E' verdade que em dezembro de 1948, de seus 11 filhos 4 eram já falecidos:

(25) Só nos consta o caso de um homem que não achava mulher; note-se, porém, que se tratava de um viúvo.

(26) Com prazer encontramos algumas destas opiniões firmadas pelo Vigário de S. Gabriel, o Cônego André Fernandes de Souza, desde fins do séc. 18 Ao n.º 208 das suas "*Noticias Geographicas*" releva: "O que com efeito é digno de nota não haver entre os gentios centrais a enfermidade a que chamam *humores gallicos*, segundo se tem averiguado nos rios Uaupé, Japurá, Juruá, Jutahí e outros, e por isso talvez haja entre elles summa propagação como mostra a experiência diaria; em qualquer des-cimento se vê o duplo e triplo de crianças dum e outro sexo".

de população. Pode ter havido migração para outro local, como consequência de alguma epidemia ou briga havida no povoado primitivo. Verdade é que tem aparecido surtos epidêmicos de gripes («catarro, ehõ», diz o índio), sarampo (27) ou malária (uháke) que dizimaram a população de um ou outro grupo. A assistência sanitária que as Missões Salesianas lhes proporcionam, vem evitando tais surtos ou reduzindo-lhes o perigo.

d) Infelizmente, porém, é ainda muito alto o índice de mortalidade infantil. Anteriormente ao estabelecimento dos hospitais e ambulatórios das Missões Salesianas, dos 2 aos 10 anos de idade, morriam, por falta de higiene, cerca de 50% das crianças.

Mais alarmante ainda é o perigo da tuberculose. Enviado pelo governo colombiano, o tisiologista Dr. Alvaro Arguillo Pinzon, visitou em agosto de 1955 as populações do Uaupés e Papurí. Logo após a visita deste último rio aos povoados da margem colombiana, como da brasileira, afirmou-nos em Iauareté que 75% da população indígena já se achava contagiada pelo bacilo de Koch. A afirmação é dolorosamente verossímil. Não só os indígenas desconhecem as mais simples normas de higiene, convenientes ao caso (convivem no mesmo ambiente impregnado do anidrido carbônico do fogo sempre aceso, deitam-se na mesma rede, introduzem as mãos sujas na comida comum, bebem da mesma cuia, consomem os restos da comida do tubercuiótico, sorvem as bebidas mascadas quicá por algum contagiado, etc.), mas também a sua *mentalidade* exclui o emprego dos cuidados impostos pela doença. Com efeito, não crêem em doenças, julgam-se imortais. As doenças são malefícios causados por algum inimigo e que só o pajé com suas práticas mágicas é capaz de eliminar (práticas que na realidade muitas vezes contribuem apenas para o agravar-se do mal). Por isso não se sujeitam a um tratamento longo nos hospitais da Missão onde, de ordinário, só se recolhem por vontade sua e consentimento dos parentes, depois de tentados inútilmente os tratamentos de vários pajés, já nos derradeiros dias de vida. Nestes últimos anos considerável proporção de óbitos, máxime de adultos, têm tido como *causa mortis* a tuberculose laríngea e pulmonar.

Raros são os indígenas que superam os 70 anos; aos 50 anos o índio é já velho (28), e morrem de ordinário antes dos 60 anos.

(27) Em agosto e setembro de 1956 um surto sucessivo de coqueluche, sarampo e malária dizimou aproximadamente duas centenas de indígenas nos rios Uaupés, Papurí e Tiquié.

(28) O aspecto faz com que se empregue comumente a palavra *velho* para determinar melhor o indivíduo. Assim se ouve com freqüência: "o velho Felipe de tal lugar", "o velho Cândido", etc.

Capítulo IV

DISTINÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

1. DISTINÇÃO

Abrangem estes estudos, repetimos, as tribos do Brasil e da Colômbia que povoam a *bacia do Uaupés*. Sob tal denominação entendemos o *Rio Uaupés*, desde que penetra no Brasil, logo após o afluxo do *rio Querarí*, até sua foz no *Rio Negro*, com seus dois tributários, o *Papurí* e o *Tiquié* e numerosos afluentes pequenos. Nossas pesquisas de campo abrangem não só todos os agrupamentos humanos localizados à margem dos três rios supra, como também muitos outros grupos das cabeceiras daqueles rios e no interior da mata. Por isso, parece-nos poder considerar de modo geral a área ampla da «*bacia do Uaupés*». Tanto mais que alguns dos grupos que se acham mais internados nos *igarapés*, pertencem às tribos ribeirinhas, ou, ao menos, estão de longa data em relação com elas, e desta sorte tem havido assimilação cultural.

Entre as nossas *fichas antropométricas* figuram representantes de quatorze tribos, a saber: 1. *Arapásu*, 2. *Bará*, 3. *Desana*, 4. *Karapanã*, 5. *Kubêwana*, 6. *Pirá-tapuya*, 7. *Suryana*, 8. *Tukano*, 9. *Tuyuka*, 10. *Yurití*, 11. *Wanana*, 12. *Kumãdene*, (ou *Ipéka-tapuya*, gente pato-dagua), 13. *Taryãna*, 14. *Makú*.

Tivemos ainda o ensejo de relações com as tribos: 1. *Ba:re-masã*, 2. *Edúrya*, 3. *Emõá-masã* (guariba-tapuya), 4. *Hanērã* (*panênõa*), 5. *Ide-masã* (gente-água, ou *Aõnirã*), 6. *Oá-mahã* (*mikura-tapúya*), 7. *Páboa-masã* (*tatú-tapúya*), 8. *Roéra-masã* (*tarayra-tapuya*), 9. *Yebá-masã*. 10. *Mirití-tapúya*, 11. *Ihwãna*, 12. *Tsëna*, todas do grupo *Tukano*, e com uma dúzia de tribos do grupo *Arwáke*, dos rios *Içana* e *Aiarí*.

Não incluímos no presente estudo as tribos do *Içana*. São fáceis as relações e freqüente o comércio, hoje em dia, entre estas tribos e as que habitam o alto *Uaupés*. Encontram-se, não raro, indivíduos daquele rio estabelecidos na *bacia do Uaupés*. Grupos inteiros

têm abandonado o Içana e afluentes, havidos por «famintos», isto é, com escassez de peixe, atraídos também, muitas vezes, pelo conforto maior que as Missões católicas vão proporcionando aos habitantes dos rios Uaupés e Negro.

Fato impressionante em tão notável caldeamento fisiológico e cultural, é que todos os indígenas, mesmo as crianças, sabem altamente distinguir e precisar o grupo a que pertencem. Qual seria a base dessa distinção? Vigorando a lei que os filhos pertencem à nação do próprio pai, é fácil ao indivíduo indicar qual seja a própria tribo. Quais seriam, porém, os fundamentos desta distinção de tribos? O primeiro fundamento, em se tratando de *nacionalidade*, será evidentemente de ordem bio-etnológica.

a. *Distinção pelo elemento somático.*

Vigora, como foi dito, entre tôdas essas tribos (exceto os *Makú*) a lei da exogamia. Os *Taryana* de *Iauareté*, por exemplo, obtêm, como esposas, as mulheres da tribo *Tukano* residentes no povoado vizinho, dito *Umarí* ambos povoados sobre o Rio Uaupés. Vice-versa, os *Tukano* de *Umarí* tomam como esposas as *Taryana* de *Iauareté*. Conforme os conhecimentos atuais sobre a hereditariedade, os *genídios* (1) paternos se fundem e equilibram. Pode-se, pois esperar que o aspeto físico dos *Taryana* (de mãe *Tukano*) não apresentará traços físicos notavelmente caracterizadores, que os distingam dos *Tukano* (de mãe *Taryana*). Este cruzamento obrigatório, e que data de muitas gerações, explica-nos a semelhança de traços fisionômicos, que hoje encontramos, entre indivíduos de tribos diferentes (2).

No entanto, documentando origem étnica diversa, com uma resistência surpreendente aos fatores biológicos niveladores, notam-

(1) A ciência nova, a *Genética*, verificou e admite uma concepção granular da hereditariedade. A célula germinativa do homem, no seu núcleo contém 24 pares de pontos cromáticos, são os cromossomos, cada qual constando de partes menores ditas *gen* ou *genídios* (do radical grego *gen*, que indica *gerar*).

(2) Um caso típico entre os muitos, observamos em agosto de 1956, numa excursão ao ribeirão *Umarí*, afluente do *Tiquié* (próximo de *Parí-cachoeira*). Encontramos em *Piracema*, povoado da tribo *Desana* no *Umarí*, um menino com os traços fisionômicos extraordinariamente semelhantes ao de um rapaz *Desana* que nos servia de remador, e justamente desse povoado. Verificamos, porém, que o menino era da tribo *Tukano*, do povoado denominado *Floresta*, à margem esquerda do *Tiquié*. Na realidade o menino e o rapaz são entre si *baxsúkãra* i.e. *primos* indicados para casamento preferencial. Efetivamente o menino filho de pai *Tukano*, tinha por mãe uma *Desana* do povoado de *Piracema*, e tia do rapaz nosso remador.

se tipos somaticamente bem diferenciados (3). Parece-nos mesmo que se podem distinguir no Uaupés 5 ou 6 tipos somáticos ou normo-tipos, com seus traços peculiares. Tentaremos esboçar os traços de alguns desses *tipos somáticos*, aos quais, em falta de outro critério, e por ser mais simples, denominamos pela tribo onde encontramos o maior número de indivíduos com tais lineamentos.

1) *Tipo Tukano.*

Tez brônzea. As crianças são mais avermelhadas, puxando ao cobre. Após exercício físico (corrida, trabalho) tornam-se notavelmente acobreados.

Em todos os casos de recém-nascidos, que nos foi dado observar, encontramos a característica *mancha mongólica*, arroxeada, oval, medindo aproximadamente um centímetro de diâmetro ou pouco mais, e sempre na região glútea. Informaram-nos os *Tukano* Antônio Barreto, Dorotéia Brito, e outros, que essa mancha se denomina *Wãx-ti-ötá*, e é absolutamente geral. Embora desapareça, ordinariamente, após dois ou três meses, pode, no entanto durar um ano ou mais. A denominação *Wã-ti-ötá*, fezes de *Wãx-ti*, resulta, conforme a lenda, do fato de o primeiro recém-nascido ter sido deposto em local onde havia fezes de *Wãx-ti* (cfr. VII-4, d (5) que o sujaram.

Rosto arredondado, por vezes alargando-se para as bochechas, como *tipo gastronômico*; ou mesmo afileando em duplo triângulo, para a testa. Esta é fugida e, na totalidade dos casos, em forma de trapézio, com base menor para cima, e frequentemente abaulada lateralmente para as fontes. O zigoma é bem saliente.

Sobrancelhas pouco espessas, pequenas, retas, ou leve e elegantemente arqueadas, separadas por espaço glabro de uns 3 cm (a base do nariz). Cílios curtos e pouco espessos. Olhos pequenos, mongoloides, de pálpebras oblíquas. Íris preta ou bem escura e conjuntiva esbranquiçada, ou, com certa freqüência, amarelada.

Nariz curto, baixo, ordinariamente côncavo, formando um arco regular. Base larga (entre as sobrancelhas); algumas vezes se estreita, rebaixa e afina no *náston*, semelhando a um pequeno triângulo, para logo alargar-se até a ponta que é, de ordinário, muito

(3) Temos encontrado dentro da mesma tribo, porém pertencentes a sub-tribos diferentes, tipos somáticos bem distintos. Por exemplo os *Tukano* de *Iuquira* (subdivisão *Ihurwá*) apresentam notável diferença de outras subdivisões *Tukano*: são mais claros, de testa mais alta e reta, feição mais delicada. Igualmente os *Pirá-tapuya* do povoado S. Paulo, no rio *Papurí*, os *Desana* de *Piracema* no *Umarí* apresentam traços fisionômicos característicos que os distinguem de outros grupos da mesma tribo.

chata. Narículas grandes, redondas, muito visíveis, porque frequentemente a ponta é arrebitada. Na quase totalidade dos casos termina em protuberância arredondada.

Orelhas em geral longas, piriformes, acabanadas e de lóbulos presos quase sempre. Na totalidade dos casos que pudemos verificar (mais de duas centenas de indivíduos de ambos sexos e das várias tribos, cujas medidas antropométricas executamos) pudemos observar na parte dorsal do pavilhão auricular (em ambos pavilhões ou num só, e geralmente na parte inferior) uma cicatriz de feitio e dimensão vária. Em muitos casos pareciam marcas de dentadas, com o sinal de 2 ou 3 dentes. Tôdas as pessoas não sabiam ou recusavam dar a explicação dessa cicatriz, respondendo, como o fazem de freqüente, «não sei», ou «é assim mesmo», ou ainda «é de nascença». Uma jovem afirmou que foi seu tio quem executou, e nada mais quis dizer. Um rapaz informou que o fôra por sua mãe, quando ainda pequeno, com a finalidade de poder mais tarde prender aí pena nas danças. Explicação que evidentemente não satisfazia, porque êle não tinha os lóbulos furados. Dorotéia Brito, bem mais tarde informou que se chama tal cicatriz *Wãx-ti-bu'békaro* (orifício de *Wãx-ti*), porém nada disse da origem, afirmando que era de nascença. Pareceu-nos poder afirmar, como de fato o fizemos: 1.º que é artificial, pela aparência; 2.º feito antes do rito da puberdade, pois os encontramos em crianças pré-púberes; 3.º o nome de *Wãx-ti-bu'békaro* é indício que a julgam de valor mágico ou transcendente. Talvez mesmo um rito de valor simbólico, como a circuncisão dos judeus. Estas conclusões provisórias tiveram sua ratificação em setembro de 1956, quando o Tukano Antônio Barreto, que apresentava essas cicatrizes em ambas as orelhas, não só confirmou o termo *Wãx-ti-bu'békaro*, como acrescentou que é feito pelo pai, pela mãe, ou qualquer outra pessoa, depois que a criança recebeu o nome (cfr. Rito da imposição do nome, VIII-1, b (4), isto é, dos 3 aos 5 anos. Afirmou, porém, que desconhecia seu significado.

Bôca larga, lábios grossos, prognatismo freqüente, embora leve, dentadura feia, com dentes amarelos, muitas cáries e falhas. Dos indivíduos acima dos 20 anos, poucos possuem todos os dentes. Não raro caninos e incisivos deslocados ou acavalando-se.

Queixo arredondado, pequeno, às vezes quase imperceptível, e frequentemente terminando em pequena e elegante ponta.

Nem bigode, nem barba. (4) Poucos indivíduos do sexo masculino apresentam alguns fios esparsos de bigode ou barba, e

(4) Entre as tribos *Ihwãna*, *Roéra*, *Idé-masã*, os *Arwáke* do Içana e as tribos do Caburí encontram-se, com muita freqüência, homens com discreto bigode e até com pequena barba no queixo.

procuram eliminá-los por depilação (*poá-ri kuré:*) com os dedos. É o processo usual para arrancar os pelos dos braços, pernas e outras partes do corpo, a si próprio ou a outrem (5). Temos visto, para as axilas, servirem-se do seguinte processo depilatório: uma bola de breu ou da resina dita *si-pé*, que se comprime e volve nas axilas até colar e arrancar os pelos. O apresentar-se glabro, é uma qualidade de elegância, conforme seus gostos estéticos.

Cabelo negro, ou, mais comumente, castanho escuro, quase preto, liso, lustroso, grosso e abundante; muitas vezes, porém, queimados do sol (6). Os que passaram pelo colégio trazem-no de tamanho regular, penteado e partido do lado esquerdo: os mais, tem-nos cortados com tesoura com pequena franja na testa, atrás das orelhas e na nuca. Há um século deixavam-no crescer em longas tranças (7) que podiam atingir até a coxa. As mulheres, ao invés, aparavam-no um pouco, talvez para não embarçar no serviço. Hoje as mulheres têm-no um pouco baixo dos ombros, mais ou menos presos por alguma fita ou grampo. Vêem-se algumas crianças com o cabelo bem rapado, porém crescendo de largura, como se fôsse uma juba de leão (8). Em alguns poucos casos, cabelos raramente por queda; não, porém, calva completa. Encanecimento raro e tardio, graças ao emprego de algumas loções tintórias. Nenhum caso de albinismo ou eritrismo, nos 8 ou 10 mil índios que temos visitado.

Pouco piloso o restante do corpo, pêlo fino e castanho, mais ou menos da cor da pele, e por isso desta pouco se distingue.

É de estatura baixa e pescoço curto. Ridicularizam os brancos de pescoço um tanto longo. O tronco bem feito, ligeiramente maior

(5) Wallace informa ainda: "Os homens têm muito pouca barba, e mesmo esta pouca êles arrancam, puxando os fios. Homens e mulheres, todos arrancam as sobranclhas (o que hoje não se verifica, ao que parece, ou será mais raro) e pêlos dos sovacos e das partes genitais" (Op. cit. 617).

(6) Entre os *Makú*, *Idé-masã*, *Roéra-masã*, *Yebá-masã*, *Hanērã*, *Edúrya*, *Bare-masã*, são freqüentes os tipos *quimótricos*. Pudemos ver e fotografar algumas mulheres que apresentavam cabelos pretos, finos e *cacheados*.

(7) A. Wallace Russell, em 1850 escrevia: "Os homens não cortam cabelo, deixam-no pender na frente em longa trança, prendendo-a em roda com cordas, ou deixando-a cair no meio do dorso, muitas vezes até as coxas. A cabeleira das mulheres cai-lhes solta sobre as espáduas e é cortada com um moderado comprimento" (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro, 616).

(8) Cabelo cortado assim "à juba de leão", embora com faixa mais larga, i.e. de uns 5 ou 6 cm, temos visto, outrossim, em crianças caboclas do Rio Negro. Talvez os indígenas tenham imitado êsses exemplos.

que os membros inferiores nos do sexo masculino, e com diferença ainda mais sensível nos do sexo feminino, sem que por isso cheguem a ser deselegantes. Troncudos, com ampla caixa torácica e com quadris bem mais finos que os ombros. Nos homens, depois dos 40 anos, ventre muitas vezes grande e caído, o que dá ao tronco um aspeto roliço. O desenvolvimento desproporcional do estômago, como resultado do excesso de alimentação preponderante de farinha de mandioca, já se nota em tôdas as crianças desde os 3 ou 4 anos de idade.

A mulher moça é de corpo sempre cheio, o que é tido como traço de elegância; chega, às vezes, a apresentar um aspeto roliço. De ordinário as mulheres têm o busto elegantemente inclinado para trás, talvez pelo modo de carregar os pesos, em grandes cestos ao longo das costas, porém presos à testa por embira. Quiçá esta é ainda a causa de um desenvolvimento exagerado do *externum*.

Os indivíduos do sexo feminino têm a região glútea bem desenvolvida, embora não exageradamente, qualidade aliás apreciada também como fator da elegância feminina. São, por isso, objeto de zombaria, como *desnalgadas*, *duzkú*, as de corpo mais esguio. Parece, porém, que não há processo artificial para o desenvolvimento dessa região, e que o próprio modo de andar, com o tronco bem arqueado para trás o abdômen avançando, e o peito e cabeça bem erguidos, ou mesmo inclinados para trás, é que realça as proporções gluteas.

Braços e pernas bem torneados. (9) Aquêles notavelmente desenvolvidos pelo exercício do remo, o que lhes dá uma envergadura de braços sempre maior que a altura, até de 10 ou mesmo 15 centímetros.

Peito musculoso nos homens. Seios semi-esféricos e volumosos nas donzelas; constituindo também elemento de elegância para as jovens. Caidos como ubre de cabra, nas mulheres depois de certa idade. Isto pelo fato de estarem sempre pendentes e oscilantes quando trabalham (10).

(9) "O tipo Tucano se apresenta bastante bem. De estatura regular, côr brônzea-clara, cabeça e olhos redondos (?), cabelos geralmente pretos e curtos; tem um conjunto de tão belas proporções que, em perfeita imobilidade, dir-se-ia uma artística estátua de bronze". Mons. Lourenço Giordano (*Boletim Salesiano*, fevereiro de 1918, pág. 31).

(10) Os seios finos e longos são, outrossim, objeto de zombaria. Alcumham tais mulheres de "mãe do Curupira, *Boraró-parkó*". Temos visto mulheres de seios tão longos que, passando debaixo do braço são sugados pelas crianças postadas atrás, nas costas.

Mãos pequenas, dedos regulares. Pés, ao contrário, grandes; larga a ponta dos pés, como em leque, pela maneira de andar. Dedos de base fina e cabeça achatada, com grande espaço entre êles, especialmente entre o polegar e o imediato; fato que lhes permite notável preensibilidade (segurar e levantar objetos com os pés, ou mesmo dirigir o volante de uma lancha e remar).

Não praticam deformação alguma do corpo (11), a não ser a perfuração dos lóbulos das orelhas, donde pendem os brincos nas danças. Fora desse tempo, a fim de conservar aberto o orifício, introduzem pequeno palito de nervura de palmas. Dentre os homens da nova geração, nos povoados assistidos pelas Missões Salesianas, muitos não perfuram mais os lóbulos.

Não são, por certo, tipos de beleza, e alguns, com a velhice e as rugas, tornam-se francamente feios. Nos 8 ou 10 milhares de indivíduos que vimos, porém, nenhum deforme (12). Encontram-se mesmo, entre os mais jovens, tipos simpáticos, e, em velhos, os traços de uma serena gravidade. É verdade que os aleijados e monstruosos são eliminados ao nascer (casos êstes um tanto raros, pelo que nos consta) (13).

Temos assim esboçado um tipo mongolóide, braquicéfalo, lissótrico, platirrínico, levemente prognata, morfologicamente misto, pícnico-atlético, bem próximo da normalidade.

(11) No entanto o Ouvidor Francisco Xavier R. de Sampaio, no seu "*Diário*" do ano 1774-5, nota ao n.º 318, do rio Anauene, afluente do Rio Negro: "É este rio habitado da nação Aruaquí, muito guerreira e antropófaga, mas sem deformidade alguma artificial das que costumam praticar as nações do Amazonas". E dos *Uaupés* (n.º 381) diz que traziam furadas as orelhas e o lábio inferior. Confirmam-no, no fim do séc. 18, o Cônego André Fernandes de Souza "*Noticias Geographicas da Capitania do Rio Negro no grande Rio Amazonas*, n.º 208) e 50 anos mais tarde Wallace (*Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*), pag. 245 e 634) acrescentando que os Kubeo alargam mais, de sorte que poderia passar pelo orifício da orelha uma rolha de garrafa. Talvez esse costume já se vá perdendo. Não encontramos sequer um indivíduo com tão grande orifício nas orelhas e pudemos observar algumas centenas de Kubewãna no alto Uaupés e no Querarí. O maior orifício que pudemos observar mediria um cm. de diâmetro e o vimos num homem da tribo *Roéra-masã* residente no Igarapé Comé-ia, afluente do rio Pirá-paraná.

(12) Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 179) encontrou em Parí-cachoeira um anão, de seus 15 ou 18 anos, e medindo 107 cms. de altura, brincando com as crianças. Seus pais, já mortos (1903) eram de estatura normal.

(13) Conhecemos vários casos de aleijões. Por falta de estatística não pudemos dizer qual percentagem representam na escassa população desses rios. Parece-nos, porém, que todos são conseqüências de quedas, em pequenos, ou de paralisia infantil.

São algo freqüentes os casos de retardamento evolutivo na primeira infância, e até de verdadeiro *raquitismo*, acompanhados por vezes de *debilidade mental* (14).

Completando êsse perfil, convém notar que são de movimentos lentos, de andar às vezes grave. Caminham com passo curto (15), como pequenos saltos; muitos arrastam ligeiramente e afastam lateralmente a ponta dos pés, e o calcanhar mal toca o solo.

De pé permanecem pouco tempo; quase sempre apoiando-se mais num dos pés (o esquerdo), e apenas na ponta do outro. A mulher resiste menos de pé que o homem. A posição mais freqüente e duradoura, quando parados, é de cócoras; é a posição normal para comer, mesmo quando poderiam fazê-lo sentado. Quando se assentam preferem assentos baixos ou o chão; e, então, nunca cruzam as pernas.

Notemos agora alguns traços que variam neste perfil que traçamos.

2) *Tipo Pirá-tapuya.*

Tez mais clara que no Tukano, e rosto ligeira ou pronunciadamente alongado. Zigoma menos saliente. Cabelos lissótricos, castanhos mais claros.

Olhos pardos; às vezes bastante claros, máxime nas crianças. Nariz alto, porém um tanto chato na ponta, e grande. Bôca regular, dentadura mais bem feita, queixo pequeno, arredondado em curvatura natural do rosto; lábios grossos. Os traços fisionômicos, no entanto, menos simpáticos que nos Tukano.

Tipo mais alto que o Tukano, e também de corpo menos cheio.

3) *Tipo Taryana.*

Mais claro de côr que o Tukano, possui, outrossim, rosto mais alongado, porém malar bem saliente.

(14) Lamentamos também aqui a falta de dados estatísticos que nos representem a porcentagem dos casos patológicos. Encontramos, em Parí-cachoeira em 1957, duas crianças do sexo feminino, com raquitismo e debilidade mental, recolhidas no hospital. Uma, da tribo *Desana* de 8 anos, e outra, *Tukano* de 14 anos. Ambas, por fraqueza dos órgãos, só puderam caminhar depois dos 5 anos de idade, após longo tratamento. Entre os casos de pronunciado *hebetismo*, ocorrem-nos dois adultos do sexo masculino, um da tribo *Huhúde* em Uapuim-cachoeira (rio Aiarí), e outro *Taryana* de Iauareté, conhecido por Marcelino "Contente", porque ri por qualquer motivo.

(15) Na evolução militar das crianças, num dos colégios das Missões Salesianas, pudemos verificar a tendência a acelerar a marcha.

O nariz é alto, reto, com ponta, no entanto, muito larga e enormes narinas. Testa quadrada, menos abaulada lateralmente, mais reta e larga que nos Tukano. Bôca larga, queixo bem grande e por vezes bem afilado.

Corpo menos cheio e estatura mediana como o Tukano.

4) *Tipo Makú.*

Tez mais clara, de um pálido terroso. São tipos quase sempre quimótricos, de cabelos pretos, abundantes e algumas vezes, finos.

Testa pequena, fugidia, zigoma menos notado. Nariz alto e fino. Olhos mais abertos, quase caucasianos. Há tipos de feição mais delicada e simpática que os das outras tribos, embora se encontrem grupos de aspeto que retraça maior degradação.

Corpo mais delgado e baixo. Assemelha-se mais aos brancos que os das outras nações.

5) *Observação geral.*

Os *Desana* são menores, mais claros que os Tukano, e de traços mais delicados, e, por isso, em geral mais simpáticos. E dentre essas várias tribos, os *Yuriti*, *Suryana* e *Ide-masã* são mais claros (16). Os *Ide-masã*, *Bará* e *Kubêwãna* apresentam os tipos mais belos.

b. *Pelos elementos culturais* (trabalho e indústria).

Os *Tukano* são os fabricantes dos *banquinhos*, que ornem com suas pinturas características. E muitas vezes, em seus objetos, aparecem, como elemento decorativo, as linhas do banco, por exemplo a curvatura na *cigarreira* e no *cabo do remo*.

Os *Desana* são especialistas na fabricação de *balaios* e *esteiras*; também com ornamentação colorida, de motivos originais.

Os *Tuyuka* foram os primeiros fabricantes de canoas, vendendo-as depois aos de outras tribos que hoje começam a imitá-los, sem, porém, os superar.

Os *Makú* são fabricantes exclusivos, na região, dos belos *balaios* de cipó, tipo «aturá», do *curare* (veneno para as flechas), e da arma original que é a *sarabatana*, produtos que depois entregam aos de outras tribos, quando lhes servem como escravos.

Os *Baniva* ou *Arwake* do Içana fabricam, com exclusividade, o *ralo*, e são, outrossim, exímios canoeiros.

(16) Os cabelos também, em relação com o pigmento, vão se fazendo menos escuros. Num adolescente *Suryãna* de Acuaricuara eram tão ruivos quanto a barba de um dos Missionários holandeses que os evangelizava.

Enquanto o *cacuri*, como processo de pesca, é geral a tôdas as tribos, os *Pirá-tapuya* têm *cestos característicos* para a pesca, e *pe-neiras* com seus desenhos.

Quanto aos enfeites de danças, originariamente só o grupo Tukano empregava a *acangatara* e a pedra ornamental do pescoço (VII-3, d). O *yay-gõ* (pau da onça, VII-3, c (3) e o escudo de cipó (VI-2, e) que usam nas festas, no momento de beberem o *karpí* (VI-4, i (4) provém dos *Desãna* (cfr. Koch G., *Zwei Jahre*, 218).

Por outra parte, entre as tribos do Uaupés as *máscaras* são fabricadas e usadas pelos *Kubêwana* e *Wanana*, e, mais tardiamente, também pelos *Taryana*. Encontramos, outrossim, *máscaras* entre os *Ide-masã* do ribeirão *Comé-ia* (afluente da margem esquerda do rio Pirá-paraná).

2. CLASSIFICAÇÃO

Está ainda aberto à discussão o tentame de classificação das tribos do Brasil, em geral, como as do Amazonas ou do Rio Negro, em particular.

Uma *classificação*, digamos, *culturoológica* das tribos uaupésinas é, hoje, impossível. As relações entre as várias tribos, datando já de séculos, operou uma interculturação mais ou menos perfeita entre elas. Podemos, pois, afirmar que as nações do Uaupés constituem, presentemente, um único *grupo cultural*, de cujos elementos culturais dificilmente se pode, na época atual, retrair a origem. São poucas e insignificantes as particularidades de cada tribo, como acabamos de ver, e não autorizam, por si sós, uma classificação.

Uma *classificação* fundamentalmente *antropológica*, seja *sorológica*, seja *somática*, é igualmente impossível. O exame sangüíneo, realizado há poucos anos pelo Prof. Emilio Biocca, da Universidade de Roma, em 237 indivíduos das tribos *Tukano*, *Taryana* e *Maku*, acusou pertencem todos ao tipo O, e ser constante a relação entre os *genídios m* e *n*. O regime de absoluta exogamia de tribo que se pratica há séculos entre eles, induz necessariamente uma *assimilação bio-antropológica*.

Quer-nos parecer que, atualmente, mais fácil e persuasiva seria ainda a *classificação glotológica*, embora nesse *melting-pot* plurisecular alguns idiomas ficaram profundamente alterados e alguns grupos humanos já adotaram o idioma de outros somaticamente bem diferenciados. Esperamos aqui a palavra dos especialistas (17).

(17) Como colaboração do "Centro de Pesquisas da Prelazia do Rio Negro" para a classificação dos idiomas ameríndios, temos recolhido o Vocabulário "teste" de 200 palavras (e de muitos gravada também a pronúncia) sugerido pelo Prof. Morris Swadesh, de Denver (Estados Uni-

Na clássica divisão das tribos do Brasil pelos quatro grupos *Tupi-guarani*, *Gê*, *Arwáke* e *Karaíba*, a área destes dois últimos grupos abrange a bacia do Rio Negro. No grupo *Karaíba*, porém, entram apenas os *Arekuna* e *Makiritare* (ou *Deukwana*, de Curt Ni-muendajú), com representantes no rio Içana, não na bacia uaupésina, embora Chestmir tenha encontrado vestígios *Karaíba*. (como assinalamos na obra «*Idiomas Indígenas da Amazônia*») em muitos idiomas,

As outras nações foram, a princípio, incluídas tôdas entre os *Arwake*. Na pena dos primeiros exploradores aparece freqüente a denominação «*Aroaquis*» abrangendo distintas tribos do Rio Negro.

Daniel G. Brinton, 1892, distinguiu nas tribos que ocupam a região entre o Solimões e as Guianas, a família linguística *Betóya*, a qual compreendia também a Tukano. Posteriormente Paul Rivet mostra que a *Betóya* deve ser incluída entre as *Chibcha*, e propõe para o grupo uaupésino a denominação de *Família Tukano*.

Entre as tribos da região em estudo, sinalamos a presença de pequenos grupos humanos *silvícolas* por excelência, isto é, caçadores, mais ou menos nômades são os *Maku*. Ao passo que as outras tribos são *fluminícolas*, isto é, estabilizadas à margem dos importantes cursos de água e dados à pesca e à agricultura. Embora alguns grupos *Maku* hajam assimilado muitos dos costumes das outras tribos, não os incluímos nestes estudos. Já relevamos (I, Nota 1) que, provavelmente, os *Maku* são os mais antigos habitantes da região.

Classificam-se, pois, as tribos que estudamos, em duas grandes famílias Linguísticas:

- 1.^a *Família Tukano*, abrangendo as tribos: 1. *Daxseá* ou *Tukano*; 2. *Bará* ou *Barasana*; 3. *Bá:re-masã* ou *Temyú-tapuya* (gente-comida); 4. *Doxká-foará* ou *Tuyuka* (gente-argila); 5. *Edúrya* ou *Erúlya*; 6. *Emôá-masã* ou *Wariwa-tapuya* (gente-guariba); 7. *Hanêra* ou *Panênoá*; 8. *Ide-masã*, *Aõ-nira*, *Makuná* ou *Yí-tapuya*

(dos). São as seguintes as Tribos cujo Vocabulário possuímos e que figuram em nosso trabalho «*Idiomas Indígenas da Amazônia*»:

- 1.^o Da *Família linguística Tukano*: 1. *Bará* (ou *Barasana*); 2. *Desana* (*Winá*); 3. *Edúrya* (*Erúlya*); 4. *Ihwana* (*Yona*); 5. *Karapanã-tapuya* (*Möxtã*); 6. *Kubewana* (*Pamíwa*); 7. *Mikura-tapuya* (*Oá-mahã*, gente-gambá); 8. *Panenoá* (*Hanêra*); 9. *Pirá-tapuya* (*Wákhana*, gente-peixe); 10. *Suryana* (*Surirá*); 11. *Taraíra-tapuya* (*Roéra-masã*, gente-comida); 12. *Tatu-tapuya* (*Páboa-maxsã*, gente tatu); 13. *Temyú-tapuya* (*Ba:re-masã*, gente-comida); 14. *Tsêna*; 15. *Tukano* (*Daxseá*); 16. *Tuyuka-tapuya* (*Doxká-foará*, gente-argila); 17. *Yebá-masã*; 18. *Yí-tapuya* (*Ide-masã*, gente água); 19. *Yuriti-tapuya* (*Wahyára*, *Uhafiana*, gente-pomba); 20. *Wanana* (*Kórtirya*); 21. *Wariwa-tapuya* (*Emôá-masã*, gente-guariba); 22. *Korêterabõa* (*Buya-tapuya*, gente-cobra).

(gente-água); 9. *Ihwana* ou *Yona*; 10. *Koneá* ou *Arapásu* (gente pica-pau); 11. *Kótirya* ou *Wanana*; 12. *Mõxtã* ou *Karapanã-tapuya* (gente-pernilongo); 13. *Neenõá* ou *Miriti-tapuya* (gente-buriti); 14. *Oá-mahã* ou *Mikura-tapuya* (gente gambá); 15. *Pamiwa* ou *Kubewana*; 16. *Páboa-maxsã* ou *Tatu-tapuya* (gente-tatu); 17. *Roéra-masã* ou *Taraíra-tapuya* (gente traíra); 18. *Surirá* ou *Suryana*; 19. *Tsêna*; 20. *Yebá-masã*; 21. *Wahyara*, *Waiana* ou *Yuriti-tapuya* (gente-pomba); 22. *Wai-khãna* ou *Pirá-tapuya* (gente-peixe); 23. *Winá* ou *Desana*.

2.^a Família *Arwáke* compreendendo as tribos: 1. *Kumãdene* ou *Ipeka-tapuya* (gente pato-dágua); 2. *Talyáseri* ou *Taryana*. Falamos só destas duas, porque as outras tribos desta numerosa família não habitam a bacia do Uaupés, e, sim, a dos rios Içana, Xié e Negro.

A Família *Tukano*, constando de grupos humanos localizados nos planos colombianos da floresta Amazônica, penetrou no Brasil pela mesopotâmia Uaupés-Japurá, provavelmente antes do período dos Descobrimentos (18). Quase simultaneamente a Família *Arwake* baixou da mesopotâmia Orinoco-Negro, chegando até o Japurá, como o prova, conforme Koch Grünberg, os nomes dos rios em *ri*, terminação tipicamente *arwake*. Ao sobrevirem os *Tukano*, que se postam como uma cunha no Uaupés, os *Arwake* ficaram divididos ao Norte e ao Sul deles. A última migração, é opinião de Koch, foi a dos *Karaíba*, vindos da parte oriental, com relação aos grupos anteriores, isto é, do alto Guaviare.

2.^o Da Família linguística *Arwake*: 1. *Inãbu-tapuya* (gente-inambú, *Huhúdene*); 2. *Ipeka-tapuya* (gente pato-dágua, *Kumãdene*); 3. *Marakayá-tapuya* (gente-maracajá, *Werekena*); 4. *Pišuna-tapuya* (gente-preta, *Kadaupuri-tana*); 5. *Siusi-tapuya* (gente-estrêla, *Wariperž-déke-ne*); 6. *Sukuruyu-Tapuya* (gente-sucuri, *Mauri-weni*); 7. *Taryana* (*Talyáseri*); 8. *Tatu-tapuya* (gente-tatu, *Ádza-nēēni*); 9. *Yawareté-tapuya*, (gente-onça, *Dzawí-mináney*); 10. *Yurupari-tapuya* (gente-demonio, *Mapatse-dákeney*); 11. *Yiboya-tapuya* (gente-giboia, *Dzuré-mēne*).

3.^o — Da Família linguística *Makú*: 1. *Makú* da Serra dos Porcos (nas proximidades de *Iauareté*, Rio Uaupés). 2. *Makú* do *Japú-igarapé* (afluente da direita do médio Uaupés). 3. *Makú* do *Ira-igarapé* (afluente da direita do baixo Tiquié). 4. *Makú* do rio *Taraíra* (afluente do *Apapóris*).

(18) Um velho *Tukano* de *Iuquirá*, por nome *Justino*, do grupo *Ihurwá* ou *Juruá*, informava ao Pe. Antônio Giaccone que o seu grupo tomou o nome do rio *Juruá*, onde residiam. Daí passaram, aos poucos, ao *Japurá*, *Apapóris*, e alcançaram o alto *Uaupés*. Descem pelo *Uaupés* até a foz do *Papuri*, para, em seguida remontá-lo até *Turí-igarapé*, donde os *Makú* os guiaram até o *Japú-igarapé* em cuja foz se fixaram, depois que daí saíram os *Arapásu*. Tal informação, por alguém que nunca vira um mapa da região, apresenta fortes indícios de veracidade.

A título de comprovação da filiação desses idiomas, recolhemos um *Vocabulário* paralelo das palavras mais usuais, nas diversas línguas indígenas (cfr. nossos trabalhos «*Idiomas Indígenas da Amazônia*» e «*Discoteca Etno-linguístico-musical*»).

a) *DAXSEÁ OU TUKANO*

1) *Gente-Nome-Língua* — No idioma natal, dizem-se *Daxseá* (sing. Masc. *daxségö*; Fem. *daxségo*), nome do pássaro que em português chamamos *tucano*. No período histórico já se encontram sob o nome de *Uaupés* (cfr. II — 6, a (1)), na bacia deste rio, de sorte que sob a denominação de «*Nações Uaupés*» são conhecidas e compreendidas as várias tribos dessa região. Talvez a ampliação do nome se deva, não ao fato de se terem impostos os costumes *Tukano*, sendo eliminados os das outras nações, senão ao maior número e dispersão de grupos desta tribo, bem como à generalização do seu idioma. Ainda hoje muitas pessoas adultas (e ultimamente, pelo convívio nos internatos das Missões, também crianças) das várias tribos dos rios Uaupés, Tiquié e *Papuri* entendem e falam a *língua Tukano*, e talvez tenham esquecido o próprio idioma nativo.

Conforme Lucas, um velho *Tukano* de S. Luzia, no *Papuri* (em relação ao Pe. Antônio Giaccone, em julho de 1947), os *Tukano* desceram do *noroeste* (discordando portanto do velho *Justino* de *Iuquirá*, conforme se viu em *Nota* anterior) para a bacia do Uaupés, já encontrando ali pequenos grupos de *Makú* que, ou foram escravizados, ou se internaram na selva. Aos *Makú* denominam *Porsá*, isto é, quem serve gratuitamente. «São para o serviço na paz e soldados na guerra», assim deles se exprimem os velhos (19). As tribos que chegaram depois denominavam os *Tukano* *Yepá-marsã*, isto é, «gente da terra». Impressionados depois pelo fato de se alimentarem com frequência e muito, compararam-nos aos *tucanos*.

Será, provavelmente, uma explicação posterior achada pela fantasia indígena. Note-se, porém, que os dessa tribo a si mesmos sempre se chamaram *Daxseá*, e nunca *Yepá-marsã*. Conforme o velho *Tukano* de *Parí-cachoeira*, *Gabriel Costa*, *Yepá-marsã* é alcunha dos *Bará*, embora não saiba o que significa aquela denominação. Na realidade *Yebá-marsã* (em *Tukano*, *Yepá-marsã*) é o nome de uma tribo do grupo *Tukano*, como adiante veremos (IV — 2, t).

(19) Não é verossímil que os *Tukanos* tivessem como aliados os *Makú*, ou deles se fiassem, se atentarmos que eles se mostram tímidos e se submetem também às outras tribos. Nem as lendas que recolhemos falam de préstimos dos *Makú* aos *Tukanos* em guerra.

A designação de «*Tukano*» obedece evidentemente à estrutura da mentalidade do primitivo, de se denominar por um animal ou planta. Não queremos, por ora, entrar na questão do *Totemismo*, que esperamos tratar mais amplamente em outro estudo. É-nos lícito, agora, apenas inferir para eles um *hábitat* onde viva o pássaro *Tucano* (*ramphastus*), como na planície amazônica da Colômbia.

2) *Hábitat e habitantes* — Encontram-se grupos mais ou menos numerosos de *Tukano* desde *Yu-Rapecumá* (quase na foz do Uaupés) até *Umari* (médio Uaupés), no Tiquié da foz até *Carurú-cachoeira*, e no *Papurí* de *Serrinha* para as cabeceiras. Pequenos grupos se estabeleceram também no Rio Negro entre S. Gabriel e Santa Isabel. Os quadros precedentes (II — 6, a, b) mostram os principais lugares onde hoje os encontramos. A principal via de penetração no Brasil, parece-nos, foi o rio *Papurí*, donde passaram ao Uaupés e Tiquié (20). As subdivisões mais nobres estabeleceram-se de *Piracuara* para cima (rio *Papurí*), havendo um grupo dos *Waú-ro* baixado até *Ananaz* (Uaupés).

Pelos mapas de Frei Gregório, em 1853 os *Tukano* no rio Uaupés residiam em: *Pacú-cachoeira*, *Iuquirá-Rapecumá*, *S. Joaquim*, *Naná-Rapecumá*, *S. Jerônimo de Ipanoré* e *Iauareté-cachoeira*. Os primeiros «Relatórios» do século 18 (cfr. «Roteiro» do Pe. Noronha, n.º 174; «Diário» de Sampaio, n.º 366) já noticiam a presença de *Índios Uaupés* em *S. Isabel*, hoje *Tapurucúá*, no médio Rio Negro. De fato, ainda se encontra um grupo *Tukano* por aquelas imediações.

Conforme Koch G. (*Festschrift Eduard Seler*, 206) os *Tukano* atingiriam a 1.500 almas. Devem, porém, ser bem mais numerosos. As estatísticas de «*Pelo Rio Mar*» acusam, só em território brasileiro, 1622 indivíduos; e são igualmente numerosos os do território colombiano. É possível que ultrapassem os dois milhares.

Esboçamos o aspeto físico dos *Tukano* (IV — 1, a (1)). As qualidades físicas e de espírito em nada revelam superioridade sobre as demais tribos. Ao invés, algumas destas apresentam traços mais delicados e quiçá mesmo melhor configuração e proporção anatômica. Entretanto, o *Tukano*, como já o fizemos notar, se considera

(20) O velho tuxáua, José, de *Parí-cachoeira*, cossa de trinta anos mostrava ao Pe. João Marchesi uma capoeira no Tiquié, informando que fôra ali a primeira maloca dos seus antepassados, quando vieram do *Pakurí*. A denominação indígena da localidade de S. Luzia do Tiquié, *buôrá-bathá*, nado dos velhos (cfr. Nota 9, III), é uma confirmação da tradição *Tukano* sobre a sua proveniência e migração.

superior às outras tribos e essa primazia lhe é pacificamente reconhecida. Explicam os Missionários essa superioridade pelo fato de as outras tribos aceitarem a sua língua, como idioma oficial, ou, ao menos, geral, nesses rios. Logicamente a generalização do idioma dever-se-ia explicar pela superioridade da tribo. Releve-se ainda esta incoerência: conforme a tradição *Tukano*, teriam eles sido vencidos pelos «Filhos do sangue do Trovão», os *Taryana*, os quais, por fim, acabaram aceitando a língua *Tukano*.

Somos propensos a pensar que, independentemente de episódios guerreiros, ou elementos culturais, tenha várias causas essa superioridade dos *Tukano*: 1.º o ser a tribo mais numerosa; pelos dados de velha estatística podemos pensar que se avizinham dos dois milhares. Assim sendo, é duas ou mais vezes superior em população a qualquer outra tribo; 2.º é provável também que tenham ocupado alguns dos seus centros atuais (donde expulsaram os *Makú*), antes que outras tribos chegassem a essa área, e, conforme a mentalidade indígena, é grande o valor da prioridade de tempo; 3.º situaram-se mais ou menos regularmente escalonados ao longo desses três rios, e pela união entre si (que todos se dizem e consideram *irmãos*) deveriam constituir uma força temível pelas outras tribos que são menores e têm seus núcleos situados mais distantes um do outro; 4.º o número e a disposição ao longo dos rios, teria aos poucos generalizado a sua língua entre os indivíduos das outras tribos, que viajavam por motivo de comércio com os *Tukano* ou com outras tribos (21). Parece-nos confirmar esta hipótese o fato de já não conhecerem (22) o idioma *Tukano*, aquêles grupos indígenas do médio Uaupés especialmente acima de *Carurú-cachoeira*) cujo comércio se faz regularmente entre si ou com as tribos do *Aiarí*. Ao passo que a língua *Taryana* se vai perdendo, porque estão rodeados pelos *Tukano*.

Vigora interdição matrimonial dos *Tukano* com os *Wanãna* e os *Bará*.

(21) A convivência, como alunos ou empregados, e ao depois os freqüentes encontros entre as várias tribos, nos Centros Missionários, têm contribuído poderosamente para que o idioma *Tukano* se propague, sempre mais rapidamente. Pode-se prever, nesse passo, que se tornará a *língua geral* do Uaupés, como o *Nheengatú* o é do Rio Negro.

(22) Escreviamos isto em 1947. Dez anos mais tarde, 1956, já encontramos muitos *Wanãna* da geração mossa, que passaram pelos internatos das Missões, não apenas entendendo o *Tukano*, mas até preferindo-o à língua materna quando se entretêm com os seus colegas.

3) *Divisões* (23) — Embora todos os de uma tribo se considerem «irmãos», tôdas as tribos da bacia do Uaupés (24) apresentam algumas *subdivisões* atuais, e citam nomes de outras que existiram outrora. Essas subdivisões correspondem a uma antiga aristocracia, como adiante se verá (VIII — 3, d), e no presente estudo denominamo-las *Gens* porque, parece-nos, correspondem a *Gens* da sociedade Romana. Festo traz a seguinte definição de Cincio (ep. 94) «*Gentilis dicitur et ex eodem genere ortus et is qui simili nomine appellatur*».

(23) Em 1947 havíamos obtido um elenco de 28 subdivisões. E, em 1953-4 procuramos confirmação com o velho Komũ, Gabriel Costa (seus 80 anos), de Parí-cachoeira. Confirmou-nos êle a ordem de procedência que aqui expomos iniciando pela Mamí (irmão mais velho) Waú-ro-pōrá, e prosseguindo com o termo Arkabí (irmão mais moço) Oá karpéa pōrá, etc. Informou-nos ainda que as primeiras 14 subdivisões são as principais”, “as 14 seguintes são inferiores”. E acrescentou mais 4 subdivisões como sendo “os mais baixos”. Das que obtivéramos precedentemente êle não só deixou de mencionar, mas até negou a existência os U'khwāra e Vidari. No entanto, da sua existência tivemos confirmação da parte de indivíduos pertencentes a essas subdivisões, respectivamente em S. Miguel e Melo Franco (últimas localidades brasileiras do rio Papurí).

A Tukano Dorotéia Brito, de Ananaz (Uaupés) informou-nos da existência de outra subdivisão dita Yamí-nō pōrá, em Tatá-punha, pouco abaixo de Ananaz. Outra observação: conforme Gabriel Costa, o principal tronco Tukano seria o dos Waú-ro pōrá. De acôrdo com esta informação está a lenda e numerosos informantes. Entretanto Dorotéia Brito, que pertence ao grupo dos Waú-ro, assegurou-nos que êles não são os “Tukano da cabeça” (conforme o modo geral de se exprimirem nesse assunto), e sim os Oyê. E não só êstes, senão também, sucessivamente os Mimí, os Toarō, e os Borōrá são todos “Mamí” (isto é “irmãos maiores”) dos Waú-ro pōra. Parece-nos, entretanto, que aqui há um equívoco dessa nossa ótima e serviçal colaboradora.

Acrescentou a mesma informante que os últimos ramos Tukano, os “Tukano dos pés”, são os Kōmā-rō, Bu, Boxsó kasperí, Turo e Dyí-pé. Disse mais que os Ihurwá, O'mē-peri e Axpā-kerya “antigamente não eram Tukano” (e, portanto, podiam casar com os Tukano), e êstes por compaixão os chamarão irmãos”

Koch Grünberg (Z. I. 261) nomeia os Uíwa-tapuya ou Gente-flecha (Pfeilrohr-Indianer) como uma horda Tukano, localizada no Uaupés entre as cachoeiras de Micura e Umarí. E' verdade que o conceito de Hordas, dos Etnólogos, é vago e tanto pode responder a grupos que os índios consideram tribo diversa, como a grupos havidos como subdivisões de sua tribo. Nenhum dos numerosos Tukano com que conversamos jamais falou em tribo ou divisão de sua tribo por nome Gente-flecha ou Wiwa-Tapuya (em Nheengatú) que seria, em Tukano Anê-gō marsā ou Bōe-ka-te marsā. Coincidindo, ao invés, aproximadamente com a localização indicada por Koch, está residindo o subgrupo Tukano dito Axpā-kerya ou “pata-de-Caranguejo”.

(24) Fizemos numerosas e inúteis tentativas (abril e maio de 1957), a fim de descobrir se as tribos Arwáke do Içana e Aiari possuíam subdivi-

Entre os *Tukanos* obtivemos as seguintes:

- 1.º — Waú-ro pōrá (25) (isto é, os «filhos do Waú», um macaco preto de cara branca, dito, em Nheengatú, wáya-pisá), em Piracuára (rio Papurí) e Ananaz (baixo Uaupés).
- 2.º — Oá karpéa pōrá (ôlho de gambá), em Piracuara (Papurí)
- 3.º — Oyê pōrá (gaguice?), em Pato (Papurí)
- 4.º — irapé pōra (uma formiguinha preta), em Anananaz (Uaupés)
- 5.º — Pamō pōrá (tatu), em Nazaré ou Uira-poço (rio Tiquié)
- 6.º — Menú pōra (o banhante? ou Nêêrú, nêênú, miritizinho) em Acuaricuara (rio Paca)
- 7.º — Toarō pōrá (um sapo), em Acuaricuara (Paca)
- 8.º — Mimí pōrá (beija-flor), em Melo Franco (Papurí), Taracua (Uaupés)
- 9.º — Bōrōrá pōrá (Caidos), em S. Miguel (Papurí)
- 10.º — Sararó pōrá (um gafanhoto grande), em Acuaricuara (Paca)
- 11.º — Ba'ti torō pōrá (chupador de japurá), em Parí-cachoeira, Tucano e Bela Vista (Tiquié)
- 12.º — Nêêrú (nêênú) pōrá (um miritizinho), em Iratí (Tiquié)
- 13.º — Dyí-pé pōrá (buraco de argila), em Uira-poço, S. José (Tiquié)
- 14.º — Dúka pōrá (abandonado?), em Uaracapá

sões e, quais os nomes destas. O resultado foi sempre negativo, isto é, não consta a existência de subtribos. Releve-se, porém, que o grupo Kumādēne residente em Urubucuara (rio Uaupés) forneceu-nos os nomes de subdivisões da sua tribo, ao passo que os Kumādēne do Aiari não souberam indicar-nos essas subdivisões. Tê-las-iam esquecido?

(25) Pōrá (ou poná, como se pronuncia nos rios Uaupés e Papurí) quer dizer gerados, filhos, e só se usa no plural. Para simplificar, nas listas que seguiremos, omitiremos, na tradução, a palavra filhos.

Os índios mais adiantados (que falam o português e estudaram alguns anos nos colégios das Missões Salesianas), quando interrogados sobre estas divisões, espontaneamente acrescentam, à guisa de explicação, “são apelidos que os outros lhes impuseram”. Isto, sem dúvida alguma, é verossímil, pois gostam de pôr apelidos. Mas por outra parte não está em desacôrdo com o “barséke wamē”, nome soprado” (Cfr. VIII, 1 b, (4). Conforme as lendas, desde o início tiveram os primeiros chefes as alcunhas que passaram para todo o grupo; por exemplo, um dos “cabeça” foi apelidado “mimí”, beija-flor, os seus descendentes são conhecidos hoje por “Filhos do beija-flor, Mimí-pōrá”.

A Tukano Patrícia Vasconcelos, da subdivisão Kōmā-ro-pōrá, do povoado de S. Luzia, no Rio Papurí, contou-nos, em uma de suas interessantes informações: “Os Waú-ro-pōrá são os Tukano da cabeça. Waú é o seu barséke wamē (nome soprado). Antigamente êle se es-

- 15.º — *Yai-ro pōrá* (um inambúzinho), em Beijú-cachoeira (Papuri)
- 16.º — *Yōārā pōrá* (amargosos), na bôca do Tiquié
- 17.º — *Bixpise pōrá* (tumor) ou *Bixpã pōrá* (azulão, pássaro), em Bela Vista (Tiquié)
- 18.º — *Sakúro pōrá* (saracura), em Montfort (Papuri)
- 19.º — *Sa: pōrá* (cesto de palma), em Nazaré (Papuri)
- 20.º — *O'mēperi-Ro pōrá* (orelhudo), em Uira-poço (Tiquié); Tapurucuara (Uaupés); *Yúa-pixuna* (Papuri) (26)
- 21.º — *Búbera pōrá* (figado de cutia), em Cabari (Tiquié)
- 22.º — *Boxsó kaxpe-rí pōra* (olhos de preá), em Taracua acima de Jandiá (Papuri)
- 23.º — *Túro pōrá* (um sapo pequeno venenoso), em S. José, Tucano e Esteio (Tiquié)
- 24.º — *Khoã-pá pōrá* (var. de mirití pequeno), em Matapí, Urubú-lago (Tiquié)
- 25.º — *Bá: pōrá* (amarrado de fôlhas para moquear), em Turí-igarapé (Tiquié)
- 26.º — *Kômã-rõ pōrá* (verão), em S. Luzia (Papuri)
- 27.º — *Ihurwá pōrá* (magricela?), em Juquirá (Uaupés) (27)
- 28.º — *Bayá pōrá* (mestre de danças), em Serrinha (Papuri)
- 29.º — *Bu'ú pōrá* (tucunaré, peixe), em Bela Vista (Tiquié)
- 30.º — *Axpã-keryá pōrá* (pernas de caranguejo), em Umarí e Mirapirera (Uaupés)
- 31.º — *Waxpékãra bõrõrá pōrá* (cacaos caídos), em Melo Franco (Papuri)
- 32.º — *U'khwãra pōrá* (esp. de macaco pequeno) ou *Ku'kwãra pōra* (tartamudos), em Melo Franco (Papuri)

condeu na planta denominada *Waú-mutõ*, a fim de ver as môças tomando banho. O macaco *Waú* (em Nheengatú *wáya-pisá*) gosta muito dos frutos daquela árvore. As môças, quando se estão banhando ouvem barulho na árvore, olham imediatamente para lá, e avistam o homem escondido entre os ramos. Exclamaram tôdas: *waú nîbê! é o wáya pisá!*

- (26) O Tukano Henrique, pajé de Japú-igarapé, informou-nos que no igarapé do Tamanduá, *Bürko-yá*, vivia outrora um grupo Tukano *o'mēperi pōrá* hoje extinto.
- (27) Koch Grünberg registra as grafias *Yohoroa* e *Kurawa*. Informa que possuíam cinco malocas nos arredores de Juquirá, e eram mais de 100 pessoas (*Zwei Jahre*, 157 e 238).

- 33.º — *Yai-uxtyá pōrá* (var. de vespa grande), em Carurú e S. Tomé (Tiquié)
- 34.º — *Vidári pōrá* (sardinha), em S. Miguel (Papuri)
- 35.º — *Büxpõ pōrá* (aranha), em Coró-coró (Tiquié)
- 36.º — *Yami-nõ pōrá* (formiga da noite?), em Tatá-punha (Uaupés).

b) BARÁ OU BASANA

1) *Gente-Nome-Lingua* — É o nome pelo qual, sem modificação alguma, nas várias línguas, é conhecida esta tribo; nome, também, de um arbusto perfumoso, com cujos ramos as diversas tribos costumam cingir-se quando dançam.

Sua língua é da família *Tukano*, como se pode ver pelo *Vocabulário da Amazônia*. (Cfr. os livros do autor: «*Discoteca Etno-linguístico-musical*» e «*Idiomas Indígenas*».)

Ouvimos alguns Tukano dizer que os *Bará* são seus *Paxkõ-Ro* (avós), porém não nos souberam dizer a razão dêste apelativo, nem encontramos alusão alguma em suas lendas. O certo é que é interdito o matrimônio entre estas duas tribos.

O Pe. Humberto Limpens (28), da Congregação de Montfort, informou-nos que ouviu de alguns velhos *Bará*, que a si mesmos se diziam *Manao*. Não conseguimos porém, confirmação disso. Atualmente ainda nada se sabe de suas relações com a antiga tribo *Manao*, que dominou grande parte do Rio Negro, e é classificada no grupo *Arwáke*. Que um pequeno grupo de *Manao* tenha sido dominado ou absorvido pelos *Tukano*, cujo idioma assimilaram?

Nas vizinhanças da cachoeira de Iauareté há um local denominado *Manao*. Este nome, para a tribo *Bará*, teria provindo do seu antigo domicílio nessa localidade; ou vice-versa (29)? Pouco sabemos dos antigos *Manao*. Consta que eram de traços fisionômicos mais regulares e simpáticos. Os *Bará* atuais são menos corpulentos que os *Tukano*, e fisionômicamente também mais simpáticos,

(28) Foi um dos grandes e beneméritos Missionários Monfortianos das tribos na região Colombiana do Uaupés. Ficou conhecido pelo nome de "Pe. Clemente" que fôra o seu antecessor na Missão.

(29) Ouvimos relatar que, quando a Comissão Militar Demarcadora da Fronteira (em 1932) se achava em Iauareté, apresentou-se um grupo de indígenas pedindo passagem para a capital do Estado, Manaus. A Comissão, porém, não lhes concedeu isto, e, após alguns dias de permanência nas vizinhanças de Iauareté, regressaram aos seus povoados. E que, por tal episódio, o local onde se abarracaram os indígenas, ficou conhecido por *Manao*. No entanto, asseverou-nos o Pe. Limpens, que essa localidade sempre se chamou *Manao*. E, note-se, que o Pe. Limpens já residia na região desde 1916.

mais claros, com malar pouco saliente e traços mongólicos menos carregados (30).

2) *Hábitat e habitantes* — É uma tribo pequena, de talvez duas ou três centenas de membros, vivendo ainda no regime de malocas nas cabeceiras do rio Tiquié e seus afluentes, os Igarapés Inambú, Abio, Aracú-pirera e outros.

Observa Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 211) que, pela língua e modo de vida, os *Bará* se avizinham mais às tribos do Japurá, porém com relações mais íntimas com as do Pirá-paraná.

3) *Divisões* — Informante uma jovem de seus 20 anos (1954), conhecida por *Pasika* (Francisca), da subdivisão *Wáya-põná*. Quiçá no presente elenco apareça, como subdivisões, tribos mais próximas com as quais vigore interdição matrimonial. Observe-se, com efeito: 1.º — Nas matas do Cananari (afluente do Pirá-paraná, como nas dêste último, habita uma tribo conhecida por *Kávyari*, cuja língua é do grupo Tukano; 2.º — *Pamõ-põna* seria talvez a tribo *Tatú* (vd. IV — 2, o)? *Seu hábitat* é vizinho do dos *Bará*; 3.º — *Doxká poará*, *poará* ou *foará* é o nome dos *Tuyuka* (cfr. IV — 2, d), e êstes residem próximo dos *Bará*, nas cabeceiras do Tiquié. Não conseguimos apurar se as três últimas divisões são de fato *Tuyuka*, considerados mais aparentados com os *Bará*; ou se trata apenas de *apelidos* de alguns grupos *Bará*.

1.º — *Kawayari* (?), no rio Tiquié (Colômbia)

2.º — *Pamõ põná* (tatú), no igarapé Inambú

3.º — *Wáya põná* (uma ave aquática), no Tiquié

4.º — *Oxkó kapéa põná* (ôlho d'água), no Tiquié

5.º — *Da-ryá* (uma fruta) no Komé-ya

6.º — *Minõ doxká poará* (uma fruta?), no Tiquié

7.º — *Páya doxká poará* (?), no Tiquié

8.º — *Dahyá doxká poará* (camarão), no Rio Castanho (afl. do Tiquié)

(30) Em parte concorda com a informação de Koch Grünberg que no-los descreve: "de corpo esbelto, proporcional, menor que o Tuyuka, semblante mais fino, olhos negros, testa menos fugidia, nariz alto e, levemente convexo, boca grande lábios grossos". Pelo dizer dos índios, Koch teria sido o primeiro branco visto por eles, e que subira às cabeceiras do Tiquié.

c) *BÁ:RE-MASÁ OU TÈMYÛ-TAPUYA*

1) *Gente-Nome-Língua* — Pertence igualmente à família de línguas Tukano o idioma dos *Bá:re-masá* ou «*gente-comida*». Como se pode verificar pelo Vocabulário que recolhemos (cfr. «Idiomas Indígenas da Amazônia»), está bem próxima da língua dos *Roéra*. Encontramos um representante da Tribo *Bá:re-masá* vivendo entre os *Íde-masá* do Comé--ía (maloca *Böhö-rya-hidó*, foz do ribeirão da aranha). Era (em agosto de 1956) um tipo de seus 38 a 40 anos, de estatura baixa, gordo, tez de um bronzeo-claro, nariz pequeno e alto na ponta, rosto arredondado, zigoma não muito saliente e cabelos pretos quase quimótricos. Tinha as orelhas perfuradas, atravessadas por um batoque de 1 cm. de diâmetro aproximadamente; o maior orifício nos lóbulos das orelhas que temos encontrado entre as várias tribos do Uaupés.

Vigora também, na tribo, a lei da exogamia, e consta haver matrimônios com os *Hanëra*, *Bará* e *Íde-masá*.

2) *Hábitat e habitantes* — A tribo dos *Bá:re-masá* está muito reduzida de membros. Sabemos da existência de uma maloca no ribeirão *Umü-ia* (ribeirão do japú), afluente da margem esquerda do ribeirão *Timí-ia* (ribeirão da lontra), o qual por sua vez conflui na margem esquerda do Pirá-paraná, pouco acima da foz do *Comé-ia*.

3) *Divisões* — O informante acima, denominado *Titöyã* (conhecido ainda sob o nome de Domingos) indicou-nos como sendo divisões da sua tribo: 1.º — *Íde-masá*, 2.º — *Ogóro-sõroa*. É provável que a primeira subdivisão, *Íde-masá*, seja a tribo principal do Comé-ia (cfr. IV — 2, h) tida como aparentada aos *Bá:re-masá*, e não uma simples divisão destes. Os *Ogóro-sõroa* são os *Hógolo-tsõloa* ou *Tsõroa* citados por Koch-Grünberg (Z. I. 370) no Yauacacá-Igarapé, de idioma quase idêntico ao *Edúrya*.

d) *DOXKÁ POARÁ OU TUYUKA*

1) *Gente-Nome-Língua* — Na língua Tukano dizem-se *Dyí-khãra* (*Dyí-khãna*), e no próprio idioma *Doxká poára* ou ainda *Doxká fhwará* ou *foará*; ou, contratamente, *Doxká-rá*. (Sing. Masc. *Doxká-poarö*; Fem. *doxká-poaro*). *Tuyuka* é palavra *Nheengatú* que quer dizer *barro, lama*; e, com mais propriedade, o barro ou argila que serve para o fabrico das panelas. Os Tukano explicam

que o nome se deve ao fato de morarem na terra onde há a argila de panela. É fácil admitir-se que, no princípio, só aí descobriram essa argila, a qual mais tarde foi encontrada em muitas outras jazidas no Uaupés e outros rios. Por esse fato mesmo, não teriam sido os *Tuyuka* os primeiros oleiros? A cerâmica hoje é usual e perfeita nas várias tribos. Os *Tuyuka* conservam, presentemente, a fama de especializados canoeiros.

Sua língua é da família *Tukano*, (cfr. nossos trabalhos «Dis-coteca Etno-linguístico musical» e «Idiomas Indígenas da Amazônia») com vestígios *Karaiba*, ensina Chestmir. Os idiomas dos *Tuyuka* e dos *Bará* são os mais próximos da língua *Tukano*, afirma Koch G. Distingue estes dois tipos somáticos *Tuyuka*: o *fino* e o *grosso* ou corpulento (*Zwei Jahre*, 202).

Não se casam com os *Desana*.

2) *Hábitat e habitantes* — Oscilam por meio milhar de membros (378 no Brasil, em «*Pelo Rio Mar*», sabemos que são mais numerosos em território colombiano), e seu *hábitat* atual são as cabeceiras do Tiquié. Frei Gregório com auxílio do Diretor dos índios Jesuino Cordeiro, conseguiu fundar a aldeia de S. Pedro do Tiquié, com índios *Tuyuka*, onde ainda se acham, porém vivendo em maloca (em 1947).

Conforme uma tradição *Tukano*, recolhida pelo Pe. Antônio Giaccone, os *Tuyuka* baixaram da cachoeira *Uai-numbí* (cabeceiras do Macú-paraná); porém sob pressão dos *Tukano* foram obrigados a subir as cabeceiras do Papurí, donde passaram às do Tiquié e aí se radicaram.

3) *Divisões* — Informante Henrique Resende, de seus 35 anos (1953), da subdivisão *Dõxpâri*, tuxaua da maloca do *Yai-sa igarapé* (Tiquié)

- 1.º — *Dyáta põna* (um peixinho), no Igarapé Inambú
- 2.º — *Dyatáñõ-nõ* (suspenso?), no Igarapé Inambú
- 3.º — *Dyáta yuxkúro* (cabeça cumprida), nas cabeceiras do Tiquié
- 4.º — *Iñó-ró* (?), em S. Pedro (Tiquié)
- 5.º — *Iñó-rõ oaká* (estaca), no Igarapé preto (Tiquié)
- 6.º — *Poã-nĩ manĩ* (calvo), no Igarapé Mari-ia (Tiquié)
- 7.º — *Dõxpâri* (galhos), no Igarapé *Kuxtíro pextá* (Tiquié)

- 8.º — *Yuxkúro* (bossa occipital), na foz do Açaí-igarapé (Tiquié)
- 9.º — *Wesé doxká poará* — (*Tuyuka* da roça), acima de Carurú (Tiquié)
- 10.º — *Poá pirá* (?) no alto Cabari (Tiquié). São os pária
- 11.º — *Axkó karpéa* — *põna* (olho dagua), em S. Pedro (Tiquié)
- 12.º — *Ébera-põna* (pato dagua), na foz do igarapé Boá-ia
A jovem Amélia Resende, de 18 anos (1955) aproximadamente, acrescentou:
- 13.º — *Myõ dyi-Khãra* (*doxká-poará*), em Cabari e S. Pedro (Tiquié)
- 14.º — *Arã põná* (filho da serra?), no Igarapé do breu (dêste grupo é informante).

e) EDÚRYA OU ERÚLYA

1) *Gente-Nome-Língua* — Esta tribo denomina-se, no próprio idioma, *Edúrya*, ao passo que os *Tuyuka* dizem-nos *Erúlya*. Filiam-se ainda, pela língua, ao grupo *Tukano* (cfr. Vocabulário em «*Idiomas Indígenas da Amazônia*»).

São de estatura média, pouco mais alto que os *Tukano*. Tez cobre claro, cabelos pretos, quimótricos, grossos, testa larga, quadrada, olhos pretos, queixo fino, nariz alto às vezes ligeiramente aquilino, rosto ovóide e lábios delicados.

Estão vinculados por laços matrimoniais com os *Bará* e *Tuyuka*.

2) *Hábitat e habitantes*. — Seu *hábitat* são vários e pequenos afluentes do Pirá-paraná, em território totalmente colombiano. Não foi possível saber o número de habitantes da tribo; parece, porém, que é ainda menor que a tribo Hanêra.

c) *Divisões*. — São as seguintes, indicadas por um jovem de seus 20 anos (em março de 1954) por nome *Tunú*, em *Mosã-bhoá* (maloca do urucum, cabeceiras do Tiquié):

1. *Kavyayána* (mestre de dança?), no igarapé Axtáue-ya (31)
2. *Ehéburu* (uma palha), no igarapé Axtáue-ya
3. *Gãbüxkõró* (*Komũ*, «soprador», VII - 2, e (3), no igarapé Semé-ria
4. *Ixkó-masã* (uma cobra), no igarapé Ioxkó-rya
5. *Wextáyoa* (?), no igarapé Ioxkó-rya

f) EMÓA-MASÁ OU GUARIBA-TAPUYA

1) *Gente-Nome-Língua*. — *Emóá* é, no idioma natal, o nome do macaco guariba. Sua língua pertence também à família *Tukano*

(31) Talvez se identificaria com a tribo *Kavírya* das matas do Cananarí?

(cfr. Vocabulário em «Idiomas Indígenas da Amazônia»). Encon-
Ide-masã da maloca *Bühö-rya-hidó*, do Comé-ia. Era um tipo de
estatura mediana, corpo fino, feições delicadas, zigoma pouco salien-
te, rosto alongado, nariz alto, fino, tez mais clara que a do Tukano,
cabelo preto, fino, algo ondulado.

Observa-se a exogamia de tribo. Sabemos de matrimônios com
Ide-Masã, Hanëra e Bará.

2) *Habitat e habitantes.* Habitam nas matas entre as cabecei-
ras do Tiquié e rio Pirá-paraná. São poucos, hoje em dia, conforme
a informante, a qual nos soube citar apenas 3 subdivisões. Note-se
que, de acordo com a informante os *Yebá* e *Roéra* fazem parte da sua
tribo. Concorda com uma informação obtida três anos antes de um
Yéba, o qual entre as divisões de sua tribo citava os *Emóá* e os
Roéra (cfr. IV-2, t) Se os *Yéba* se devem incluir entre os *Emóá*, serão
estes, no conjunto várias centenas de indivíduos, pois os *Yéba* vivem
em várias malocas na região compreendida entre o Comé-ia e o
Piráparaná.

Koch Grünberg (Z. I. 401) fala dos tão temidos *Guariua* ou
Guariba-Tapuya localizados abaixo dos Juri e Passé, isto é na bacia
do rio Japurá. Os *Emóá* não se podem identificar com êsses *Gua-
riua-Tapuya*, porém, sim com os *Omóá* dos mananciais do Tiquié.

3) *Divisões.* Informante a índia *Misirã*, de seus 50 anos (1957),
conhecida também por Joaquina, esposa do tuxáua Ide-masã do
Comé-ia:

1. *Sairóá-masã* (gente dagua? gente tagarela?)
2. *Yebá-masã*
3. *Roeá-masã* (gente taraira)

(1) *Gente-Nome-Lingua* — *Emóá* é, no idioma natal, o nome do ma-
caco guariba. Sua língua pertence também à família Tukano (cfr.

g) *HANERA OU PANENÓÁ.*

1) *Gente-Nome-Lingua.* — Tipo mais alto e franzino que o
Tukano. Tez mais vermelha, rosto longo, queixo fino, nariz alto,
testa larga.

O seu idioma, que se deve filiar à família linguística Tukano
(cfr. Vocabulário, em «Idiomas Indígenas da Amazônia») apresen-
ta êste particular: aparece uma aspirada inicial (*h*, como repre-
sentamos neste trabalho) em palavras nas quais o Tukano pronuncia
um *p*; por exemplo: pai, *hakö* (Tukano *pax-kö*), mãe, *hakó* (Tukano,
pax-kó), etc. Esta característica do seu idioma explica-nos a corres-
pondência do seu nome na própria língua, *Hanëra* e na Tukano,
Panenóá, ou *Parëroá*.

Sabemos que estão ligados por matrimônio com os *Bará* e *Tuyuka*.

2) *Hábitat e habitantes.* Temos visto apenas alguns indivíduos
de passagem pela maloca denominada *Mosã-bhoá* (monte do urucú),
dos Bará, no igarapé Uaracú-pirëra, e na sua maloca próxima da
foz do Timí-ya. Não souberam informar-nos sobre o número apro-
ximado dos indivíduos da sua tribo. Parece que não ultrapassam
os 4 centos. Atualmente residem só em território colombiano, em
vários igarapés da margem esquerda do Pirá-paraná.

Os informantes do sec. 18 atestam que dos *Panenóá* é que os
Taryana recebiam por troca, seus enfeites de ouro e prata (cfr.
II - 3) e *momörö Khwirí* (VII - 3, d).

3) *Divisões.* — A índia Duhigó, de seus 50 anos deu, em março
de 1954, as seguintes divisões da sua tribo:

1. *Dasékãna* (?), no igarapé Umü-ya (cabeceiras do Komé-ya)
2. *Doé* (Taraira), no igarapé Amori-ya
3. *Dyasumá* ou *Ryasumá* (?), no igarapé Amori-ya
4. *Fêmona* (?), no rio Pirá-paraná
5. *Komiya* (?), no Soari-ma-pitó (foz do igarapé vermelho)
6. *Wámona* (?), no igarapé Umü-ya
3. *Nikoméyana* (?), no igarapé Umü-ya
8. *Senë* (?), nas cabeceiras do Komé-ya.

h) *IDE-MASÁ, AÖ-NIRA OU MAKUNA.*

1) *Gente-Nome-Lingua.* — Assim se denominam no próprio
idioma, o qual pertence ainda à família linguística Tukano, como
se pode verificar pelo Vocabulário (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-
musical» e «Idiomas Indígenas da Amazônia») e significa «gente
agua». É costume de tôdas as tribos da região Uapesina, a cada
frase que ouvem emitirem um som exprimindo que se está acompa-
nhando e entendendo a conversa, ou, ainda, que se está de acôrdo
com quem fala. Êste som, para as tribos do Uaupés, Papurí e Tiquié, é
ãã ou *ũũ* (cfr. *Gramática da língua Daxseyé*, do autor). Os *Ide-
masá*, porém, repetem a cada momento «*aö*». Por êste costume os
indígenas do Tiquié denominam-nos «*Aö-nira*» ou «*Aö-nina*», isto é,
«os que dizem *aö*». Esta a explicação que nos forneceu o tuxáua
Ide-masá da primeira maloca do Komé-ya. No próprio idioma tal
algunha se traduziria: «eu sou dos *Aö-nira*, *yöö aö-žigö* (masc.)
aö-žigo (fem.), *aö-žira* (plural). Êsse mesmo tuxáua informou que
os Colombianos os denominam *Makúna*. Não sabem, porém, o signi-

ficado, nem a origem da palavra Makuna que vem registrada por Koch Grünberg.

São os *ide-masã*, em geral, menos corpulentos que os Tukano. Porém de tez mais clara, um tanto palida, rosto alongado, nariz alto, levemente aquilino, zigoma não saliente, olhos amendoados quase sempre castanho claros. Os cabelos são, em geral, escuros ou mesmo pretos, finos não lissótricos; ao invés muitas vezes até ondeados.

Vigora entre eles a exogamia de tribo. E conhecemos que estão ligados por matrimônio com os Tuyuka, Bará, Emõa, Yebá, Bá:re, Roéra. Não só as mulheres mas também os homens trazem as orelhas furadas com um pequeno batoque de 2 a 3 mm. de diâmetro que mantem aberto o orifício

Uma particularidade dessa tribo são as danças de máscaras. Tivemos a oportunidade de ver as máscaras representando *Waxti* e o *macaco*. A de *Waxti* é uma verdadeira máscara branca de casca, como um rosto arredondado, com larga fenda figurando a boca, um nariz comprido e pontudo, e aos lados da base do nariz duas fendas um tanto oblíquas à guisa de olhos. A que representava o macaco era um simples camisolão de tururi com uma parte afilada, como capuz, recobrando a cabeça. Neste capuz há dois orifícios correspondentes aos olhos e duas pontas para o alto figurando orelhas.

2) *Hábitat e habitantes*. Acham-se espalhados por área muito ampla: todo o ribeirão Comé-ia (ribeirão do ferro ou do machado, no idioma *ide*, *Koméryaka*, afluente da margem esquerda do Pirá-paraná), o Mirití-paraná, Apapóris e o Kamori (o qual, conforme indicações do mesmo tuxáua, deve ser um afluente do rio Solimões). Parece que são bem numerosos, isto é, são várias centenas. Parece confirmar esta informação, o número de divisões que apresenta a tribo.

c) *Divisões*. — Fornecidas pelo índio *Hinõ* (i. e. cobra), também conhecido por Fernando), de seus 50 anos (em agosto de 1956), tuxáua da maloca *Bühō-rya-hido* (foz do igarapé da aranha), na margem esquerda do Komé-ya, cerca de 10 horas de canoa desde a foz.

1. «Aö, no Komé-ya (a esta divisão pertence o informante)
2. *Ide-hi-nõnya* (?), no Apapóris
3. *Lyaró hi-nõnya letwana* (?), no Apapóris
4. *Yúkūra* (?), no Mirití-paraná

5. *Kwēra* (2), no Mirití-paraná

6. *Witata* (?), no Mirití-paraná

7. *Adókya* (?), no Kamori

6. *Witata* (?), no Mirití-paraná

Observação. 1.º Koch Grünberg registra como subdivisão dos *Yahúna* (Z.I. 382) os *Dätwana*. Não conseguimos apurar se esses dois grupos citados por Koch se devam identificar com *Yúkūra* e *Letwana* da tribo *Ide-masã*. 2.º Releve-se que no Mirití-paraná, afluente do Japurá, existe uma tribo Arwake, por nome *Yukúna*, da qual Koch (Z.I. 286) recolheu seu Vocabulário de 60 palavras. 3.º Koch obteve também informação (Z.I. 394) que no rio Caritáya, afluente da direita do Mirití-paraná viviam ainda os *Kueretú* e deles conseguiu também seu vocabulário. Verificamos, porém, que o idioma *Kueretu* se afasta notavelmente do dos *Ide-masã*. 4.º Os *Witata*, que figuram como uma subdivisão dos *Ide*, não se confundem com os *Witoto* que habitam a região entre o Caquetá e o Putumayo. Koch, que conseguiu recolher deles um vocabulário, opina que devem ser considerados um grupo à parte (antes conglobados com os *Karibe*). *Witoto* quer dizer inimigo, nome que lhes deram os *Omáwa* e, depois, os civilizados. Compreendem os *Witoto* um numeroso conjunto de hordas com suas diferenças dialetais.

i) IHWANA OU YONA

1) *Gente-Nome-Lingua*. — Não conseguimos saber ao certo o significado do nome *Ihwana* ou *Yona*, seria quiza o nome de um pelxe. A língua é da família Tukano, como se depreende do Vocabulário que recolhemos na maloca *Wextá*, no Pirá-paraná, próxima da foz do Komé-ya.

Os indivíduos da maloca eram mais franzinos e de feições mais delicadas que os Tukano. Todos os homens tinham furados os lóbulos das orelhas, mantidos abertos por um chumaço de plumas de pássaros. Apertando os braços, pouco abaixo dos ombros, um cordão, e pinturas vermelhas pelo rosto, indícios talvez de alguma festa pouco tempo antes. Cabelos escuros, quimótricos, com leve ondulação, e olhos mais claros que os dos Tukano.

2.º) *Hábitat e habitantes*. — Residem em malocas ao longo do Pirá-paraná e seus pequenos afluentes próximos e para baixo da cachoeira do Beijú, onde se pode ver na vazante um belo desenho que lembra o dragão chinês. Por deficiência de intérprete não conseguimos apurar o número de componentes da tribo, nem as

suas subdivisões. Das informações obtidas pensamos se possa concluir que são ainda várias centenas.

j) KÓ'NEA OU ARAPÁSU

1) *Gente-Nome-Língua* — A si mesmos se denominam *Kó'neá* (em Tukano *Kó-rêá*), o nome de uma variedade de pica-pau, dito, em Nheengatú, *arapásu*.

Conforme reminiscências de antiga tradição, foi uma tribo muito numerosa e valente. Quando indivíduos de outras tribos passavam pelo rio Uaupés, na zona dominada pelos *Arapásu*, estes os cercavam, tiravam-lhes todos os produtos e depois lhes afundavam as canoas, deixando-os, porém, fugir. As vítimas vingavam-se «soprando» (isto é, lançando malefício; cfr. VII - 2, e (1) sobre os *Arapásu*, que, aos poucos, se foram extinguindo.

Perderam também o próprio idioma, falando todos, hoje, a língua Tukano.

Koch G. inclui os *Arapásu* como divisão Tukano. Parece-nos inexato, pois até é permitido o matrimônio entre membros dessas duas tribos. Fisicamente os *Arapásu* distinguem-se bem dos Tukano, pois são mais claros, altos e franzinos: Nariz alto, às vezes um tanto aquilino, zigoma menos saliente e rosto alongado.

Consideram-se, ao invés, *irmãos* dos Pirá-tapúya, por isso vigora interdição matrimonial entre *Arapásu* e *Pirá-tapúya*, e também com os *Bará*, *Desãna*, *Mirití* e *Kumãdêne*.

O seu idioma, sim, parece filiar-se à família de línguas *Tukano* (32).

2) *Hábitat e habitantes*. — Em «*Pelo Rio Mar*» lemos que seu centro é a região compreendida entre o Uaupés e o Japurá, donde passaram para o Uaupés e foram aldeados por Frei Gregório em S. Jerônimo, Naná-Rapécuma e S. Joaquim.

(32) Sua filiação à Família de línguas Tukano, pode-se verificar apenas pelo pequeno número de palavras que nos souberam dizer alguns indígenas *Arapásu*:

tapioca, <i>kávetari</i>	pai, <i>mái</i>	tio paterno, <i>möamō</i>
abanador, <i>misōna</i>	mãe, <i>Yō</i> ou <i>ihyō</i>	tia paterna, <i>möamā</i>
peito, <i>kutirō</i>	filho, <i>maxkā</i>	tio materno, <i>kabō</i>
gente, <i>maxsā</i>	filha, <i>maxkō</i>	tia materna, <i>kabō</i> , <i>kabú</i>
cobra, <i>pinó</i>	irmão menor, <i>peñā</i>	primo materna, <i>kabō</i> <i>maxkā</i>
anzol, <i>sináke</i>	irmã menor, <i>peñō</i> .	primo materno, <i>kabō</i> <i>maxkō</i>
fogo, <i>pe'kāme</i>		sobrinho, <i>peñanā</i>
		sobrinha, <i>peñanō</i>

vai soprar o fogo, *pe'kāme apusumaré*

O Pe. João Marchesi, ao chegar em 1925 entre eles, soube, dos velhos *Arapásu*, eram eles senhores do Uaupés desde S. José até a foz. Por serem mais sociáveis e simpáticos que os outros indígenas, muitas mulheres tornaram-se esposas dos civilizados e muitos homens da tribo foram levados para os trabalhos. Muitos, outrossim, se fixaram no baixo Rio Negro, e outros pereceram. Do cruzamento com *Arapásu* procedem numerosos caboclos daquela região. A tribo ficou assim muito reduzida. Havia um grande grupo em Pinú-pinú (Uaupés), que emigrou para o baixo Rio Negro. Ao regressar encontrou aí estabelecidos os Taryana que não quiseram ceder o lugar, aduzindo que eles eram muitos e os *Arapásu* menos numerosos.

Pouco mais de uma centena vive hoje na margem direita do Uaupés, entre S. José e Paraná-jucá.

3) Subdivisões (33)

1.º — *Axpā soxpé pōná* (filhos da ponta do caranguejo), em Caranguejo (Uaupés)

2.º — *Winó ñōá pōná* (filhos da ponta do vento), em S. José (Uaupés)

3.º — *Kumã-kō ñōá pōná* (filhos da ponta do louro), em Louro (Uaupés)

4.º — *Dyá pōrsá yōhōró pōná* (filhos do estreito do Uaupés), em Paraná-jucá (Uaupés)

k) KÓTIRYA OU WANĀNA

1) *Gente-Nome-Língua*. — *Wanāna* é palavra Nheengatú e indica uma ave aquática *chenáloper jubátus*, conhecida comumente por marrecão. A si mesmos os *Wanāna* se denominam *Kótirya*, *Kótidya* ou *Kótirwa* (Sing. Masc. *Kótirwa-kiro*; Fem. *Kótirwa-koro*). São chamados pelos Tukano *Oxkó-ti-khāra*, que quer dizer «gente que tem remédio» ou «gente pajé», de *ox-kó*, remédio. Se bem que a expressão Tukano autorize semelhante tradução, mais conforme às lendas das origens seria a interpretação *oxkó*, água (e não *ox-kó*), isto é, «gente que está na água ou saiu da água». Os Tuyuka denominam os *Wanana* simplesmente «gente do rio Uaupés, *Dyá-*

(33) Esta divisão foi-nos obtida pelo Pe. Antônio Giaccone, SBD. Releve-se que não se assemelha aos nomes das divisões das outras tribos. Talvez porque já não os saibam mais. Assim o declararam todos os *Arapásu* que pudemos consultar. E um deles veio perguntar-nos se sabíamos como se chamavam as antigas divisões da sua tribo. Os nomes supra são apenas indicações dos lugares onde residem presentemente. E' possível que cada povoado atual represente uma das antigas divisões.

Porsá-marcká. Desta sorte não se percebe relação alguma entre os nomes nas línguas Nheengatú e Tukano. (34) Já relevamos que o Relatório de Frei Gregório em vez de *Wanāna* traz *Ananá*.

São de estatura mais elevada que os Tukano, e sua língua é da família Tukano, embora mais vizinha do idioma Pirá-tapuya, como podemos ver no vocabulário.

Vigora interdição matrimonial com os Pirá-tapuya.

2) *Hábitat e habitantes*. — «Pelo Rio Mar» informa que foram aldeados em Thomar no sec. 18 pelos Carmelitas. Foram-no, como resulta do «Diário» de Sampaio, os *Uayuna*. Parece-nos, entretanto, que esta seja uma tribo Arwake do rio Japurá, e não os *Wanāna*, que são da família linguística Tukano. Pensamos também, por esta mesma razão, não se podem identificar com a tribo *Ana*, descida do Orenoco, conforme os exploradores do sec. 18.

Seu *hábitat* atual é o medio Uaupés, desde Japú-ponta até a foz do Querari perfazendo uns 600 indivíduos, conforme Koch Grünberg (Z.I. 271). Na estatística de «Pelo Rio Mar» encontramos o número 367 para os atendidos pelas Missões Salesianas. Informaram-nos que é bem maior o número dos que vivem em território colombiano.

3) *Divisões* — Informante Maximiano Sá, de seus 25 anos (1953) e um grupo de homens, em Carurú-cachoeira.

1. *Khenē* (pato dagua) no igarapé Paca (afluente do Uaupés)
2. *Biali* (variedade de pato), em Matapí (rio Uaupés)
3. *Wai kapéa ñārori* (35) *ponáyro* (ñārori de olho de peixe), em Macucú, (rio Uaupés)
4. *Uryá ñārori* (um verme), em Iutíca (rio Uaupés)
5. *Dyâni ponáyro* (pato branco), em Carurú-cachoeira (rio Uaupés; os informantes eram deste grupo)
6. *Batiri-ká poná* (japurá, uma fruta), em Arara (rio Uaupés)
7. *Stúpo poná* (panela, talha), em Jacaré (rio Uaupés)
8. *Doxkana poná* (mão de pilão), no igarapé Paca
9. *Wiroyro* (o pássaro trovão), no igarapé timbó (rio Uaupés)

(34) Lemos em "Índios do Brasil" do Major Lima Figueiredo — Brasiliana, n.º 163 — S. Paulo, 1939, pag. 146): "a palavra Wanana, em idioma aruack, significa ladrão".

(35) O Joven Ernesto Domingues, em vez de *Ñārori*, pronunciou *ÿáhorí* e informou que significa o lodo de beira-rio.

10. *Bukúyro* (uma árvore), em Tiplaca (rio Uaupés)
11. *Naã yaxpárya* (caroço de mirití), em Tucano-cachoeira (Uaupés)
12. *Yopáyro* (milho), ramo extinto
13. *Naã ryākiro* (mirití), em Jacaré (Uaupés)
14. *Nixti dixsōryakiro* (pintado de cinza nas pernas, nas danças), em Uaracapuri (Uaupés).

O informante Ernesto Domingues, de uns 22 anos (em 1955), em Jacaré (Uaupés) forneceu 12 subdivisões, 9 das quais coincidem com as obtidas em Carurú. As outras três são:

16. *Witō monō* (acangatara branca), em Uaracapuri (Uaupés)
16. *Witō monō* (acangatara branca), em Uaracapuri (Aaupés)
17. *ÿáhorí poná* (lodo da beira do rio), em Taiassú (Uaupés)

Outro informante, Gabriel Paiva, de seus 18 anos acrescentou ainda:

18. *Wánixtiro* (acará), em Matapí (Uaupés)
19. *Yaxpima* (batata), em Jutica (Uaupés).

1) MÓXTĀ OU KARAPANĀ

1) *Gente-Nome-Língua*. Pertencem à família Tukano, quanto ao idioma, no qual se dizem *Mōxtā*, e na língua Tukano, *Mōxtēa*, termo correspondente a *Karapanā* da língua geral, isto é, o nome de um mosquito que pica à noite (gêneros *stegoniya*, *culex* e outros)

Mais franzinos que os Tukano, são também de traços menos mongolóides, claros de epiderme e de olhos e de rosto oval.

2) *Hábitat e habitantes*. — Seu *hábitat* atual é a região colombiana entre o Uaupés e as cabeceiras do Papurí ou melhor do seu formador o Áua, e o Ti igarapé. Frei Gregório de Bene aldeou alguns grupos *Karapanā* em *Naná-Rapecūma* e *S. Joaquim*, no baixo Uaupés; e em *S. Luzia*, no Papurí.

Jesuino Cordeiro, em ofício datado de 1 de julho de 1853, informa ao Presidente da Província, de um ataque dos *Karapanā* ao povoado de S. Cruz dos Kubêwana, junto à cachoeira do Mutum (hoje *Mitú*, capital do Território Nacional del Waupés, Colômbia). Perseguidos pela Polícia colombiana, em 1928, um grupo deles se estabeleceu em território Brasileiro, nas cabeceiras do Umari-igarapé (afluente do Tiquié). Êsses episódios confirmam sua fama de bellicosidade e violências.

3) *Divisões*. — Informante Antônio Gentil, de 40 anos (1953) de Umari igarapé em Paricachoeira.

- 1.º — *Dürya mâtará* (um peixe), no Ekê-ya (igarapé do nariz?). São os *Mamí*
- 2.º — *Poxtã-hará* (espinho), no igarapé Po-yá
- 3.º — *Mümyá pakāna* (abelhas), no Ekê-ya
- 4.º — *Mümyá* (abelha), no igarapé Po-yá

O informante Vicente, Karapanã (de seus 30 anos) das cabeceiras do Aua, hoje estabelecido em Uaracapá (rio Papurí) deu novos nomes e modificou a ordem, além de pequena diferença de pronúncia.

- 1.º — *Mümyá* (abelha), no igarapé Po-yá
- 2.º — *Döryá pakāna* (?) do Pirá-paraná, hoje em Po-yá
- 3.º — *Döryá mâtará* (um peixe) no Ekê-ya
- 4.º — *Poa-yá mōxtē* (35 a), já extintos.
- 5.º — *Poxtã yára* (espinho), no igarapé Po-yá
- 6.º — *Mümyá pakāna* (abelhas), no Ekê-ya
- 7.º — *Kenenō* (jataí), no rio Pirá-paraná
- 8.º — *Botéa matsá* (aracú), no rio Cananari
- 9.º — *Datō-hyá* (?), no rio Uaupés (disse o informante: «hoje são Kubewana», isto é assimilação por êstes) (35 b)
- 10.º — *Pixkō-sē* (gavião tesoura), no rio Cananari

Um jovem Karapanã, de seus 23 anos, Luiz, da maloca de *Hōboō-mákarya* (cabeceiras do Tiquié), informou que atualmente (1955) só existiam os 7 grupos seguintes e na ordem decrescente de importância:

- 1.º — *Mümyá* (abelhas). São «os da cabeça», i. e., principais
- 2.º — *Dürya* (cutia) (dêste grupo o informante)
- 3.º — *Dürya mōtāra*
- 4.º — *Mōxtē pakāna*
- 5.º — *Mōtāra*

(35a) *Poa-yá-mōxtē*, propriamente significa «Karapanã do igarapé Poá».
(35b) Seria quicá a subdivisão Kubewāna denominada *Tatīwa* (javarí)?

6.º — *Poxtã yára*

7.º — *Poxtã yára mōtāra*

Não sabemos se se equivocou dizendo em 4.º lugar *Mōxtē pakāna*, em vez de *Mümyá Pakāna*.

m) *NEENOÁ OU MIRITÍ-TAPUYA*

1) *Gente-Nome-Língua* — *Neenoá* é no idioma natal o nome da tribo conhecida por *Mirití-tapuya* (nome derivado de uma palmeira, a *Mauritia flexuosa*) ou *Myariti-tapuya* (36), isto é gente-buriti. São pequenos como os Tukano, porém mais claros, franzinos e de fisionomia mais delicada.

Vigora interdição matrimonial com os *Taryana*, *Arapasu*, *Kumādene*, *Pirá-tapuya*, *Tuyuka* e *Desana*.

Falam todos, presentemente, a língua Tukano, e os próprios anciãos não se recordam senão de uma meia dúzia de palavras. Afirmam, porém, que a língua era muito semelhante à dos Arapasu, e as poucas palavras que obtivemos justificam a filiação à família de línguas Tukano (37).

2) *Hábitat e habitantes* — Os únicos sobreexistentes da tribo no Brasil, uma centena de pessoas, vivem no baixo Tiquié, em Urubu-lago e Iraití. Informaram-nos que, por motivo de dissensões, um grupo, talvez pelo fim do século passado, fugiu para o rio Japurá (território colombiano), e que êstes, provavelmente, ainda conhecerão a língua materna primitiva.

3) *Divisões* — Fornecidas por Luciano, do grupo *Umūhori*, de seus 50 anos, e Maria Cabral, do grupo *Umú-pō*, de seus 22 anos, ambos de Iraití.

1. *Ixsé-pi poná* (?), em Iraití e Urubu-lago (rio Tiquié)

(36) Artur Ramos (o. c. I, 172), põe como outra denominação dos Mirití, *Matatí-tapuya*. Seria um erro de imprensa por *Matapi-tapuya* (*matapi*, cercado de peixe, VI-5, a (2)? Nesta hipótese parece-nos uma identificação inexata. Conforme Koch G. *Matapi-tapuya* é uma subtribo dos *Yukuna* existentes em Uacaiacá, afluente da margem esquerda do Mirití-paraná (*Fetschrift*, 205 e *Z. I.* 394 e 398).

(37) pai, *kō-kā* avô, *kō-Ro* tio paterno, *mōāma*
mãe, *yō* filha, *maxkōga* tia paterna, *mōāmo*
filho, *maxkōga* sabão (?), *sā* fogo, *maryé tukáro*

2. *Pêru bayá poná* (mestre de dança do caxirí), em Urubulago (vindos do Japír)
3. *Mahá bayá poná* (mestre de dança com pena de arara), em Iraití
4. *Umūhori poná* (?), no ribeirão Umú-ya, afluente do Uaupés
5. *Sō-poá* (?), extinta
6. *Umú-pō* (?), em Iraití e rio Japurá
7. *A-ú* (?), extinta
8. *Hori-di* (?), em Iraití.

n) *OÁ-MAHÁ OU MIKURA-TAPUYA*

1) *Gente-Língua-Nome* — Seu idioma é da família linguística Tukano, conforme se verifica pelo Vocabulário que obtivemos de uma índia por nome Kaxpé de seus 45 ou 50 anos, natural do ribeirão Inambú, afluente do Papurí e casada com um Tuyuka do Tiquié, onde reside na última maloca do território brasileiro, próxima à fronteira colombiana. O nome Nheengatú *Mikura-tapuya*, ou gente-gambá, é a tradução do nome *Oá-mahá*, no idioma natal.

São os *Oá-mahá* de tez mais clara e mais franzinos que os Tukano. Cabelos castanhos escuros ou pretos, finos às vezes ondedados. Rosto mais alongado que nos Tukano, traços também mais delicados e olhos claros.

Observam, outrossim, a exogamia de tribo, e sabemos de matrimônios com os Tuyuka, Bará e Tukano.

2) *Hábitat e habitantes* — Parece que, atualmente, habitam todos no território colombiano entre as cabeceiras dos rios Tiquié e Papurí.

Os *Pamõá-maxsã* (Tatú-tapuya) citam como divisão da própria tribo os *Oá-mahá*. Não sabemos se se trata da presente tribo, como parece mais provável pela localização, ou realmente se de uma simples divisão dos *Tatú*, com êste nome de *Oá* (gambá).

3) *Divisões* — Não as soube indicar a informante.

o) *PÁBOA-MAXSÃ OU TATÚ-TAPUYA*

1) *Gente-Nome-Língua* — No próprio idioma, que pertence à família de línguas Tukano (cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical»), dizem-se *Páboa-maxsã*, correspondente à denominação Tukano *Pamõá-maxsã* ou gente *Tatú*.

Tez mais clara que os Tukano, e também mais altos e franzinos. Cabelos castanhos escuros, rosto ovóide, olhos claros, lábios finos, nariz alto.

Sabemos de ligações matrimoniais com os Bará e os Karapanã.

2) *Hábitat e habitantes* — Atualmente residem na região compreendida entre as cabeceiras do Áua (um dos formadores do Papurí) e o rio Pirá-paraná. Vai por uns vinte anos houve encontros e mortandades recíprocas entre os Tatú-tapuyas e seringueiros colombianos, e recordam-se até episódios de antropofagia, que se explicam, parece, por particular ódio e represálias.

Deve, pelas informações que obtivemos, oscilar pelos 300 o número de habitantes desta tribo.

3) *Divisões*. — Fornecidas pela índia Kamõõ, de seus 45 anos (1954), das cabeceiras do rio Áua:

1. *Tsuninó* (?), no rio Pirá-paraná
2. *Pirõ* (cobra), no Pirá-paraná
3. *Pelári suninõ* (?), Pirá-paraná
4. *Oá-maxsã* (gente gambá), no rio Pirá-paraná (38)

p) *PAMIWA OU KUBEWANA* — Opina Koch Grünberg (Z. I. 87) que o nome *Kobéua* seja apenas uma alcunha dada pelos seus antigos inimigos, os Arwake, pelo uso freqüente da palavra *kõbauõ*, nada, não. No idioma Tukano são denominados *Poteri-khãra* que significa «gente ou habitantes das cabeceiras dos rios» (Cfr. o seu nome em diferentes línguas indígenas; Cfr. IV — 3). Eles, porém, a si mesmos se denominam *Pamiwa* sing. M. *pamikõ*, F. *pamiko*). Curt Nimuendajú e Koch registram *Hehénawa* como nome da tribo. Os *Hehénawa* constituem apenas um grupo principal dos Kubewana, que Koch encontrou na maloca de Namakoliba (Z. I. 276) (*).

1) *Gente-Nome-Língua* — Sua língua é da família Tukano, como se pode verificar pelo Vocabulário que transcrevemos e gravamos (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical» e «Idiomas Indígenas da Amazônia»). Chestmir afirma que apresenta atualmente vestígios *Karaíba*.

(38) Seria a mesma tribo *Oá-mahá* ou *Mikura-tapuya*?

(*) Informa Koch que nos mananciais do Querari há um pequeno grupo Kubewana denominado *Abõxõhãhãnaua*, isto é, Kubewana-Jurupari, nome que os Wanana traduzem *Wartikuxtipinoá*; e os de Uaracapuri (Uaupés) são *Olobahãhãnaua*, ditos *Diádãitoa* pelos Wanana.

Antropológicamente distinguem-se notavelmente dos Tukano. São mais altos, menos corpulentos e, sobretudo, de fisionomia menos acentuadamente mongólica que êstes.

2) *Hábitat e habitantes* — Acham-se domiciliados no alto Uaupés, na fronteira do Brasil e da Colômbia, e nos rios Querari, Cuduiari e cabeceiras do Içana. Os primeiros exploradores já os encontraram nesse *hábitat*. Há um século Jesuino Cordeiro aldeiou algumas centenas deles em *Mitú* e no *lago do espelho*.

Compreende um milhar de almas, de acôrdo com os cálculos de Koch Grünberg, o qual informa que os *Kubêwana* dominaram dois grupos *Arwáke* do Querari e lhe impuseram sua língua e costumes: os *Höhöwa* e os *Káwa* (39). Dêstes últimos porém, muitos emigraram para o rio Içana, e em contato com os grupos *Arwáke* de ali, retomaram seu caráter *Arwáke* (*Zwei Jahre*, 72).

3) *Divisões* — Obtivemos 4 listas das subdivisões da tribo *Kubêwana*:

1.^a — A primeira compreende 9 (nove) nomes, e foi-nos fornecida em novembro de 1953 pela *Kubêwana* Heloisa, de seus 45 anos, casada e residente em Carurú-cachoeira (rio Uaupés). O Wanana Maximiano de Sá, desse mesmo povoado, que nos servia de intérprete deu-nos o significado de cada nome, conforme segue:

- 1.^o — *Órobakö* (pacova sororoca), em Pindaíba-igarapé (perto de Mitú, rio Uaupés)
- 2.^o — *Awekö* (beijú), nas cabeceiras do Cuduiari (afluente do Querari)
- 3.^o — *Wárarikö* (var. de pimenta), em Tatú-cachoeira (rio Uaupés)
- 4.^o — *Hehénakö* (azedo), no rio Cuduiari
- 5.^o — *Bahúkekö* (aparecido), no rio Cuduiari
- 6.^o — *Neábokö* (mirití), no rio Cuduiari
- 7.^o — *Bareákö* (manivara), em Pindaíba-igarapé
- 8.^o — *Húrukö* (?), na lagoa d'água fria (cabeceiras do Cuduiari)
- 9.^o — *Pyarákö* (tocandira), acima de Mitú (rio Uaupés).

(39) Há ainda duas ou três famílias supérstites dos *Kawa* (cfr. II-6, a (5)). Quanto aos *Höhöwa*, de que fala Koch G. quiçá seriam os *Hehénakö* ou *Hehénawö* considerados hoje subdivisão dos *Kubêwana*, como se pode ver nos quadros aqui transcritos.

2.^a — Mais tarde, em abril de 1955, outra *Kubêwana*, Josefa, também de seus 45 anos, esposa do tuxáua de Carurú-cachoeira, o Wanana Mandú, reviu a lista fornecida por Heloisa, confirmou-a e acrescentou outras nove subdivisões. Negou, no entanto, a existência da 8.^a divisão supra *Húrukö*, e localizou os *Pyarákö* ou *Myarákö* no igarapé Macaquinha. E quanto ao significado dos nomes no-lo forneceu em Wanana (ou tukano) o seu esposo, como poremos na mesma ordem na qual foram citadas as subdivisões:

- 10.^o — *Utsí-awekö* (moã-parya), no rio Cuduiari
- 11.^o — *Böoibokö* (tönē-noãkiro), no rio Cuduiari
- 12.^o — *Korokö* (coró-coró mira, i. e. vermelho), no rio Cuduiari
- 13.^o — *Pedikāakö* (soxkōá, ralo), no rio Cuduiari
- 14.^o — *Byökö* (o pássaro *yavíroa*), no rio Cuduiari
- 15.^o — *Korêteraboekö* (a planta *bösaritena*), no rio Içana (deste grupo é Josefa)
- 16.^o — *Dyurébakö* (pino *maxkã pōná*), no rio Içana
- 17.^o — *Tóreakö* (guariba), no rio Içana
- 18.^o — *Dyokákebekö* (sem fôlha), no rio Içana

3.^a — Um grupo de *Wanāna* de Tipiaca (médio Uaupés colombiano), auxiliando-se reciprocamente, citaram-nos em maio de 1954, as 16 subdivisões da tribo *Kubêwana* que damos a seguir. Pela tradução que nos fizeram, parece-nos que se possam identificar as subdivisões n.^o 1, 2, 3, 4, 5... 7, 8... 11... 13... 15 respectivamente com os números 1, 18, 14, 16, 9, 13, 12, 10, 15 e 3 das listas fornecidas por Heloisa e Josefa. A diferença resultaria unicamente do fato que a lista de Tipiaca se acha em língua *Wanana*, ao passo que Heloisa e Josefa deram os nomes no seu idioma que é o *Kubêwana*.

- 1.^o (1) — *Hópūrya* (sororoca), no Abio-igarapé
- 2.^o (18) — *Phurī mariná* (sem fôlha), no rio Querari
- 3.^o (14) — *Yavíroa* (um corante), no Rio Uaupés, acima da foz do Abio-igarapé
- 4.^o (16) — *Maxkã piró pōná* (lugar da cobra), cabeceiras do Querari
- 5.^o (9) — *Pixtá* (tocandira), acima de Mitú-cachoeira (Uaupés)
- 6.^o — *Suxpúara* (borbulhas de água), nas cabeceiras do Cuduiari

- 7.º (13) — *Soxkõa* (ralo), no rio Cuduiari
 8.º (12) — *Koxtoá* (coró-coró vermelho), na boca do Cuduiari
 9.º — *Desõporea* (barbado), abaixo de Mitú (rio Uaupés)
 10.º — *Yurya* (aleijado), no Karapanã-igarapé
 11.º (10) — *Moã-paryá* (sal), no Mirití-igarapé (acima de Mitú, Uaupés)
 12.º — *Boté dyeryá* (ovos de aracú), nas cabeceiras do Cuduiari
 13.º (15) — *Wamãtarwa* (uma erva), nas cabeceiras do Querari
 14.º (7) — *Yebákaroa* (manivara), no rio Querari
 15.º (3) — *Byêdero* (var. de pimenta), em S. Cruz e Tatú-cachoeira (Uaupés)
 16.º — *Wai wehêkõ* (puçá), em Pacú-igarapé (acima de Mitú, Uaupés).

4.^a — Em abril de 1957 encontramos em Arapaçu-poço, localidade sobre o rio Içana, próximo da foz do Aiari, duas mulheres provindas do Querari, Nazária de seus 40 anos e Byatrina de uns 25 a 28 anos, casadas com homens Arwáke da tribo *Yauareté-tapúya*. Apresentaram-se como sendo da tribo *Korêterabõa*, nome que nos traduziram como *Búya-tapúya* (gente-cobra). Note-se que na 2.^a lista supra, Josefa deu como uma subdivisão dos *Kubêwana* os *Korêtaraboekõ*, nome que indica a planta *bõsaritena*. Recolhendo o *Vocabulário «teste»* destas mulheres *Korêterabõa*, verificamos que era quase idêntico ao fornecido por Heloisa em 1955. Byatrina indicou as seguintes divisões; servindo-nos de intérprete o índio Ernesto, da tribo Jurupari-tapuya, de S. Ana (rio Içana):

- 1.º — *Hehênawa* (velho), em Tuí (rio Cuduiari)
 2.º — *Padíkawõ* (ralo), em Itapinima (rio Cuduiari)
 3.º — *Byawá* (Pimenta), em Pirá-mutum (rio Querari)
 4.º — *Myarãwa* (branco), em Sêi-ma (rio Uaupés)
 5.º — *Bahúkõwa* (aparecido), em Uaracú-cachoeira (rio Cuduiari)
 6.º — *Warariwa* (?), em Macucú (rio Uaupés)
 7.º — *Korówa* (coró-coró), em Itapinima (rio Cuduiari)
 8.º — *Pyaráwa* (tocandira), em Pirá-mirim (rio Cuduiari)

- 9.º — *Horóbora paramêra* (argila), em Cupim-igarapé (rio Papuri)
 10.º — *Tidwa* (um peixe), em Ti-igarapé (rio Uaupés)
 11.º — *Akêromõwa* (formiga de fogo), no rio Pirá-paraná
 12.º — *Táytõ paramêra* (pavãozinho ou feiticeiro), no rio Uaupés
 13.º — *Korébawa* (esperado), Iviari-igarapé (afluente do Queari)
 14.º — *Kopáyõwa* (cupim branco), no Mirití-paraná (rio Uaupés)
 15.º — *Baróáwa* (uma formiga de cabeça grande), no Mirití-paraná (rio Uaupés)
 16.º — *Órobawa* (deserto, clareira?), em Jacamim-cachoeira (rio Uaupés)
 17.º — *Yamitidõwa* (fuligem), em Uaracapurí (rio Uaupés)
 18.º — *Wirowa* (um grilo), em Tiplaka-cachoeira (rio Uaupés)
 19.º — *Tatiwa* (javari), em Paca-igarapé (rio Uaupés)
 20.º — *Mõãkõrawõ* (ólho), em Iutica, (rio Uaupés)
 21.º — *Betõwa* (coco de tucum), em Açai (rio Uaupés)
 22.º — *Byákowa* (estrêla), no rio Içãna
 23.º — *Yamã paramêra* (filhos do veado), em Surubi-igarapé (rio Içana)
 24.º — *Máwa paramêra* (daguirú preto), Cumari-igarapé (rio Içana)

Observações — Confrontando as várias listas verificamos:

1.º — As localizações não coincidem. Esta dificuldade, porém, talvez se explique porque se trata de indicações vagas (rio ou igarapé tal, cabeceiras do rio tal, etc.); ou porque um mesmo grupo pode estar espalhado por várias localidades.

2.º — Os nomes igualmente não coincidem perfeitamente. Também poder-se-ia explicar esta dificuldade admitindo-se que nenhuma lista está completa, donde o fato de uma omitir nomes que figuram em outras.

3.º — Estranha-nos sobremaneira a última lista: a) é mais numerosa. Talvez além de subdivisões propriamente ditas, compreenda também tribos próximas consideradas irmãs e, por isso, com interdição matrimonial entre elas.

b) Não é grande a coincidência com as listas anteriores (apenas em meia dúzia de nomes). Tendo presente que a desistência *kō* é indicadora do masculino singular e *wa*, a desinência do plural, descobrimos um maior número de coincidências. Por exemplo:

A 5.^a subdivisão desta lista, *Bahúkōwa* com *Bahúkekō* citada por Heloisa;

A 6.^a divisão, *Wararíwa*, com a 3.^a de Heloisa, *Wárarikō* (pimenta);

A 9.^a, *Horóbora*, argila, com a 8.^a *Húrukō* (?);

A 16.^a, *Órobawa*, com a 1.^a, *Órobakō* (sororoca).

q) ROÉRA-MASÁ OU TARAYRA-TAPUYA

1) *Gente-Nome-Língua* — *Roéra-masá*, como dizem no próprio idioma, corresponde ao Tukano *Doeá-masá* ou *Taraira-tapuya* do Nheengatú, pois *roé* (em Tukano *doé*) é o nome do peixe taraira (*Erithrynus Taraira*, Lin.).

Seu idioma pertence ainda ao grupo linguístico Tukano, como se vê no Vocabulário (Cfr. «Idiomas Indígenas da Amazônia»), que nos forneceu, em agosto de 1956, um jovem por nome Yamí, conhecido ainda sob a denominação de Pedro, de seus 22 anos, e residente na maloca Idemasá do Komé-ya. São eles em geral de estatura mediana, cheio de corpo, rosto arredondado, tez brônzeo-clara, olhos claros puxando a azul, fios de bigode, nariz alto e um tanto aquilino, e cabelo lissótrico. Todos, homens e mulheres, trazem as orelhas furadas e atravessadas por um pequeno batoque de seus 2mm de diâmetro.

Vigora, também entre os *Roéra*, a exogamia de tribo, e sabemos de matrimônios com os *Ide-masá*.

2) *Hábitat e habitantes* — Possuem uma maloca próxima da foz do ribeirão Gó-ya, afluente da direita do Komé-ya. Parece que são pouco numerosos, salvo se os considerarmos em conjunto com os *Emõá* e *Yebá*, que nos foram indicados como uma mesma tribo (cfr. IV — 2, t). Note-se que não é raro que os de uma tribo sejam apresentados como *irmãos* ou *parentes* dos de outra tribo, com interdição matrimonial, embora se distingam não só pela língua, como até somaticamente ou bio-etnologicamente. É o caso, por exemplo, dos Tukano e Bará.

3) *Divisões* — O informante supra indicou-nos apenas os *Yebá-Yetána*. Várias tribos, como os *Hanëra*, *Yebá*, *Emõá* indicaram como subdivisão sua os *Roéra* ou *Taraira*. Trata-se realmente de

subdivisões dessas tribos, ou constituem os *Roéra* uma tribo a se? Se é pequena a diferença dialetal, como nos revelam os Vocabulários comparados, é maior a somática, apesar do regime de matrimônio que liga essas tribos. Se temos em mente que entre todas essas tribos vigora o *matrimônio exogâmico* como lei rigorosa (cfr. 1, a (1)), a não interdição matrimonial poderia servir de critério para distinção de tribos, embora a interdição nem sempre valha como um critério classificativo.

r) SURIRÁ OU SURYANA

1) *Gente-Nome-Língua* — Eles se denominam a si mesmos *Surirá*, de significado desconhecido, e são chamados *Suryana* pelos de outras tribos. Provavelmente é a mesma tribo chamada *Cirango* por Curt Nimuendajú.

Sua língua é do grupo Tukano, como se vê no Vocabulário que coligimos e gravamos (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical» e «Idiomas Indígenas da Amazônia»). Possivelmente a que vem em 16.^o lugar na classificação linguística de Chestmir (fr. «Idiomas Indígenas da Amazônia»), e a situa erroneamente no rio Caiari.

São de tez mais clara que os Tukano, rosto miudo, traços menos mongolóides e também mais baixos e menos corpulentos que aqueles. Moralmente mais decaídos, são tidos pelos Tukano como inferiores, e como tais se julgam a si mesmos. São, na realidade, mais lentos em assimilar a civilização, mais preguiçosos, menos susceptíveis ao estímulo (40).

Em Acuaricuara encontramos *Suryana* casado com *Tukano* e com *Desana*; não vigora, pois, interdição matrimonial entre estas tribos. A exogamia é obrigatória também entre os *Suryana*.

2) *Hábitat e habitantes*. Encontramos alguns grupos nas cabeceiras do Papurí e no rio Paca (Acuaricuara e arredores). Não se confundem com os *širyáná*, de origem *Arwake*, localizados no Demêni, e que Curt K. identificou com os *Bahuna*.

Pelas informações obtidas em Acuaricuara, a tribo *Suryana* está muito reduzida de membros. Serão uns 250 indivíduos: 120 em S. Geraldo (rio Paca), 80 em Vinha-igarapé, 30 em Uíva-igarapé e 20 em Tapira-cachoeira (rio Paca).

(40) Confirma a impressão que estão mais decaídos o aspecto de suas casas em Acuaricuara. É verdade que em novembro de 1953 duas famílias *Suryana* estavam construindo as duas melhores casas do povoado missionário. Da decadência moral, o fato de um pai vivendo maritalmente com sua filha. Cumpre relevar que os Tukano não aceitavam *Suryana* como capataz de trabalho; no entanto, na escola da Missão, os dois jovens mais inteligentes eram *Suryana*.

3) *Divisões.* — Informante Manoel Rodriguez de Acuaricuara.

1. *Tu-boá* (?), em S. Geraldo
2. *Behé burisêra* (Suryana tapurú), em Vinha-igarapé
3. *Wiva (flecha)*, em Uiva-igarapé (rio Paca, acima de Tapira-cachoeira)
4. *Wya-toá* (uma formiga), em Uiva-igarapé
5. *Eóna* (jaburú), em Tapira-cachoeira
6. *Bayaró suryá mamasurá* (Suryana cantador), nas cabeceiras do Vinha-igarapé
7. *Bará-ka* (?), nas cabeceiras do rio Paca.

s) *TSÊNA.*

1) *Gente-Nome-Língua.* — Pertencem os *Tsêna* à família de línguas Tukano, como se deduz do vocabulário «test» (Cfr. *Discoteca Etno-linguístico-musical*.) Não nos foi possível obter dados para um cálculo aproximativo dos *Tsêna*. Como as tribos vizinhas que residem entre o Tiquié e Pirá-paraná, os *Tsêna* são de tez mais clara que os Tukano e traços menos mongolóides. Apresentam, outrossim, cabelos quimótricos, castanhos escuros.

2) *Hábitat e habitantes.* — Localizam-se presentemente em malocas no médio *Pirá-paraná* e em alguns seus pequenos afluentes como o *Timí-ya* (igarapé da lontra), *Ahã-ya* (igarapé do inambú), *Iaxpi-ya* (igarapé da batata) e *Utú-ya* (Igarapé da campina).

3) *Divisões:* — O índio *Tsêna* Marco, de seus 25 anos (1958), que nos forneceu e gravou o vocabulário, indicou as seguintes divisões da sua tribo em ordem decrescente de importância:

1. *Oãni-sêna* (micura ou gambá), em *Tsêna-pwea* (cachoeira do *Pirá-paraná*)
2. *Tsêna-põ* (?), no ribeirão *Timí-ya*
3. *Pinõ-sêna* (cobra), no ribeirão *Ahã-ya*
4. *Kũmya* (?), no ribeirão *Iaxpi-ya*
5. *Wayá-sêna* (um peixe), em *Tsêna-pwea*. A este grupo pertence o informante
6. *Pamõ* (tatú), em *Utú-ya* (*Pirá-paraná*).

t) *YEBÁ-MASÁ*

1) *Gente-Nome-Língua.* — *Yebá-masá* é sua denominação na língua materna, embora não saibam o significado deste termo (41). Seu idioma se classifica na família Tukano, como se evidencia pelo Vocabulário (Cfr. «*Discoteca Etno-linguístico-musical*» e «*Idiomas Indígenas da Amazônia*»). São, em oposição aos Tukano, tipos franzinos, de estatura média como eles ou mais baixos ainda. Rosto pequeno, afilando para o queixo. Fisionomia pouco ou nada mongolóide. Cabelo mais grosso, preto ou escuro, não lissótrico, como acontece geralmente aos indígenas do Brasil. Às vezes até apresentam leves ondulações. Olhos escuros, nariz baixo na raiz, como os Tukano, porém ponta mais alta e fina. Os homens têm ordinariamente as orelhas furadas.

Com insignificante agricultura de mandioca, são especialmente caçadores e vivem de frutas silvestres. Por isso é grande entre eles o consumo do *ipadú* (cfr. VI - 4, i (3)). Usam todos a rede de 30 fios. São frequentes as suas festas.

2) *Hábitat e habitantes.* — Um grupo de *Yebá-masá* vive nas cabeceiras do igarapé *Iaíssa* (igarapé da casa da onça), ainda em território brasileiro; porém a totalidade está em território colombiano, no interior da mata banhada pelo *Komé-ya*. Provavelmente não superam duas ou três centenas de membros.

3) *Divisões.* — As cinco primeiras divisões nos foram fornecidas pelo índio desta tribo por nome Joaquim, de seus 25 anos (em 1954), e as duas últimas pelo índio João, 40 anos, da tribo *Tuyuka*, da maloca do *Iaíssa*. Nas seguintes divisões figuram os *Roéra* e *Emõá*. Não conseguimos apurar se são as tribos homônimas, como é mais provável, consideradas como mais aparentadas. O seu hábitat coincide com os destas tribos, como se pode ver nos respectivos lugares.

1. *Doé* ou *Roé* (taraira), no *Komé-ya*
2. *Wihuri* ou *Wipuri* (?), no *Komé-ya*

(41) Lucas, o velho Tukano de S. Luzia, como já foi dito (IV-2), a) explicava ao Padre Antonio Giaccone que *Yepá-masá* (como dizem em Tukano), quer dizer *gente-da-terra*, e que os indígenas chegados posteriormente ao Papurí assim denominavam os Tukano. Note-se que *Yepá*, conforme as lendas, é o filho de *Büxpó* (o Trovão), e os índios, com algumas noções religiosas, dizem que é Deus Filho. Koch G. (Z. I., 216) encontrou no Tiquié uma índia por nome *Inácia*, da tribo *Yepália*, de belos traços fisionômicos. Seria outra grafia de *Yepá*?

3. *Ayawa* (?), no Komé-ya
4. *Héta* (?), no Komé-ya
5. *Kuíto* (?), no Komé-ya
6. *Emôá-masã* (gente macaco guariba), no Komé-ya
7. *Sêi-masã* (gente macaco barrigudo) (42) no Komé-ya.

u) *WAHYARA OU YURITÍ-TAPUÛA*

1) *Gente-Nome-Língua*. — Os índios conhecidos por *Yuriti-tapuya* se dizem no próprio idioma *Wahyára* ou *Uhayána* e pertencem à família linguística Tukano, cuja língua, no entanto, apresenta vestígios *Karaíba*, assim afirma Chestmir (cfr. Vocabulário na «Discoteca Etno-linguístico-musical»). *Juriti* é a tradução do nome da pomba *wahyara*. São de rosto mais longo e tez mais clara que os Tukano, como também são mais altos e esbeltos que estes.

2) *Hábitat e habitantes*. — Chestmir informa de sua existência no rio Caiari. Pelo que nos consta, é na região colombiana entre o Uaupés e o Papurí que vivem alguns grupos dos Juriti, bem como em Acuaricuara (rio Paca) e seus arredores. Parece-nos que são mais numerosos que os Suryana.

Em «Pelo Rio Mar» se diz que foram aldeadas em 1852 por Frei Gregório no rio Uaupés em Aracapurí, Carurú-cachoeira, S. Jerônimo e S. Joaquim, e um século antes pelos Carmelitas em Thomar. E que são muito proximamente aparentados aos Huhúteni e são denominados *Halikuliarú* pelos Siwsi. Pensamos que haja aqui um sério engano. Os *Huhúdeni* são do grupo *Arwake*, e os *Juriti*, dos quais falamos, são, pela língua, do grupo *Tukano*. É verdade que os traços fisionômicos dos Juriti são menos mongolóides e mais delicados que os dos Tukano.

3. *Divisões*. — Informante Emília Cordeiro, de seus 40 anos em Acuaricuara em novembro de 1953.

1. *Dexpoá Waxti panamêna* (cabeça de Waxti), nas cabeceiras do Paca
2. *Tsyára Wahyára* (andorinha), na boca do Turí-igarapé, em Neniya
3. *Dyáta poná* (pato dagua), nas cabeceiras do Cussá
4. *Bótea Wahyára* (aracú), nas cabeceiras do rio Paca (hoje extintos)

(42) *Sêi* é o macaco dos gêneros *Lagothrix* e afins, que se diz também *aimoré*, por isso os indígenas deste grupo algumas vezes são ditos *Aymoré-tapuya*.

5. *Wákebu poná* (ingá), em Tuim-igarapé (afluente do Uaupés)
6. *Yáseá Wahyára* (juriti mico), no igarapé Komé-ya (afluente do Paca) (43)
7. *Usêniña* (cucura), no igarapé Komé-ya
8. *Dyípo yutáda* (pata'pé), no igarapé Komé-ya
9. *Watkó basoka* (seringa), nas cabeceiras do Paca
10. *Dyató panamena* (iúa pixuna), no rio Paca (acima de Tapira-cachoeira)
11. *Ahuã betóri panamena* (minhoca), nas cabeceiras do Paca.

v) *WAY-KHANA OU PIRÁ-TAPUYA*

1) *Gente-Nome-Língua* — Pirá-tapuya é o termo da língua geral correspondente a *Way-khana* do idioma materno, ou «gente-peixe». (Sing. Masc. *Wai-khō*, Fem. *Wai-khō*). O seu nome explica-se pela lenda das origens. Seus particulares traços fisionômicos foram descritos (IV - 1, a (3)). Sua língua é do grupo Tukano, como se pode ver pelo Vocabulário (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical»), e muito próxima da dos *Wanana*.

Já observamos que vigora interdição matrimonial entre os *Pirá-tapuya* e os *Arapasu*, *Wanana* e *Juriti*.

2) *Hábitat e habitantes*. — Nas listas do século 18 não figuram. É interessante relevar que os *Pirá-tapuya* são indicados nos mapas de Frei Gregório em Carurú-cachoeira, Iauareté, Juquirá, S. Joaquim, isto é, em povoados de outras tribos e não onde os encontramos e sinalamos (III). O seu núcleo principal é o Papurí, donde passaram depois ao Uaupés. É provável que tenham chegado ao Brasil antes dos Tukano.

Oscilam por uns seis centos (588 na estatística de «Pelo Rio Mar»), assim distribuídos: no Uaupés, em Jacaré-ponta e arredores de Ananás, de Taracua, em Urubucuara, Mariuá, Buzina, em Uaracú-ponta que é o seu maior centro atualmente e nos arredores de Umarí. No Papurí: em S. Gabriel, S. Paulo. São, outrossim, numerosos em território colombiano fronteiriço.

(43) *Komé-ya* é o nome da língua Tukano correspondente a *Gi-paraná* do Nheengatú, isto é «Ribeirão do ferro ou do machado». Não se confunda com *Komé-ya*, afluente do rio Pirá-paraná que banha as matas habitadas pelos *Ide-masã*, *Roera*, *Yebá* e outras tribos.

3) *Divisões*. — Indicadas por um grupo de Pirá-tapuyas de Teresita (rio Papuri).

1. *Wehétera* ou *Vetára poné* (polvilho), em Teresita, Ucapinima, Japim, Japú (rio Papuri) e Uaracú (rio Uaupés)
2. *Swārya poné* (vermelhos), em Macú-paraná e África (Papuri)
3. *Sasiro poné* (sasiro, um gafanhoto grande) em Uaracú (Uaupés)
4. *Kenē poné* (uma barata), no rio Paca
5. *Pāta poné* (um sapo que incha), em Japim (Papuri)
6. *Busāna poné* (palmeira), em igarapés do rio Japurá
7. *Buxpó poné* (trovão), em S. Tomé (Bela Vista) no baixo Uaupés
8. *Duxkodō poné* (desnalgado), em Bela Vista
9. *Namá-emēperoa poné* (orelha de veado), em Ituim-ponta (Papuri)
10. *Napá poné* (um sapo), em Ararí-pirá (Uaupés)
11. *Komé-pá poné* (pedra do machado), em S. Francisco (Uaupés) (44)
12. *Nohá-peoroa* (queimada), em Bacaba (Uaupés) e Japim (Papuri)
13. *Poéroa* (vazante), em Teresita (Papuri)
14. *Namákulī poné* (veado pintado), em Macú-igarapé
15. *Yapē poné* (uma rã), em Cangatara (Uaupés)
16. *Kēhólya* (sonhador?), em Ponta-fria (Uaupés)
17. *Bwá poné* (cotia), em S. Paulo, S. Gabriel, Tucunaré (Papuri), Taracua, Bela Vista, Açaí-paraná (Uaupés)
18. *Paraoro poné* (um cipó de flor perfumada) nos ribeirões Macú e Ituim.
19. *Nixti-pá poné* (cinza), em Teresita (Papuri) (45)

(44) Conforme o Tukano Henrique, pajé do Japú-igarapé (rio Uaupés), os *Komé-pá*, ditos também *Gi-Tapuya*, são os "Pirá-tapuya dos pés" ou "da cauda" (assim se exprimiu) e moravam antigamente acima do Japú-Igarapé, conforme se pode ver desenhado no mapa de Hamilton Rice (cfr. II-6, b).

(45) "Porque traziam o fogo nas danças", assim nos explicaram a razão do nome. Deve ser costume antigo, que hoje não mais vigora. Releve-se que em Teresita no-lo apresentaram como os Pária dos *Pirá-tapuya*; ao passo que no Tiquié qualificaram de escravo aos *Bwá poné*, *Paráoro* e *Oxkótirya*.

20. *Oxkótirya poné* (espuma da água onde apareceram os Pirá-tapuya), em Carurú-cachoeira (Uaupés) (46)

21. *Dyaxtú panámina* (netos de Dyaxtú, i. e. do que bebe caxiri puro), em S. Tomé (Tiquié), Bela Vista (Uaupés) (47)

w) *WINÁ OU DESĀNA*.

1) *Gente-Nome-Língua*. — No próprio idioma se dizem *Winá*; nome, parece, de um peixe. Conforme o Padre João Marchesi significa *ventania, trovão, gente do trovão*. Pelos Taryana são chamados *Detsana* ou *Papuriwára*. O sufixo *wara* é do Nheengatú e exprime origem; o nome pareceria, então, indicar que penetraram no Brasil pelo Papuri. É certo que quando os Tukano chegaram ao Tiquié, os *Desana* já se achavam aí e nos principais afluentes. Inversamente dos Tukano, depois é que passaram ao Papuri, quiçá ainda antes da chegada dos Tukano ao Brasil.

Na língua Tukano dizem-se *Wená* ou *Wirá*; receberam, outrossim, as alcunhas de «*muhi-pū pōra*», *filhos do sol*, e «*ō mā-kori marsā*», *gente do dia*. Tais alcunhas podem derivar de alguma lenda que desconhecemos. Ou quiçá, da localização relativa dessas duas tribos, estando os *Desana* na região oriental, com relação aos Tukano?

O vocabulário que conseguimos (Cfr. «Discoteca Etno-linguístico-musical») revela tão grande afastamento do idioma Tukano, quanto antropológicamente se distinguem desta tribo. Baixos como eles, porém mais franzinos e mais claros, e de rosto afilado. Chestmir afirma que seu idioma apresenta intrusão Karaíba.

São especialistas no fabrico de peneiras e no preparo do tucum. Os *Tukano* afirmam haver aprendido com os *Desana* a fazer a «rede de trinta fios» (VI - 2, c (2))

É-lhes interdito o matrimônio com os *Taryana* e *Arapasu* (48).

(46) Seriam os *Wanana* considerados como irmãos dos *Pirá-tapuya*, donde a interdição matrimonial que vigora entre estas tribos?

(47) Informou-nos um indivíduo deste grupo que ele se identifica com o 7.º grupo acima *Būxpó poné*.

(48) Lemos em Koch Grünberg que se casam com os *Makús*. Não o pudemos verificar. Talvez se tratasse de um caso particular referido a Koch. Nem nos parece aceitável, pelas centenas de indivíduos que observamos, a opinião de Koch que difiram das outras tribos pelos seguintes traços somáticos: "corpo não tão bem proporcional, cabeça alta, cabelo crespo, rosto oval, zigoma saliente, nariz grosseiro, olhos algo oblíquo".

2) *Habitat e habitantes*. São muitas centenas (601 no censo de «Pelo Rio Mar»). Hoje os encontramos numerosos no Papurí e afluentes, porém especialmente no Tiquié e seus tributários — o Castanho, Umari, Ira e Turi-igarapé. Alguns grupos desceram, já em princípio do século passado, para a foz do Uaupés e o Rio Negro. Estes últimos, como lemos em Giaccone «pelo contato com os Caboclos e brancos, são os mais adiantados; além do próprio dialeto e do Tukano, falam o Nheengatú e muitos, o português. Todos os anos alguns deles sobem o Tiquié e o Papurí, em visita aos seus irmãos, levando-lhes mercadorias ganhas com os brancos e recebendo em troca, farinha de mandioca, peneiras, aturás ou cestos, novelos de tucum e canoas» («Os Tucanos», 7).

3) *Divisões* — Informantes: Amélia Veiga (30 anos, em 1956); da subdivisão *Yugö-põná* e Ana Cabral (22 anos, *Depótino*) ambas de Floresta (rio Tiquié); Justina Pires (de Embaúba, rio Uaupés) e Judite Monteiro (de Matapí, Tiquié):

- 1.º — *Boré-ka-põná ánikma* (aracú) (49), no rio Papurí; são os «Mami»
- 2.º — *Bügyêri põná* (velho), em Tucunaré (Papurí)
- 3.º — *Sumyêri põná* (uma fruta amarga), no Macú-igarapé (Papurí)
- 4.º — *Poyêri põná* (uma fruta semelhante ao abio), no rio Uaupés
- 5.º — *Depótino põná* (uma formiga), em Ira-igarapé (Tiquié)
- 6.º — *Yugö põná* (solução), em Trovão (Uaupés) e Floresta (Tiquié)
- 7.º — *Sipeáninã ánikma* (um pássaro), em Umari-igarapé (Tiquié)
- 8.º — *Anañeri põná* ou *aganigãni põná* (pé de inambú), no rio Papurí
- 9.º — *Yexsé põná* (porco do mato), no rio Castanho (afl. do Tiquié)
- 10.º — *Toá pianã* (iúá pixuna, fruta), em Iraití (Tiquié)
- 11.º — *Waxúpo põná* (cunuri), em Turi-igarapé (Papurí)
- 12.º — *Yú põná* (um inseto?), em Floresta (Tiquié)
- 13.º — *Yeborêna ánikma* (osso?), em S. João (Tiquié)
- 14.º — *Simyô pêru põná* (caxiri de uacú), em Teresita (Papurí) e Itapinima (Uaupés)

(49) *Bore-ka-põná* quer dizer “filho do aracú”. “*Ánikma*” é um demonstrativo que empregam com freqüência e significa *estes, eles*. Transcrevêmo-lo para ficar fiel à indicação e pronúncia dos nossos informantes.

- 15.º — *Yaxpé putiná* (?) ou *yai burtiná* (onça branca), em S. Antônio (Tiquié)
- 16.º — *Búyaka põná* (sumaúma), no rio Papurí
- 17.º — *Teáburu põná* (uma fruta), em Floresta (Tiquié)
- 18.º — *Maháñana põná* (uma lagarta comestível), no rio Papurí
- 19.º — *Mõnéa põná* (carapanã), em Umari-igarapé (50)
- 20.º — *Minumú põná* (andorinha), nas cabeceiras do Papurí
- 21.º — *Mixpínya põná* (açai), em Turi-igarapé e Montfort (Papurí)
- 22.º — *Way-goberi põná* (canal de peixe) (51), em Piracuára e Montfort (Papurí)
- 23.º — *Kúperi põná* (?), em Tucunaré (Papurí); só uma mulher sobrevive, mãe de Sabino Paíva de Iuquira, Uaupés)
- 24.º — *Poetêna* ou *Po'yaxtêna* (uma planta), em Po-yá igarapé
- 25.º — *Óiwa ánikma* (morcego), no rio Papurí; são os pária.

Obs. O Desana José Prado, de uns 30 anos (1956) confirmou as subdivisões supra, com as seguintes modificações: 1.º não conhece a 11.ª subdivisão *Waxúpo põná*; 2.º corrigiu os nomes da 8.ª, 15.ª e desmembrou a 24.ª, respectivamente *aganigãni põná*, *yai burtiná* e *Poyaxtêna* porque plantou o igarapé» (assim explicou); 3.º — As três primeiras são as mais nobres, disse, e os *óiwa* são os pária.

x) KUMADENE OU IPEKA-TAPUYA

1) *Gente-Nome-Língua* — *Ipeka* é termo nheengatú que significa pato-dagua. No próprio idioma eles se denominam *Kumadene*, e na língua Tukano, *Dya-kaxtá-pórá* (filhos do pato-dagua). Os Taryána dizem-nos *Kumáda Yaperikuli*, patos de Yaperikuli.

Há no Uaupés um pequeno grupo desta tribo de Linhagem *Arwake* e cujo idioma se filia ao grupo *Baniva*, como se pode ver pelo Vocabulário que recolhemos (Cfr. «Discoteca Etno-Linguístico-musical»).

Consideram-se irmãos dos Taryána, e, por isso, é proibido o matrimônio entre estas tribos. Na lista das subdivisões dos *Taryána*,

(50) Seria talvez a tribo *Karapanã* que considerem mais intimamente ligada aos *Desana*? Efetivamente existe um grupo *Karapanã* nas cabeceiras do ribeirão Uamarí ou Umari-igarapé.

(51) Afirmando os indígenas que há um canal subterrâneo entre o Papurí e o Tiquié, por onde, reza sua lenda, passaram os primeiros peixes para o Tiquié.

figuram os *Kumāda Yaperikuli*. Porém as diferenças somáticas e glotológicas demonstram-na uma tribo distinta dos Taryāna. São menos corpulentos, de compleição mais delicada, mais claros e de cabelos menos lissótricos do que êstes.

Os do Uaupés já perderam o idioma pátrio falando todos exclusivamente o Tukano. Em 1954 encontramos em Urubuara apenas dois velhos que sabiam ainda algumas palavras da língua natal, que pudemos transcrever e gravar: o sexagenário tuxáua Mandú Henriques, e o quase nonagenário Komū (xamã) Martinho, falecido em março de 1956. Os do Cuiari, afluente do Içana conservam ainda seu próprio idioma.

2) *Hábitat e habitantes*. — Esta tribo participou das primeiras migrações que se localizaram no Cuiari e Içana; tendo, como centro neste rio, a localidade de S. Pedro. A escassez do Içana em peixe, em relação à população, especialmente em alguns anos, levou, em meado do século passado, alguns grupos a emigrarem para o Uaupés. Em maior número passaram pelas matas do Aiari, e outro, pelo baixo Içana. Entre êstes últimos o grupo *Ipeka* que hoje se encontra em Urubuara e arredores, e nenhuma relação mantém com os *Ipeka* do Içana. Parece que, presentemente, a tribo inteira não ultrapasse três ou quatro centenas de almas.

3) *Divisões* — Informante Mandú Henriques, do grupo *Komāda-pú*, tuxáua de Urubuara. Releve-se que os vários *Kumādēne* do rio Cuiari, que pudemos consultar, embora falem o idioma natal, não souberam indicar as divisões da tribo.

- 1.º — *Kumāda-da* (?), em Pinú-pinú, já extintos.
- 2.º — *Kumāda-pú* (?), em Urubuara
- 3.º — *Kapási Máwesi* (gancho?) Cabeceiras do Yaviari
- 4.º — *Hapáka* (?), em Bacaba-cachoeira (Uaupés)
- 5.º — *Wamerída* (?), em Bacaba-cachoeira
- 6.º — *Murisépa* (?), em Periquito-cachoeira (Uaupés)
- 7.º — *Wirí-karúpa* (uiripipi, pássaro), em Periquito (Uaupés)
- 8.º — *Kumādáwēi* (fileira), no rio Aiari

z) *TALYSERI OU TARYANA*.

1) *Gente-Nome-Língua*. São os principais representantes, no rio Uaupés, do grupo étnico e lingüístico *Arwáke*. Denominam-se, na língua Tukano, *Páāna* (nome de uma planta?), e no próprio

idioma *Talyáseri* ou *Talyéseri* e em vários idiomas *Arwáke* do Issana *Tarídza* ou *Taria*. De *Talyaseri*, opinamos nós, deriva a palavra *Taryana*, pelo rotacismo (troca do *r* pelo *l*, fenômeno comum entre essas tribos) e o sufixo *ana*, da língua geral, que exprime abundância ou coletividade.

Tentamos dar um esboço do aspeto somático (cfr. IV - 1, a (2)). Caracterizam-se melhor pela língua, que é do ramo *Arwáke*; portanto bem diversa da Tukano pela pronúncia, radiação e flexão. (Cfr. «Discoteca Etno-lingüístico-musical» e «Idiomas Indígenas da Amazônia»). Parece-nos, no entanto, que, quanto à estrutura ou arcabouço lógico da língua (derivação de palavras, ordem da frase, sintaxe, etc.), o *Taryana*, como também os idiomas *Arwáke* e o próprio *Nheengatú*, sejam semelhantes ao da Família de línguas *Tukano*. Envolvidos geograficamente, como se acham por êstes, e pelas relações comerciais e matrimoniais, nota-se que a sua língua tende a desaparecer, sendo substituída pelo Tukano. Atualmente apenas uma centena e meia de adultos entende e fala o idioma *Taryana*. Os moços só conhecem o *Tukano*, que é, muitas vezes a língua da própria mãe, e muitos, o Português aprendido nas Missões Salesianas.

De acôrdo com as lendas teriam saído da terra por buracos que se vêem nas pedras da cachoeira de *Uapuim* (no rio Aiari). Ao emergirem, ainda cobertos de sangue, fez-se ouvir forte trovão, e por isso são ditos «Filhos do sangue do trovão» (em Tukano: *Büxpó di pôrá*) ou *Di-roá* (gente do sangue).

Por ocasião da chegada ao Uaupés deu-se uma cisão em dois grupos, que ainda hoje se mantêm antagônicos. Um se localizou na cachoeira de *Ipanoré*, e o outro na de *Iauareté*; e entre ambos se radicaram um grupo *Tukano* em Iuquirá, um *Pirá-tapúya* em Aracú-ponta e um *Arapasu* em S. José.

A sua ascendência *Arwáke* faz-nos pensar numa descida provável pelos Rio Orinoco-Negro, localizando-se alguns grupos (*Ipeka*, *Baniva*, etc.) pelo vale do Içana e Xié, e outro (*Baré* e *Taryāna*) desceram mais. Os *Baré* chegaram até a foz do Rio Negro, e os *Taryāna* até a do Uaupés, cuja corrente depois subiram. Essas migrações devem ter-se processado há vários séculos. Com efeito, na época dos descobrimentos, já se acham os *Arwáke* nos rios que ocupam atualmente. Mais ainda, os primeiros exploradores, que atingiram o rio Orinoco, encontram entre as tribos locais a crença que os habitantes do Rio Negro eram gigantes (Cfr. Sampaio, «Diário» de 1774-5, pag. 302). Podemos, pois, inferir um intervalo de séculos para o surgir e generalizar-se de lendas dêsse jaez.

2) *Hábitat e habitantes*. — As estatísticas das Missões dos Frades Capuchinhos de 1880 a 1888 indicam 11 aldeias habitadas pelos Taryāna com um total de 2.272 almas, cujos centros principais eram: Iauareté, S. Joaquim, Naná-Rapécūma, S. Jerônimo, Micura-Rapécūma, Carurú-cachoeira. Podemos afirmar que desses centros indicados presentemente só há *Taryāna* em Iauareté, S. Jerônimo de Ipanoré, e Micura-Rapécūma. Os últimos dados que possuímos acusam apenas 717 em *Ipanoré*, *Pinú-pinú*, *Cigarro Buzina* e de *Iauareté* para cima até *Periquito*, tôdas localidades sôbre o rio Uaupés, e em Aracapá, Japurá e arredores sôbre o rio Papurí, e no rio Javiari. É possível que no cômputo dos Capuchinhos estivessem incluídos outro grupos *Arwáke* mais vizinhos pela língua e costumes, residentes na bacia do Içana.

3) *Divisões*. — Em outubro de 1953, um grupo de *Taryana* de Iauareté, entre os quais dois velhos de mais de 60 anos, verificaram a lista que daremos em seguida e obtida em viagens precedentes. Quanto à ordem e significado dos nomes havia indecisão entre os informantes, devido, talvez, à decadência do grupo que, além de sua redução de membros, está perdendo o próprio idioma.

- 1.º — *Pökurāna* (nascido das nuvens), no povoado *Manao* (Iauareté). São os mais importantes.
- 2.º — *Nérikwa Kwénaka* (cara de veado), em Japurá (rio Papurí) (52).
- 3.º — *Siviru thumú* (?), em Japurá
- 4.º — *Kwisi úda* (cauda de mutum), em Iauareté (Uaupés)
- 5.º — *Kwi-váte* (?), em Iauareté
- 6.º — *Kwénaka* (?), em Iauareté e Ipanoré (quase extinto) (Uaupés)
- 7.º — *Kwi Káparo* (macaco aimoré), em Ipanoré
- 8.º — *Samī-da* (?), em Aracú-ponta (Uaupés)
- 9.º — *Makú-ya* (urutaui, bacurau), em Micura (Uaupés)
- 10.º — *Komāda Yaperíkuli* (Pato de Yaperíkuli), em Pinú-pinú (Uaupés) (São propriamente os Kumādēne, também do grupo *Arwáke*)

(52) Dêsse grupo, hoje quase extinto, o velho Paulino que nos forneceu estas subdivisões.

- 11.º — *Makaryá-pö* (?), em Uaracapá (rio Papurí)
- 12.º — *Hipariku sásari* (*riku* é um pica-pau pequeno), em Iauareté (Missão)
- 13.º — *Seréawi* (um periquito de cauda longa), em Bacaba (Uaupés)
- 14.º — *Kayároa* (? sonhadores), Iauareté (povoado Dom Bosco)
- 15.º — *Wáparo pōná* (um peixe), em Pinú-pinú (Uaupés) (53).

Em maio de 1956, o pajé *Taryāna* do Ira-igarapé, por nome Henrique, homem de seus 50 anos, contou-nos a lenda das origens dos grupos *Arwáke*, na *cachoeira de Uapuim*, e deu-nos a relação dos chefes *Taryāna* na ordem de saída da panela da cachoeira, e que corresponde igualmente à importância do grupo que dêle se originou. Note-se que se diferencia da precedente, não só quanto ao número das subdivisões e sua precedência, como também quanto aos nomes e seu significado. Só há acôrdo com a precedente em meia dúzia de nomes. Revelou-se, no entanto, melhor conhecedor das lendas antigas, e por isso mais crédito merece sua palavra, aliás muito respeitada não só pelos simples homens, como também por outros pajés da tribo *Taryāna*.

Começando pelos mais importantes, assim ficam seriadas em ordem decrescente as subdivisões:

1.º grupo dos mais nobres

- 1.º — *Kaméwa* (?), os cabeça; já se extinguiram
- 2.º — *Iriyumákēni* ou *Ena-yamákere* (gente do sangue, isto é, nascidos do trovão) dêste grupo Agostinho do povoado Manao (Iauareté)
- 3.º — *Pokurāna* (i. e. irmão mais velho) *Kasútari*, já extintos; outrora no povoado Manao
- 4.º — *Pokurāna náseri* (?), também extintos, em Iauareté
- 5.º — *Pokurāna purití* (fôlha), dêste grupo Filipe de Iauareté

(53) Este nome está em língua Tukano. Uma jovem de 17 anos, Antonia Corrêa, se apresentou em 1954, como sendo *Wáparo pōná*, não sabendo dizer o significado de *Wáparo*. Conforme outros é um peixe semelhante ao aracú, porém mais arredondado.

- 6.º — *Pokurāna Kwénaka* (cunurí), dêste grupo é Joaquim de Iauareté
- 7.º — *Pokurāna Nerikoa* (testa de veado), extintos, em Iauareté
- 8.º — *Dúpu-kári* (lagarto d'água), Paulino de Iravassú-ponta
- 9.º — *Kwénaka Pitasítsawi* (perna de cutia), Iravassú-ponta
- 10.º — *Kwénaka Sivíru* (pomba), Mandú Moleque de Iauareté
- 11.º — *Pokurāna Kwisívada* (cauda de mutum), Mandú de Turí-ponta (Uaupés)
- 12.º — *Pokurāna Wadakēnini* (galho de iúa-pixuna), Benedicto de Tauá (antigamente moravam em Talaçú)

2.º Grupo mais abaixo (i. e. inferior)

- 13.º — *Kwénaka Kwewáthe*, Nicolau de Iauareté
- 14.º — *Kwénaka Manwére* (Manuel) *Kwewáthe*, Calisto de Iauareté
- 15.º — *Kwénaka Manwére Kwewáthe*, Leopoldino de Iauareté (54)
- 16.º — *Kwénaka Dakásani* (puraquê), os Taryana de Ipanoré
- 17.º — *Pupúta Sahāmi* (cabeça de cutia), os Taryana de Araçú-ponta
- 18.º — *Sahāmi Maru-wyanapéri* (sobrinho do Bayá), Feliciano de Manáo
- 19.º — *Sahāmi Karinéseri Baasé-bō* (55), no Ira-igarapé (deste grupo o informante)
- 20.º — *Sahāmi Karinéseri — Yauvityápu* (arco de flecha), em Japurá (Papuri)
- 21.º — *Wiaka* (?), hoje em Ipanoré, outrora na cachoeira do Acari
- 22.º — *Hwyaka* (?), hoje em Cigarro, outrora na cachoeira do Acari

3.º Grupo — *Surára* (os soldados, para os trabalhos inferiores) (56)

- 23.º — *Kumāda Axréda* (pato branco), Agostinho da ilha do bezouro (abaixo de Iauareté)

(54) Leopoldino foi um tuxáua muito temido de Iauareté, por volta de 1920

(55) Parece ser da língua Tukano o nome *Baasé-bō*; conforme uma lenda foi o personagem que lhes deu a *mandioca*.

(56) *Surára* é o termo, parece, do Nheengatú, corrupção do português *soldado* e que as diferentes línguas adotaram.

- 24.º — *Kumāda Kadêita* (pato branco), Martinho de Urubucuará
- 25.º — *Kumāda Kadêita*, no rio Javiari

4.º Grupo

- 26.º — *Yaviria-pe nipe* (gente do Javiari), Paulino de Uaracapá (Papuri) (57)
- 27.º — *Yaviria-pe nipe* (gente do Javiari), Bibiano de Uaracapá
- 28.º — *Adari* (pavãozinho ou feiticeiro, ave), Marcelino de Iauareté
- 29.º — *Yaryanipe* (tartaruga-bayá), em Iauareté (servem a Nicolau)

5.º Grupo — dos *Kayároa* (em Tukano Way-penésiriri)

- 30.º — *Yavyáripe* (tubo de ritmo), os Taryána de Mirití (Uaupés)
- 31.º — *Kayároa*, extintos desde o início (i. e. morreu sem deixar filhos)
- 32.º — *Hayku Sāni* (coração de pau), João Barrigudo de Iauareté
- 33.º — *Hiparu* (a curvatura do sapo), Eduardo de Iauareté
- 34.º — *Tépána Masyédana*, são os escravos, em Iauareté (sobrevivem só algumas mulheres)

6.º Grupo — dos *sobrinhos* (?)

- 35.º — *Pai Penéseri* (=Waí penésiriri?), Antonico de Iauareté
- 36.º — *Pai Penéseri*, Eduardo de Iauareté (pai de Ricardo)
- 37.º — *Pai Penéseri*, os Taryana do povoado de Buzina (Uaupés)

7.º Grupo — dos *escravos*, «*Taryana da cauda*»

- 38.º — *Mamyári-kéni* (neto de Wāx-ti ou Juruparí), Bibiano de Periquito
- 39.º — *Mamyári-kéni*, em Bacaba-cachoeira (Uaupés)
- 40.º — *Mamyári-kéni*, em Juquirá-ponta (acima de Iauareté).

(57) *Yaviria-pe nipe*, com toda probabilidade é do idioma Tukano, e com melhor pronúncia se escreve *Yaviria-pō nīpō*, i. e. os que estavam no rio Javiari.

	em Tukano	Tuyuka	Pirá-tapuya	Wanana
1. Tukano	Daxseá	Daxseá	Daxseá	Daxséa
2. Tuyuka	Dyí-khāra	Doxká-poará	Dyí-kena	Dyí-maxkāna
3. Pirá-tapuya	Waí-khāra	Doxká-foará	Waí-khana	Waí-maxkāna
4. Wanana	Oxko-tí-khāra	Waí-maxkāna	Oxkó-ti-rya	Kótirya
5. Desana	Wirá	Dyá-poxsá-maxkāna	Kna	Kna
6. Kubewana	Kobéwa	Axko-ti-maxkāna	Sí-á (Sí-bá)	Bwísa-maxsā
7. Bará	Bará	Wina	Bará	Bará
8. Yurití-tapuya	Wafāra	Kubéwa	Wafana	Wafana
9. Suryana	Söryá	Bará	Süryá	Süryá
10. Karapanā	Möxtéá	Waídyana, Waíaka	Muxtā	Möxtéá
11. Hanēra	Parērōá	Söryá	—	Parērōa-maxsā
12. Edúrya	Eduryá	Möxteá	Erúrya	Dürya (Verúlya)
13. Yebá-masā	Yepá-maxsā	Panēnōá	Yepá-maxsā	Yepámati
14. Tatú-tapuya	Pamōá-maxsā	Edúrya	Pamō-poné	Phamō-poná
15. Mikúra-tapuya	Oá-maxsā	Yepá-maxsā	Oá-poné	Oá-maxsā
16. Mirití-tapuya	Neērōá	Pamōá	Neenoá	Neenoá
17. Arapásu	Kōrēá	Oá-fōná	Koneá	Kō'réa
18. íde-masā (Makuna, Aöníra)	Aönírā	Neenoá	Aönina	—
		Koneá		
		Aöniná		

19. Waríwa-tapuya	Emōá-maxsā	Emōá	Emōa	Emōa
20. Taraíra-tapuya	Doé-maxsā	Doséa, Daséra	Daxsepya-poné	Daxsá-píwa
21. Bá:re-masā	Baá-maxsā	—	—	—
22. Pusá-tapuya	Wehēkō-maxsā	Bafígo-maxsā	Wéhána-maxsā	Wahiye-kéryá
23. Káwa-yari	—	—	—	Kaviaríá
24. Yurú-piḡúna	—	Waú (?)	Doxsé-betó-ñíena	Döxsé-ro-ñyina
25. Sarabatana-tapuya	Büxpúwō-maxsā	Buxpúwō-baxsoka	Vuxpú-paxká-poné	Pú-maxsā
26. Taníbúka	Nū'hōá-maxsā	Hoá-iñará	Nül'hō-paxká-poné	—
27. Wakará-tapuya (Yeheá-maxsā, gente garça)	Yeheá-maxsā	Yé-maxsā, Yé-pōná	Tā-tā-poné	Kóda-ká-maxsā
28. Akāgatára-tapuya	Mahā-poari-maxsā	Māhoá	Mahā-poari-poné	Mahā-poaká-maxsā
29. Tayasú	Yexseá-maxsā	Yesé-pōná	Yexseá-poné	Yexseá-maxsā
30. Yakamí (jacamim)	Tā-tā-maxsā	Maxkári-yesé	—	—
31. Arakú	Bo'téa-maxsā	Tā-tā-maxsā	Tā-tā-poné	Tā-tā-porēnoá
32. Irawsú	—	Bo'téa-maxsā	Bateá poné	Bo'téa-maxsā
33. Pikasú	Buhá-maxsā	Dobé	Umí-maxsā	Mí-parēnoá
34. Tapira	Wexkō-maxsā	Buá-pōná	Buhá-maxsā	Buhá-maxsā
35. Yawareté-tapuya (Yaí-maxsā, gente onça)	Yaí-maxsā	Wexké-fōná	Vexkō-maxsā	Waxtsé-maxsā
36. Pirá-yurú	—	Yaí-fōná	Yairó-poné	Yaíro-parēnoá
37. Tokādira	Waí-öxseró-maxsā	—	—	—
38. Jí-tapuya	Pextāra	Waí-öxseró-maxsā	Waí-doxsé-maxsā	Waí-döxsé-maxsā
39. Jiboya-tapuya	Komeá-maxsā	Pextá-maxsā	Pextá-poné	Pixtá-maxsā
	Wexsé-koteró-maxsā	Komeá	Komé-paxká-maxsā	Komā-maxsā
	—	Maxká-finó	—	Dyátina-maxsā
40. Utía-waiwa	Uxtyá-maxsā	—	—	—
41. Koró-Koró	Koxtóá-maxsā	Yāxsó-utyá	Uxtíroa-maxsā	Tiroá-maxsā
42. Omáwa	Omáwa-maxsā	Koxtóá	Koxtóá	Koxtóá
43. Meyú-tapuya	Ahūga-maxsā	Omā-pōná	Omā-poné	—
44. Wátúya	—	Webe-fōná	Nahō-poné	Nahū-maxsā
45. Taryāna	Páana	—	Waxpáyakea	—
46. Ipéka-tapuya	Dyá-kaxtá-pōrá	Pávava	Pá:ne	Pháwana
47. Baniva	Bexkārā	Dyá-katá-fōná	Dyēni-poné	Dyá-kaxtá-poná
48. Makú	Poxsá	Bexkaná, Bekará	Bexkaná, Bexkéé	Bastyá
		Poxsá	Poxsá	Poxsá

	em Desãna	Kubewãna	Bará	Yuriti-tapuya
1. Tukano	Nãxseá	Wéwewa (Hoéwe)	Daheá	Daxseá
2. Tuyuka	Mát-mana	Koróboa-parámena	Döxká-poará	Doká-puyãna
3. Pirá-tapuya	Wai-ahana	Moá-parámena	Wai-maxkána	Wai-masã
4. Wanana	Dexkó-soró-mãná	Oxkó-diwa	Okó-timá-maxkána	Oxkó-sutiró-makãna
5. Desana	Winá	Weköwe (weküwe)	Winá	Winã
6. Kubewana	Dixpári-maná	Pamíwa	Dyá-mahã	Ptéri-makãna
7. Bará	Bará	Pididá-pwéwã	Bará	Bará
8. Yuriti-tapuya	Gwaiana	Huréwayra	Waiana	Wahýara (Uhaiana)
9. Suryana	Söryá	Pwímÿa (Pwímíwa)	Súrtyá	Sötyá
10. Karapanã	Mõneá	Mórewa	Möxteá	Moxteá-põná
11. Hanëra	_____	Hawãnya	_____	_____
12. Edúrya	_____	Edúrya	_____	_____
		? (Barönina-parámena)		
13. Yebá-masã	_____	Yebá-masã	_____	_____
14. Tatú-tapuya	Pamõ-põná	Pamõa	_____	_____
15. Mikúra-tapuya	Ódri-komë	Ohöwe-parámena	Oá-mõná	_____
16. Mirití-tapuya	Neenoá	Neáwa-parámena	Neenoá	Neenoá
17. Arapásu	Kõneá	Kõrewa	Koneá-mahã	Koneá
18. fde-masã	_____	Aödina	Aöninã	_____
19. Guariba-tapuya	_____	_____	_____	_____

20. Tarafra-tapuya	_____	_____	_____	_____
21. Bá:re-masã	_____	_____	_____	_____
22. Pusá-tapuya	_____	_____	_____	_____
23. Káwa-yari	_____	_____	Kawáyari	_____
24. Yurú-piõúna	_____	_____	_____	_____
25. Sarabatana-tapuya	_____	_____	_____	_____
26. Taníbúka	_____	_____	_____	_____
27. Garsa-tapuya	_____	_____	_____	_____
28. Akagatára-tapuya	_____	_____	_____	_____
29. Tayasú	_____	_____	_____	_____
30. Yakamí (jacamim)	_____	_____	_____	_____
31. Arakú	_____	_____	_____	_____
32. Irawsú	_____	_____	_____	_____
33. Pikasú	_____	_____	_____	_____
34. Tapira	_____	_____	_____	_____
35. Yawareté-tapuya (Yaf-maxsã, gente onça)	_____	_____	_____	_____
36. Pirá-yurú	_____	_____	_____	_____
37. Tokãdira	_____	_____	_____	_____
38. Jí-tapuya	_____	_____	_____	_____
39. Jiboya-tapuya	_____	_____	_____	_____
40. Utfa-wafwa	_____	_____	_____	_____
41. Koró-Koró	_____	_____	_____	_____
42. Omáwa	_____	_____	_____	_____
43. Meyú-tapuya	_____	_____	_____	_____
44. Wátúya	_____	Kõnoríwa	_____	_____
45. Taryãna	_____	Oráydüa (Ogáydawë)	Páoana	Pawá
46. Ipéka-tapuya	Dyá-kaxtã-põná	Bedé-parámena	Dyá-katã	Dyá-katã-põná
47. Baniva	_____	Makã-pawã (põõã)	Bexkána	Bekãne-makãna
48. Makú	Poyá	Boroá	Pohoá	Poxká

	em Suryāna	Karapanā	Hanera	Edúrya
1. Tukano	Daxseá	Ratseá	Daseá	Raseá (Latseá)
2. Tuyuka	Matá-mana	Roká-poëna	Lokaxna	Rokáhana
3. Pirá-tapuya	Wai-kāna	Wai-makāna	Wai-kāna	Wai-makāna
4. Wanana	?Bāreá	Wiroa	Oxko-tí-kāna	Oxkó-dí-kāna
5. Desana	Winá	Winá	Winá	Winá
6. Kubewana	Diparí-kāna	Dyá-mahā (Kubēwa)	Kobēwa	Kobēwa
7. Bará	Bará	Bará	Gahé-masā	Bará
8. Yurití-tapuya	Wayāna	Waiāna	Waiāna	Wayāna
9. Suryana	Surirá	Süryá (Sâtyá)	Tšödyá	Tsödyá
10. Karapanā	Moré-ká-pōná	Möxtéá	Möxteá	Möxteá
11. Hanēra	—	—	Hanērā	Hanērā
12. Edúrya	—	Edúrya	Edúrya	Edúrya (Erúlya)
13. Yebá-masā	—	—	Yepá-masā	Yebá-masā
14. Tatú-tapuya	—	Pamōá-yê	Hamōnya	Hamōá-masā
15. Mikúra-tapuya	—	Oá-maikāna	Oá-senōá	Oá-sinoá
16. Mirití-tapuya	Neenoá	Neenoá	Neenoá	Néroá
17. Arapásu	Konéa	Kōnēá	Koneá	Koneá
18. íde-masā	Aökairā	Aökōra	Uhāna	Uheāna (Wahāna)
19. Guariba-tapuya	—	Ka-mōá	Ömōá-masā	Ömōá-masā
20. Tarafra-tapuya	—	?Orotsé	Roeá-masā	Roeá-masā
21. Bá:re-masā	—	—	—	—

22. Pusá-tapuya	—	?Ba-pí	Syāri-ryarā	Syāri-hosá
23. Káwa-yari	—	Kawárya	Káwadya-masā	Káwayari
24. Yurú-piğūna	—	Iröipyá	Risé-nírá-masā	Risé-nírá-masā
25. Sarabatana-tapuya	—	Buxpú-matsā	Buhwá-masā	Buhú-masā
26. Tanībúka	—	Oanāra	Ohoā-yára	Mugā-yára
27. Garsa-tapuya	—	Waní-matsā	Uxpíra	Uxpíra
28. Akāgatára-tapuya	—	Mahā-poá-matsā	Māhā-hoá-kāna	Mahā-hoá-hakāra
29. Tayasú	—	Yetsá-matsā	Yeseá-masā	Yesé-masā
30. Yakamí (jacamim)	—	Tā-tōá-mahā	Tā-tā-masā	Tā-tā-masā
31. Arakú	—	Boté-ká-mahā	Boté-ká-masā	Bodéa-hwinā
32. Irawsú	—	—	—	—
33. Pikasú	—	—	—	—
34. Tapira	—	—	Wakō-masā	Wexkō-masā
35. Yawareté-tapuya (Yai-maxsá, gente onça)	—	—	—	—
36. Pirá-yurú	—	—	Dyai-masā	Yai-masā
37. Tokādira	—	—	Wai-risé-masā	?Ryá-tōná
38. Jí-tapuya	—	—	Hetári-sanā	Hetári-henā
39. Jiboya-tapuya	—	—	Komeá-masā	Komé-masā
40. Utía-waiwa	—	—	Vexsé-koteró-masā	Wexsé-koteró-masā
41. Koró-Koró	—	—	Utyarí	Yetoá-masā
42. Omáwa	—	Kotoá	Hotoá	Kóto-masā
43. Meyú-tapuya	—	Nāoro	—	Omá-masā
44. Wātúya	—	—	Nahū-háyri-masā	Nahū-heri
45. Taryāna	Pávana	Páwa	—	—
46. Ipéka-tapuya	Dyá-kará-pōná	Dyá-katá-pōná	Hawāra	Hawāna
47. Baniva	Bexkāna	Be'kāna	Dyá-katároa	Dyá-katara
48. Makú	Poyá	Potsá	Bexkāna	Bexkāna
			Hosá	Hosá

	em Yebá-masã	Tatú-tapuya	Ide-masã	Tsena
1. Tukano	Daseá	Daheãna	Raseá	Daheá
2. Tuyuka	Doxkãna	Hókapana	Lokáxna	Dóxkavana
3. Pirá-tapuya	Wai-maxkãna	Wai-makãna	Wai-maxkãna	Wai-makãna
4. Wanana	Wíroa	Wíroa	_____	Wíroa
5. Desana	Winá	Winã	Winã	Winã
6. Kubewana	Póde-masã	Kubêwa	Kobewa	Ryá-mahã
7. Bará	Bará	Bará	Bará	Bará
8. Yurití-tapuya	Waiana	Waiana	Wadyána	Wafana
9. Suryana	Südyá	Hutyá	Sudyá	Hötyá
10. Karapanã	Mõxteá	Mõxteá	Mõxtéá	Mõtõá
11. Hanëra	Hawánya	Panerá	Hanëroa	Panënoa
12. Edúrya	_____	Edúrya	Edúrya	Edúrya
13. Yebá-masã	Yebá-masã	Yebá-maxsã	Yebá-maxsã	Yebá-mahã
14. Tatú-tapuya	Hamónya	Paboá	Hamõá-sená	Pámõa
15. Mikúra-tapuya	Oá-masã	Oá	Oá-sená	Ooa
16. Mirití-tapuya	Neenoá	Neéroa	Neéroa	Neënoá
17. Arapásu	Koné	Koneã	Kõ'neá	Kõnéa
18. Ide-masã	Aõdina	Uhãna	Ide-masã	Wõhana
19. Guariba-tapuya	Emõá	Emõa	Emõá-masã	?Úkõ
20. Taraíra-tapuya	Roeá	_____	Roeá	Loheá
21. Bá:re-masã	_____	_____	_____	_____

22. Pusá-tapuya	_____	_____	_____	?Bapí
23. Káwa-yari	_____	_____	Kawírya	Wáyakõrõ
24. Yurú-piõuna	_____	_____	_____	_____
25. Sarabatana-tapuya	_____	Bahábugana	Buhwá-masã	Búpwa
26. Tanibúka	_____	_____	Õhãñara (noyõña)	_____
27. Garsa-tapuya	_____	_____	Wánya-masã	Yé
28. Akãgatãra-tapuya	_____	_____	Mahã-hoá-masã	_____
29. Tayasú	_____	Yeseá-masã	Yexseá-masã	_____
30. Yakamí (jacamim)	_____	Bodé-winã	Bóteku-masã	_____
31. Arakú	_____	Tã-tã-masã	Tã-tã-masã	_____
32. Irawsú	_____	_____	Mímya-masã	_____
33. Píkasú	_____	_____	_____	_____
34. Tapira	_____	_____	_____	_____
35. Yawareté-tapuya (Yai- maxsã, gente onça)	Yaia-masã	_____	Yaia-masã	_____
36. Pirá-yurú	_____	_____	Wai-õxseró-masã	_____
37. Tokãdira	_____	_____	Hetãra	_____
38. Jí-tapuya	_____	_____	Komé-masã	_____
39. Jiboya-tapuya	_____	_____	Wexsé-kodé-masã	_____
40. Utía-waiwa	_____	_____	Útya-masã	_____
41. Koró-Koró	_____	_____	Koxtõá-masã	_____
42. Omáwa	_____	_____	Omá-masã	_____
43. Meyú-tapuya	_____	Nahũ-masã	Nahũ-masã	_____
44. Wátúya	_____	_____	_____	_____
45. Taryãna	Hawánya	Pávãna	Hawarã	Pávana
46. Ipéka-tapuya	Dyá-katãna	Dyá-kaxtã-põná	Ryãka-tarya	Ryá-potãka
47. Baniva	Bexkãna	?Bekãra	Bexkãra	Mípya
48. Makú	Hosá	Pohãre	Hosá	Pohá

	em Guariba-tapuya	Tarayra-tapuya	Bá: re-masã
1.	Tukano	Raseá	Raseá
2.	Tuyuka	Rokãna	Okãna
3.	Pirá-tapuya	Wai-makãra	Wai-makãra
4.	Wanana	Oxko-tí-makãra	Ryarígana
5.	Desana	Winá	Winã
6.	Kubewana	Kobéwa	Kubéwa
7.	Bará	Bará	Bará
8.	Yurití-tapuya	Wayéra	Wadžána (Watoyãna)
9.	Suryana	Sudyá	Súdyá
10.	Karapanã	Mõxtéá	Mõxtéá
11.	Hanëra	Hanëroá	Hanëna
12.	Edúrya	Edúrya	Édurya
13.	Yebá-masã	Yebá-maxsã	Yebá-masã
14.	Tatú-tapuya	Hãmõá-sená	Hámorya
15.	Mikúra-tapuya	Oá-sená	Oá-saná
16.	Mirití-tapuya	Neërõá	Neëroa
17.	Arapásu	Kõ'neá	Kõnea
18.	Íde-masã	Íde-masã	Íde-masã
19.	Guariba-tapuya	Émõá-masã	Émõa-masã
20.	Taraíra-tapuya	Roeá	Roéa-masã
21.	Bá: re-masã	Bá: re-masã	Bá: re-masã

22.	Pusá-tapuya	_____	Yorí-masã	Yaurí-masã
23.	Káwa-yari	Kawírya	Kawírya	Kawírya
24.	Yurú-pișúna	_____	_____	_____
25.	Sarabatana-tapuya	_____	Buhábugana	Buhábugana
26.	Tanibúka	_____	_____	_____
27.	Garsa-tapuya	_____	_____	_____
28.	Akãgatãra-tapuya	_____	_____	_____
29.	Tayasú	_____	Yeseá-masã	Yeseá-masã
30.	Yakamí (jacamim)	Tã-tã-masã	Tã-tã-masã	Tã-tã-masã
31.	Arakú	_____	Bodéha-masã	Bodé-winá
32.	Irawsú	_____	_____	_____
33.	Pikasú	_____	_____	_____
34.	Tapira	_____	_____	_____
35.	Yawareté-tapuya (Yaf-maxsã, gente onça)	Yaia-masã	_____	_____
36.	Pirá-yurú	_____	_____	_____
37.	Tokãdira	_____	_____	_____
38.	Jí-tapuya	_____	_____	_____
39.	Jiboya-tapuya	_____	_____	_____
40.	Utía-waíwa	_____	_____	_____
41.	Koró-Koró	_____	_____	_____
42.	Omáwa	Omá-masã	Omágwa-masã	Omagúa-masã
43.	Meyú-tapuya	_____	Nahú-masã	Nahú-masã
44.	Wátúya	_____	_____	_____
45.	Taryãna	Pawará	Hawãna	Awãna
46.	Ipéka-tapuya	Ryá-kataryá	Ryá-katá-masã	Ryá-katãrya
47.	Baniva	Bexkãra	Bekãra	Bekãra
48.	Makú	Hosá	Hosá	Hosá

3. NOME DAS TRIBOS DO UAUPÉS
nas diversas línguas indígenas

	em Taryána	Ipéka-Tapuya	Makú
1. Tukano	Yasemá	Yasemá	Tšokó-dé
2. Tuyuka	Surú-pêne	Surú-peene	Mãí-dé
3. Pirá-tapuya	Kupé-mínanei	Kopé-mináneí	Mohópi
4. Wanana	Panúmape	Panómápe	Deké-dyóhí
5. Desana	Detsána, Detsénei	Desá	Miná-dé
6. Kubewana	Noká		
7. Bará	Páseni	Ai-yúne	Deheádyore
8. Yurití-tapuya	Wíni-mínanei	Síribi-mináneí	Pâm-hopé
9. Suryana	Oripityêne	_____	Hob-nokáre
10. Karapaná	Sirêne-mínanei	Suryéna	Tšuryáge
11. Hanéra	Aini-woné	_____	Kyíra
12. Edúrya	_____	Paréno	_____
13. Yebá-masá	_____	_____	_____
14. Tatú-tapuya	Yö-mínanei	Yêê-énipe	Yêu-tére
15. Mikúra-tapuya	Ináli-mínanei	ínari-yênipe	Wahoím
16. Mirití-tapuya	Apyá-mene	Apeá-mane	Nenô-tére
17. Arapásu	Kuhêne-mínanei	Kuhé-dine	Hom-do
18. íde-masá (Makuna, Aöníra)	_____	_____	_____
19. Waríwa-tapuya (Emóá-masá, gente guariba)	_____	_____	_____
20. Taraíra-tapuya	_____	_____	_____
21. Bá:re-masá	_____	Báre	_____
22. Pusá-tapuya	_____	_____	_____
23. Káwa-yari	_____	_____	_____
24. Yurú-piğúna	_____	_____	_____
25. Sarabatana-tapuya	_____	_____	_____
26. Taníbúka	_____	_____	_____
27. Wakará-tapuya (Yeheá-maxsá, gente garça)	_____	_____	_____
28. Akāgatára-tapuya	_____	_____	_____
29. Tayasú	_____	_____	_____
30. Yakamí (jacamim)	_____	_____	_____
31. Arakú	_____	_____	_____
32. Irawsú	_____	_____	_____
33. Pikasú	_____	_____	_____
34. Tapira	_____	_____	_____
35. Yawareté-tapuya (Yaf-maxsá, gente onça)	_____	_____	_____
36. Pirá-yurú	_____	_____	_____
37. Tokádira	_____	_____	_____
38. Zí-tapuya	_____	_____	_____
39. Jiboya-tapuya	_____	_____	_____
40. Utía-wafwa	_____	_____	_____
41. Koró-Koró	_____	_____	_____
42. Omáwa	_____	_____	_____
43. Meyú-tapuya	_____	_____	_____
44. Wátúya	_____	_____	_____
45. Taryána	Talyáseri	Taryá	Kém-ri
46. Ipéka-tapuya	Kumáda Yaperikuli	Kumádēne	Dexpú-téra
47. Baníva	Bayaná-semá	Bayaná-semá	Bexkáwa-dé
48. Makú		Makú	Mohém-Ketē

Cap. V

OBSERVAÇÕES SÔBRE A PSICOLOGIA DO ÍNDIO (1)

Se toda alma humana é indevassável, a do índio constitui um mistério. Não são raras as surpresas que têm os que com eles conviveram dezenas de anos e pensavam conhecer a fundo os indivíduos.

Ser humano que é, o indígena apresenta, naturalmente, qualidades boas e más, como qualquer outro homem, tomando algumas delas uma côr ou relêvo que o ambiente de privação e isolamento facilita, e que por essa razão, ressaltam mais aos olhos do civilizado que os visita. Notaremos a seguir algumas bastante gerais e que, por isso, parecem caracterizar a mentalidade e educação indígenas, admitindo que possa haver alguma exceção, bastante rara de resto.

1) *Morosidade intelectual e física*

Por uma parte a vida material a que estão obrigados, e por outra, a sujeição quase asfixiante às leis da tribo, que não admitem

(1) Este capítulo da Psicologia indígena surgiu, como os demais, de observações pessoais, em diferentes lugares, e em diversas circunstâncias, bem como de inquérito apresentado aos Missionários Salesianos e de Montfort e a outros civilizados conhecedores destas tribos. No primeiro esboço deste trabalho, organiado em 1948, já estava elaborado um capítulo sôbre os traços psicológicos mais característicos das tribos uaupe-sinas. A oportunidade de viagens sucessivas e de mais demorada permanência no Uaupés, sugeriram, como era natural, correções, retoques e acréscimos ao trabalho. No presente capítulo, porém, é que mais freqüentes foram os retoques e as correções, e quiçá onde será mais marcada a diferença entre o esboço primitivo e a redação atual destes estudos. O mais longo e constante contacto com o indígena, obrigou-nos a modificar nossa opinião em um ou outro ponto. Alguns que conheçam as tribos que aqui estudamos apenas por informações ou por uma rápida visita, parecerão quiçá carregados os traços que aqui esboçamos. Estamos, porém, convictos que, não só são bem objetivos, como dar-nos-ão razão os que tiverem a oportunidade de verificar *in loco* estas nossas observações. Podemos assegurar que, antes de passá-las para estas páginas, nossas observações foram lidas a pessoas muito criteriosas e que há dezenas de anos convivem familiarmente com estes indígenas e todas estas pessoas nos asseguraram que eram exatas as nossas observações, e correspondiam também a quanto viam nos índios das diversas tribos desta região.

discussão, não deixam campo para a especulação ou, digamos, para o exercício da inteligência teórica. Prova-o a dificuldade de aprender uma verdade religiosa, e a da criança de escola para resolver o mais simples problema de aritmética. Para a totalidade das crianças escolares, os 5 ou 6 anos de estudos, no regime de internato, não bastam para que consigam aprender as 4 operações. O índio, como fisicamente é lento de movimentos (2), também é tardo, para dar-nos a mais óbvia resposta. Moroso para entender uma ordem que lhe damos, encontra dificuldade em acompanhar o nosso raciocínio, quando com êle conversamos. De ordinário é preciso repetir-lhe os ensinamentos muitas vezes. Talvez por isso é que, nas conversas entre si, há tantas repetições.

De quanta paciência e tempo se não necessita para obter do indígena um vocabulário, por mais simples que seja, por exemplo, meia dúzia de palavras correspondentes às partes do corpo (cabeça, mão, braço, perna, pé), ou os nomes que dão às várias tribos. E isto até quando nos servimos de uma língua que êles conhecem (por exemplo, o Português, o Nheengatú ou o Tukano). A dificuldade cresce sobremaneira quando se quer o termo correspondente de algum objeto que não temos no momento, ou a noção vai ficando mais abstrata. A modo de exemplo e confirmação, se lhe pedirmos as palavras de sua língua correspondentes a *cadáver*, *comprido* (espaço), *longo* (tempo), *último* (numa enumeração) (3). Própria-mente não há no idioma Tukano, termo equivalente à palavra *úl-*

(2) Talvez, estudada sob o aspecto bio-fisiológico, esta lentidão pudesse ser parcialmente corrigida por regime alimentar adequado. Alguma correção, mais de natureza psicológica, vão, por certo, recebendo durante os anos que passam na Missão, máxime os alunos nos internatos.

(3) À guisa de confirmação bastam êstes dois episódios. Já possuíamos os nomes das subdivisões da tribo Taryana, obtidos diretamente por nós, em excursão precedente, e pelo sr. Pe. Antônio Giaccone. Desejando uma verificação, reunimos em conferência seis indivíduos dessa tribo, dos quais 5 entendiam suficientemente o português, e o mais velho, um pouco menos. Foram necessárias duas horas para obter o nome das 15 subdivisões que figuram neste trabalho (IV, 2, y), e o local onde moram. Queríamos, em outra ocasião, averiguar a pronúncia exata de *né'kã-yuse* (cfr. abaixo VII, 4, f (2), o raminho quebrado e "so-prado" que se deixa no caminho como malefício para alguém. Indagamos numa roda de 6 ou 8 rapazes que falavam o português. Êles trocavam idéia entre si rapidamente, em língua Tukano, ora falava um, ora outro, ora dois ou mais simultaneamente e depois ficavam todos calados. Insistíamos ora com êste, ora com aquêle, que parecia estar compreendendo nosso desejo. Só depois que abrimos os originais datilografados do presente trabalho, e o mais desembaraçado dêles leu o trecho a que me referia, acrescentou: "é assim mesmo". Para resolver esta simples questão passaram-se 40 minutos!

timo; dirão mais concretamente: *o da ponta, o da extremidade* (*yaxpa-ti-kãgõ* masc., *yaxpa-ti-kãgõ*, fem., *yaxpa-ti-kãra*, pl., *yaxpa-ti-kãse*, neutro).

Por esta razão não se deve contentar, por quanto possível, de obter de um só indivíduo, ou numa só ocasião, a tradução de uma palavra. Muitas vezes ouvir-se-á a palavra pronunciada diferentemente. Tratar-se-á de pronúncia defeituosa do indivíduo? de qual dêles? de todos? ou a divergência é devida a pronúncias regionais? e então, qual delas será a melhor? ou, enfim, trata-se de termos correspondentes a uma mesma palavra portuguesa? qual dêles seria o melhor? seriam perfeitos sinônimos? Acenamos a estas dificuldades para que se compreenda o esforço de quem se põe a estudar, diretamente com o índio, a língua dêle. É dez vezes mais difícil do que estudar um idioma estrangeiro com auxílio de mestres, gramáticas e vocabulários.

O índio é homem da realidade, daí a sua dificuldade para as generalizações e abstrações. Em vez de dizer simples e abstratamente *cabeça*, preferirá dizer «*minha cabeça, tua cabeça*», etc. Não diz: *trabalhar, comer* (a língua Tukano não possui sequer o modo infinitivo), dirá: *eu trabalho, tu comes*, etc.

Quanto à memória, tem-na um pouco mais desperta, para os assuntos que lhe interessam. Donde se segue menor dificuldade para aprender algumas palavras ou frases da língua portuguesa, ou para a leitura (4), e para reter os nomes de lugares, de pessoas, ou relembrar os acontecimentos. Com mais dificuldade decorará a tabuada ou as orações. E sente-se satisfeito também, quando o civilizado lhe recorda algum episódio em que o índio tomou parte. Move-o, depois, o desejo de tornar-se «branco», isto é, de civilizar-se. Por isso adaptam-se ao grande sacrifício de internar-se num colégio e assistir às aulas, bem como sujeitar-se à disciplina escolar.

2) *Inteligência prática*

Quanto à inteligência prática, tem-na mais desenvolvida. Prova-o a solução prática dos problemas que lhe apresenta a vida, e com os recursos que a natureza lhe pôs à mão. Os civilizados naquelas regiões, quando não dispõem de outros recursos, acabam, em algumas cousas, imitando o índio, ou encarregando-o da execução do que precisa. Basta acenar, por exemplo, à segura e ampla casa

(4) Trouxe, em 1948, para o Museu Salesiano do Índio de S. Paulo, as provas escritas das crianças de Pari-cachoeira, após tão só 8 meses de escola, constando de pequeno ditado executado com boa caligrafia e poucos erros

ou maloca que constrói, à estável e rápida canoa que faz, e aos numerosos objetos que fabrica (vasos, ralo, cestos).

Merecem admiração a habilidade e perfeição com que abre as palmas para a cobertura da maloca, com o auxílio do remo, ou como executa os seus trançados, o modo de amarrar e transportar um feixe de palmas. É mesmo notável a sua habilidade para essas necessidades práticas da vida. E mais admirável se torna, se pensarmos que a aprendizagem é rápida, sem verdadeiras escolas, e acha-se logo habilitado, por exemplo, para os variados e belos trabalhos de redes e cestos. Com relativa rapidez aprende também os ofícios dos civilizados, como o de pedreiro, ferreiro, carpinteiro, alfaiate nos Colégios Salesianos, embora, quiçá por força do ambiente, das circunstâncias e de sua inconstância, muitas vezes não alcancem a perfeição no seu ofício. Alguns continuam como oficiais desses ofícios nos estabelecimentos missionários. Outros, tornando dos colégios para as suas casas têm a oportunidade de servir-se do que aprenderam, manejando, por exemplo, o serrote, o martelo e até o formão. São eles ainda os maquinistas das lanchas que sobem seus imensos rios; como são capazes de se desincumbirem de trabalhos mais delicados, quais as observações e manejo dos aparelhos meteorológicos (5). São os insubstituíveis «práticos» da navegação daqueles perigosos rios, porque possuem notável memória topográfica das pedras escondidas e bancos de areia, allada a uma impressionante calma nos perigos que apresentam os temporais e as cachoeiras.

Quiçá nos impressione de primeira luz o pequeno alcance da inteligência do índio, mesmo no campo prático e nas cousas mais evidentes e simples. Verificaremos, por exemplo, os erros que cometem na navegação, o não saber prever e, ao depois, evitar ou sanar um inconveniente. Talvez, por figurar casos concretos, para tirar a água de um bote não removerão uma tábua que dificulta a operação; se uma árvore ribeirinha obstacula a navegação, cortam-na tão mal que a passagem fica ainda mais difícil, etc. Essa impressão de obtusidade intelectual, no entanto, ficará atenuada se atentarmos que executa o trabalho com despreocupação e desinteresse.

(5) A Wallace já observava um século atrás (quiçá com algum exagero para ressaltar a idéia) que, enquanto um camponês europeu levaria 6 meses a aprender o manêjo de um sextante, um dos nossos índios aprende-o em minutos. Semelhante observação fez também Koch Grünberg (*Zwei Jahre*).

3) *Fantasia ou imaginação*

Uma faculdade grandemente desenvolvida no indígena é a imaginação. Compreende-se facilmente que assim o seja, faltando-lhe o contróle de uma inteligência mais desenvolvida e educada, tendo, pelo contrário, o espírito informado por lendas e crenças pueris, incoerentes e mesmo absurdas, e vivendo num ambiente de solidão majestosa e quase esmagadora. Muitas das suas conversas, nas longas horas ociosas do dia e soturnas da noite, versam sobre lendas, aparições e malefícios. Por isso tem sempre a imaginação inflamada. Só assim se explica como possam ver em algumas pedras estranhas semelhanças com plantas, instrumentos, etc., semelhanças que, mesmo preavisados, não logramos perceber. Basta citar uma rocha da cachoeira de Uaracapá, quase na foz do rio Papurí, apresentada como «uma bananeira» e na qual vemos apenas um desses rochedos comuns que emergem água.

As suas conversas desconexas, as suas narrações incompletas, denunciam alguém que supre com a própria fantasia e deixa campo à fantasia dos ouvintes. Algumas vezes desejamos uma informação rápida e prática (por exemplo, sobre um caminho, uma cachoeira, uma distância), pedimos a um indígena intérprete que a pergunte a outro. Conversarão 10 ou 15 minutos entre si e, ao cabo desse tempo, o nosso intérprete dirá que não sabe, que não entendeu ao seu irmão de tribo. Compreendemos, então, que de narrações imperfeitas, nas quais gestos e rumores enfáticos da bôca suprem palavras e idéias, surgirão mal-entendidos, alteração do pensamento do narrador, variação nas notícias e nos contos.

Quando conseguimos que algum indígena nos fale espontaneamente, com intimidade, verificamos que aquêlê homem que nos parece bem equilibrado, de pouca impressionabilidade, aquêlê ex-aluno ou ex-aluna dos colégios missionários, com aparência de um quase civilizado, não só tem a cabeça onerada de tantas lendas exóticas e crenças estranhas, porém até vê e ouve com impressionante frequência aparições, vozes, palavras, ditos misteriosos. Surpreendemo-nos às vezes ouvir dos lábios de moços e môças com muitos anos de convívio com a civilização, quiçá mesmo de vida em cidades, como Manaus, as mais estranhas narrações de visões que tiveram, em pleno dia, na sua barraca, ou na roça, em caminho, na viagem; vozes, ditos que ouviram, fatos inverossímeis, fabulosos ou lendários, que asseveram haver presenciado, citando-nos lugar, tempo, nomes de pessoas (por exemplo, que viram Wáx'ti, Boraró, etc.; pessoas que se transformaram ou se transformam periódicamente em ani-

mal, anta, piraboto, que passam dias, semanas e até meses no fundo d'água, etc.) (6).

Por um lado a reserva do indígena ante o civilizado, porque sabe que este não o compreende, nem crerá em tais narrações, e quiçá mesmo o repreenderá ou ridicularizará; e por outra parte, o desejo de parecer civilizado, fá-lo-á silenciar tudo isto ao «branco», que passa entre eles, de sorte que não advirta este traço da psicologia do índio.

Talvez não seja exagerado apresentar como *traço geral* da psicologia indígena, esta superexcitabilidade da fantasia. Quiçá se deve qualificá-la mesmo de *desvairada*, e afirmá-la com desvio da normalidade, se fazemos um confronto com a do civilizado.

Somos levados a crer que a imaginação do homem destas selvas, ao ouvir a narração de alguma de suas lendas, a vá reconstruindo e revivendo, a vá enriquecendo de cenas e pormenores, na proporção da incoerência e omissões do narrador. Mais ainda, temos a convicção que, em alguns casos, uma imagem ou cena (desejada ou odiada) que passou pela imaginação do índio, acaba por se transformar para ele numa realidade; o *imaginado* se lhe converte em *real*, em *verídico*. Assim nos explicamos, por exemplo, como surgem (com tal freqüência que já nem se leva em conta) notícias e informações sem fundamento algum, e que os próprios acontecimentos vêm desmentir (7), e no entanto são cridas sempre que surgem.

(6) Temos sido consultados por moços e môças, que passaram pelos colégios da Missão, e nos perguntavam com tôda a convicção: — “Como é possível a gente virar boto”? “virar anta”? Patrícia Vasconcelos, por exemplo, em outubro de 1955 contou-nos o seguinte, como um fato de que ela tem absoluta certeza. N. N. da tribo Taryana, do povoado de Araripirá (Uaupés) e antiga aluna da Missão de Iauareté, casou-se com um môço Tukano, que já tem trabalhado várias vêes em Taracua e outros centros Missionários. Outro rapaz queria tê-la como espôsa, e, por vingança, indo certa vez em passeio pelo mato com o marido dela (isto lá por 1952) deu-lhe a pegar uma folha de *pirá-yawára-pūrī* (planta do boto, explicou-nos Patrícia). Certo dia “o marido ficou diferente”, “ficou como boto” (isto é resfolegando como faz o boto na superfície d'água), e por fim mergulhou no Rio Negro, lá em Tapurucua (antiga S. Isabel). Ficou um dia inteiro dentro d'água. Os botos o empurraram para a terra e ele “virou gente” outra vez. Várias vêzes “êles tem virado boto”. A própria espôsa do infeliz rapaz é que lhe contou estes episódios e chora muito por esta desgraça.

(7) Vão aqui alguns exemplos dessa exagerada impressionabilidade ou excitabilidade do índio, e de como chegam a convencer-se da realidade de uma mera imaginação. Nem isto causa estranheza aos estudiosos de psicologia e fenômenos parapsíquicos.

Periódicamente viajam as lanchas da Missão que fazem o abastecimento dos diversos centros. É certo que seu rumor pode ser percebido a grande distância, com o favor do silêncio da solidão e da direção do

4) *Espírito de imitação*

O seu espírito inventivo parece de todo atrofiado, em benefício do espírito de imitação, grandemente desenvolvido. O índio não inventa; faz como aprendeu, sem aperfeiçoar. Como também não é capaz de copiar de um original, sem auxílio de alguém que lho ensine. Costumam, presentemente, adquirir chapéus de palha fabricados em Santarém (Est. do Pará). A um índio, hábil fabricante de peneiras, tipitís e outros trançados, interpelamos no ato da compra de um desses chapéus: — «Vocês não têm palha na mata? — Temos sim. — E então, em vez de comprar, por que não faz o seu chapéu? — Ninguém ensinou para nós», foi a resposta.

O alto conceito que tem do «branco» (é assim que denominam o civilizado, seja qual for a cor do seu pigmento), leva o homem da selva a imitá-lo em tudo. E fá-lo com animador resultado; por exemplo, na construção da casa com janela e pórtico, e até no talhe de uma veste feminina. Donde o abandonar fácil e espontaneamente certas práticas de sua cultura e seus objetos (rêdes, panelas, fogão, etc.), pelos da nossa civilização, embora continuem aferrados às suas crenças e costumes.

vento. Não só lhe ouvem o rumor, quando não há lancha alguma em marcha, como asseveram que já está em determinada localidade, ou até que foi deixada lá enquanto pernoitava, por algum indígena que veio navegando durante a noite. Um desses casos verificamos em junho de 1956. Vindo de Iauareté, ao chegarmos em Urubucua os índios da localidade informaram-nos que a lancha já se achava havia dois dias, em Taracua, onde ali a vira um índio (do povoado Cigarro) que viera de Taracua em a noite precedente. Na realidade em Taracua não havia lancha alguma; a primeira, vinda de S. Gabriel, apareceu três dias depois de nossa chegada a Taracua.

Cfr. também a informação de Koch Grünberg sobre o rumor do Juruparí em Ipanoré (VII, 4, e (2 a)).

Achavamo-nos em Pari-cachoeira (rio Tiquié) em agosto de 1956. O estado sanitário local era bom, porém os marinheiros da lancha alarmaram a população com a notícia de casos de coqueluche e sarampo em Taracua (distante cerca de 300 Km.). Surgiu, então, a notícia, sem fundamento algum, que o Diretor de um terceiro centro missionário, Iauareté, escrevera ao de Pari que reenviasse as crianças internas para as suas casas. Ora, aquêles missionários a quem se atribuiu a recepção e a leitura da carta imaginária (na ausência do Diretor de Pari) de nada sabia. Por sua vez as meninas internas da Missão (pouco mais de uma centena) conversando com uma das suas Irmãs Professoras, informaram-lhe: “Logo que chegar de viagem o Diretor da Missão, os alunos e alunas serão enviados para seus povoados”. — “Como vocês souberam disto?” indaga a Irmã. — Respondem-lhe prontamente as meninas: — “Foi a sra. Irmã Diretora que avisou”. Ora a sra. Irmã Diretora do Colégio Feminino não só não falara a ninguém sobre este assunto, porém nem sequer pensara nisso.

5) *Espírito de observação e crítica*

O índio é um observador de espírito lógico e perspicaz. Deduz suas conclusões, tira as conseqüências do que viu e ouviu, e logo as manifesta aos seus irmãos de tribo. São inúmeras as provas que tem o civilizado de estar sendo observado com muita atenção e julgado com rigor, mesmo quando o silvícola parece indiferente e nem olha. Não raro são espirituosos e até mordazes as observações que faz.

Gostam muito de pôr apelidos ridículos. Para isto basta uma semelhança ou um episódio. E não só o fazem aos próprios companheiros, porém a todos, sem que lhe mereçam consideração a idade e o mérito das pessoas. É também um desafôgo contra os civilizados que, podem estar certos, na primeira apresentação já recebem um apelido, o qual será propagado com incrível velocidade (8).

6) *Curiosidade*

Dotado de grande curiosidade, de qualquer civilizado que se apresenta quer saber quem é, como se chama, donde vem, para onde se destina, que vem fazer, qual sua nacionalidade; e mil outras perguntas fazem aos seus irmãos de tribo, que acompanham o visitante desconhecido. Um índio é capaz de fazer longa e incômoda viagem para contar aos de outro povoado um episódio que se deu, a visita de um novo missionário, etc. (9).

Se se abre uma mala, um livro, um caderno, o olho do índio não se despreza desses objetos. E muitas vezes quer ter um conhecimento mais prático e completo, aproximando-se dêle, tocando e

(8) Contaram-nos alguns desses apelidos: a um chamavam *sõãgõ*, *vermelhão*, por causa da sua cor; a outro, *subí. crespo*, porque tinha os cabelos encaracolados; a um terceiro, *uxpíka-ro*, *dentuça*; a um quarto, *o'mêpero-ro*, orelhudo; a um quinto, *waú*, o *macaco uáia-piçá*; a um sexto *öxsó-boekhõ*, *flexa de jacaré* (por ser alto e magro), etc. Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, pág. 206) conta que a êle apelidaram *Wãx'ti* (vd. VII-4, d (5), por causa da barba (?), e ao seu companheiro Schmidt *nõ'myó-axké*, *mulher-macaco*.

(9) Em julho de 1956, o Exmo. snr. Bispo Coadjutor da Prelazia do Rio Negro, Dom José Domitrovitsch, resolveu fazer uma surpresa aos missionários de Parí-cachoeira (rio Tiquié), e com um pequeno bote acionado por motor de popa foi vencendo os 300 Km que separam Parí de Taracua. Pernoita no povoado de S. João, distante uns 30 Km da Missão. Um índio, no coração da noite, põe-se de viagem na sua canoa, e às 6 da manhã informa os Missionários da visita do snr. Bispo que é festivamente recebido na Missão duas horas mais tarde. Humoristicamente se diz que nessas latitudes não há ainda telégrafo sem fio, está porém bem desenvolvido o sistema de comunicação Rádio-cipó.

observando-o em todos os seus aspetos. E não raro submetendo à observação de todos os sentidos: pega, cheira, morde. O civilizado percebe que está sendo furtivamente tocado nas vestes, ou até na mão, pelas crianças e mesmo pelas mulheres. Não pudemos verificar se neste gesto entraria também algum conceito mágico.

Quando ouve falar português, se o não entende, gosta de repetir os sons que ouviu, pronunciando-os várias vezes, como para gravar na memória.

7) *Desconfiança*

Inversamente, não gosta de ser observado. Se percebe que o é, retira-se. Responde lacônicamente ao civilizado, afastando-se logo, para evitar nova pergunta; ou deixará sem resposta. Passa horas inteiras de viagem em silêncio numa canoa, quando viaja sozinho com algum civilizado, ou mesmo com outros da tribo, porém em presença do «branco». É a desconfiança (10) sempre observada e re-

(10) Fomos felizes conseguindo que indígenas de ambos sexos, das diversas tribos e em localidades diferentes, se abrissem confidencialmente, e nos revelassem muitas cousas mais íntimas e secretas. Além dos frequentes presentes, embora pequenos (muitas vezes apenas alguns bombons e cigarros, cousas muito apetecidas por todos), e da paciência e afabilidade do trato, valeu-nos o mostrar que já conhecíamos algumas das cousas mais secretas, especialmente se pertinente ao assunto da nossa pergunta. Talvez a validade de mostrar que sabia mais e melhor do que os informantes anteriores, abria a boca dos índios. Múltiplas vezes devia instar que dissessem francamente, sem acanhamento, que não só não perderiam nossa estima, mas que até o civilizado gosta mais das pessoas francas. Podiam falar pois não revelaríamos a ninguém o seu nome.

Dentre as confidências que assim obtivemos (e temos em nossos apontamentos anotado a pessoa, local e data), confirmando sua prevenção contra todos os civilizados, seja embora o mais abnegado Missionário, lembramos aqui as quatro seguintes: 1.º — não gostam do civilizado; 2.º — crêem-se mais espertos que o civilizado; julgam-nos precisamente tolos; 3.º — gostam de ver irritado o civilizado, mesmo fingindo não entender o que êle deseja; 4.º — é cousa boa prejudicar o civilizado.

Seria fácil compilar numerosos episódios que confirmam essas declarações. Mas estas confidências, colhidas dos lábios mesmos dos indígenas, dispensam mais palavras e são mais preciosas que quaisquer episódios. A idéia de acrescentar esta Nota ao capítulo de Psicologia do índio, surgiu-nos a 27 de agosto de 1957, em Carará-poco no baixo Içana ao ouvir que, pela segunda vez uma jovem mulher *siusí-tapuya* (com três filhos, abandonada já por dois homens, com os quais viveu, caridosamente acolhida e beneficiada de tantos modos pela Missão Salesiana) falava às outras mulheres: "os Missionários são ladrões como todos os brancos".

velada por quantos trataram com os índios, quiçá, em parte, por terem ouvido falar dos enganos causados pelos civilizados (11).

Em parte também porque sente-se inferior ao branco. Uma análise mais acurada revela nele um complexo de inferioridade ante o civilizado. Só após um longo tempo de convivência, máxime quando se fala sua língua, é que de vez em quando se expande. Sinal de alguma confiança e amizade é, então, o aproximar-se do branco e falar-lhe apoiando a mão sobre o ombro. A mulher, como o homem, vem cumprimentar o visitante, dando-lhe, conforme o uso atual, a mão; porém retira-se logo. Como sinais de alegria pela visita desejada de um civilizado, as mulheres — acompanhando com uma entonação mais longa e elevada de algumas sílabas das palavras de saudação, roçam ambas as mãos do ombro até abaixo do peito dos visitantes, enquanto lhe estão falando.

Por um misto de desconfiança e timidez, conversam entre si em voz baixa diante do branco; de modo que este não ouça a conversa, se acaso sabe a língua indígena. Talvez por esta mesma razão, dificilmente se presta para ensinar a própria língua (12).

(11) Muitos viajantes atestaram que à aproximação dos brancos, os índios mandavam suas filhas e mulheres para o mato. Alexandre R. Ferreira, no seu "Diário da Viagem philosophica". pag. 98, informa: "Por outra parte não trataram muito de se fazerem amáveis aos olhos dos índios os primeiros que os descerão; cuida que dura e durará no gentio a memória do tratamento". De feito, davam sua palavra, recebiam a hospitalidade, depois embriagavam os índios para os levarem cativos. "De tal modo radicação em todos a aversão e horror aos brancos, que só a sua memória os embrenha nos matos. Quando descem é porque sob o dilema: ou morrerem às mãos dos índios seus inimigos, ou descerem a servir aos brancos". O benemérito Missionário Salesiano, Pe. João Marchesi confirma-o lembrando que, cossa de 20 anos atrás, no tempo da balata, mal avistavam alguma embarcação dos brancos fugiam todos. Devendo, então, o Missionário pôr-se de pé na proa para ser visto de longe pelos indígenas, e assim encontrá-los na maloca.

Conta Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 209) que à sua chegada na maloca dos Bará, no Macucú-igarapé, três môças se puseram em segurança, numa segunda maloca. Fatos semelhantes temos verificado em várias circunstâncias, especialmente entre os Karapanã das cabeceiras do rio Aua.

(12) Como é que pronuncia tal palavra? perguntamos ao índio. Ele, porém, nada responde. — É assim? arriscamos nós — É assim mesmo, dirá ele prontamente. — Ou é deste outro modo? — É assim mesmo; repetirá ainda. Em outros casos responde — não sei, sou Taryana, pergunte a Tukano. O Tukano também se eximirá: não sei. Mas você é Tukano. — Porém os de tal lugar pronunciam melhor do que eu.

É, de, regra, fechado; não gosta de manifestar suas doenças, bem como suas lendas e costumes. Neste ponto os homens são ainda mais reservados que as mulheres, das quais com menos dificuldade se pode obter informações com promessa de presentes.

8) *Volubilidade e inconstância*

Se excetuarmos as prescrições das leis da tribo, às quais se acha, parece, perfeita e passivamente conformado, no mais o índio goza de grande autonomia. Desde criança, especialmente os do sexo masculino, pode seguir seu alvedrio. Não há, pois, esperar no indígena grande tenacidade de vontade. Não se pode contar com ele para um trabalho sempre idêntico, por exemplo, fazer diàriamente observações meteorológicas ou a ligação de um gerador elétrico. São de grande volubilidade, tanto os homens, como as mulheres. Não se conformam com fazer indefinidamente o mesmo trabalho, seja embora o que mais lhes agrada o que eles mesmos escolheram. Não se pode, pois, com rigor falar de profissão de carpinteiro, alfaiate, serrador, etc., em se referindo a algum índio. Ele terá algum conhecimento ou prática de tal ofício. Porém, quando sob o estímulo de interesse de adquirir algum objeto se dispuser a trabalhar, não só lhe é indiferente sentar-se a uma máquina de costura, servir como marinheiro ou remador, ou fazer outro serviço qualquer, porém, ele próprio pedirá para largar um trabalho e passar a outro muito diverso.

9) *Indolência*

Aos visitantes habituados ao ritmo intenso e constante de atividade e trabalho das nossas grandes cidades, causará espécie encontrar os indígenas, durante o dia, deitados nas suas rêdes a dormir ou entretidos horas a fio em amena conversa. A repetição desses encontros lhes radicação na mente a convicção tradicional da indolência dos índios. Talvez seja mais exato afirmar que o índio não é nem o herói da fadiga, nem o protótipo da indolência, embora por temperamento seja lento nos movimentos, como o é de espírito.

A natureza que o envolve e o seu modo de vida estabeleceu-lhe um ritmo de trabalho. Exercita todos aquêles trabalhos que lhe impõem os costumes: constrói sua casa, derruba a mata para a roça, prepara suas rêdes de pesca, excava sua canoa, ocupa-se na pesca e caça, fabrica seus utensílios. Se não o encontramos todos os dias ocupado da manhã à noite, como os civilizados, é que não

sente necessidade. Não tem ambições; contenta-se de pouco, e trabalha quanto é necessário para viver. É certo também que o fundo de prevenção que sente contra o civilizado não é um estímulo para que o índio se esforce quando trabalha para o «branco». Menos empenho ainda mostrará do que nos próprios serviços. Produzirá, no entanto, um trabalho razoável sob duas condições: um respeito tímido do branco e uma fiscalização constante.

Do confronto dos índios entre si, não se pode taxar alguém de miserável. É o mais harmonioso equilíbrio econômico que se concebe, embora o seja de nível muito baixo. São raríssimos os casos, que se conhecem, de tipos singularmente indolentes, *tesé-bühügö*, e parasitas, e que os próprios contribules vituperam.

A mulher, essa sim, vê-se mais ocupada, absorvida como está na faina da casa (como adiante se verá, VIII — 1, a (9)), ocupando-se com os filhos pequenos, cultivando sua roça e preparando a comida ou fabricando alguns artefatos.

As crianças colegiais mostram algum gosto e habilidade pelos trabalhos manuais: a menina prefere os trabalhos do campo, e aprecia também os bordados e costura.

Como trabalhador é dotado também de seus predicados. A habilidade, a que já acenamos e acenaremos (Vd. Cap. V), a perfeição e relativa rapidez no gênero de trabalhos que executa tradicionalmente, são as melhores provas.

A necessidade de viver obriga-o, por seu lado, a afrontar também grandes dificuldades, a fim de vencer a natureza. Basta conceber os sacrifícios que impõe uma *derrubada* para a roça, com os meios de que dispunha outrora. A sua resistência, por exemplo, para remar, é digna de apreço. Para outros trabalhos, como o agrícola, ou cavar a terra, é fraco. Embora o ritmo de trabalho não seja intenso, antes seja sempre com a calma que lhe é característica, e tenha alimentação melhor do que na sua casa, depois de duas semanas o índio começa a esmorecer, e não raro a emagrecer; e após dois ou três meses deve ser dispensado para férias e descanso (13).

(13) Além do perigo da malária no baixo Rio Negro, este enfraquecimento do índio, especialmente quando faltam os seus alimentos habituais, condenam o processo (que alguns já exploram, e outros desconhecem das circunstâncias, preconiam) de aproveitar o braço indígena na extração da piaçava, castanha ou borracha. Pensamos que tais trabalhos podem, ou antes, devem ser executados só pelos caboclos que já possuem resistência física e disposição psíquica diversa da dos indígenas.

10) *Paciência*

É um homem de estrema paciência. Como seria útil se essa sua qualidade pudesse ser canalizada em tantos setores da nossa civilização! Documentam-no aqueles trabalhos que exigem não apenas horas, mas por vezes dias, meses ou anos de trabalho e atenção, como o preparo do tucum e de uma rede, o fabrico da canoa com o machado de pedra e o fogo, ou perfurar regularmente uma sarabatana ou uma pedra de quartzo amorfo (vd. VII — 3, d (2)) com o auxílio de uma vara e areia finíssima. Suporta sem uma palavra de queixa, dentro de uma canoa, uma chuva por horas a fio, ou um sol requeimando todo um dia.

Nunca o vimos altercar (senão quando já embriagado), ou mostrar-se impaciente e protestar contra outro índio, embora so-bejassem as ocasiões para isto. Por exemplo queixar-se do companheiro, porque com sua indolência o obriga a trabalhar mais. Se vai arcado sob um grande peso, e outro índio está obstruindo a passagem, não grita para que se retire; porém, pacientemente, contornará fazendo caminho mais longo.

11) *Timidez*

Ante o civilizado, cuja superioridade reconhece e sente, mostra sempre docilidade. Nunca uma revolta aberta; embora não raro deixe de fazer o que lhe mandou. São raros os episódios de uma combinação para uma represália (14). Note-se que, se o civilizado pede por favor, responderá talvez um «não quero». Porém, se ordena de maneira categórica, o índio obedece e até com alegria. É que as ordens positivas estão mais de acordo com seu espírito.

Diante do civilizado o índio é sempre tímido, especialmente se aquele levanta a voz. Ante os trabalhos perigosos, como abater madeira na mata, transpor cachoeiras, mostra-se ousadamente valente. Fica impávido diante das tempestades. Sua fleugma diante de certos perigos, por exemplo, o de um naufrágio, causará inveja a qualquer inglês. Em outros serviços, ao contrário, revela-se grandemente medroso. Tem medo não só das onças, que já têm feito muitas vítimas entre eles, mas até de ser ferido, quando devem tra-

(14) Recordam-se alguns poucos episódios, mas todos eles se deram quando o civilizado violou algum costume da tribo, ou praticou verdadeiras injustiças ou crueldade...

tar de bois ou porcos. O estampido de uma bomba ou um tiro assusta-o. A notícia da aproximação de índios ferozes foge logo (15). Sobretudo grande é o medo que tem dos envenenamentos ou malfícios (*dohasé*) e dos espíritos (*wax'tyá*). Com receio destes, por motivo algum penetrará à noite na mata.

12) *Desmazêlo*

Talvez a relativa facilidade com que alcançam ou fabricam o de que precisam, torna-os descuidados das cousas e aparelhos, especialmente dos civilizados, deixando-os estragar-se ou perder, sem atender ao seu valor ou necessidade. Muitas vezes o viajante deve chamar a atenção do índio para que lhe não perca, quebre ou inutilize um aparelho. Há, porém, uma cousa pela qual zelam carinhosamente: são os enfeites das danças, guardados em um estôjo *ad hoc*, em lugar seguro. Como consideram a roupa e outros adereços, um enfeite, de ordinário conservam-nos bem. E só se nota algum descuido naqueles que facilmente podem ganhar outras roupas dos civilizados.

13) *Interesse e ganância*

Uns tantos defeitos seus chamam a atenção do civilizado. É extraordinariamente interesseiro (16). Nada faz para o branco sem

(15) Os índios da região do Caburi, aos quais se atribuem episódios de trucidamento, nunca assaltam os seringueiros quando há grande clareira ao redor da barraca destes, ou percebem que há muitos homens dentro. Entre os Pirá-tapuia de Teresita (Colômbia, rio Papurí) conserva-se uma tradição de uns índios Béxkhana (Baniva) da Venezuela que invadiram até o Papurí e, no coração da noite, mataram a muitos pelas malocas. De vez em quando correm notícias alarmantes, de novas invasões, e os Pirá-tapuia fogem dos seus povoados. Vai para 12 ou 15 anos, no povoado de *Olinda* (margem colombiana do rio Papurí) surgiram semelhantes boatos (que se dizem *marandúas*, na lingua geral (Cfr. Stradelli-Dicionário, verbete "*induiaméne*") e os índios abandonaram por três meses as suas casas e se empenharam em preparar trincheiras e armadilhas. Para fazer cessar essas *marandúas* o Missionário Pe. Afonso Kuipers chegou a prometer presentes para quem lhe trouxesse vivo ou morto um desses Béxkhana. Alguns chegam a afirmar que já os viram, alguém dirá até que matou vários deles. porém não pôde ter nenhum cadáver porque os companheiros levaram os seus mortos...

(16) Até no serviço de Deus querem saber se ele lhes dará presentes, dará banquetes, fitas e vestidos. Perguntou certa vez uma menina à Diretora se no céu há peixe. Tomada de surpresa a Diretora disse que não. A criança acrescentou prontamente: "então não quero ir para lá".

paga, e de ordinário a quer antecipada. Verdade é que, de regra, não nega suas dívidas ao civilizado; muitas vezes, porém, afirma mais trabalho seu e diminuição das dívidas, apesar de constar o contrário nos assentamentos feitos com exatidão e consciência. Vai, com frequência, deixando passar o tempo, e às vezes muda-se ou morre; e fica por isso mesmo. Os pais, irmãos, filhos ou outros parentes de alguém falecido, suponhamos, no hospital da missão, apresentar-se-ão logo como legítimos herdeiros da espingarda, rêde, mala ou outros objetos do defunto. Ninguém, no entanto, se responsabiliza pelas dívidas do falecido.

Para tê-los a seu serviço, na época da seringa ou da castanha, os civilizados devem antecipar-lhe a paga. Acontece, não raro, que na época do trabalho (*fábrico*, diz-se no Amazonas) o índio se esconde; ou foge, depois de trabalhar algum tempo.

Não faz presentes ao civilizado, embora dêle os tenha recebido e muitos. Vende-lhos (17). Se neste percebe interesse por algum objeto indígena, pretende grande pagamento (18). Quando oferece alguma cousa (beijú, frutas, peixe moqueado), faz logo pedido de objeto de maior valor.

Mostram-se gananciosos negociando com outros índios, e até com os da própria tribo. Não é raro que um indivíduo, com seu trabalho ou produtos, adquira abundantemente sal ou fumo, no centro Missionário, e vá depois vendê-lo aos seus contribules com grande usura. Têmo-los visto adquirir painéis, espelhos, etc., na Missão, e com esses pequenos objetos ir negociar com os das malocas mais afastadas, recebendo em troca ralos e canoas (19). Periódicamente um pe-

(17) Contam-se episódios até cômicos. O pai com a família veio visitar o filho que era aluno da Missão de Taracua e trouxe consigo peixe moqueado e beijú. E de cócoras a um canto, comeram, como num piquenique de família. Antes de retirar-se, porém, veio cobrar do Missionário o preço do peixe e do beijú.

Quando da nossa primeira excursão ao Içana, em -953, em companhia do Pe. José Schneider levava este consigo, entre os ajudantes, um tuxaua da tribo Mapatse-dákenei (Yuruparí-tapuia). Como os outros, recebia êle, além de alimentação e donativos, uma diária de serviço. Ao chegarmos a Tunuí, mostra êle um pequeno balaio e beijú dizendo que era um presente que os Baniva de aí lhe faziam, mas pede ao Pe. sal, fumo e querosene "para dar em agradecimento".

(18) Por exemplo os Kubewana chegaram a pedir-nos uma espingarda por uma sarabatana ou uma simples acangatara.

queno bote da Missão de Iauareté subia em 1953 até S. Miguel e Melo Franco (rio Papurí) comprando farinha para os seus colégios. Os Tukano desta última localidade se prontificaram a guardar por alguns dias os paneiros de farinha dos seus «irmãos» que moravam algumas horas de distância, no rio Aua, até que o bote da Missão passasse a recolhê-los. Por êste pequeno favor, porém, exigiam, de seus «irmãos» Tukano do Aua, 50% da farinha, a saber: de 4 paneiros guardados, dois foram entregues à Missão e os outros dois ficaram de pagamento ao «armazém de guarda».

É, porém, hospitaleiro. Quando chega à maloca algum irmão de tribo, ou mesmo um índio de outra tribo, apresenta-lhe logo *beijú* e *quinhapira* e, se tiver, também manicuera, bacaba ou outra bebida. O «branco» pode igualmente servir-se de tudo com liberdade.

14) Inveja

A inveja é um dos vícios que desfiguram seu caráter, nem se dão o cuidado de disfarçá-lo. Quem, pelas suas qualidades, começa a distinguir-se, será objeto de inveja dos demais, e deixa-se logo tomar do receio de algum *malefício* dos outros. Tendo um homem Tukano, com seu trabalho na Missão de Pari-Cachoeira, adquirido umas táboas, começou a fazer uma barraca com mais capricho e conforto. Os outros ameaçaram logo de envenená-lo, e êle se viu obrigado a abandonar tudo e fugir. O mesmo verme de inveja é já grande nas crianças. As que aprendem mais facilmente o Português ganham bons pontos, são elogiadas, inexplicavelmente decaem e relaxam. Foi por medo da inveja das outras. Nas premia-

(19) Em nossa excursão ao Aiari, em maio de 1957, um dos nossos remadores, da tribo Siusi, por nome Ernesto, do povoado de S. Ana (baixo Içana) adquirira na Missão de Assunção uma espingarda no valor de 1.200 cruzeiros. Levou-a consigo, a fim de trocá-la por uma máquina de costura, perfeitamente nova, de um Hohodene do ribeirão Waraná (afluente do Aiari); e de fato assim se realizou o negócio apesar da máquina valer seus 4 mil cruzeiros.

As próprias relações entre pais e filhos estão contaminadas ou são reguladas pelo interesse. Os pais vêm periodicamente visitar os filhos internados nos colégios da Missão e muitas vezes trazem-lhes *beijú*, *peixe moqueado*, frutos. O aluno os vê de longe e encaminha-se logo para junto deles e com eles se entretém, sempre porém de uma maneira fria, sem olhá-los, quiçá riscando o chão com o dedo do pé. Outra vez vêm os pais sem trazer coisa alguma. O missionário avisa ao menino: — “vai ver, seu pai, esta aí. “Ja sei”, responde indiferente. — “Então vai conversar com êle, — “Não dá nada”, responde, e não se abala para ver o próprio pai, embora haja meses que não o vê.

ções escolares não se pode determinar êste é o primeiro prêmio e é para Fulano; ou premiar só alguns. É mister dar prêmios a todos, contentando-se de ir chamando antes os de maior mérito e deixá-los escolher. A uma das moças que trabalhavam na Missão a Diretora doou um par de sapatos. Usou-o uma vez apenas. — «Por que não usa mais os sapatos?» — «As outras xingam para mim», foi a resposta.

15) Furto

Sofrendo tão fortemente a picada da inveja, não é de admirar-se que apresente outro ponto fraco: a tendência para o furto. Recalque talvez contra o «branco», a quem julga sempre superior e rico, facilmente se apodera (mesmo fora dos casos patológicos de *cleptomania* (20), de alguma coisa dêle, especialmente do que lhe pode ser útil para a vida, ou, se não o pode fazer, estraga alguma coisa para causar-lhe prejuízo.

E talvez haja ainda outro estímulo para o furto: o julgar-se mais esperto e astucioso que o branco, devendo êste, a fim de evitar atrito com os índios, fechar um olho, como se não houvesse percebido a astúcia do indígena. É um círculo vicioso inevitável naqueles lugares e circunstâncias. O viajante finge que não vê, e essa atitude radica ainda mais no índio a convicção de que é mais ladino do que o civilizado, e sente-se mais estimulado a ludibriar a êste. O civilizado deve, por isso, vigiar sempre atentamente pela própria bagagem, que não raras vezes será mesmo arrombada (21).

Subtraem objetos aos seus próprios companheiros. Serão furtos mais raros, porque a vida mais ou menos em comum refreia ou elimina os impulsos a determinados furtos. São freqüentes os assaltos à roça ou ao cacuri dos outros. Mostram vergonha quando surpreendidos. Se o não fôr, nega o furto. Ou diante da evidência dirá: «leveí, não furtei». Enquanto o prejudicado diz: — «êle roubou-me». Nota-se uma pendência preponderante, quase escravizante, a roubar comestíveis. Nos furtos revela, de ordinário, surpreenden-

(20) Em alguns casos, pela precocidade do ladrão, a freqüência e as circunstâncias do furto, é lícito pensar que se trate de *cleptomania*.

(21) É tão grande a tendência para o furto, a habilidade com que o executam, jamais seguido de arrependimento, que nos assaltou a dúvida, se acaso não o julgariam lícito e bom, ao menos furtar dos brancos. Indagamos a dois indígenas que nos mereciam mais confiança, e ambos afirmaram que julgam coisa má furtar a quem quer que seja. No entanto, outro dos nossos melhores auxiliares declarou-nos que furtar dos seus irmãos é coisa má, porém roubar dos civilizados é coisa boa!

te esperteza. Especialmente nos furtos a outros índios abstêm-se de subtrair o que facilmente se identifica. Tomará sempre as precauções oportunas, no ato do furto, como ao depois, a fim de ocultar o corpo de delito; por exemplo, as meninas furtam agulhas e escondem-nas na camada dura da sola dos pés.

Insurgem-se quando obrigados a restituir; sobretudo se o deve fazer ao civilizado. Fá-lo mais facilmente ao tuxaua que o manda restituir, quando quer manter-se amigo do branco. Diversamente, máxime se gosta do ladrão, dirá altivamente: — «não há ladrão na maloca» (22).

16) Mentira — Falta de palavra — Simulação

O amor à veracidade que tem sido relevado entre alguns primitivos, não é o forte desses nossos índios. Responde muitas vezes falsamente: «não sei», «não vi», às informações que se lhes pede. Vice-versa dão informações do que eles não sabem. E os outros índios presentes não corrigem as informações inexatas. Por exemplo, não gostam de vender seus enfeites de danças, e afirmam regularmente que não os têm. Se se indaga se há algum doente no povoado, responde invariavelmente que não, embora na realidade haja. Nem se pode pensar, nestes e noutros casos, que houve restrição mental. Haveria, no caso dos doentes, alguma razão de natureza mágica? Não logramos sabê-lo, apesar de muitas indagações em diversas circunstâncias e lugares. Passam para uma segunda e terceira mão a cousa roubada, a fim de ocultá-la. Jamais denunciam os outros, a não ser para se defenderem. Não raras vezes os apanhamos em contradição (23). Se lha fazemos ressaltar, calam-se. O silêncio é uma defesa e arma de que se servem com frequência contra o civilizado e suas argumentações. São «mentirosos natos» foi a expressão que usaram duas pessoas que há vários

(22) Se se excetuem êsses raríssimos casos de devolução, pode-se afirmar que de regra não devolvem a cousa roubada, nem dão a conveniente indenização. Do ponto de vista moral parece lícito concluir que não têm a disposição de restituir nem de abster-se dos furtos.

(23) Em abril de 1954 uma jovem de Pari-cachoeira nos havia descrito o seu rito de iniciação pubertária com toda a clareza e indicação de pormenores. Em junho desse mesmo ano, falando casualmente sobre o assunto, começou ela a negar que houvesse *Komû* (cfr. VIII-1, b (7) ou "soprador" no seu povoado e ter ela passado pela iniciação. — Está esquecida que você já narrou tudo? Não tenha acanhamento... lhe dissemos nós. Então sorriu, confirmou e completou a descrição feita em abril.

anos convivem com êsses indígenas. Sustenta não raro sua mentira até diante das provas mais evidentes.

Nem, tão pouco, se pode ter absoluta confiança em sua palavra ou promessa, e contar com o índio para uma data combinada, para a execução de um trabalho, de uma viagem, etc. Deixará de comparecer em tal dia ou lugar em que é esperado, ou de fazer o trabalho encomendado. Mais tarde, quiçá, se apresentará sem, no entanto, tratar do assunto ou pedir desculpa. Se, acaso, somos os primeiros a falar e queixamo-nos (o que nem sempre é político), apresentará uma razão qualquer, verdadeira ou falsa. Não lhe passa sequer pela cabeça ponderar se há motivos fortes para cumprir a palavra dada ao branco. Absolutamente não sacrificará nenhum interesse seu para satisfazer um compromisso assumido.

São dotados de grande capacidade de simulação (24), é a afirmação unânime de todos os que com eles conviveram algum tempo. De maneira perfeita fingirão enfermidade ou indigência, fingirão desconhecer uma ordem ou uma proibição, um esquecimento ou uma inadvertência. Planejando uma ação que julgam má (por exemplo, três ou quatro índios organizando um assalto para fins de furto, ou em fila indiana para espreitar o branco por uma fresta, etc.) não deixam transparecer ansiedade. Mesmo quando surpreendidos, não se desconcertam; separam-se com simplicidade, como se nada houvera acontecido. Quase sempre virá uma gargalhada a rematar o tentativo fracassado.

Mais ainda, são capazes de aparentar emoções que não sentem. Exemplo típico é o *chôro-fúnebre* (com lágrimas, gritos, exclamações) executado com comovedora perfeição, retornando logo em seguida à mesma conversa alegre de minutos antes, entremeada de descompostas gargalhadas; enquanto outros, por seu turno, recitam

(24) A mesma habilidade de simulação apresentam os indígenas *Arwake* do Içana. Entre os episódios comprobatórios recordamos o seguinte. Eram os inícios do internato feminino dirigido pelas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora ou Irmãs Salesianas (1957). Várias meninas, apesar da largueza da disciplina e da tolerância das Reverendas Irmãs, fugiam. Duas alunas, aproveitando o momento oportuno, escapam e, com uma canoa, alcançam a margem oposta onde, numa pequena barraca, se achava a sua mãe. Esta atravessa imediatamente o rio e vem ao colégio ver as filhas. Não sendo, naturalmente, encontradas, a mãe se mostra muito desolada, põe-se a chorar com sinais de grande aflição, causando séria preocupação às Educadoras. No entanto fôra a própria mãe quem escondera as filhas no mato, como ao depois se veio a saber, por testemunhas do fato.

a sua parte, entregando-se ao pranto, para voltar minutos depois à alegria habitual. Talvez pudessem ser aproveitados como atores teatrais.

17) *Vida sentimental: amor, amizade, gratidão*

A sua vida sentimental não parece muito intensa. Nunca se notam expansões muito vivas de sentimentos (25). Embora ria com facilidade, recebe sempre com certa indiferença as grandes alegrias ou desgraças. Não conhecem como expansão do afeto, entre pais e filhos, ou outros parentes, o beijo (26) ou o abraço.

Faltam ao índio alguns sentimentos mais delicados, como o da compaixão. Não só maltratará a um animal, rindo-se das suas contorsões de dor, como até verá com indiferença sofrendo a outro homem, seja embora seu irmão, pai ou mãe (cfr. VII - 4, g (1))

Não padece dúvida a existência nos pais, particularmente na mãe, do amor para com a sua prole, máxime quando ainda na primeira infância. Mesmo então é um amor mais *efetivo* que *afetivo*. a saber industrioso pela saúde dos filhos, aos quais procura remédios nas doenças e alimento. Quando se trata de filhos já crescidos, a estima se contamina de interesse pelos serviços que dos filhos recebem. E o pesar que exprimem, quando os filhos se ausentam ou morrem, é porque não têm mais quem lhes traga o peixe ou cultive a roça.

Atenuando essa presunção em favor do amor materno, está a vigência do infanticídio, e muitas vezes é a própria mãe que o quer

(25) O encontro entre pais e filhos ou entre esposos, após meses ou quiçá anos de separação, reveste-se sempre de frieza de um encontro qualquer sem se olharem, com aquelas expressões convencionais que indicamos (cfr. adiante formalismo). O Missionário Pe. Antônio Giaccone pôde observar este episódio muito curioso: o marido se ausentara quase dois anos para trabalhar com os brancos do baixo Rio Negro, sem enviar notícia alguma. Ao regressar, o encontro com a mulher se deu com a indiferença de costume, na beira do rio ao desembarcar da canoa. Porém, dentro da barraca, depois de lhe ter apresentado a quinhapira e o beijú, a esposa, de cócoras ao lado do marido, desabafa-se com estas queixas: — “ó pai dos meus filhos (yö-põra-kö), tu chegaste finalmente. Fõste com o branco muito longe, muito longe, e a mãe dos teus filhos ficou aqui sozinha, sem ter peixe para os filhos, sem poder fazer roça nova, abandonada, sem roupa... Oh! como é triste viver assim! como é triste!” (Os Tucanos, pag. 72-3).

(26) Parece também que não existem as palavras *beijo* e *abraço*, na língua tukano. O termo *mi'mi*, que o Pe. Antônio Giaccone registra em seu vocabulário, como correspondente a *beijo*, propriamente quer dizer *chupar*. Efetivamente, nos primeiros tempos, quando se lhes ensinava a beijar algum objeto, chupavam-no, mesmo quando se tratava da mão de um sacerdote numa função litúrgica.

e executa. São, outrossim, conhecidos casos em que a mãe abandona os filhos, embora recém-nascidos.

Nos filhos o sentimento correlativo é contrabalançado, ou talvez superado pelo egoísmo. Quando os pais envelhecem, facilmente os abandonam, sem lhes providenciar mais roupas, ou sequer lhes dar remédio, comida ou água (27). Citam-se casos em que enterraram vivos os pais velhos (28).

Ao menos enquanto estão vivendo no próprio ambiente, ligam-se mais entre si, mesmo entre indivíduos de tribo diversa, do que

(27) Depõe o Pe. João Marchesi, com a autoridade de conhecedor da totalidade dos indígenas entre os quais vive vai para 35 anos, e que pela sua heróica caridade, capa de todos os sacrifícios, mereceu que o Gal. Alexandrino Ferreira da Cunha o chamasse “o Anchieta do Amazonas”: — “Entre os elementos da mesma tribo, que se consideram irmãos, há certa cordialidade externa e consideração pelo sofrimento alheio, mas não generosidade, nem oferecimento espontâneo de auxílio e meios; é um *egoísmo frio e esteril*”. “Os velhos pais ficam abandonados, quando não passam da casa de um filho para a do outro, a fim de não representarem um pêso”. “Nem o amor natural dos genitores se pode dizer que tenha base segura, pelo cinismo com que enterram vivos os recém-nascidos, sufocando-os como se faria com qualquer animalzinho” (No livro “Os Tucanos”, do Pe. Antônio Giaccone, pag. 13).

A propósito do matrimônio, escreve o Pe. Antônio Giaccone: — “O índio não tendo amor e carinho para com a mulher, ficará satisfeito com a que lhe derem, não se importando que seja bonita ou feia; basta que seja trabalhadora e lhe dê muitos filhos; se fôr estéril, repudiá-la-á, como cousa inútil, pois todo índio se casa fazendo questão de ter muitos filhos” (“Os Tucanos”, pag. 22). Acoima o tratamento dos velhos pais, por parte dos filhos, de *indiferente e desumano*. (ibidem pag. 26).

Em novembro de 1953, por ocasião da nossa permanência em Iauareté, deu-se o seguinte episódio. Um jovem de Uaracú-ponta (rio Uaupés), casado poucos meses antes, gravemente enfermo de tuberculose, pede ao Diretor que o venha buscar para o hospital da Missão. Aí recebe a visita de sua esposa que fica dias em sua companhia. Numa segunda visita ela se expande em pranto tão clamoroso que o Diretor manda avisá-la que se modere ou se retire mais longe, a fim de não aumentar os sofrimentos do esposo doente. No entanto, dois dias antes da morte do esposo, ela quer retirar-se para seu povoado, levando consigo a rede do marido. E o fez, apesar dos pedidos insistentes dêste, que ficasse ainda e deixasse a sua rede.

(28) Foi-nos mostrado em Uaracapá (rio Papurí), ao sair do povoado, o local onde haviam amarrado, entre dois galhos, a rede de um velho doente. E não só o expulsaram assim de casa, senão também aí o deixaram ao relento, sem assistência nem recursos. Apenas falecido, cavaram de baixo da rede uma cova, cortaram as cordas da velha rede que se precipitou, com o cadáver, dentro do buraco, e cobriram-

com um civilizado. Não, há, porém, indício de particular amizade entre eles: notam-se os mesmos tratos para com todos. É ainda o espírito de grupo que atrofia os impulsos individuais. A inveja recíproca e o medo de envenenamento, que os atormentam, não permitem florescer entre eles os sentimentos da amizade. Estão sempre com receio, um do outro. Com o civilizado, alguém deles quereria abrir-se mais, e em alguns casos fá-lo-á, quando estão a sós. Fecha-se, porém, logo que aparece outro índio. Tem-se a impressão de que tenham medo de parecer amigo do branco.

Nem é evidente a existência da gratidão em seu ânimo, máxime para com o civilizado. Embora se mostre amigo, falando com eles com expansão e intimidade, jamais agradece os favores recebidos; nem sequer mostra reconhecê-los, mesmo em casos de extraordinários benefícios, e até de verdadeiro e heroico devotamento do Missionário ou da Irmã Enfermeira. Não se lhe aproxima para oferecer-lhe algum presente como sinal de gratidão, ou sequer dizer uma palavra carinhosa de agradecimento. Nem consta que entre seus contribuíveis faça questão de mostrar gratidão pelos benefícios recebidos do branco. Pode-se afirmar que a cordialidade que mostram com os civilizados é sempre inspirada pelo interesse, e basta a suposição de uma desatenção da parte do branco, para que desapareçam as manifestações daquela cordialidade.

18) *Vingança-vindicta.*

Forte, ao invés, é seu instinto de vingança. Com um perfeito domínio de si, sem que o menor sinal externo ou expressão do rosto revele seu desgosto, o índio recebe as maiores contrariedades. Porém não esquece as afrontas e injustiças, reais ou supostas, nem as perdoas (29). Pensa na vingança, e são numerosos os episódios

no irregularmente com terra, como o pudemos ver em novembro de 1953. Em junho de 1954 foi encontrado no pôrto de Iauareté um velho Taryana, de seus 70 ou 80 anos, a tiritar de frio. Não sabemos como chebou até ali. Recolhido ao hospital, em grave estado, é deitado em uma rede, medicado e aplicam-lhe bolsa de água quente (para substituir o fogo que usam sempre debaixo da rede). Dias depois, sentindo-se bem, foi interrogado de onde viera. Ele atalha logo dizendo que não queria voltar para sua casa, pois lá era maltratado pelos filhos.

Fomos informados de um Taryana de Pinú-pinú (rio Uaupés) que maltratava e até varias vèzes espancou o próprio pai, que era de Iauareté.

(29) Parece que nem existe, na língua Tukano, o verbo *perdoar*. Por necessidade de catequese, às vezes o Missionário emprega o verbo *oxkó-boho*, esquecer. Os indígenas, ao invés empregam o verbo português com a desinência tukano: *perdoáya* (perdoe você), *Perdoápö* (eu perdoei).

demonstrando que ele aguarda pacientemente a oportunidade durante anos, e fazem longas viagens, afim de executar uma vingança.

É uma obrigação imprescritível a da *vindicta*, *a'mê-wehê*, oficial do grupo, por um membro seu morto ou ferido por algum civilizado ou índio de outra tribo. A vingança será feita também, dentro da tribo, contra indígena de outra subdivisão e até contra seu próprio irmão de sangue. Se, em algum caso, não executa a vingança, é porque tem medo da contravengança (malefício).

Na aparência o índio é muito pacífico. Não se ouvem os indígenas altercando entre si em voz alta, mesmo quando nos parece que há motivos para isto. Parecem até de grande delicadeza entre si. Quando num grupo de indígenas alguém dentre eles deu, supomos, uma informação inexata (note-se que não gostam de declarar: não sei, não estou certo disto) os outros não corrigem no momento a inexatidão ou erro. Talvez algum dos presentes, quando estiver sozinho com o civilizado, retificará, a pedido, a informação errônea.

Não há recordação, se excetuarmos as lendas, de guerra entre as várias tribos (30). São freqüentes, no entanto, as brigas por motivos econômicos (assalto à roça, ao cacuri, etc.). Não raro há rixas por intrigas, e destas cabe às mulheres a maior porcentagem.

Para as vinganças entre si a oportunidade é a embriaguez, (31), e convidam previamente para as festas aquêles dos quais desejam tirar desforra. Após esta, mesmo quando a consequência é a morte da vítima, nada no índio revela arrependimento ou remorso (32). As lendas referem semelhantes episódios, e talvez procurem imitar os seus heróis lendários.

(30) Em outubro de 1947, poucos dias antes de nossa visita à maloca dos Makú cerca de seis Km de Iauareté, dera-se, entre eles, por ocasião de um caxirí (festa com bebedeira), uma briga com facão, na qual um índio veio a falecer e vários ficaram feridos gravemente. Em janeiro de 1948, nessa mesma maloca, dissensão de maior vulto e verdadeira luta com bastão, facão e flechadas se dera entre os Makú e os Taryana, ainda por ocasião do caxirí.

(31) Para ter maior valor "hai que enborrachar-se", diia um da Colômbia. Por isso é que nunca há duelos entre eles. Nem consta que façam, por exercícios, lutas corporais. Nas brigas servem-se de qualquer objeto que tenham à mão, facão, massa, arco, etc. ou mesmo espingarda!

(32) Há anos, em 1933, deu-se um episódio de vingança com particulares circunstâncias de crueldade. Em Ananaz, no baixo Uaupés, os Tukano mataram dois homens Desana, cortaram um menino pelo meio, do ombro às pernas. Os indigitados foram levados a S. Gabriel (hoje ci-

a) o meio mais comum de vingança, entretanto, são os envenenamentos. Quando nos falamos com intimidade e franqueza, os indígenas afirmam e documentam numerosíssimos casos de envenenamentos por vingança. Donde se compreende o medo geral que a todos domina, uma quase obsessão de ser envenenado. Alguns nos revelaram terem sido vítimas, eles próprios, de envenenamentos que lhes causaram doenças graves e demoradas. Conhecemos também casos em circunstâncias tais que, pelo relato das Rvdas. Irmãs Enfermeiras, admitem a suspeição de envenenamento. Entre estes lembramos aqui dois casos ocorridos durante nossas viagens. E tratar-se-ia de uma forma mais odiosa de vingança, a saber, causar mal aos filhos menores para desforrar-se de injúrias causadas pelos seus pais. Duas crianças de seus 10 anos aproximadamente, alunos da Missão Salesiana: uma menina de Iauareté em abril de 1955, e um menino de Parí-cachoeira em outubro de 1956. Ambos faleceram ao cabo de poucas horas, após a ingestão de bebidas indígenas.

Não praticam, porém, a antropofagia, e nada revela que tenha havido esse costume no grupo de tribos Tukano (cfr. adiante o que se dirá sobre o *Canibalismo*, VII - 6, h).

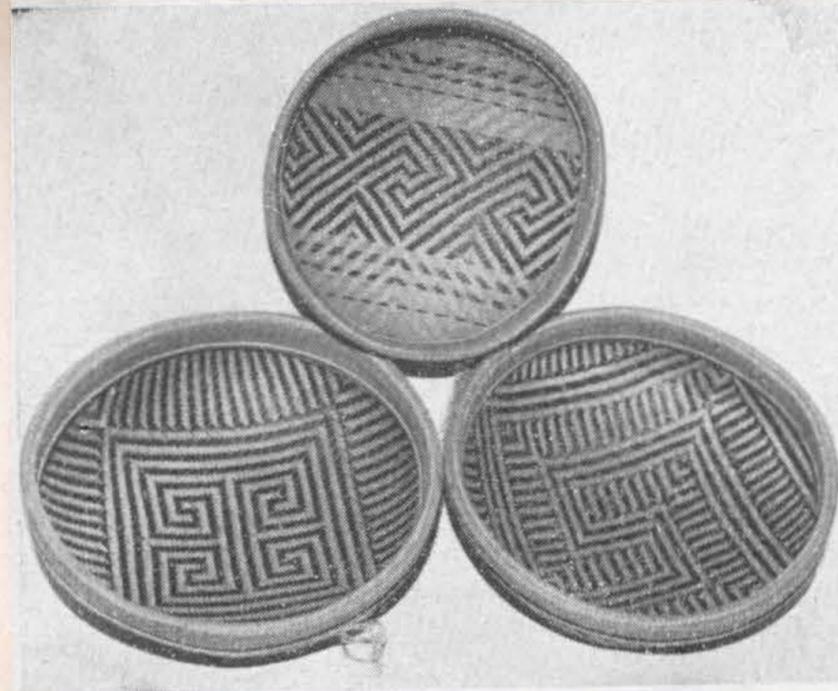
19) Vaidade.

A vaidade é um traço bem pronunciado da psique indígena. As crianças de braço as mães atam ligas, abaixo do joelho e acima do tornozelo, «para engrossar-lhes as pernas». Efetivamente, são na totalidade anatomicamente bem conformados e elegantes, com as pernas bem torneadas. Querem ter as pernas grossas. É um dos insultos, sobretudo entre as meninas, xingarem-se de perna fina (33). Todos de corpo cheio, até cerca dos 30 anos. Depois dessa idade, em alguns homens se exagera a corpulência, e a totalidade das mulheres emagrece, envelhecendo precocemente. Não provocam nenhuma deformação para efeito estético ou guerreiro (34). As donzelas ostentam seios redondos, bem desenvolvidos. Identificam a beleza com a corpulência. Quando alguém muda de clima para

dade de Uaupés) e interrogados pelo Inspetor do S.P.I. (Serviço de Proteção ao Índio). Sem dificuldade confessaram o crime. — Mas por que vocês os mataram? — “E’ isso mesmo”, foi a única resposta.

(33) Xingamentos em tukano: perna fina, *ñöxkã-dyi-Marigõ*; cabelo crespo, *poári-subi*; olho grande, *kaxpéri-bühügö*.

(34) É característica dos caraíbas a deformação do crâneo, aplicando à cabeça das crianças talas apertadas. Entre as tribos do Amazonas, os primeiros exploradores encontraram este costume entre os Cambeba (“Roteiro” do Pe. Noronha, 145). Em algumas tribos, por exemplo, os Pinao da Colômbia, isto se fazia para tomar aspecto feroz.

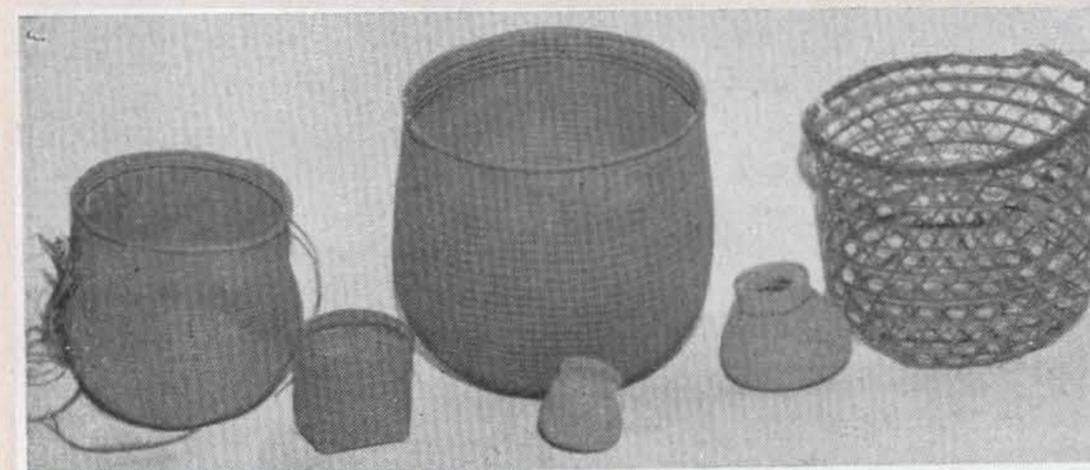


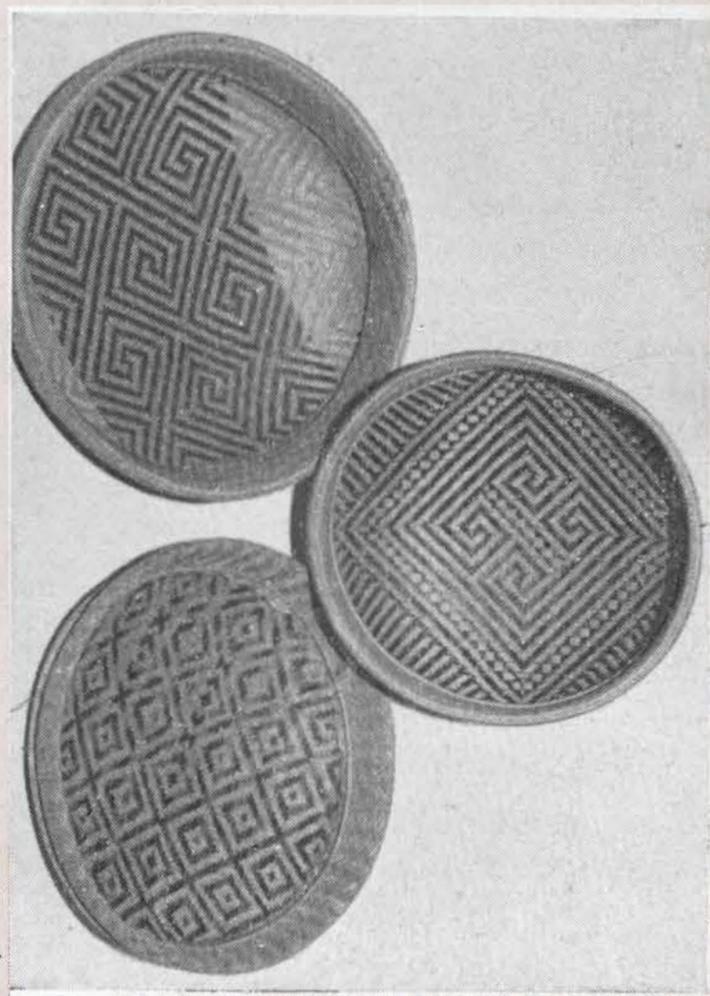
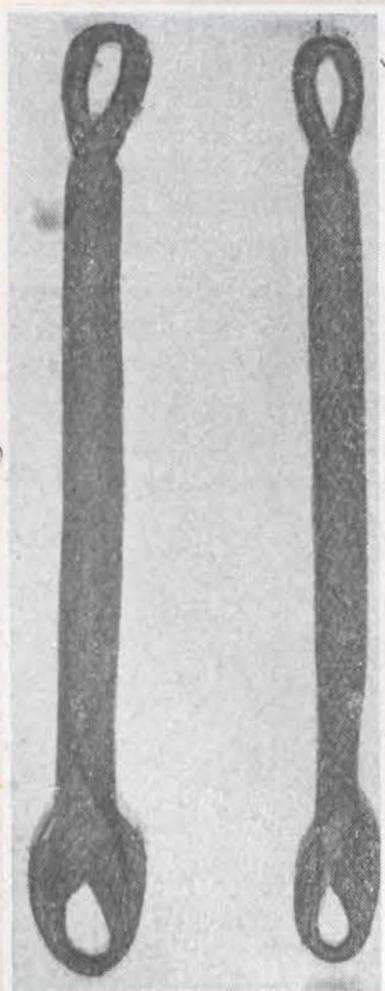
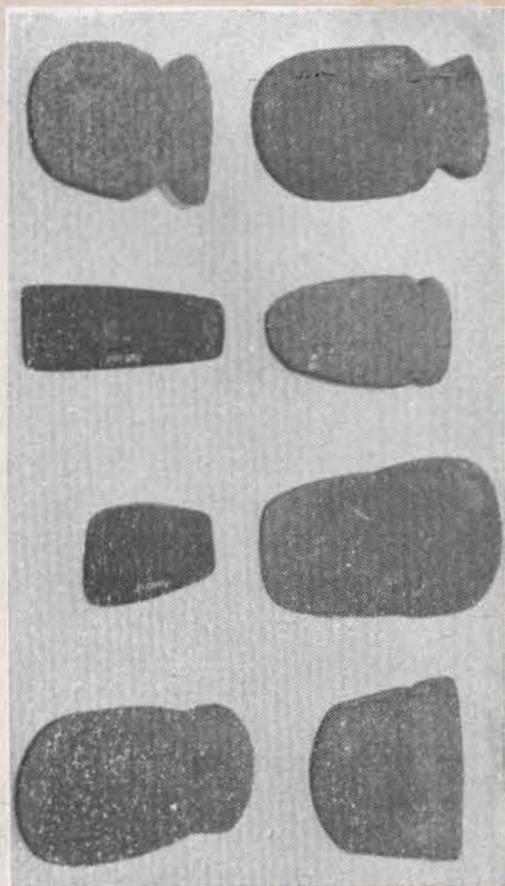
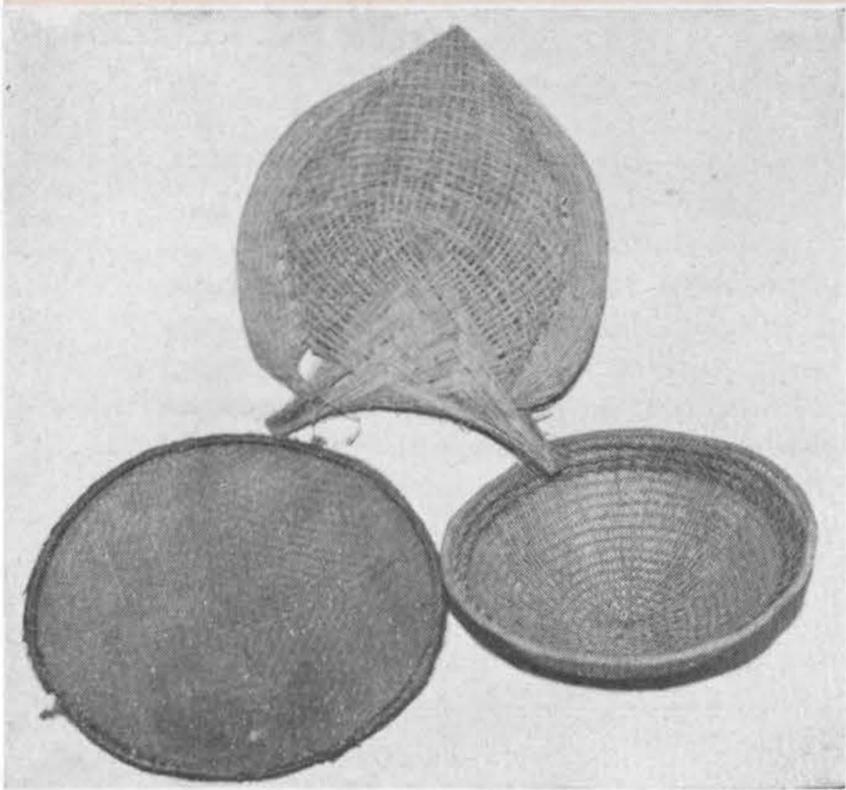
1. Peneiras (baxti) com os desenhos característicos.

2. Diversos tipos de cestos grandes (aturás, pyi, e sarreiro, *térê-pi* o de malhas largas) e pequenos (*pyi-kamõ*)

3. Preparando a “rede-batida”.

4. Desbastamento para o preparo do remo.





Tipiti (wāx-tī-kē-ō)

Peneiras (baxti)

fortificar-se, dizem «que foi buscar carnes». Nenhuma preocupação com a cintura, nem usam cinta.

Sobretudo o cabelo é objeto de vaidade. Ajustam-no, pentelam-no amiúde, as mulheres e a nova geração dos homens. Os rapazes, durante as viagens, colhem flôres da margem do rio e enfiam-nas no cabelo, por cima da orelha. Aplicam-lhe loções, que preparam com jenipapo e outras plantas, para conservá-los pretos. Eis o segredo por que lhes não embranquecem... Amam as missangas, sabonetes, perfumes. Uma donzela vendeu-se por meio vidro de brilhantina.

Gostam muito de espelho e miram-se com freqüência; antigamente davam um remo em troca de um pequeno espelho.

As môças sentem pesar de serem escuras, e para clarear a pele esfregam-na fortemente com sabão e até com areia, remirando-se a cada momento, afim de verificarem se estão ficando mais claras.

20) Soberba.

Equivalente à vaidade é a soberba. Jamais reconhecem o próprio erro. A mínima palavra que lhes soa como repreensão, fecham-se no mutismo; e a criança agirá mal por acinte. Citam-se casos nos quais a uma simples repreensão do civilizado, retiraram-se e passaram anos sem reaparecer.

Comprazem-se sobremaneira com os elogios; é o meio de que se servem os educadores, afim de estimulá-los ao estudo e ao trabalho. Se acaso a criança é corrigida na escola, porque errou na leitura, abaixa o livro e não lê mais. Nunca faz pergunta na aula, mesmo quando não entendeu e é convidado a pedir explicação. Por outro lado ri-se gostosamente quando outros, especialmente o branco, erra (tropeça, cai, não sabe amarrar uma rede, etc.)

São altivos das próprias qualidades, e comprazem-se em que lhas louvem. Embora com suas crenças bem radicadas, assimilam bem a nossa civilização nos seus elementos materiais, e até, quando voltam à sua maloca, imitam o que viu os civilizados fazer. No íntimo atribuem a superioridade destes aos recursos de que o indígena não dispõe, e «porque aprenderam de outrem». São estas as duas razões. (assim julgam eles) por que não podem realizar tudo o que os civilizados fazem, seja mesmo um gerador elétrico, um motor de lancha, ou um avião.

No seu íntimo parece radicada a convicção que o civilizado é que precisa deles, pois veio até suas terras; e eles não precisam dos

civilizados (35). E semelhante conceito é difícil de corrigir-se, porque não aceitam, e nem acompanham os raciocínios do civilizado. E na realidade o branco que viaja por estas regiões não pode dispensar o trabalho do índio (para guiá-lo, remar, transportar carga, etc.). E desde o período dos descobrimentos, e de modo especial nestes últimos anos, sobem negociantes a buscar índios para os trabalhos nas seringais e piaçabais do baixo Rio Negro ou seringais da Colômbia. Diante da natureza majestosa e selvagem destas regiões, é natural que o civilizado sinta e manifeste um sentimento de timidez e inadaptação, o que confirmará o índio na convicção da própria superioridade.

Quando transportado a uma das nossas cidades, bem longe dos seus irmãos de tribo e do seu rio natal, esse mesmo sentimento de inadaptação e timidez fará, com mais facilidade, que o índio se una com fidelidade e quicá verdadeira afeição ao civilizado com quem vive e para o qual trabalha.

O indígena que se instrui nas escolas da Missão, considera-se «branco», e procura imitar o civilizado. Não gostam que os chamemos «índios» (36); deve-se dizer: «vossa tribo», «vossa nação». Há em todos eles um ponto que de modo particular não se deve ferir, a saber, o orgulho da própria tribo.

21) *Gula.*

São também excessivamente gulosos. Estão sempre dispostos a comer. Comem de tudo o que come o branco e que se lhes dá, e quase sempre tudo o que têm no momento (37). São freqüentes os distúrbios intestinais. Comerão até se sentirem mal, e sobrevir indigestão e cólicas. Comem sem medida quando têm, e passarão depois o dia todo só com chibé (água com farinha de mandioca

(35) Durante a última guerra cresceram as dificuldades de abastecimento dos centros missionários. Um dos Superiores da Missão julgou prudente avisar aos indígenas que não era má vontade dos Missionários, porém as dificuldades da época (falta de recursos, de transporte, etc.) impunham a privação de algumas cousas que eles vinham recebendo, por exemplo, do sal. E ouviu de um tuxaua este aparte: — “você os brancos é que vão sofrer com isto; a nós não nos faz falta”.

(36) Os mais civilizados dentre eles dizem às vezes: — “eu não sou do Uaupés”, como equivalendo a “eu não sou índio”. Reservam comumente o nome de índio para os da tribo Makú.

(37) Assistem curiosamente os brancos que comem e depois devoram tudo o que sobra; sempre, porém, repartindo-o entre si. Alguns de Iauareté não gostaram de chocolate, e cuspiram-no fora.

amidosa) (38). As crianças no colégio vão ingerindo as comidas que lhes apetece até ficarem doentes. Nos caxiris não comem, de acôrdo com os costumes, e assim podem sorver maior quantidade de bebida. Estão vomitando por um lado, à maneira dos antigos romanos, e por outro enchendo nova cuia. Verdade é que o caxiri é nutriente, sendo na realidade uma papa bem diluída. Como, às vezes, é sorvida ainda em fermentação, continua essa no estômago, donde muitos casos de hernias estomacais, por excesso de bebida. São avidíssimos de aguardente; é uma paga pela qual farão qualquer sacrifício. Sentem-lhe o cheiro de longe. Para evitar represões, escondem as garrafas no fundo do rio, donde as retiram quando querem beber-lhes o conteúdo alcoólico.

Gulosíssimos particularmente de doce (39), apreciam também muito o sal, e até o próprio sal amargo (sulfato de sódio) subministrado como remédio. O sal é um artigo que sempre procuram.

32) *Ingenuidade e alegria.*

Possui, outrossim, um conjunto de virtudes naturais e invejáveis qualidades. Já indicamos algumas, acenemos ainda a outras. Entre as belas qualidades do indígena nota-se a sua encantadora ingenuidade. Simples, ingênuo, até quando conta os episódios mais escabrosos, e o faz sempre com os termos do mais cru realismo. Ingenuidade estranhamente natural, nas conversas, e especialmente na composição, mesmo quando, a julgar pelos fatos anteriores, se tem certeza que ela encobre malícia.

É um indivíduo alegre. Ri com a máxima facilidade, e por qualquer motivo explode em grandes, prolongadas e típicas gargalhadas. O riso não é só uma resposta ao ridículo ou ao humorístico, mas a toda surpresa agradável (40). Muito antes de clarear o dia, desde as 3 ou 4 horas da madrugada, ouvem-se gargalhadas na maloca, e até as 10 ou 11 da noite. É uma raça alegre: na sua

(38) De resto estão habituados ao jejum. Além dos jejuns forçados (porque não têm o que comer, ou nas viagens), observam numerosos jejuns rituais: na iniciação pubertária, no chôco (*couvade*), menstruação, etc.

(39) Com um bombôm os próprios tuxauas, chefes de povoado, mostram-se satisfeitos; e não raro uma bala é ainda partida, ou passa por mais de uma bôca. Com alguns caramelos e cigarros, davam-se por bem pagos pelo trabalho de se deixarem medir.

(40) Uma índia interrogada porque tantas e tão prolongadas gargalhadas, esclareceu que é porque lhe soltavam a fumaça do cigarro sobre as diversas partes do corpo. Parece costume comum quando a mulher se acha deitada sobre a rede para descansar, durante o dia.

maloca ouvem-se muitas risadas e quase nenhum choro. As próprias crianças choram menos que os seus irmãozinhos da civilização (41): choro que dura poucos momentos.

23) *Estoicismo.*

O índio é o mais perfeito tipo do estoico, e supera de muito os antigos filósofos gregos. Homem do presente, o futuro não o preocupa. Não faz depósitos para amanhã; confia que amanhã a natureza lhe seja tão favorável ou mais que hoje, e ele trabalhará também amanhã. Na privação, saberá sofrer, com serena tranqüilidade, a fome. Nem sequer pensa na dor futura. Nesta disposição de ânimo se assenta o segredo da sua tranqüilidade e bom humor constante. De resto, suporta facilmente o sofrimento; não gemerá por intensas que sejam as suas dores (42). Na enfermidade deitar-se-á sobre a rede e espera que a natureza reaja sob a sugestão dos ritos do pajé. Se este diz que o doente vai morrer, aguardará ele tranqüilo a morte, sem choros nem gritos. Os parentes não lhe darão remédio, e muitas vezes nem mesmo alimento ou bebida (44) O

(41) Nas crianças recolhidas nos internatos da Missão, e nas próprias criancinhas filhas de ex-alunos e criadas à sombra das Missões, observam-se com mais freqüência e prolongadamente choros e gritos de manha.

(42) Nas freqüentes visitas às malocas e aos povoados indígenas, muitas vezes, com admiração nossa, temos encontrado indivíduos, não só adultos, mas também crianças, suportando grandes dores sem uma lágrima ou um gemido. Ao invés, quando aos cuidados dos civilizados, por exemplo, quando hospitalizados, facilmente se desabafam em gritos e gemidos que parecem até exagerados. Abstemo-nos de apresentar uma explicação para semelhantes fatos, embora a tenhamos inutilmente pedido, em várias ocasiões, aos próprios indígenas.

(43) E vocês têm dado mingau ao doente- Indagava o Missionário aos de uma maloca, onde encontrara um velho muito mal, deitado na rede. — “Para que? objetaram-lhe os índios, ele vai morrer mesmo”. Em Pari-cachoeira encontrava-se, em maio de 1954, uma jovem esposa gravemente doente e desenganada pelo pajé, por nome Adelia Abreu, da tribo Tukano. Não aceitava os remédios ou punha-os fora, fingindo tomá-los. Recusava geralmente os alimentos. Se acaso mostrasse alguma disposição a aceitá-los, sua mãe murmurava que não os tomasse, porque o pajé dissera que iria morrer. Com certa dificuldade transportaram-na ao hospital. A Irmã Enfermeira conseguiu vencer a resistência da môça, e esta dispõe-se a tomar os remédios e a alimentação, e notou-se logo esperançosa melhora. A mãe da doente, ao saber disso, correu ao hospital, a fim de impedir este fato. A quem lhe argüia porque agia assim, respondeu a mãe: — “O pajé disse que ela deve morrer; se ela sarar no hospital, o pajé vai ficar com raiva de mim”. É verdade que apenas a môça se sentiu melhor, fugiu do

paciente não o pedirá, ou até recusará tomar se alguém lhos apresentar. A sua vida foi toda de lutas e privações suportadas com a mais inalterável calma, jamais foi vencido pelo desespero; mostrase sempre forte até diante da iminência de morte (cfr. VII - 2, e (1)).

24) *Formalismo.*

O indígena uaupesino é um tipo singularmente formalista. Precisamente este formalismo rigoroso, atingindo quase cada atividade do indivíduo, é que esmaga o individual, o pessoal no índio. Dêstes, como dos mongóis, os que com eles não têm um contacto muito prolongado e imediato dizem que todos se parecem, porque é difícil distingui-los pelos traços fisionômicos. Na realidade, mais do que no rosto assemelham-se no seu comportamento. Os índios parecem-nos feitos *em série*, se os consideramos na sua maneira de agir. A educação, que lhes subministra a congênita tendência de imitar, e a sujeição aos costumes e tradições é de tal modo absorvente que quase lhes faz desaparecer os traços individualizantes. E esta *uniformidade* é ainda mais impressionante porque *nivelou* culturalmente *nações distintas* e bem diversas pelos traços somáticos, pela origem bio-étnica e pela fala, e parece haver conseguido moldar todos os componentes das tribos conforme um modelo único. Por essa razão afirmamos que, até na maneira de rir e gesticular, as diferentes tribos do Uaupés se assemelham, e por isso mesmo a vasta região uaupesina deve-se considerar como uma única área cultural.

Vão aqui alguns acenos ao formalismo indígena do Uaupés.

Nos encontros de parentes não há expansões de júbilo, já o relevamos, embora depois de longa separação, mesmo o encontro de esposos ou entre pais e filhos.

São freqüentes entre eles as viagens de visitas; necessidade psicológica por que vivem em pequenos grupos? ou reminiscência de nomadismo ancestral?

As recepções oficiais das grandes festas, ou eventuais de alguma vista, revestem-se sempre de um estranho e indispensável formalismo.

Quando nas suas assíduas viagens de passeio, resolve parar em alguma maloca ou povoado, encosta sua canoa no pôrto e sobe. Se

hospital. Do parto, que logo se seguiu, teve criança muito fraca que veio a falecer quase imediatamente. Porém a jovem mãe ficou forte e está ainda em gozo de saúde (em setembro de 1956).

forem vários, fá-lo-ão em *fila indiana*, isto é, um atrás do outro, observando uma ordem em que precede o mais digno. Não entrará absolutamente, sem dizer à porta: «*nē! maxsã niti?* olá, há gente aí?» Isto dirá mesmo quando viu que havia gente. Virá, então, recebê-lo o chefe da casa, ou o mais importante que aí estiver, e tocam-se de leve as mãos direitas. Ficando de pé, um em frente do outro, sem se olharem, olhando para o chão ou para um canto, o da casa perguntará: — «você chegou? *extati mää?*» — «Cheguei, *extápō*». Ou: — «a sua canoa chegou?» O outro responderá: — «chegou». Passarão alguns segundos em silêncio, depois continua: — «Ah! você chegou? — Sim, cheguei». Após pequena pausa insistirá talvez: «Ah! bem! você chegou? — «Sim, cheguei». — «Donde vem você?» (pergunta muitas vezes inútil, pois sabe muito bem a procedência do visitante). — «De X» (e diz o nome da localidade). — «Ah! você vem de X? — «Sim, venho de X». Estas e semelhantes expressões são intercaladas de silêncio e de «*ãã*», que cada qual vai alternando, como sinal que compreendeu a frase do outro.

O mesmo fará e dirá cada um dos homens da maloca ao hóspede, ou aos hóspedes, se forem vários. Passarão, outrossim, as mulheres, uma por uma, diante de cada visitante, e tocando-lhe a mão direita farão as mesmas perguntas: — «chegaste? — Cheguei», etc., sem olhar porém para os hóspedes, com os olhos baixos. Retiram-se logo as mulheres e uma delas vai buscar uma pequena esteira, estende-a diante das visitas, e sobre a esteira põe uma panela com quinhapira e uma peneira com beijú, de que se servem sem acanhamento os visitantes.

Mais tarde, sentados nos banquinhos, ou cada qual na sua rêde, entabulam longas conversas até horas tardas da noite, com certa rapidez, entremeadas pelos monotísimos «*ãã*» e com incontáveis e sonoras gargalhadas. Se pensarmos que a língua tukano é tão concisa, diz tanta coisa com poucas palavras, teremos uma idéia da loquacidade dos indígenas entre si. A criança contará tudo o que se passou nos meses em que esteve no colégio. O adulto relatará suas viagens, os episódios da caça ou da pesca, os feitos, as pessoas que encontrou, as conversas que teve, os episódios próprios e alheios, enfim terá um sem-número de notícias a comunicar que nos parecem sem interesse; porém, para sua mentalidade infantil são muito importantes. A curiosidade de saber, corresponde, da outra parte, grande vontade de contar.

Note-se que o marido nunca conversa com a mulher à noite, só de dia, e mantém longa prosa, quando descansam, após o trabalho. A noite só é permitida a cavaqueira entre pessoas do mesmo

sexo (assim nos informou a velha Taryana Teodora de Iauareté, e no-lo confirmou Dorotéia Brito, Tukano) (44).

Singular encontro de pajés proporcionou-nos uma excursão ao médio Uaupés em maio de 1956. Viajávamos em companhia de dois pajés Tukano, Marcelino e Henrique, respectivamente pajé de Juquirá e do Japú-igarapé. Uma avaria do motor de popa obrigou-nos a uma parada mais longa no povoado de *Periquito*, da tribo *Taryana*. Os dois pajés em trânsito cumprimentaram de uma maneira comum o colega Taryana da localidade. Logo em seguida, porém, os três pajés se postaram à margem do rio, à distância de 50 ou 60 cm um do outro, cada qual fumando seu cigarro (que um dos visitantes dera aos outros dois). E sem se olharem, voltados para o rio, puseram-se a declamar, em voz bastante alta e característica toada, que se podia distinguir a uns 20 metros de distância. Mais de meia hora durou aquele diálogo, no qual se alternavam com a palavra ora um ora o outro dos três, sempre com a intervenção dos outros dois que repetiam as últimas palavras da frase do locutor, ou outras palavras à guisa de estribilho. Era uma recordação dos episódios que, de acôrdo com a lenda das origens, ter-se-iam realizado naquelas paragens, a história das suas ilhas, canais, cachoeiras e pedras, recordação com valor de um exorcismo e augúrio de uma próspera navegação. Se houve também invocação das «mães das cousas», como Stradelli afirma haver assistido por ocasião da imposição do nome, não nos foi possível averiguar (45).

(44) Entre os Ide-maxsã, do ribeirão Komé-ya, temos observado, durante a noite, conversa entre marido e mulher. Quiçá não sejam proibidas as frases impostas pela necessidade, e interditas sejam apenas as conversas por entretenimento.

(45) Fato semelhante deu-se em agosto de 1956 no Ribeirão Timí-ya (afluente da esquerda do rio Pirá-paraná). A hora do almoço paramos numa roça que se elevava à mão esquerda de quem descia o ribeirão. Um dos nossos remadores, da tribo Bará, aí encontrou um seu "irmão" de tribo. Suspendeu, então, a refeição o nosso remador, e os dois Bará, de pé sobre um grande tronco abatido, voltados para o poente (provavelmente para não ter o sol a castigar-lhes o rosto) igualmente sem se olharem puseram-se a dialogar entre si, em voz muito alta. Era ainda o augúrio de feliz viagem pelas recordações das lendas das origens, como nos foi informado. Terá durado um quarto de hora êsse diálogo, depois os dois sentaram-se sobre o tronco e continuaram numa conversa alegre, em tom mais baixo e amistoso, enquanto comiam, pois o nosso remador pôs à disposição do seu "irmão" a nossa comida, e ambos dela se serviram desembaraçadamente.

Êsse mesmo remador Bará, propiciou-nos em a noite seguinte espetáculo semelhante, embora em circunstâncias mais desagradáveis. Um temporal e as trevas da noite surpreenderam-nos navegando o Pirá-paraná, e precisamente nas proximidades da perigosa "cachoeira

25) *Habilidade e gosto artístico*

Acenamos à habilidade do índio na execução dos seus trabalhos tradicionais. Mais ainda, possui gosto artístico, como veremos adiante (VII - 3). A sua maloca é um belo trabalho de engenharia e arte. Harmoniosa e imponente nas suas proporções, e com um perfeito travamento das vigas, está solidamente plantada em terra, a desafiar as tempestades, com estacas de madeira de lei, tôdas bem regulares e admiravelmente alinhadas.

São trabalhos perfeitos os *yuxta-seri*, ou ligas tecidas de tucum (em nheengatú, *tapacúras*) que as mulheres usam abaixo do joelho para engrossar-lhes as pernas ou como adornos nas danças.

As pinturas nos banquinhos e os desenhos com palhas de diversas côres, nos cestos e peneiras, são perfeitas e agradáveis.

O *yaxkê-wazsóro* ou cobre-sexo, (pequeno avental de mis-sangas enfiadas em fios de tucum), que as mulheres usam na frente, quando dançam, demonstra paciência, habilidade e bom gosto.

A geração nova tanto do sexo feminino, como do masculino, que passou pelos colégios das Missões, aprende a fazer suas roupas; e

do beijú". A margem esquerda foi improvisada uma tenda com duas pequenas lonas que abrigavam a bagagem e algumas redes. Pela meia noite ouve-se o rumor de remos; uma canoa abordou a margem e subiram os seus tripulantes, entre os quais um velho da tribo *Ihwāna*. Ou já se conhecessem ou seria êsse o primeiro encontro, não pudemos saber, pela deficiência de intérprete. Somos proclives a pensar que não se conheciam antes, porque o remador Bará afirmara não conhecer a região, e os *Ihwāna* moram nessa zona do Pirá-paraná, e vieram precisamente para ajudar-nos a passar a cachoeira, conforme pedido que fizéramos na maloca visitada horas antes. O remador Bará levantou-se para ver os que haviam chegado. Imediatamente teve início, no silêncio da noite, um diálogo em voz alta, como se fôsse uma briga, entre o Bará e o velho *Ihwāna*. Eram os esconjuros tradicionais, com a recordação dos episódios lendários, com o fim de obter a prosperidade da viagem; assim nos revelou um índio Tukano que ia em nossa companhia. Aqueles gritos no coração da noite todos acordaram. Após alguns minutos, com o desejo de conciliar o sono tão necessário para quem se entrega a tão penosas viagens, procuramos intervir para que cessasse aquêle distúrbio. Foi tentativa baldada. Os dois dialogantes, ou porque não entendessem nosso desejo, ou, como é mais provável, porque não lhes interessava saber se estavam incomodando os demais (o que é também um traço marcante e geral da psicologia dêstes índios do Uaupés), e pela importância que dão às suas praxes, continuaram imperturbados ante nossos apartes e protestos. Depois de quase uma hora dialogando em voz forte e na típica toada dos esconjuros, passaram a falar em voz baixa e discreta, pediram alguma coisa para comer e por fim, deitando-se sobre a areia, dormiram até o amanhecer.

as executam com bastante gosto e procurando seguir a moda que viram entre os civilizados do Rio Negro. Até os meninos gostam de costurar e bordar (!).

Revelam pendor pelo desenho; e não só desenhavam pelo chão, como nos cadernos representam o que viram: animal, objetos, edifícios escolares, etc. A bem da verdade se deve relevar que, por causa da sua inconstância, nenhum dêles até agora prosseguiu a aperfeiçoar-se no desenho.

Dentre as côres preferem o vermelho e o azul; combinando esta última cor com o branco. E amam as côres bem vivas. Note-se que na língua tukano (40) há um só termo, *soãse*, para indicar o *alaranjado*, o *vermelho* e o *amarelo*, e outro *ya'sasé*, para o *verde* e o *azul*, embora distingam não só as sete côres simples, como as intermediárias.

Quanto à música, embora não favorecido pela voz, pois tem-na geralmente *estrídula*, nota-se o gosto e relativa facilidade para aprender os cantos a uma como a mais vozes. Os seus cantos das danças, se bem que monótonos e tristonhos, são muito harmoniosos e são bem variados e agradáveis os motivos que executam nas suas flautas. Dotada, por assim dizer, do instinto musical, a criança com a maior facilidade aprenderá o ritmo e os passos das danças tradicionais, sem escola, vendo e dançando. Até as crianças são capazes de preparar suas flautas, mesmo aquelas ditas *de Pã* ou *caríço*, como pequenos órgãos de 6 a 10 tubos, correspondentes às notas musicais e harmonizando-se perfeitamente entre si os seus vários instrumentos musicais.

(46) E não só o Tukano, mas também os demais idiomas do Uaupés (família linguística Tukano) e do Caburí, empregam o mesmo termo para as côres *vermelho* e *amarelo*, e outro para o *verde* e *azul*.

Cap. VI

CULTURA MATERIAL

1. HABITAÇÃO wi'i

Sob o nome de *cultura material* (*Sachkultur* dos autores alemães), entendemos o conjunto de objetos que o silvícola produz para as necessidades da vida. São, pròpriamente, os *objetos materiais* enquanto manifestam o seu nível cultural.

As tribos que estudamos não são nômades. Na fase atual em que as encontramos, acham-se estabilizadas há varias gerações ou séculos (— quanto avança a memória completada por algumas informações dos primeiros viajantes), no mesmo local, donde só se mudam por motivo de epidemias ou de brigas. O grupo dissidente vai, então, construir nova casa ou iniciar outro povoado, ordinariamente não muito distante do primeiro, talvez afastado poucos quilômetros apenas. Admiram-se ainda hoje malocas bem antigas; de meio século, quiçá. Circunstâncias particulares (incêndio, tempestade, etc.) podem igualmente forçar à construção de nova maloca. O índio prefere sempre fabricar nova casa, a reparar a antiga, se grandemente avariada. Embora, para a nova construção, muitas vêzes aproveite as traves e, mais comumente, as palhas de cobertura, especialmente se estão ainda boas e teria que ir muito longe buscar palhas novas. Em se tratando assim de tribos fixas, é natural que encontremos boas habitações. Como é zona de freqüentes e torrenciais chuvas, não é conveniente a simples construção de barro.

O sistema de cobertura, *peókaró*, é sempre o de duas águas e com grande inclinação, de sorte que o beiral do telhado ficará acima do solo apenas um metro ou pouco mais. A palma de cobertura variará consoante os recursos da região; geralmente empregam o *caraná* (*mauritia flexuósa*, Wall.) pũ'sê porque além de abrigar bem das chuvas, dura muitos anos. Regularmente compõem a cobertura começando pelo beiral.

Do caraná empregam as palmas sem mais trabalho, superpondo-as de maneira que uma recubra parte da outra. De outras palmas

como o buçú, *muhi*, devem antes tecer os folíolos (é o que se diz *muhi-pama*, buçú-trançado), e em diversas camadas, afim de que vedem perfeitamente das chuvas, (é o sistema *muhi-peókaró*).

Outras vèzes preparam o buçú entre talas, no chão; é o *muhi-deróke* (buçú costurado). Cosem um amarrado de fôlhas, isto é, prendem algumas palmas entre duas talas de sorte que constituam um *pano retangular* de dois por três metros, mais ou menos; é o que se denomina *muhi-swá-ká-pâma* (pano de buçú cosido).

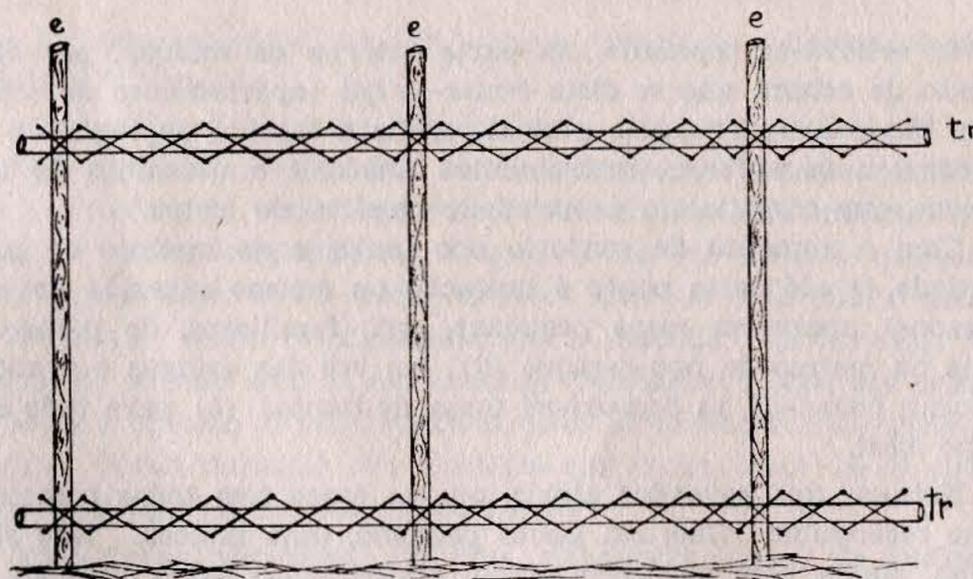
Das paredes, *tyákaró*, as laterais (*so'mûta-tyákaró*) são preferivelmente de palma trançada. Encontram-se com mais freqüência paredes de *pehé*, palma que atinge dois a três metros de comprimento e 30 a 40 cm de largura; ou ainda de *moá*, cujas palmas são mais largas alcançando os folíolos uns 60 cm.

As paredes principais (frente e fundo), no estilo clássico das malocas (assim nos informou Júlio, tuxaua de Parí-cachoeira, rio Tiquié) são, ao invés, de casca de árvore (*yuxkô-kaxserí tyákaró*) até certa altura (1), e completada até o telhado por palma de *açai*, *mixpi yókaró*.

Preparam a casca de sorte que se assemelham a largas tábuas. Cortam um cipó, como medida do comprimento que devem ter as cascas, ordinariamente de 5 a 6 metros. Vão à mata, escolhem a árvore e com um objeto cortante (antigamente o simples machado de pedra ou mesmo uma ponta aguçada qualquer) dão um talho ao redor, na parte superior e outro na inferior do tronco, conforme o tamanho desejado. Executam, ao depois, pequenos talhos no cortex, batem-no muito bem, com um pau, ao longo da casca a fim de que esta se despregue. Em seguida dão-lhe um talho longitudinal, e com uma pequena espátula vão separando do tronco a casca que pode ter um metro ou mais de largura. Transportam as cascas para casa e, a fim de que não se enrolem, empilham-nas umas sôbre as outras, bem esticadas, com um pêsó por cima.

Para fazer as paredes, põe-se uma travessa (*tr*) horizontal a um palmo do solo, e outra mais acima, paralelamente, com intervalo de um metro ou mais, prêsas com cipó a estacas (*e*) bem firmes. A essas travessas ou régua aplicam-se verticalmente as tábuas de casca já bem sêcas, e sôbre elas põem-se novas régua, paralelas às primeiras, a fim de reter a casca. Depois um índio pelo lado de fora, e outro pelo de dentro furam quatro orifícios e, com cipó cosem

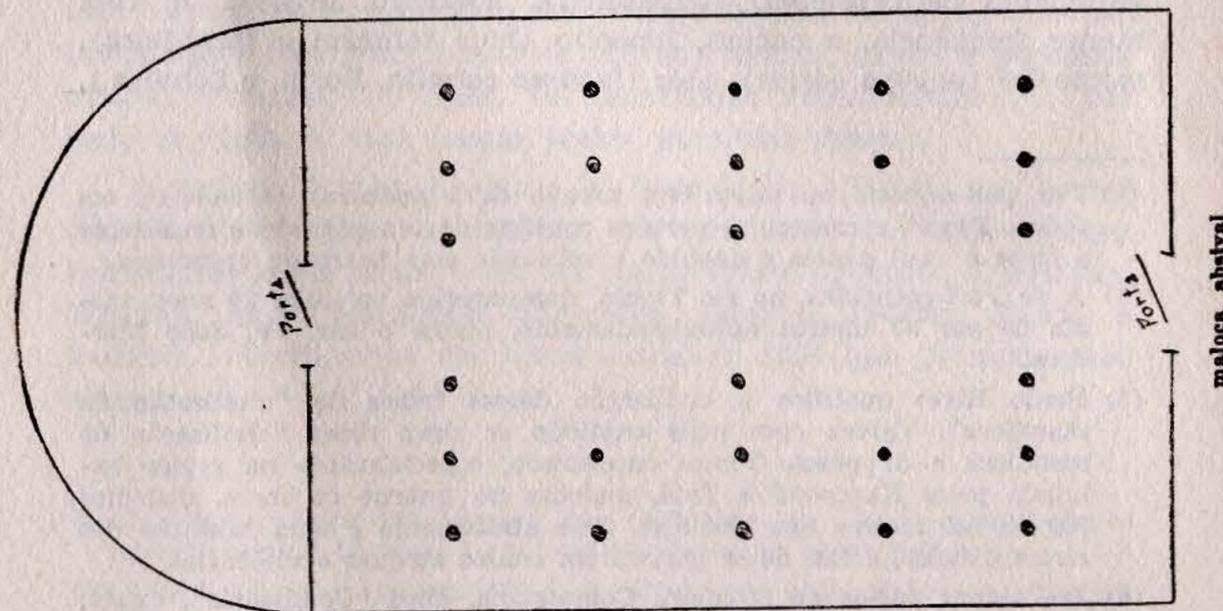
(1) Em um ou outro lugar vimos barracas que, em vez de casca, tinham as paredes feitas de tronco de paxiúba, aberto e batido, de sorte a apresentar o aspecto de tábuas rústicas ou costaneiras.



as cascas às reguas, resultando algumas vèzes, dessa costura, um X com bastante regularidade e simetria ao redor das travessas.

Sôbre estas cascas frequentemente se encontram pinturas, servindo de tinta o latex da sorveira, com argila de diversas côres.

Atualmente tôdas as malocas que ainda se encontram pela região do Uaupés e afluentes são retangulares. Até 40 anos atrás viam-se algumas com a parte posterior de forma arredondada, como ábside, dita do *ákaró-tirí-wy'i* (maloca-com-cozinha) (2). Esta



(2) Era assim absidal a maloca dos Tuyuka, em *Pinó-koa-liró*, no alto Tiquié e que Koch Grünberg afirma media 27x17,80x7,80 metros (*Zwei Ihare*, 204).

ábside achava-se separada, na parte interna da maloca, por uma divisão de esteira que se dizia *i'misa-ta'tyá* (apartamento de esteira). Nesse compartimento absidal residia a família do tuxaua e se guardavam os enfeites, instrumentos musicais e utensílios de uso comum, que constituíam propriedade coletiva do grupo.

Com o aumento de conforto dos índios e do instinto de propriedade (e até certo ponto é imitação ou mesmo sugestão dos civilizados) aparecem casas pequenas, *w'í*, familiares, de palha ou casca ou mesmo de pau-a-pique (3), em vez das antigas e grandes malocas, *baxsá-wi* ou *baxsari-wi* (casa de dança) (4) para todo um grupo local.

Nota-se, nos povoados atuais, que as casas têm todas o mesmo estilo retangular. São, em ponto pequeno, uma maloca. Não são, porém, iguais, nem obedecem algum alinhamento, salvo os casos de intervenção dos missionários. Por imitação dos prédios das Missões vêem-se hoje algumas casas com pequeno pórtico ou alpendre.

Quanto à localização, é sempre à margem de um rio ou ribeirão (5). E, afim de evitar as enchentes anuais, situam-se em pontos mais elevados ou «terra-firme», e nunca se vêem em palafitas (6).

Nos povoados de duas ou mais casas, ou atrás da maloca única, haverá sempre uma área batida que a separa, de uns 50 ou 100 metros, da mata e preserva da incursão dos animais ferozes.

Regularmente plantão nas vizinhanças a *pimenteira* (diversas variedades de *cápsicum*), *pupunheira*, *açazeiro*, *urucum*, e, com menor frequência, a *cucura*, *limoeiro* (hoje também a *laranjeira*), *mamoeiro* (*papaya cárica*), *abio* (*lucúma caimita*, Roem. e Schulth.),

(3) Por *pau-a-pique* ou *taipa* (em tukano *di'tá pyákaró*) entende-se, em todo o Brasil, a casa cujas paredes constam de um engradado de estacas e ripas o qual depois é enchido e rebocado com barro ou argamassa.

(4) A de Parí-cachoeira, no rio Tiquié, desaparecida vai para 20 anos, media 60 por 30 metros aproximadamente, atesta o snr. Pe. João Marchesi.

(5) Paulo Rivet qualifica a civilização dessas tribos de "civilização da mandioca". Talvez com mais exatidão se deva dizer "civilização da mandioca e da pesca. Temos encontrado, especialmente na região habitada pelos *Karapanã* e *Tatú*, malocas no interno da mata, distantes 500 ou 600 metros dos ribeirões. Esse afastamento é uma injunção das circunstâncias, a fim de se garantirem contra ataques e violências.

(6) Em alguns postos da fronteira Colombiana, ditos "Comissaria", existe, para os funcionários aduaneiros e da guarda, uma residência construída em ponto elevado, sobre estacas a dois metros do solo, aproximadamente. Em 1952 um índio da margem brasileira do Papurí imitou este estilo na construção da sua barraca. Por zombaria os outros a denominaram "comissaria".

cana (*sácccharum officinale*, Lin.), fumo (*nicotiana tabácum*) e coca (*erythroxilon coca*).

Amiúde se vê uma pequena moenda, *ã'rã arðãrõ* (Uaupés *a'nã anyãñõ*) para cana (7). São geralmente quatro estacas verticais, bem plantadas em terra, suportando dois cilindros de madeira munidos de sulcos longitudinais, e que rodam em sentido contrario, comprimindo entre êles a cana. Embora esta não seja planta nativa do Brasil (8), pensa Nordenskiöld que a moenda seja invenção indígena, de acôrdo com a sua matéria e recursos. Não nos parece aceitável a opinião de Nordenskiöld, para as moendas e as tribos do Uaupés. Serão imitação das moendas que desde o sec. 18 os civilizados empregavam no baixo Rio Negro.

Uma praça, *maxkã-pá*, ou área retangular, limpa de qualquer vegetação, e de ordinário proporcional à população, situa-se adiante da maloca. Denomina-se também *baxsari-u'tú*, «pátio de dança»; efetivamente aí se desenvolvem alguns números das danças cerimoniais.

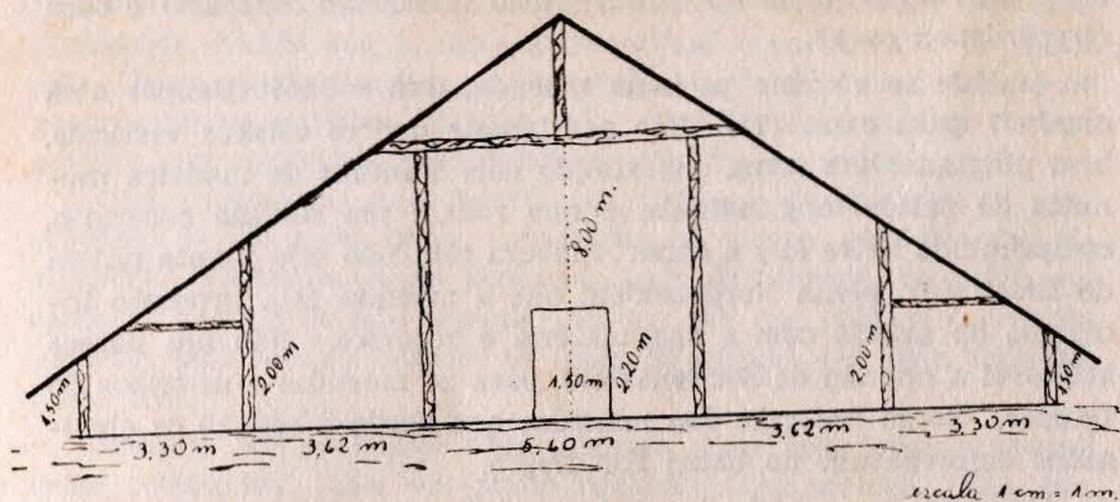
Há sempre uma estrada de alguns metros de largura, e limpa, que leva ao pôrto, ou aos portos, onde amarram as canoas e tomam o seu banho. Estrada que serve, outrossim, para a procissão de *Wãx-ti*, na sua festa (cfr. VII - 4, e (2)).

Quando a barranca do rio é muito alta, constroem uma escada com degraus de terra ou de paus. Sendo degraus de terra, êstes são imobilizados com paus roliços de uns dois metros, presos a pequenas estacas, fincadas no chão, ou amarradas transversalmente, por meio de cipós, a duas longas traves paralelas laterais.

A maloca Tuyuka do lugar S. Pedro (alto Tiquié), nas proximidades da fronteira colombiana, era (em 1947) das mais antigas. Semelhante a ela temos visto em outras tribos (Tukano, Kubêwãna, Wanãna, Bara, Karapanã, Ide-masã, Hanêrã, Ihwãna, Roéra, e Baniva). Verificamos em nossa visita de 1954 que já havia sido abandonada.

(7) Em uma maloca dos Tuyuka, nas cabeceiras do Tiquié, a moenda se achava dentro da maloca, nas proximidades da porta principal.

(8) Assim se pensa comumente. A cana tem uma origem asiática da China donde passou ao Mediterrâneo, e da Espanha para o Novo Mundo. Marca-se o ano de 1627 como sendo o de sua introdução no Pará. É certo que na época dos descobrimentos os índios já plantavam cana. Alonso de Rojas, na relação da viagem de Pedro de Teixeira, em 1637, no-lo informa (Descobrimento do Rio das Amazonas", pag. 114).



Maloca Tuyuka (S. Pedro, rio Tiquié)

Era construída conforme os antigos costumes. Descrevê-la-emos, pois, como modelo desse tipo de construção. Era retangular, medindo 27,60 metros de comprimento por 18 de largura. A cobertura era de duas águas, com declive bem pronunciado, para o rápido escoamento. Media internamente 7,30 metros de altura até a cumeeira, terminando a 90 cm do chão, de sorte que as paredes laterais mediam apenas 1,52 metro de altura. O telhado de caraná prolongava-se um pouco mais, na parte correspondente às portas, a fim de defendê-las das chuvas.

As paredes principais obedeciam ao estilo clássico, i. e. eram de casca de árvore até 2,5 metros de altura, e depois, de trançado de açaí. As paredes laterais eram de *pehé*.

Estava construída solidamente sobre 5 pares de esteios, *bortá-ri* (9), que delimitam a nave central (vd. a nomenclatura dos colunas - VII - 4, e (2). Eram paus roliços, retilíneos, rústicos (sem descascar), porém bastante regulares e proporcionais, como o eram também as vigas, *nêxtô-ri* (Uaupés *nêxtô-ni*), e calbros *wa' sô-ri* (U. *wa' sô-ni*).

Todo o madeirame era solidamente travado com cipó (10). Internamente os esteios, todos eles bem alinhados, dividiam o espaço em 5 naves. As três centrais para uso comum: passagem, reuniões, danças, visitas e trabalho. Ai ficavam, mais para o fundo, os uten-

(9) Muito preferido para esteios é o "pau-vermelho" (mira-piranga) das *Cesalpineas*.

(10) Em algumas das casas modernas já aparecem pregos em vigas, ripas, etc.

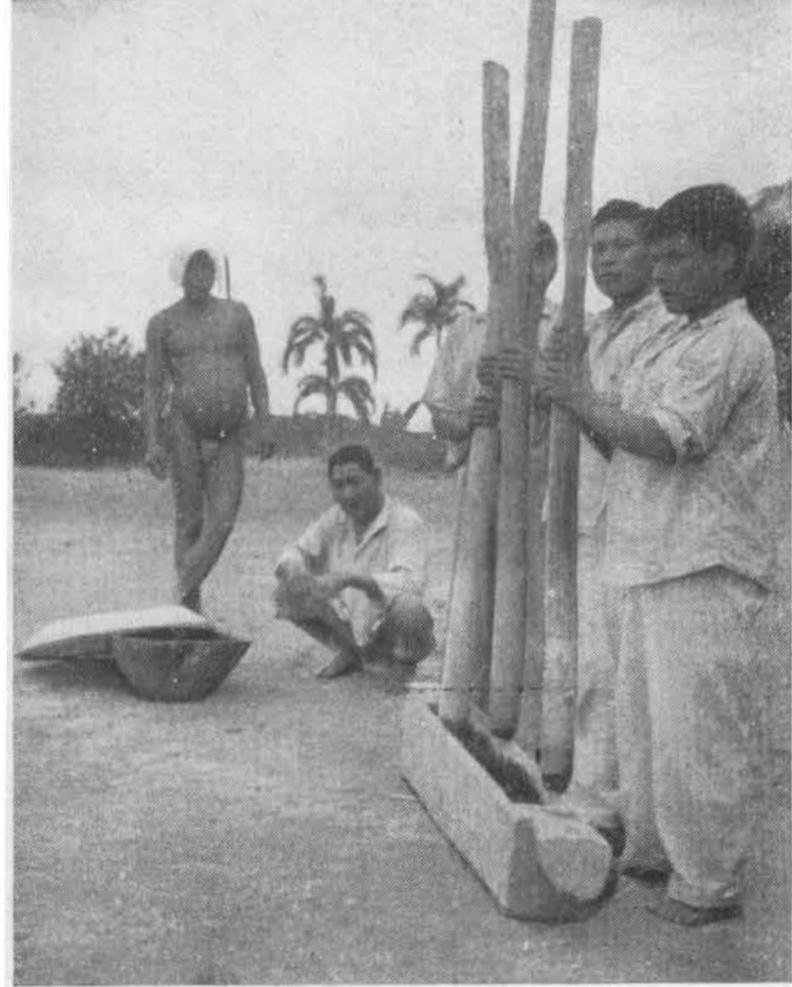


Ralo

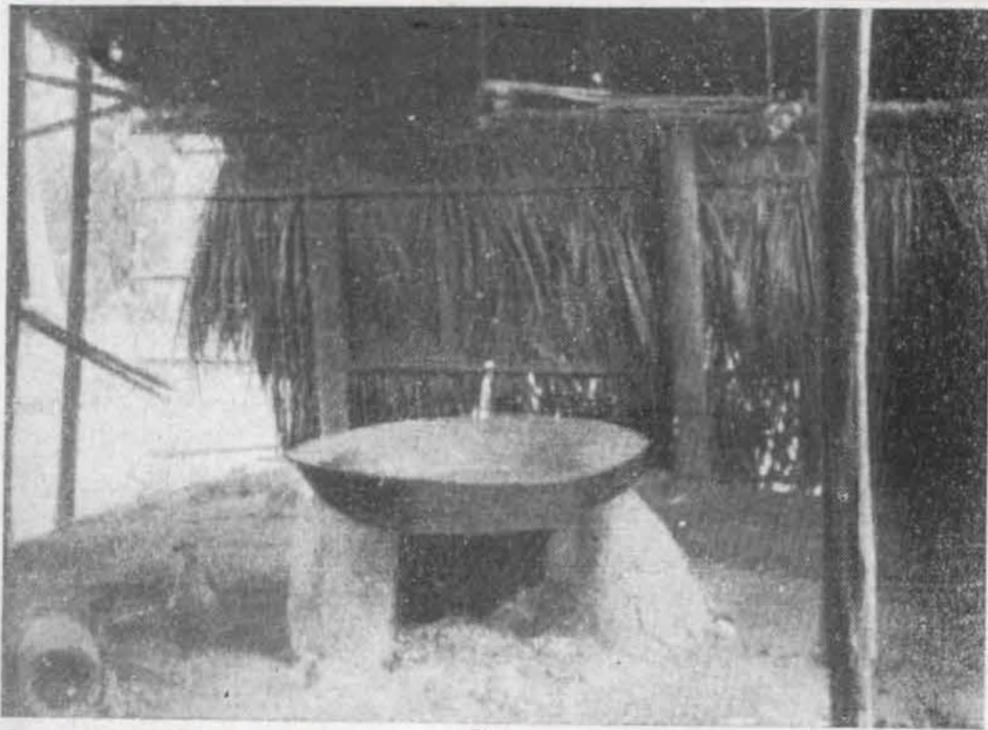
(Vendo-se as pedrinhas incrustadas em desenho regular)

Vista do Uaupés no período da vazante e uma canôa cheia de cestos para o comércio com outras tribos





Preparo do Caapi (tribo Wana-
na, Carurú-cachoeira, rio
Uaupés)



Forno (axtaro, Nh.
yapuna)

sílios de uso comum, como sejam os grandes vasos de barro cozido e os cochos de madeira para a fermentação dos caxiris, e o forno para o fabrico da farinha. É aqui que se desenvolvem as danças por ocasião das festas (11).

As duas naves mais externas, que correspondem à parte baixa do telhado, ao longo do beiral, eram destinadas à residência das famílias: cada nave tinha 4 divisões, ao todo, pois, oito compartimentos que se dizem *wi-khãra tuxkū-ri* (Uaupés *wi-khãna tuxkū-ni*)

Na do tuxaua, casualmente, a separação era um pouco melhor; não bastando porém, para tolher a visão do interno. Em algumas malocas nenhuma separação existe absolutamente. Pode-se, pois, dizer que são *divisões imaginárias*, correspondentes às traves e esteios da maloca.

As estacas que suportam o telhado servem para aí se atarem as redes, e permitem que, nas duas naves habitadas, se arme um jirau, *kaxsá-wö*, aproximadamente a 2,00 m. do solo, servindo de prateleira onde cada família guarda parte da sua alfaia, e também beijú, farinha, moqueado, ficando por terra os objetos mais pesados.

Cada apartamento tem seu pequeno fogão ou trempe, o qual, em tôdas as casas indígenas, consta de três vasos, *vitári-a* (vd. VI - 2, a (2) de barro cozido, entre os quais se põem as acendalhas.

Duas são as portas, *sorxé*: uma principal de ingresso, voltada para o rio dita *mixpi-yókaró-sorxé*, e outra no fundo da maloca, para uso dos seus moradores exclusivamente, *doákaró-ká-sorxé*; medindo aquela 2,5 por 1,5 m. de largura, com uma trave de 20 cm de altura por soleira.

Servindo de tapume para as duas portas, existe uma esteira, *sorxé-pãma* (em Nhengatú *japá*), de fasquias bem forte, com armação de paus roliços. Em algumas malocas a porta assemelha-se a um duplo engradado forte e cerrado, em cujo entremeio são estendidas folhas de palmeiras, afim de vedar melhor da chuva e do vento. As esteiras são suspensas à guisa de persianas, da parte superior do portal. Mantêm-se abertas durante o dia, levantando a parte inferior por meio de um cipó, *mí-yori-da*, que pende do teto, ou por meio de uma vara apoiada ao chão, *sorxé-tú-kö* ou *sorxé-túñe-kö*. Às vezes reforçam a porta, à noite, com uma tranca, *nêxtó-pi*.

(11) Algumas malocas têm apenas 3 naves, sendo mais larga a central. Vimos também de 4 naves. Nas de 5, as três naves intermediárias servem sempre para os trabalhos (preparo da farinha, do caxiri, etc.) e para as reuniões.

Havendo, pois, apenas duas aberturas, o interior é sempre um tanto escuro, sendo, em parte, iluminado pelos fogões (12).

Nas modernas barracas familiares costuma existir uma separação interna, geralmente feita de cascas. Talvez essa divisão, que se vai adotando, tenha sido sugerida pela conveniência, quando devem abrigar algum hóspede, especialmente o civilizado. O índio é, de ordinário, muito hospitaleiro; não só recebe os convidados para os grandes caxirís, como acolhe qualquer índio ou branco que se encontre em viagem. O primeiro apartamento perto da porta é reservado, com exclusividade, para os hóspedes (vd. VII — 4, e 2 a).

Em alguns povoados, por solicitação do Missionário, constroem uma barraca ampla que serve de pernoite do Padre e de capela, quando não há outro local destinado ao culto.

Algumas malocas (e também barracas de Makú), em que o telhado termina muito vizinho do solo, carecem total ou parcialmente das paredes laterais. Tais paredes são regularmente dispensadas nos *oxkóro-áro* (Nheengatú *tapirí* ou *papirí*), ou choças de emergência, que fazem nas roças distantes ou nas margens dos rios onde costumam pernoitar em ocasião de viagens e pescarias.

Ordinariamente a maloca ou casa é única, e contém tôdas as alfaias da família. Começa, no entanto, a aparecer casas auxiliares. Possui uma dessas a maloca dos Tuyuca acima descrita. Um dos índios, conhecendo um pouco de português, explicou que era a «sucursal» da maloca. Muito menor e parcialmente apenas defendida por paredes laterais, feitas de palha e casca. Havia ali umas 14 redes destinadas aos Makú de serviço, o forno de farinha, peneiras, balaios, tipitis suspensos, vasos de barro cozido e uma vasilha cilíndrica muito bem feita, de casca, semelhante às barricas retas em que guardamos castanhas e bacalhau.

Presentemente (e desde a época dos descobrimentos, como atestam os primeiros exploradores), encontra-se como animal doméstico, nas várias malocas e casas, e em tôdas as tribos, o cão que, além da guarda serve também para a caça. De ordinário pequenos, famintos, excessivamente magros; alguns nem suportam o peso do corpo. Muitos desses animais, pelas picadas da formiga de fogo ou *taxi*, sofreram degenerescência da córnea e por isso têm os olhos brancos.

(12) As vezes sôbre ou uma ou mais estacas, parece que plantadas só para essa finalidade, acendem à noite um pedaço de resina dita *cicantá*, que arde com luz bastante intensa e duradoura, e deixa como resíduo um breu que serve também para a calafetagem das canoas.

Aqui e acolá, pelas malocas e povoados, vêem-se também araras, papagaios, mutuns, jacamins ou jacús domesticados. As Missões vêm estimulando a criação de porcos e galinhas. As galinhas remontam aos primeiros colonizadores do Rio Negro, e para sua defesa, à guisa de galinheiro onde se abriguem à noite, fazem pequenos cercados cônicos, com o vértice para cima, ou empregam alguma canoa velha emborcada, com uma abertura que fecham à noite, a fim de que não entrem a micura (gambá) ou outro animal perseguidor de galinhas.

Nas línguas *arwáke* a galinha denomina-se *karáka*, provavelmente uma onomatopéia da voz da galinha. São, de resto, muito comuns entre as tribos do Uaupés os onomatopaicos para designar os pássaros. Quiçá de *karáka* derive a palavra da língua tukano que significa galinha i. e. *ká'rêkê* ou *ka'rêkê* (Uaupés *ká'nêkê*, *ka'nêkê*). Nesta hipótese dos *Arwáke* é que os *Tukano* (e, em geral as tribos do Uaupés) teriam recebido os primeiros galináceos ou ao menos o conhecimento destes. Torna verossímil tal hipótese não só o maior desenvolvimento cultural dos *Arwáke*, como, outrossim, a sua anterior relação com os civilizados do Rio Negro.

Parece que não há regra alguma quanto à orientação da maloca, nem quanto à distância do rio ou da mata.

2) ALFAIAS DA CASA E OBJETOS DE USO

A casa do silvícola, que estêve a serviço do «branco» ou em comércio com êles, apresenta agora muitos objetos obtidos dos civilizados, como caldeirões, canecas, facão, machado, garrafas, anzóis, tesouras, redes e até baús ou malas para guardar suas roupas. Exceto a rede de algodão que, entre as tribos do Uaupés, Tiquié e Papurí, hoje é quase tão comum ou mais que a indígena de tucum, os outros objetos são raridades, no conjunto dos utensílios de fabricação indígena.

Lembraremos agora êstes, e, mais adiante, descreveremos os enfeites e instrumentos musicais.

a) Cerâmica

Cabe à mulher todos os trabalhos de cerâmica, e ao homem procurar a argila.

1) *Potes e panelas*. *Camotim* ou *camocim* é um termo regional do Amazonas e genérico, da Língua Geral ou Nheengatú, equivale a *pote*, e usa-se para designar diferentes vasos de forma e dimensões muito diversas, conforme o emprêgo. Entre os produtos da cerâmica indígena, alguns se assemelham a uma panela comum das

nossas, dizem-se *ki-pu-tō* (Nheengatú, *yapepú*) e se empregam para preparar o mingau e a quinhapira. Existem ainda:

wai-doá-tō, para cozinhar o peixe;

wai-baari-pá, na qual se serve o peixe aos comensais;

pêru-tō, é uma espécie de talha para guardar o caxirí. Distinguem o;

pêru-ahūa apari-pa, grande panela preta em que se fermenta o caxirí de beijú;

pêru-poori-pá, no qual se guarda o caxirí já preparado;

süxtō-wō é o cântaro de carregar água;

kaxpi-tō o em que se distribui o *kaxpi* (VI — 4, i (4)).

Chamam *baxpá* aos vasos de forma mais achatada, como tigelas ou pratos de diversos tamanhos, alguns bem pequenos, *baxpáryakã*, usados à guisa de colheres, que não conhecem.

Todos êsses vasos são fabricados com a argila dita *dyi* (Nh. *tuyuka*), que se encontra em estratos compactos, de côr azul ou verde escura, em certos lugares, especialmente nas margens ou no leito dos cursos de água. Extraem a argila com o auxílio de lascas de madeira, em camadas finas, e conservam-na em lugares úmidos e bem cobertos de fôlhas.

Para o fabrico dos vasos a mulher amassa a argila muito bem, adicionada de *ewō* (ocra), e para cada 5 partes de barro, uma de cinza da casca de *caripé* (13), reduzida a pó e peneirada. Deixa-se a massa durante alguns dias em repouso.

Não há fôrma alguma para facilitar o fabrico; não obstante isto, os vasos saem bastante regulares e proporcionais. Preparado o barro em feitio de corda, *torōri-da* (Uaupés *tonōni-da* e *tonini-da*), de um meio metro, começa pelo fundo, depois com estas cordas de argila a mulher vai levantando os bordos, comprimindo uma corda sobre a outra e alisando bem. Em seguida, com um pedaço de cuia, *wahá-pe'toró* (Nh. *peruta*) vai desbastando e alisando melhor, por dentro e por fora. Feito o vaso, deixa-se secar à sombra, e, quando adquiriu certa consistência, alisa-se bem, até tornar-se lustroso, servindo-se de um seixo rolado que denominam *wa'té-khá*.

A última operação consiste na queima. Ao redor dos vasos acendem-se algumas achas de lenha; aos poucos acrescentam-se outras achas, de sorte que os vasos serão envolvidos pelas chamas até ficarem bem queimados, isto é, a ponto de tinirem. Com meia hora

(13) Árvores de várias espécies da família das rosáceas, (*Licânia útilis* e *licânia myristicóides*, Benth., *licânia scraba*, Hook). Sua cinza dará certa porosidade ao vaso e não deixa fender-se a argila.

de fogo intenso estão prontos: alguns apresentam côr esbranquiçada, outros, avermelhada. Êstes são os mais bem cozidos.

Para tornar os vasos escuros, lustrosos e impermeáveis começam por esfregá-los bem, por dentro e por fora, com fôlhas de cubio, *extóa pūrī*, ou de abio, *kārē pūrī*. Acendem, depois, um pequeno fogo com fôlhas úmidas, de modo que haja muita fumaça, a qual é recebida antes na parte interna da panela ou pote emborcado, e depois também na parte externa. O vaso, por fim, será lavado e apresentará, então, a côr escura, quase negra, firme, e está, outrossim, impermeabilizado.

Os vasos são relativamente leves, com a resistência conveniente para seu emprêgo. Podem ser submetidos ao fogo mais intenso, sem que se fendam, nem deixam vasar a água ou o líquido que neles se guarda. Vêem-se algumas talhas com quase um metro de diâmetro e mais de meio metro de altura, portanto com capacidade para várias centenas de litros.

O vaso para o caapi, *kaxpi-tō*, difere dos demais não só pela forma, pois se assemelha a uma ânfora de bôca estreita e munido de duas pequenas asas laterais, como também por ser decorado de desenhos.

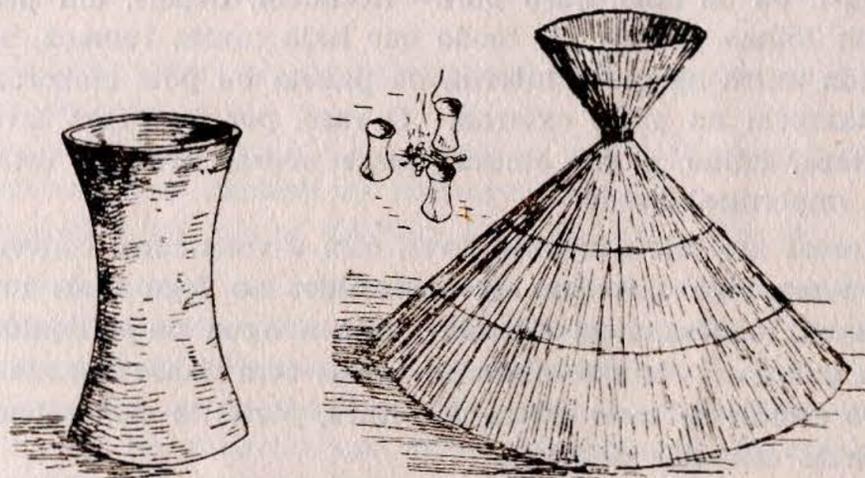
O *kaxpi-tō*, depois do uso nas festas, conserva-se regularmente fora da maloca, suspenso a uma das estacas angulares. Não conseguimos saber o motivo dêste costume.

2) *Fogão ou trempe*. O fogão consta sempre de três vasos de barro cozido, ditos *vitári-a* (em Nheengatú, *itacurúa*), entre os quais se põem os tições. São de forma cilíndrica, porém com as bases um tanto alargadas, quase como se fôsem dois cones truncados superpostos, e isto lhes dá maior estabilidade. Medem, aproximadamente, 25 cm de altura e 10 de diâmetro. São bastante leves e com a vantagem de só se aquecer a face voltada para o fogo, e por isso pode-se tomar com a mão pela outra face, quando se quer mudar de lugar. Dispõem-se com o afastamento conveniente às dimensões das panelas. Sobre êstes vasos põem-se as panelas para preparar o mingau ou a quinhapira.

3) *Forno*. O forno, *axtá-ro* (Nh. *yapúna*) consiste num vaso de barro cozido, plano como uma bandeja, de dois a quatro cm de espessura. Mede de 80 a 120 cm (14) de diâmetro, com rebordos

(14) Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 335) diz que encontrou forno de até 2 metros de diâmetro e com desenhos de meandro no suporte.

de 10 a 15 cm. É preto, da mesma composição dos *camotins*. Pela sua dimensão e peso não se costuma remover da sua posição, que é sobre um fogão ou fornalha de barro, de forma circular, com abertura lateral por onde se introduz a lenha. O diâmetro do



trempe (vitári-a) e suporte de panela (sã'ri-ró)

fogão, de 50 a 100 cm, varia de acôrdo com as dimensões do forno, e este, com a quantidade da farinha a preparar. As vèzes o forno assenta-se simplesmente sôbre 3 ou 4 pedras encravadas no chão.



Forno (axta-ro) e grande vaso para as bebidas (pêru-tô)

Os fornos de grande dimensão são fabricados no local em que serão usados. A saber, sôbre a fornalha, preparada precedentemente, a mulher dispõe uma grade de varas bem cerradas, estende por cima uma camada fina de terra, com o fim de nivelar melhor, e com as cordas de barro inicia o fabrico do forno, pelo centro da parte plana, até alcançar as dimensões que deseja. Depois de sêco, aí mesmo é queimado, como se faz com os *camotins*.

Entre os *Suryana* vimos preparar um grande forno sôbre uma escavação feita no chão da casa, servindo de molde. Aí mesmo foi deixado a secar e, ao depois, foi queimado o forno.

Distingue-se um forno de bordos um pouco mais alto, para o preparo da farinha, e diz-se *poká-axtêri axta-ro*, e um de bordas mais baixas para o do beijú, é o *ahû-ga peóri-axta-ro*.

b) Utensílios de madeira

Os instrumentos para seus trabalhos na madeira eram, primitivamente, o machado de pedra *ôxtá-komé*, a enxó, *syó-a*, também de pedra, e o fogo, *perká-mê*.

Com um pedaço de diábase escura (15), polido de encontro às pedras, fabricavam seu machado primitivo. Para isto bastava encravar a diábase em uma fenda na extremidade de um pau reto, na posição mesma em que encavamos os nossos machados de ferro. Com auxílio de fio de tucum e do breu, se assegurava a estabilidade necessária. A enxó resultava de uma diábase menor, prêsã à extremidade de um pau recurvado como gancho, *yaxpú*. Hoje a *syó-a* é apenas um instrumento usado como adôrno nas danças, enganchado ao ombro esquerdo.

1) *Canoa*. A canoa, *yuxkô-sô*, é um utensílio de primeira necessidade, pois essas tribos vivem em região onde os cursos de água constituem o único meio de comunicação (16), e o peixe é um alimento principalíssimo. Hoje várias tribos sabem construir suas canoas; porém canoieiros especializados são os *Tuyuka*, *Eará*, *Mikura* e *Baniva*.

Sendo os rios da região de grande caudal ou com muitas cachoeiras e pedras, não podem usar canoas de casca, como outras tribos (17); senão de madeira muito resistente e de um só tronco. Algumas de 3 metros de comprimento e seus 40 cm de largura; outras, grandes lenhos de 8 a 10 metros de comprimento e 100 a 120 cm de largura. Tôdas, porém, com *popa* e *proa* altas e afilando. Correntosos como são os rios (18), não permitem embarcações maiores. Canoa pequena determinará, por seu lado, seja pequena a comunidade, por isso vigora a comunidade familiar. Porém mui-

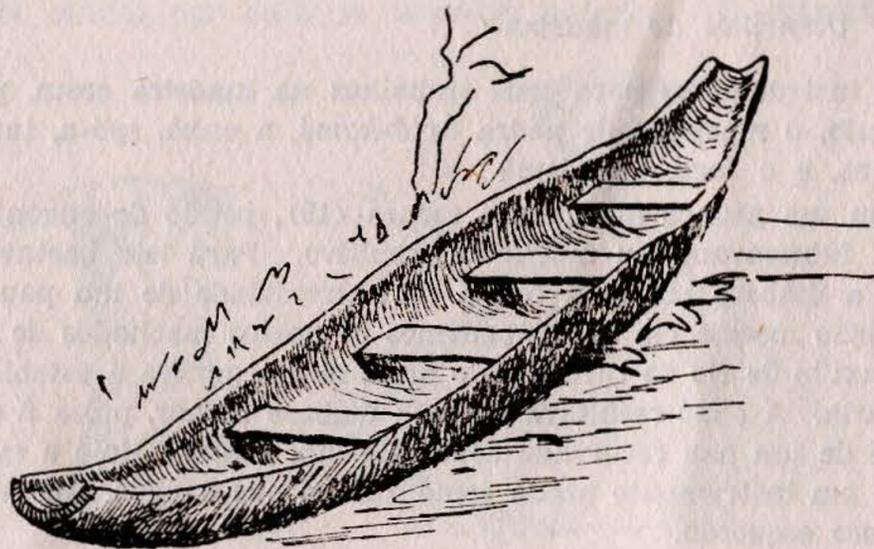
(15) Encontram-se em algumas cachoeiras, por exemplo no Pirá-paraná, e já semitrabalhadas pelas águas.

(16) Os "varadouros" através da mata são poucos e de secundária importância.

(17) O explorador Lobo D'Almada fala também de canoas, com *pachiubas estribadas* (?). Eram, porém, perigosas e serviam para 2 ou 3 homens descerem o Tiquié no trecho sem cachoeiras. (Cfr. "Lobo D'Almada", de Arthur Cesar Ferreira Reis, — Manaus, 1940, pag. 73).

(18) Entendemos falar especialmente do Uaupés e do Papurí, onde estão os mais numerosos núcleos indígenas.

tas vezes não bastara para o transporte de toda a família e alfaia. Por outra parte, para a sua construção dois homens são suficientes: pai e filho.



Canoa (Jukö-sö)

Com pancada de machado sobre a casca da árvore escolhida (19), esta vem a secar. Uma fogueira em redor terminava por abater seu tronco que, com o fogo lento (20) se vai escavando. A enxó servia para raspar o carvão, deixando mais lisa e regular a parte interna. Coloca-se, ao depois, a canoa escavada como se quis, sobre umas travessas, e um fogo por baixo, de sorte que se aqueça o lenho e não se queime. Sob a ação do calor as fibras tornam-se mais flexíveis e o canoeiro vai, aos poucos, por meio de pequenas hastes à guisa de cunha, forçando de modo que se vai ampliando o vão da canoa, começando pelo centro, depois para a popa e a proa. A fim de que não se contraia ao resfriar-se, põem-se estacas transversalmente, nos lugares onde mais tarde ficarão tábuas para

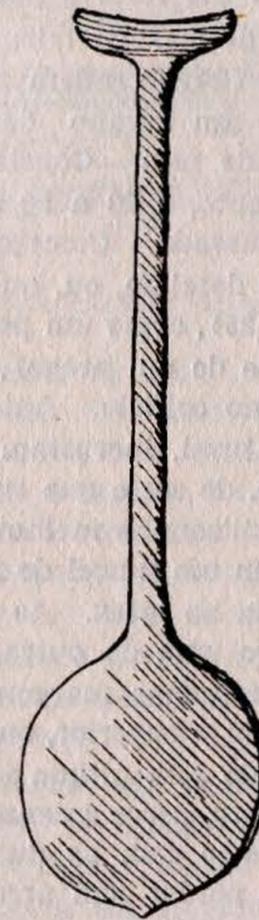
(19) Empregam, para isto, de preferência o *kumã-kö* (Nheengatú *mirá-tauá*, pau amarelo, *Euxylóphora paraénsis*, Hub. das rutáceas), muito resistente e leve, de modo que as canoas nunca vão ao fundo. E também o *savi-kö* (louro preto, *Nectandra mollis*, Nees. das lauráceas), o *kã-rê* (itaúba preta e amarela *sílvia itaúba*, Pax.) e outra laurácea denominada *pũ'ũ-gõ*.

(20) Para tal efeito acendem a casa do *cupim*, *buxtá-gá* que serve maravilhosamente, porque fornece um fogo lento e duradouro e facilmente o indígena vai controlando, a fim de não desbastar mais do que convém. É o processo de que regularmente se servem quando querem escavar a madeira para o fabrico do cocho, pilão, trocano, canoa etc.

os assentos. Conforme seu comprimento, terão 3, 5 ou mais assentos. Executam-na com tal maestria que, posta nágua, a embarcação se equilibra perfeitamente, com a popa e proa bem levantadas. Os orifícios ou fendas são obturados com breu, *oxpé*.

Sob influência dos civilizados, aumentam a altura dessas canoas, com tábuas fixadas com pregos às bordas. Tais canoas dizem-se, em termo regional, *montarias*.

2) *Remo*. O remo, *wahá-phí* (Uaupés *uhá-phí*) muitas vezes é feito de *savi-kö*, como a canoa. O cabo, *wahá-phí dõxpo-á*, é sempre uma pequena saliência cilíndrica transversalmente, de leve curvatura, como pau de muleta. Entre os Tukano está perfeitamente de acôrdo com o estilo do seu banco e da sua cigarreira. As dimensões dependem, evidentemente, da vontade do dono e da finalidade: há remos pequenos para as crianças, médios para as mulheres, e grandes para os homens.



Remo Tukano

(note-se a cabeça em pau-de-muleta e a ponta em bico)

Por influência dos modelos dos remos civilizados que navegam estes rios, vê-se hoje em dia muita variedade de feitios na pá dos

remos: arredondada, lanceolada, etc. Não raro trazem, na pá, desenhos coloridos (círculos, etc., evidentemente imitação dos civilizados). Originariamente, parece, que usavam o remo de pá arredondada, porém com uma ponta quase imperceptível; assim, geralmente, nas malocas mais afastadas.

3) *Ralo*. Em tukano se diz *soxkō-rō* (Uaupés *soxkō-nō*) e em Nheengatú *wiwisé*. É uma especialidade dos índios *Baniva* do rio Içana (vd. IV — 1, b) onde num igarapé próximo da cachoeira de Tunuí, existe o quartzito empregado no ralo.

Temos visto no Içana que o preparo da tábua cabe ao homem, sendo a incrustação das pedrinhas executada ordinariamente pelas mulheres.

Como objeto que é de primeira necessidade, encontra-se em todas as malocas e barracas, mesmo em regiões muitíssimo afastadas do Içana, adquiridos dos *Baniva* por troca.

Fabrica-se geralmente de *marupá* (*simaruba amara*, Aubl.), madeira branca e leve, cujas fibras tendem a voltar à posição primitiva quando desviadas. Em tukano denomina-se precisamente *soxkō-gō*, isto é, madeira de ralo. Consiste numa tábua de 60 a 100 e 120 cm de comprimento, e 40 a 50 de largura por 2 a 4 de espessura, e um tanto recurvada. Começam por executar na face aconcavada o desenho que desejam, ou, antes, tradicional e que facilita a operação de ralar (29), como um pequeno sulco. Depois com uma ponta (hoje servem-se de um prego), e seguindo as linhas do desenho, abrem um pequeno orifício. Antes que as fibras da madeira voltem à posição natural, incrustam pequenas pedras de sílex, da forma de um dente, de sorte que emerge apenas uma aresta de meio centímetro. Estabilizam-se melhor as pedrinhas com o latex da sorva, espalhado com um pincel de fibras de bananeira, cujo tanino dá mais consistência ao latex. As pedras são encravadas à distância de um centímetro uma da outra, e ocupam a parte central da tábua, deixando pequenas margens laterais, uma margem inferior de 15 ou 20 cm e outra superior, ou cabeça do ralo, *soxkō-rō dōrpoá*, de uns 30 cm, tendo esta última uma saliência, a modo de cabo. Esse cabo, no entanto, serve apenas para suspender o ralo.

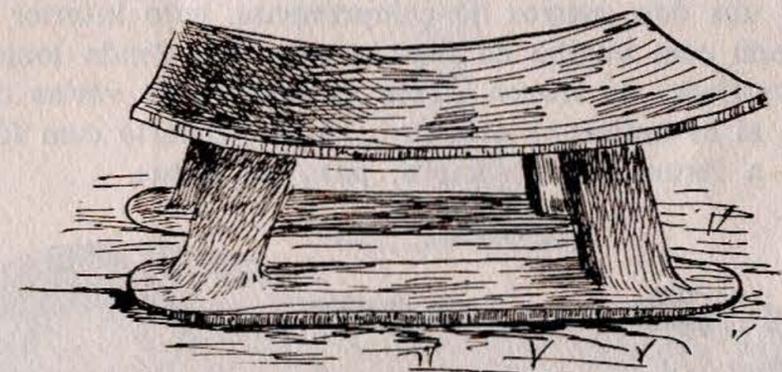
A mulher, ao ralar, fá-lo com as duas mãos alternadamente, e não em ritmo uniforme, porém com arrancos que provocam movimento dos próprios seios. Estará assentada ao chão, tendo entre

(21) Há um modelo de desenho denominado precisamente *soxkō-rō óori*, flôres do ralo.

as pernas o ralo, cuja cabeça apoiam ao ventre. É um trabalho exclusivamente feminino.

É o ralo um objeto tão útil que, no baixo Rio Negro, os civilizados o adotam, bem como ao tipití (VI — 2, d (1)).

4) *Banco*. O banco, em tukano *kū-mū-rō* (Uaupés *kūmū-no*) é de uso geral, embora seus produtores especializados sejam os *Tukano*. São fabricados, geralmente, de *sorva* ou *arara-seringa* (*Cóuma guianênsis*, Muell.), madeira não muito pesada e que dificilmente se fende. Preparavam-no antigamente com o auxílio da sua enxó primitiva. Hoje, em vez da *syó-a*, usam um ferro de cova ou mesmo uma enxó obtida dos civilizados.



Banquinho monóxilo (ku-mū-rō)

As dimensões são as mais variadas, alguns de 30 a 40 cm apenas, e outros de 120 a 150 cm. Constante, porém, é o estilo, a saber, o lugar do assento é côncavo, com dupla curvatura nos sentidos longitudinal e transversal. É sempre baixo, de 10 a 15 cm tão só de altura, com quatro pernas ligadas por duas travessas longitudinais. E o banco, com os suportes é *monóxilo*, isto é, de um só pedaço de lenho.

Costumam adornar o banco com os desenhos tradicionais, e por cima, um como verniz, obtido do sumo da casca de um ingazeiro silvestre, *mē'rē* (Uaupés *mē'nē*).

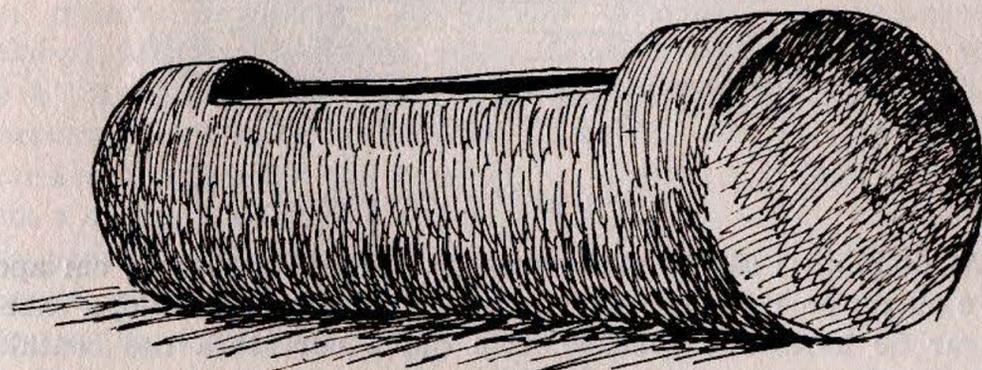
Com dois dias de trabalho um homem prepara o seu banco.

Pelo instinto de imitação, e também por ser mais simples, muitos índios vão alterando o tipo primitivo do banco, usando pregos para fixar os suportes, e estes em número de quatro, como os pés dos nossos mochos.

Em algumas casas indígenas vimos quatro pequenas estacas encravadas no chão, e sobre elas uma tábua fixada às escatas por pregos, ou com quatros orifícios por onde se encaixam as estacas.

5) *Cigarreira*. Em tukano denomina-se *utikaro yaxpú* ou também, *utikaro seré*, ou ainda *mõrõ dõxkõ* (?) (em Nheengatú, *ema-pú*). Nos dabacurís é ritual o uso do fumo sob forma de um grande cigarro, *utikaro*, de seus 20 cm de comprimento. No entanto, hoje é raro encontrar-se a cigarreira primitiva. É grande, medindo 50 ou 60 cm, constando de uma *forquilha*, no estilo do banco, a qual prende o cigarro, e um *cabo* em ponta, por onde se segura o *utikaro* enquanto se fuma e que se encrava no chão quando não se usa mais.

6) *Cocho de caxiri*. Em tukano *pêru yuxkõ-sõ* propriamente quer dizer *canoas de caxiri* (em Nheengatú *iwá*, donde o termo *ubá* que significa *canoas*). São troncos de madeira de até 50 cm de diâmetro, por uns dois metros de comprimento, cujo interior é também escavado com auxílio do fogo, e com uma fenda longitudinal quase da extensão do tronco. Tem capacidade de várias centenas de litros, e aí os indígenas deixam o líquido, coberto com folhas de bananeira, a fermentar à sombra, para as festas.

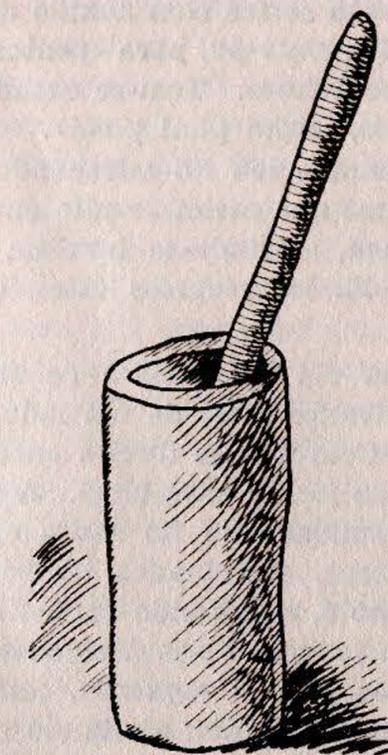


cocho de caxiri (pêru juxkõ-sõ)

7) *Pilão*. O pilão, *pa-mõ-a* é um dos utensílios indispensáveis e consiste num tronco de madeira escavado. O feitio e dimensões, porém, variarão, conforme a finalidade. Ou terá a forma comum, como se usa entre nós, e é sempre de pequeno tamanho; êste serve, por exemplo, para pilar as folhas do *ipadú*.

Ou se assemelhará a um cocho de caxiri, medindo o tronco um metro ou mais de comprimento, porém de pequeno diâmetro (seus 20 cm). Neste segundo pilão é que pisam o *caapi* (e por isso se diz *kaxpi pa-mõ-a*) e o cará cozido e mascado para a preparação do caxiri de cará.

A mão-de-pilão, *doxké-kõ*, parece-se com a que se usa entre os civilizados. Consiste em um pau roliço, cuja extremidade inferior se alarga em forma cilíndrica de raio maior.



Pilão (pa-mõ-a)

c) *Fiação e tecidos*

1) *Preparo do fio*

As tribos do Uaupés desconhecem o algodão (22) e preparam seus fios com fibras de palmas, especialmente de *neé* (mirití ou burití, *Mauritia flexuosa* e *vinífera*) e de *yõrká pûri* (tucum, *astrocaryum tucumoides*), sendo as fibras dêste mais resistentes e duradouras.

Colhem-se as folhas ainda novas do tucum, ou melhor, o grelo de cor amarelo esverdeado, antes de abrir-se. Separam-se de cada folíolo dois feixes de fibras, de seus 30 a 40 cm de comprimento. Depois de lavadas em água natural, expõem-se ao sol para secar e alvejar.

(22) Parece que as tribos antigas das margens do Amazonas cultivavam o algodão. De fato, o Pe. Alonso de Rojas (Viagem de 1637-Cfr. "Descobrimientos do Rio das Amazonas", pág. 116) informa: "a construção de naus é muito facilitada nestas montanhas (?), tanto pela grande abundância de madeiras e de breu, como pelo muito algodão que se colhe, haver grande abundância de pencas de que se faz a pita (?), e palmeiras com que se podem fazer enxárcias tão fortes como as de canhamo". A não ser que por algodão êle entenda a paina.

O processo de cardação se faz com auxílio do «ouriço» do *piquiá* (*caryócar villosum*, Aubl), *ehyú-pu*, para «pentear», *wõhõá-po*, as fibras, tornando os fios bem finos. Tem-se assim o tucum em rama, *yõxká pūri pōrá* (Uaupés, *yõxká pūni pōná*).

A mulher (23) prepara o seu fio esfregando um feixe de fibras contra a coxa. É natural que assim resulte encardido o fio. Para clareá-lo, lavam-no bem, servindo-se também das fôlhas do mameiro ou do suco do limão; recursos êstes, evidentemente, mais recentes.

Primeiramente toma ela dois feixes de fibras desigualmente, isto é, a ponta de um avança mais de um lado, e a do outro, para a extremidade oposta. Com a mão direita enrola *para a esquerda*, a saber, contra a coxa do joelho para cima. A fim de emendar novas fibras, abre a extremidade do fio assim enrolado, e aí insere mais dois feixes de fibras, combinados também desigualmente, e enrola *para a direita*, isto é, esfregando em sentido oposto, da parte superior da coxa para o joelho. Feita a emenda, enrola os dois feixes de fibras emendadas *para a esquerda*, como o fizera aos dois primeiros feixes, e assim por diante, atritando as fibras com a mão direita sôbre a coxa direita. Para enrolar, atrita-as coxa acima; para emendar, coxa abaixo. Dois feixes de fibras dão o fio mais fino, e torcendo juntos dois ou mais fios obtém-se a espessura que se deseja para o trabalho em vista. Quanto mais fino o fio, mais delicado ficará o tecido.

Quando está sob forma de *meada*, é que se aproveita para a lavagem e clareamento do fio, e também para tingi-lo. Servem-se, ordinariamente, de corantes vegetais. As côres preferidas são: a *avermelhada*, obtida de *õnõñá pūri* (carajurú, vd. VII — 3, e), a *amarela*, por meio de uma pequena batata semelhante ao gengibre, e que se diz em Nheengatú *makarataña*, e a *escura*, que se obtém do cozimento do arbusto *dyawé* (jenipapo). Da *meada* se enrola, ao depois, o fio em grandes *novelos*, que se guardam dentro de uma peneira, a fim de se não sujar.

2) Redes de dormir

O índio nunca dorme sôbre o chão, sempre em redes (24), *pū-ghõ*, e transportam-na consigo em suas viagens. A rede corres-

(23) Entre os *Tuyuka*, *Bará*, e em geral as tribos das cabeceiras do Tiquié, *Papuri*, *Komé-ya*, é o homem quem prepara o fio de mirití e a *rede de "trinta fios"*.

(24) Pelo contacto com os civilizados têm aprendido a dormir sôbre o assoalho ou tolda das lanchas, e depois também sôbre bancos e caixões.

ponde perfeitamente às exigências do clima da região, quente e úmido, pois é fresca, ventilada, leve, de pequeno volume, e tecida, como costuma ser, de tucum (25) apresenta suficiente resistência e durabilidade. Fazem-na de diversos tamanhos, para crianças, como para adultos. Existem três tipos de redes de dormir:

a) *Rede de trinta fios*. É a denominação comum em Português; em Nheengatú se diz *kisaw*, e em Tukano, *neé pū-ghõ*, isto é, rede de mirití. É feita sem uso de tear. Dão trinta ou mais voltas ao redor de duas estacas, tão separadas quanto o comprimento que desejam; sempre, porém, maior do que o corpo de quem deve usá-la. Êsses fios são unidos em dois *punhos*, como anel, *pū-ya-põ*, por onde ficará suspensa a rede. Transversalmente, em ângulo reto, passam os fios que determinam a largura da rede, presos aos horizontais por nós, de sorte que resultam pequenos retângulos de um palmo mais ou menos.

Pela sua simplicidade é conhecida e produzida por tôdas as tribos, embora denominada «*rede de Makú*». Por causa dessa denominação depreciativa, e principalmente pela facilidade atual de adquirir dos civilizados redes de algodão mais duráveis e econômicas, vai perdendo sua aceitação entre os índios das outras tribos, e hoje quase se encontra só entre os Makú e as tribos sem contacto com os civilizados. Os Tukano informam haver aprendido dos *Desãna* o preparo desse tipo de rede. Não souberam esclarecer se antes usavam a *rede-puçá*, ou se desconheciam a rede e dormiam sôbre estrados.

b) *Rede batida*. Em Tukano denomina-se *pá-tuke*, e em Nheengatú *makira*. É fabricada com um tear (26) muito simples,

(25) A "rede de trinta fios" dos Makú costuma ser de fios grossos de mirití.

(26) Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 340) opina que o tear seja de origem européia. Parece-nos aceitável essa opinião, e julgamos poder avançar que também o feitiço da "rede batida" não é de origem indígena, senão aprendido dos civilizados. Confirmam esta conclusão: 1.º o fato de não serem muitas as índias que sabem fazer a "rede batida"; 2.º as que presentemente o sabem (como resulta de nossas indagações) o aprenderam nos colégios da Missão ou com as ex-alunas da Missão; 3.º sabemos que o Governador da Capitania de S. José do Rio Negro, Lobo D'Almada, no seu plano econômico de incentivar a indústria, favoreceu a tecelagem, chegando-se "a confecção de pannos necessários ao fardamento da guarnição, aos colonos e aos índios descidos, empregando dezoito teares e dez rodas de fiar, com vinte e quatro fusos cada uma. Só em 1798 trabalhavam como fiadeiras cento e cinquenta e sete índias" (A. Cesar Ferreira Reis — *Lobo D'Almada* — Manaus 1940, pag. 35); 4.º Nos povoados mais em contacto com a civilização, como nas malocas mais afastadas, nunca se encontra a "rede-batida";

pũ-pá:-tuse nextõ-ri, constando de quatro paus roliços ligados em retângulo. Cada uma das suas hastes verticais (urdideiras) possui dois orifícios por onde passam as horizontais. Os orifícios são propositalmente muito grandes, de sorte que com calço conveniente, pode-se variar a distância entre as hastes horizontais e assim obter redes de diversos comprimentos.

A urdidura se faz no sentido vertical (ao redor das travessas horizontais, cuja separação marca o comprimento da rede), passando umas voltas com fio bem extenso. As travessas verticais do tear determinam a largura da rede.

Por entre os fios verticais vai a mulher desenvolvendo a trama, servindo de lançadeira, *wa'mê-kõ döxká*, pequena vara com o fio enrolado, e *batendo* com uma régua, *pá:-turi-phĩ*, a fim de unir bem as malhas. Resulta um verdadeiro tecido de malhas bem cerradas, e redes tanto mais elegantes e cômodas, quanto mais fino o fio.

Completam-lhe a elegância com uma «varanda», *pũ-ghõ so'mũ-tõri* ou *pá:-tuke-wári*, ou franja marginal de feitiço variado, como se faz *macramé*.

Prepara-se a varanda esticando-se um fio do tamanho correspondente ao da rede. Ao longo desse fio prendem-se com nós as fibras de tucum dobradas ao meio. Com essas fibras variamente coloridas, tece a mulher sem auxílio de *birros*, mas apenas com os dedos um «ponto» de renda um pouco largo, até obter uma barra

porém os indígenas ou usam só a rede “de trinta fios”, ou as compradas dos civilizados; 5.º Parece-nos descobrir ainda um argumento, a saber: fora do Colégio Feminino das Missões Salesianas, em numerosas excursões por rios e igarapés, apenas em dois povoados tivemos a oportunidade de ver o tear e o trabalho da “rede-batida”, e tratava-se nos dois casos de môças que haviam aprendido na Missão e o executavam por encomenda de civilizados. Mais; os termos da língua Tukano que apresentamos a propósito da “rede-batida”, resultam de inúmeros inquéritos, em diversas épocas e lugares, com os ex-alunos da Missão mais desenvolvidos. Não se trata de uma *nomenclatura usual*, conhecida e empregada por todos, como se poderia esperar se a “rede-batida” fôsse uma indústria primitiva. Muitos desconheciam os termos; outros apresentavam termos formados na ocasião e impróprios. Como termos genéricos e de ocasião, eram, às vezes sim e às vezes não, compreendidos e aceitos por outros indígenas.

Antes que entrasse o comércio das atuais redes de algodão (ditas na região, *redes-do-Ceará*), as civilizadas do Rio Negro e algumas índias do Içana continuaram a “bater” as suas redes nos teares primitivos, como haviam aprendido no baixo Rio Negro. As Missões Salesianas procuram, por sua parte, que não se perca esta habilidade, e ensinam às índias de mais capacidade e jeito, não só a fazer a “rede-batida”, como pelo mesmo processo, a preparar tapetes, toalhas de mesa, guardanapos, bolsas e outros artefatos ao gosto moderno.

de seus 10 ou 15 cm, e esgarça depois as pontas com o ouriço de piquiá. Não só empregam fibras de diversas côres, como até prendem-lhes hoje em dia, belas e coloridas plumas de pássaros, conforme o gosto dos caboclos do Rio Negro.

c) *Rede-puçá*. Em Tukano se diz *pũ piõke*, denominamo-la *rede-puçá* porque se assemelha, pela laçada, às redes de pesca chamadas *puçá* em Língua Geral (27). Para o fabrico desse tipo de rede usa-se um tear algo diferente do que se viu precedentemente. Consta de dois pares de hastes verticais, com a pequena separação de um palmo mais ou menos. Um espaço maior variável medeia entre um par e outro, e marca o comprimento da rede que se deseja.

Horizontalmente esticam-se dois fios, com a distância entre si de 3 a 4 cm. Entre êles a mulher vai dando *laçadas* ou *pontos* como os de tarrafa. Esticam mais dois fios horizontalmente, e novos *pontos* se entrelaçam aos primeiros, e assim sucessivamente.

Este tipo de rede é, quiçá, mais trabalhoso que a «batida». Os Tukano a denominam *pũ pỹõke* porque a linha se enfia, *piõ*: e se dá a laçada com a mão.

3) *Redes de pescar* (puçá)

Os Tukano as denominam *wehê-kõ* (28) pela sua finalidade que é *matar* os peixes (*wehê*, quer dizer *matar*), e em Língua Geral, *puçá*. É uma malha de nós feita de fibras de *caroatá* (*Bromélia pinguis*, Lin.), *caroá* (*Neoglarióvia variegata* Ar. Com.) ou mesmo de *tucum*. As malhas são mais estreitas ou mais largas, conforme sua finalidade.

São fabricadas pelo homem. A mulher grávida não pode tocá-la, porque seria infrutuosa a pesca. Quando preparam o seu *puçá* os homens ficarão em silêncio, para terem sorte na pescaria.

Executam o trabalho de duas maneiras: ou com *laçadas* sucessivas, como entre os civilizados se preparam as tarrafas de pesca; ou servindo-se de *fasquias* de arumã, prendendo-as de distância em distância com *laçadas* de *caroatá*, como quem estivesse preparando

(27) Informa o Pe. Ezequiel Lopes que, por volta de 1931, dentre os indígenas Pirá-tapúya do rio Papurí, que vinham internar-se como alunos do colégio de Iauareté (rio Uaupés), alguns apresentavam-se munidos de rede de dormir tipo *puçá*.

(28) O Missionário Salesiano, Pe. Eduardo Lagório, faz a seguinte observação: “Interessante o verbo *matar*, *wehê*; usa-se quase exclusivamente para indicar a morte de peixes e animais. Para os homens, não havendo quase assassinatos violentos, usam-se as expressões relativas aos vários modos de envenenar”.

um cesto. Pronto êste, retiram-se as fasquias e as laçadas de ca-roatá apresentam a rede desejada.

Fabricam-nas de duas dimensões: uma maior, (*jereré*, em Nheengatú), com a forma de um funil bem largo; mede 1,5 m ou mais de comprimento e mantém-se aberta, no ato da pesca por meio de duas varas amarradas nas extremidades, de sorte que forma com o auxílio de uma terceira vara em cunha, quase uma circunferência.

Fazem também redes menores e afuniladas, tipo ganapão, adaptadas a um aro munido de um cabo, como as que se usam para caçar borboletas. Com estas é que apanham os peixes entontecidos pelo timbó.

Parece que todos os homens sabem tecer suas redes de pesca, com exclusão dos rapazes da última geração.

4) Outros tecidos

Com os fios de tucum ou de mirití executam aquelas elegantes ligas, *yuxtá-seri*, que aplicam às pernas (conf. VII — 3,d (1)).

Com êsses mesmos fios ou com embira retorcida preparam alguns dos enfeites de danças que devem sustentar a bela plumagem.

Servem-se do pêlo do macaco para preparar tranças que usam como adornos de danças

Em tecidos, como em trançados, combinam elementos de várias côres, resultando desenhos muito regulares e agradáveis. Pela regularidade e acabamento, alguns dos seus trabalhos atingem quase a perfeição.

d) Cestaria e trançados

Para a sua cestaria, — e todos êstes trabalhos são executados pelos homens, — a matéria-prima é mais variada. Usam a *embira* ou liber de algumas árvores, especialmente da que denominam *p'i-karō-gō*. Empregam *palmas*, com um trançado simples dos folíolos, nas paredes das habitações e, mais raramente, também nos tetos. Servem-se de fasquias de paxiúba, (*waxtá*), patauá, (*yumū*), e jacitára (*wai-tu*, uma palmeira de caule sarmentoso e aéreo) para esteiras (*ĩmĩ-sa*) e cercados de peixe (*sũxteri-ka*). É com o cipó uambé (*mĩ'sĩ*), que se fabricam os cestos ditos *aturás*, e as nassas de pesca. Mas é especialmente do arumã (*wöhö*), reduzido a fasquias (*wöhö-phĩ*), que mais se servem, pois com elas preparam cestos, peneiras e o tipití.

O arumã (*Schinosophon ovatus*, Kckes, da família das marantáceas) é uma planta de «terra-firme», porém úmida, de fôlhas

largas, cujo colmo pode superar os dois metros. Dêle separam-se *fasquias*, as quais, depois de sêcas, adquirem a côr amarelada da nossa palhinha de cadeira. Quando desejam executar seus desenhos, os indígenas tingem as palhinhas com seus corantes vegetais. As vêzes são coloridas de um só lado, por exemplo para os desenhos do lado interno das peneiras.

Conforme o destino, variará a largura das malhas e o feitio.

Para o trançamento igualam bem as palhas, põem-nas bem ordenadas pelo chão (ou sôbre uma esteira), e de cócoras, firmando-as com os pés, começam a trançar com talas transversais incolores ou coloridas, de acôrdo com os desenhos que entendem executar.

Se se trata de uma peneira ou cesto, arrematam com três ou quatro voltas de cipó, à guisa de aro (*be'tó*), no qual prendem as extremidades do trançado e aparam depois as pontas das palhas ou das fasquias.

A cestaria dessas tribos é das mais ricas que se conhecem. Empregando material mais flexível ou menos, combinam o *trançado* e o *torcido* em vários processos técnicos, de espaços largos ou cerrados, e de tramas e urdiduras em várias direções, de sorte que resulta uma variedade surpreendente de debuxos. Como demonstração ainda de sua habilidade, entremeiam fasquias coloridas, donde aparecem as *gregas* caprichosas que caracterizam seus desenhos. E, com tal riqueza de fantasia e técnica, executam objetos de variada dimensão e feitio, consoante suas finalidades.

Cestos e peneiras são fabricados por tôdas as tribos, contudo especialistas são os *Desana*.

1) *Tipití*. O tipití, em tukano *wãx-tĩ-kê-õ*, é a prensa do índio. Consiste num cilindro ou tubo que os homens tecem, mais comumente, com palhinha de arumã, de malha bem estreita. Mede 1,50 e até 2 metros de comprimento, e apenas 10 cm de diâmetro. A extremidade superior, *wãx-tĩ-kê-õ dôxpo-á* (cabeça do tipití), é aberta e termina em alça, por onde se suspende o tipití a um dos esteios da habitação. A outra extremidade é fechada, termina também em alça, *wãx-tĩ-kê-õ be'tó* (anel do tipití). Com adequado movimento das mãos reduz-se o tipití a menor comprimento, o que tem por efeito aumentar-lhe o diâmetro, e pela bôca assim alargada se introduz a massa da mandioca ralada (cfr. VI - 4, a).

2) *Peneiras*. Usam-nas para *coar* a massa da mandioca, *tamisar* a farinha, etc. e são tecidas de palhinha de arumã.

A largura das malhas, dimensões e feitio variarão conforme o uso a que se destina a peneira. Encontram-se algumas rasas, como as nossas peneiras comuns, e outras mais fundas.

Pode-se distinguir três tipos de peneiras: 1.º *tõ-pa* (em Nheengatú, *cumatá*) é grande, de malhas bem estreitas, serve para coar a manicuera e extrair o amido; 2.º *süó*, ou melhor *söö-a* (Nh. *uru-pema*), de malha mais aberta, e, algumas vezes de feitio quadrado, dentro de uma moldura de quatro paus roliços; destina-se a tamisar a massa da farinha d'água; 3.º *Baxti* mais funda, como pequenos cestos para guardar o beijú, e outros alimentos e objetos. Estes é que costumam trazer os belos desenhos tradicionais.

3) Cestos

a) *P'i* são cestos grandes, que no Amazonas costumam denominar *aturás*. Usam-no para transportar mandioca, frutos, terra, lenha, bagagem; são tecidos exclusivamente pelos *Makú*, que trabalham também para as outras tribos.

A forma tradicional é a cilíndrica, com a base um pouco mais larga que a boca. A matéria é o cipó uambé, *misi-da*, bem forte, escolhido sem nós, e que se põe ao fogo a fim de soltar facilmente a casca. Lasca-se o cipó em duas ou três partes, e começa-se o trançado pelo fundo. A boca é de anéis de cipó, como aro, e se amarra ao cesto com fios tecidos de caroatá.

A mulher, a quem compete carregar o *pi'i* (o homem deve andar sempre desembaraçado, a fim de poder defender a si e a família) carrega-o da seguinte maneira: vai o *aturá* às costas, porém suspenso da frente por meio de uma embira larga, *pi'i-karõ-pá* (29), cujas extremidades passando pela boca do cesto, correm-lhe ao longo e se entrelaçam no fundo d'este. Transportam assim carga de 30 a 50 Kg a quilômetros de distância.

b) Denomina-se *pi'i-kamõ* um pequeno cesto, do feitio e matéria do *pi'i*, e no qual as mulheres guardam seus adereços e pó de pintura.

c) De cipó costuma ser também um pequeno balaio, dito *wamõ axká-ro*, onde o pajé guarda os seus objetos de tratamento dos doentes (cfr. VIII - 2, e).

d) Para guardar ou transportar a farinha que vendem, fazem-se os *paneiros*, *térê-pi* (Uaupés *tênê-pi*), de fasquias de arumá ou de taquara, e de malhas bem largas (dois a três cm) e assim o fabrico é mais rápido. Forram-nos com muita habilidade, com folhas de *myõ-gõ pürí*, ou mesmo de arumá ou outras plantas, de tal mo-

(29) Ou *pi'i-karõ-kaxserí*. Parece que a árvore derivou seu nome do *pi'i*, porque sua embira é muito empregada para transportar o *pi'i*. Contudo usam-se também outras embiras, como *sõ'ú-kaxsero*, *deóti-kõ*.

do que não deixam passar a farinha, embora com o pouco cuidado que costuma haver nos embarques, desembarques e transportes.

4) *Abanador*. Com a palma do mirití, do tucum, ou palhinhas de arumá, trançam um objeto semelhante a um abanador, e que pode perfeitamente substituí-lo; diz-se *wē'ri-rõ* (Uaupés *wē'ni-nõ*). Fabricam-no de diversos tamanhos e servem-se d'ele para atizar o fogo, bem como de pá para virar o beijú no forno. Tem forma de coração, e as próprias palhas enfeixadas constituem o pé ou suporte, por onde se segura o abanador.

Vêm-se alguns muito grandes, do tamanho natural das maiores palmas de mirití, de que são feitos, e usam-nos como esteiras para as divisões dos compartimentos das malocas, ou mesmo para servir de parede.

5) *Aljava*. Ainda com fasquias de arumá preparam uma aljava, *bu'sá-sa*, de forma cilíndrica, e seus 40 cm de altura, com um diâmetro de 8 ou 10 cm. alargando-se para a boca. Serve para guardar as pequenas flechas envenenadas da sarabatana, ou *curabis*. A fim de que a água não dissolva o veneno, costumam impermeabilizar essa aljava com breu.

6) *Suporte de panela*. Com talas de paxiúba de 40 ou 50 cm de comprimento, preparam um suporte para as panelas, denominado *sã'ri-rõ* (Uaupés, *sã'ni-nõ*).

É essencialmente um feixe de talas, amarradas com cipó ou embira na parte central, e cujas extremidades se alargam como a formar uma espiral, de sorte que o *sã'rirõ* se assemelha a um duplo cone espiralado, com ligação pelo vértice. As extremidades são firmadas por meio de cipó ou embira a uns dois ou três cm. uma da outra.

7) *Caixa de enfeites*. É uma caixa retangular, geralmente de talo de mirití reduzido a lâminas, e que serve para guardar as plumas e outros enfeites de dança. Como uma caixa é menor que a outra, introduz-se aquela dentro desta, como se fôra sua tampa, de modo a ficar bem fechada e do feitio de um baú. Diz-se em tukano *mahã-poari-karo*, e em Nheengatú, *pacará*.

8) Outros trançados.

a) De várias palmeiras tecem, outrossim, as palmas para servirem de cobertura, *peókaró*; e, mais freqüentemente ainda, de paredes, *tyákaró*.

b) Executam esteiras, para fins variados, ditas *imi-sa* (Nh. *tupé*), com folhas de diversas palmeiras ou com cipós mais finos.

c) Com rápido trançado dos folíolos de alguma palma improvisam cestos, *ba:*, para transportar frutos da mata.

d) Da pacova sororoca e outras folhas ajeitam pequenos amarrados, ditos *sã:* ou *sá:* da forma de uma espiga de milho, que enchem de pirá-mirins para assá-los.

e) Pelo contacto com os civilizados êsses trançados vão tendo novas aplicações. Lembramos aqui as que no Amazonas se dizem *panacarica* (em tukano *yuxkō-sō-mōarō*) e *decorrera* (*moāri kaxsero* ou simplesmente *moārō*, Uaupés *moānō*). Aquela é uma cobertura reta para as canoas e pequenas lanchas, e se prendem a suportes fixos. Esta, ao invés, de forma recurvada, é uma cobertura móvel e por isso pequena e leve, e apoia-se diretamente às bordas das canoas. Ordinariamente a *decorrera* costuma ser de palma com malha bem cerrada; ao passo que a *panacarica* consta de duas esteiras superpostas, trançadas de cipó e malha larga, e entre elas uma camada de palma ou folhas de arumã.

f) Costumam também trançar de cipó um chapéu de abas largas, até de um metro de diâmetro, e, como na *panacarica*, combinam dois chapéus e entre êles à guisa de entretela, uma camada de folhas de arumã. Tais chapéus servem especialmente para defender do sol na roça e nas viagens de canoa, e também da chuva, embora se tornem incômodos pelo pêso da água.

Outros trançados que convém recordar são os que se empregam na pesca, como *nassas*, *cacurís*, etc. que adiante se citam (cfr. VI - 5, a (2)).

e) Armas

1) Armas usadas como adornos de festas

a) *Tangapema*. A maça do sacrifício ou *tanga-pema* (em Nheengatú, *cuidarú* ou também *acanga-pema*, isto é, achata-cabeça), em tukano *uxpí-o-phī*, foi outrora arma de guerra dos chefes. Depois, como já observava Gonçalves Dias («Relatórios da Presidência da Província do Amazonas», vol. II pág. 671) tornou-se apenas símbolo de autoridade nas festas, e quase de todo desaparecida. Os indígenas da geração atual só lhe conhecem o nome, *uxpí-o-phī*. Um deles lembrava-se de tê-la visto com especiais pinturas, «a fim de inculcar valor e trazer sorte ao guerreiro». Outros completavam a informação que ouviram dos velhos, a saber, que, antes de partirem

para as excursões belicosas com suas tangapemas, e a fim de se tornarem invisíveis aos inimigos e invulneráveis aos seus golpes, pintavam-se com o sumo da batata *uxpí*. Fumavam, outrossim, de um grande cigarro dito *uxpí-mōrō*, adornado de pinturas simbólicas, a fim de se tornarem mais corajosos.

Koch Grünberg encontrou ainda algumas maças ou tangapemas na maloca Namakoliba, alto Uaupés (*Zwei Jahre*, 301). Eram de madeira vermelho-escura, medindo 112 cm de comprimento, com o punho pintado e a outra extremidade mais larga. Usavam-nas, então, os *Kubêwana* e tribos afins, para as danças e, ocasionalmente, até como banco de canoa. Conclui que a maça de guerra dos *Omawa* é uma prova da origem oriental dessa tribo *Karaíba*, pois é semelhante à das tribos das Guianas. Com efeito, nestas tribos a extremidade superior da maça termina em ponta aguda, a fim de atravessar o inimigo abatido, com um golpe de graça, na fonte ou no ouvido.

b) Antigamente usavam, outrossim, nas lutas um escudo, dito em tukano *baxti-pá:karo*; era tecido de cipó, levíssimo, porém eficiente contra as flechas. Hoje raramente se vê, e foi, até o princípio deste século (informação do Pe. João Marchesi) usado como enxoval de dança, que traziam ao braço esquerdo quando iam beber sua cuia de *kaxpí* (cfr. VII — 4, e (2)).

c) Igualmente hoje é apenas um instrumento de dança (como o pudemos ver), a lança, *yōxsērī-phī*, a qual, essencialmente, é tão só um pau roliço, pesado, de seus dois metros de comprimento, e terminando em ponta aguçada. Usam-na nas danças do *dabacurí*, e com elas se realiza o «golpe-ao-branco» (cfr. VII — 4, e (2 a 3)).

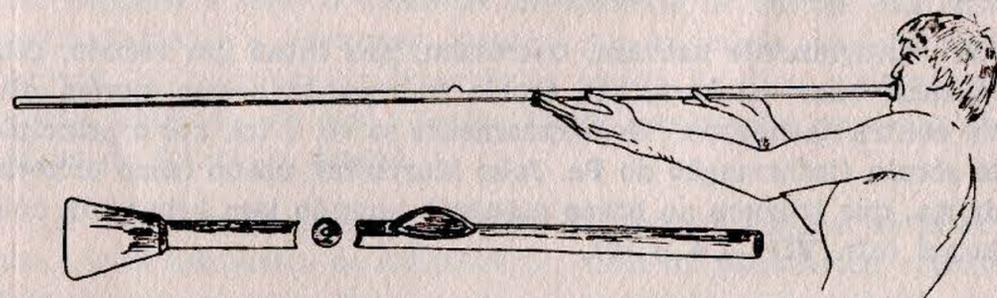
2) *Arco*. As únicas armas indígenas de uso atual, e assim mesmo de uso muito reduzido no Uaupés, são o *arco* e a *sarabatana*. As tribos do mais interno das matas, com poucas ou nenhuma relação com os civilizados, empregam-nas mais. Em troca, o contacto com a civilização, supriu os indígenas de espingarda, facões e machados, dos quais, infelizmente, se servem nas brigas e vinganças recíprocas.

O arco, *bōé-ka-tê* ou *bōé-kha-thê*, é feito geralmente de pau-de-arco, em tukano, *toxtó-gō* (bignoniácea de flor roxa, espécie de *tecoma*), madeira pesada, resistente, e flexível. As dimensões normais são de 1,5 a 2 metros de comprimento e um diâmetro de uns 3 cm na parte central, afilando-se para as extremidades, com pequena inclinação ou talhe para amarrar a corda. A parte externa é arredondada ou convexa, e a parte interna, levemente escavada ou côncava.

Por corda usam um fio de tucum, e o arco conserva-se habitualmente reto, isto é, desarmado, com a corda prêsa só a uma extremi-

dade. Recurva-se somente quando vai ser usado. É uma arma de precisão na mão do índio, podendo projetar as flechas a 50 ou 60 metros de distância.

3) *Sarabatana*. É uma arma de origem e fabrico exclusivo dos *Makú*, e que estes preparam para os índios de outras tribos do Uaupés, aos quais servem. Prepara-se com uma variedade de palmeira nodosa, a *paxiubinha*, dita em tukano *buxpú*, donde, para a sarabatana o nome de *buxpú-wö*. Mede uns 4 cm de diâmetro e até 3 ou 4 metros de comprimento. Extraem-lhe a medula facilmente com uma vareta bem regular, resultando um orifício bem calibrado, como a alma dos fuzis, porém *liso*. Externamente, mais ou menos pela metade do tubo, encravam-lhe um dente recurvado de cotia ou outro animal, para servir de «massa de mira».



Sarabatana (buxpú-wö)

Na parte que se adapta à boca, alarga-se uma pequena cavidade como *bocal*, para facilitar a adaptação aos lábios. Por este bocal introduz-se uma pequena seta, *bu'sá-khá*, com um tampão de paixa de *sumaúma* (*Eriodéndron Sumauma*, ou *Céiba petándra*, Gartn.), com o duplo papel de obturar o orifício e assim opor resistência ao sôpro, e também dar pêso à extremidade da seta e não permitir que se desvie no ar. Com um sôpro forte e curto conseguem propulsar a seta a 20 ou mais metros de distância, com grande precisão, sobretudo no sentido vertical. É uma arma muito útil, pois é de manejo fácil e rápido; e ademais, a seta não faz barulho algum, e assim conseguem matar um pássaro no alto das árvores, sem que voem os que lhe estão próximos.

É arma para a caça pequena de aves, macacos, etc.

4) *Flechas*. Costumam ser de *paxiúba* (*Eriártea settigera*, Mart.), e com auxílio de um cordel e do breu adapta-se-lhe fortemente a *ponta*. Conforme a finalidade, variará a forma e a substância desta. Há pontas de *paxiúba*, de bambú, de dente de onça ou

de peixe, e de espinhos de patauí (30). Dos civilizados alcançam prego ou pedaços de ferro, donde agora as pontas metálicas.

Algumas flechas são ornadas de plumas de tucano e arara. Encontra-se a emplumação de cavalete e espiral.

Quando se destinam à caça ou à pesca, são muitas vezes envenenadas com o *curare* (31). Põem o veneno alguns milímetros abaixo da ponta, para que um arranhão casual não intoxique alguma pessoa.

Distinguem-se três tipos de flechas: para *caçar*, para *pescar* e os *curabís* ou setas pequenas para a sarabatana.

a) *Para a caça*. As flechas destinadas à caça grande, são pesadas, de pau brasil ou pau-de-arco, com ponta de madeira, ou mais comumente de osso de animal ou de ferro (32). As *pontas* (de pau, osso ou ferro) estão encravadas em um pedaço de madeira, dita *ponteira*, que se prende fortemente ao corpo da flecha com fios e breu.

Quando as flechas se destinam a aves e pequenas caças, são de madeira mais leve e trazem, na extremidade oposta à ponta, três penas da asa de arara dispostas em espiral. Dêste modo a seta descreve sua trajetória fazendo simultaneamente um movimento de rotação que lhe conserva melhor a direção.

b) *Para a pesca*. Para os pequenos peixes empregam-se setas comuns e totalmente de *paxiúba*. Para os grandes peixes (*piraíba*, *pirarucú*), *jacarés* e *tartarugas*, a ponta é de ferro (ou de osso) e denticulada lateralmente de sorte que, uma vez enterrada na carne, não pode sair sem dilacerar o tecido.

Dizem-se *sararaca* (térmo Nheengatú que significa: coisa que se desfaz) aquelas flechas que constam de duas partes, *hastil* e *ponteira*. *Ponteira* ou *suumba* é de madeira forte (33), com um arpão engastado, e prende-se ao hastil ou corpo da seta, por um longo fio (34). Quando atingido, o peixe ou a tartaruga foge com a pon-

(30) As de *paxiúba*, usadas pelos índios do rio Caburí, são munidas de três ou quatro nós artificiais, a fim de que se quebre e fique enterrada no corpo. Apresentam, ordinariamente, emplumação bela e colorida.

(31) O veneno fica neutralizado pelo fogo, quando se prepara o alimento, ou pelo sal de cozinha, que convém seja subministrado a quem for envenenado pelo "curare".

(32) Antes das relações com os civilizados, usavam igualmente pontas de pedra, conforme a relação de Alexandre Ferreira "Diário" parte 6.^a).

(33) Muitas vezes servem-se da *paracôuba*, uma leguminosa, endurecendo ainda a *suumba* ao fogo.

(34) Os pescadores de tartaruga chamam *virote* ou *espoleta* à ponta de ferro das flechas (cfr. José Verissimo: "As populações indígenas do Amazonas", Rev. do Instituto Histórico e Geographico do Rio de Janeiro-t. 50, 1887, pag. 377).

teira fisgada ao corpo; porém o hastil de *canarana* (gramínea dos gêneros *páspalum* e *pánicum*), que lhe está prêso por longo fio continua a boiar, e assim denuncia o local em que se escondeu o animal fisgado. O pescador apanha o hastil e vai recolhendo lentamente o fio, e com relativa facilidade recolhe também a tartaruga à canoa (35).

c) *Curabi*. Curabi é termo da Língua Geral, em Tukano denomina-se *bú'sá-khá*. São as setas para a sarabatana. De ordinário são de paxiúba, e medem uns 30 ou 40 cm de comprimento e 1 ou 2 mm. de diâmetro, e afila-se na extremidade. Guardam-se e transportam-se numa aljava de arumã, *bu'sá-sá*, como acima dissemos.

5) *O curare*. *Curare* deriva da palavra da Língua Geral *uirari*, e indica o veneno preparado por várias tribos selvagens com diversas plantas, especialmente variedades de *strychnos*. No Uaupés só os *Makú* (36) sabem prepará-lo e o executam também para as tribos às quais servem. Os *Makú* de Iauareté (37) fazem-no da seguinte

(35) Para atingir as tartarugas, os pescadores arremessam a flecha para o alto, de sorte que caia perpendicularmente e com o próprio peso e o impulso da queda penetre o casco do quelônio. Ordinariamente as tartarugas se conservam vivas para a venda e o consumo. Quanto aos peixes de maior tamanho, ao se avizinharem, matam-no com uma remada na cabeça, e dêste modo podem recolhê-lo à canoa sem perigo algum.

(36) Refere Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, pág. 208) que os *Buhágana* (ditos também *buxpú-maxsã*, gente da sarabatana) preparam o *curare* tão forte que o empregam até na caça de animais grandes, como a anta.

(37) O Prof. Ettore Biocca, em 1944, assistiu também à preparação do *curare* pelos índios *Makú* do Tiquié, e levou para as observações do Laboratório Paulista de Biologia de S. Paulo, amostras das várias plantas empregadas, e do *curare*. Mesmo em algumas plantas que os indígenas consideram menos importantes, a análise do Laboratório encontrou alcalóides. Foram identificadas quatro variedades de *strychnos* (toxífera, etc.) duas de *Menispermáceas* (*abuta triana* de Planchon, e *Anomospérmum*), e sem alcalóides uma *Malpigheácea* e uma *Rubiácea* (*policóurea* ou *Psychótria*). Conforme suas conclusões, a preparação do *curare* pelos indígenas não é "uma simples extração de alcalóides, mas uma complexa operação química, com transformação das propriedades físico-químicas e biológicas dos mesmos alcalóides". ("Atti della Accademia Nazionale dei Lincei — vol. II, 1.º sem. 1947). E que as plantas desprovidas de alcalóide (como as *Rubiáceas*) pode-se supor "tenham provavelmente a função de permitir ou de facilitar a preparação indígena de derivados dos próprios alcalóides,

maneira. Raspam caule e raízes de várias espécies de arbustos e põem os fragmentos em um funil feito de folhas de arumã. Derramam por cima água, a qual dissolve os alcalóides tóxicos e, gotejando lentamente, é recolhida, como um líquido avermelhado, em uma panela de barro cozido. Em seguida o líquido é submetido a fogo lento durante um ou dois dias, eliminando-se com uma espátula de madeira a espuma, até que adquira consistência xaroposa e cor escura.

Todo o tempo que dura esta operação, o índio não pode deitar-se na rede, porém deve manter-se de cócoras, ao lado do fogo, e nem pode comer beijú, quinhapira, fruta ou qualquer outro alimento animal. Poderá, apenas, servir-se moderadamente do chibé. Se faltar alguma dessas regras, crê ele que o curare não terá sua virtude tóxica.

Conserva-se o curare em pequenos potes de cerâmica. Com o tempo torna-se duro e devem, para usá-lo, destemperá-lo em água morna; ou, se está muito duro, «acordá-lo», isto é, acrescentam-lhe água com pimenta malagueta.

f) Outros objetos de uso doméstico

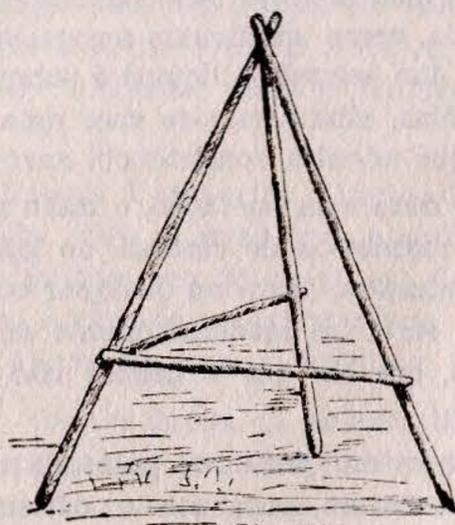
1) *Tripé e moquém*. Um utensílio muito simples e muito útil é o que em Tukano se denomina *ñamá*, veado. É, propriamente, um *tripé*, constando de três varas de seus dois metros ou mais de comprimento e cuja grossura varia conforme o tamanho e o uso, geralmente de poucos centímetros de diâmetro. Acham-se unidas na extremidade superior por meio de um cipó ou embira, e mantidas separadas, na parte inferior, com auxílio de duas varetas distantes do solo de uns 80 ou 100 cm. Sendo apenas duas essas varetas, a base do aparelho pode ser alongada ou apertada, conforme se quer, ou mesma fecha-se o tripé e encosta-se à parede, para economizar espaço.

Sobrepõe-se a essas varetas a peneira em que se comprime com as mãos a massa da mandioca enquanto um pote recolhe o líquido ou manicuera. Pode-se também sobrepor a essas varetas uma espécie de grelha ou *moquém*, em tukano *wá karsá*, feito de paus ro-

com ação altamente curarizante" ("Atti, vol. II — 2.º sem. 1947, pág. 165).

Quanto à atividade tóxica curarizante, uma grama deu até dez mil doses mínimas mortíferas para camondongo, quando aplicadas por via muscular ("Atti, vol. II — 1.º sem. 1947, pág. 695). Ao passo que por via oral ocorriam doses 80 a 90 vezes maiores ("Atti", vol. V — 2.º sem., 1948, pág. 99).

liços. Sôbre o moquém coloca-se o peixe ou a carne que se deseja «moquear», consoante a expressão amazonense, e o fogo debaixo.



tripé (ñamá)

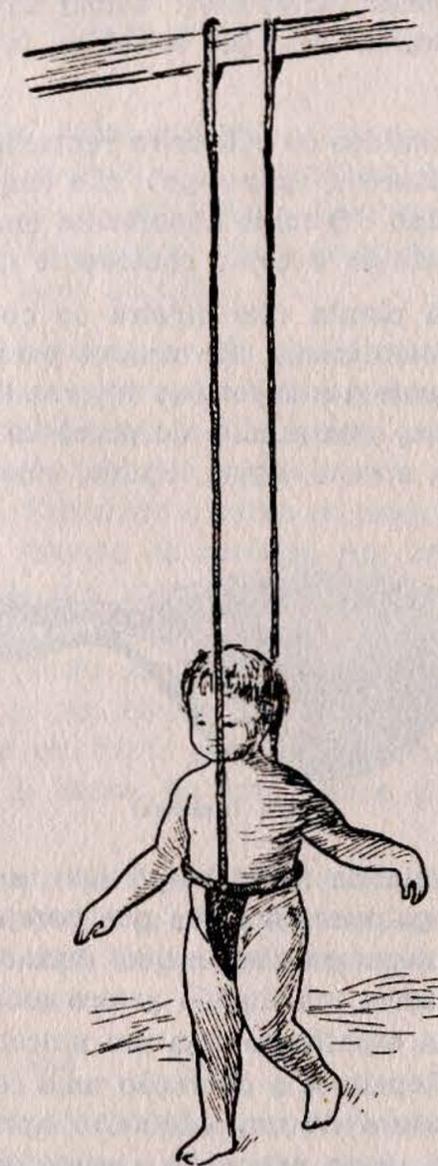
Encontra-se também o moquém fixo a quatro estacas plantadas sólidamente, a um canto da maloca.

2) Aparelhagem para o ipadú e o caapi

a) Para o preparo do ipadú (cfr. VI — 4, i (3)), o índio além de uma *panela* de boca larga, *pátu axtêri-tô*, e de um pequeno *pilão*, *pa-mô-a*, do feitio usual, precisa de *sacolas* e de um longo *tubo*, *patu pa:pö*. As sacolas obtêm-se do tururi (cfr. VI — 3).

b) Para o *kaxpi* torna-se necessário um *cocho* de madeira, *kaxpi pa-mô-a*, (vd. VI — 2, b (7) em que se pisa o cipó, e um *vaso*, *kaxpi-tô* (vd. 2, a(1), onde se recolhe o sumo e se destempera em água.

3) *Macurú*. Quando a criança começa a firmar-se nas pernas, usam um processo muito prático para entretê-la e ao mesmo tempo ensinar-lhe os primeiros passos. Consiste num aro que se obtém com um cipó grosso enrolado em várias voltas e prêso a uma trave. A criança ficará de pé dentro do aro que lhe chega à altura do peito. Uma embira muito flexível e macia, prêsa ao aro, passa por entre as pernas da criança, a qual fica assim como a cavalo e pode assentar-se sôbre a embira, quando se sentir cansada. Hoje em dia é muito comum encontrar um pedaço de fazenda em vez da embira primitiva. Este aparelho que em Língua Geral se diz *macurú*, e em Tukano *bahari be'tó*, está seguro a uma das traves do teto por um cipó, e chega a tal distância do solo que permita à criança tocá-lo com os pés e tentar os primeiros passos.



Macurú (bahari-be'tó)

Fora desse aparelho não conhecem outro para as crianças que, ou ficam abandonadas pelo chão, ou estarão acavaladas às cadeiras da própria mãe ou irmã mais velha (38), quando não estão nos braços ou na rede.

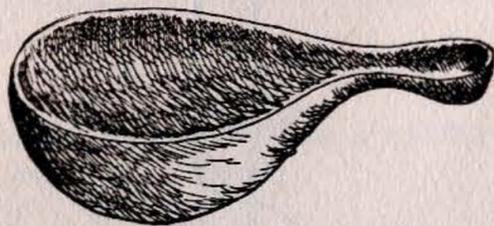
4) *Cuias e cabaças*. Empregam-se, outrossim, cuias (*wahá-ro*) e cabaças (*ÿaxsã*), ou *ÿa'sã*, *ñã'sã*), de diversos tamanhos e formas,

(38) São sempre as mulheres que carregam as crianças. Por influência dos civilizados, pode-se ver hoje um pai trazendo ao braço o próprio filho, mas por breve tempo, quando a mãe está carregando outra carga qualquer. Em casa nunca se vê um índio carregar e menos ainda acalentar um filho.

como vasos para os mais vários usos: tomar água, preparar o chibé, distribuir o caapí, guardar seus pós coloridos, fabricar o maracá (vd. VII — 3, c (3), etc.

a) As *cabaças* obtidas do cabaceiro reptante (*Cucúrbita lagenária*, Lin., das cucurbitáceas, (*yaxsã-ga*), são empregadas, quando secas, sem mais trabalho. O mais importante emprêgo das cabaças é a fabricação dos maracás e como continente dos pós corantes.

b) As *cuias*, da planta dita cuieira ou cuietezeira (*Crescentia cuyete*, Lin., das bignoniáceas) são usadas para tomar água, chibé, mingau, etc. e apresentam a superfície interna de côr preta lustrosa. A mulher alcança isto, com auxílio do *wahá-ko* (quer dizer água de cuia; de *wahá*, cuia, e *orkó*, água, líquido, sumo).



cuia (*wahá-ro*)

Da planta denominada *wahá-ko-gö* (39), *cumatí* (*myrcia atramentifera*, B. Rod.) golpeiam a casca que poreja um líquido vermelho escuro; ou dela separam raspas que, deixadas algum tempo em infusão n'água, produzem um líquido grosso escuro, o *wahá-kó*. Na parte interna da cuia espalha-se com um pincel o *wahá-kó*, deixando-o depois secar. Repete-se a operação uma segunda e mais vêzes, até alcançar a espessura de um milímetro aproximadamente. Espalha-se, em seguida, urina pelo chão e nessa área emborcam, sôbre pequenos pedaços de pau, as cuias que desejam pintar. O amoníaco que se desprende da urina transforma a camada de *wahá-kó* do interior da cuia em verniz preto, luzidio e bem aderente.

Obtém-se o mesmo resultado aplicando, sôbre a camada de *wahá-kó*, fôlhas de mandioca embebida em urina.

5) Outros objetos de utilidade

O índio soube tirar da natureza que o contorna tantos outros objetos e recursos para a sua vida. Lembraremos alguns:

(39) O Pe. João Marchesi chamou-nos a atenção para o costume dos indígenas de denominarem um vegetal pelo emprêgo que dêle fazem.

a) *Papóque*. O papóque, em Tukano *pápwa-khá-sötí*, é a embira de uma árvore que produz espuma, e com ela lavam a cabeça, em falta de sabão.

b) *Tauari*. *Táwari*, como também se diz em Tukano (*couratari tauari*, da família das lecitidáceas) é também uma embira que se desdobra em lâminas muito delgadas e flexíveis, que servem para mortalha de cigarro. Obtém-se da casca, batendo-a com um macete até separar-se tôda a parte lenhosa.

c) *Sacolas, cueio e máscaras*. O tururí, em Tukano *waxsó-gö*, é uma árvore de várias espécies de *Manicariao*, de cujo liber ou entrecasca preparam as sacolas para o ipadú, as máscaras (vd. VII — 3, de (2) e os *waxsó-ro* (em Nheengatú *cueio*) de danças (cfr. encacho, VII — 3, d (2)). Escolhido o galho ou tronco que lhes convém, cortam-no, e com um macete de madeira vão batendo a casca até que assim se obtém, de um tronco grosso emprega-se para o pre-se fôsse uma manga de camisa ou uma capa. Com um objeto cortante (outrora uma taquara) separam a parte que desejam. O liber que assim se obtém; de um tronco grosso emprega-se para o preparo das mascaras; de um ramo pequeno, amarrado numa das extremidades apresenta a forma de uma sacola para os seus vários usos.

Observamos outro processo entre os *Karapanã* das cabeceiras do Papurí. Com o auxílio de uma espátula iam despregando a casca, como quem enrola a manga de um paletó para fora, até alcançar o comprimento que se deseja.

6) Brinquedos e jogos

Não encontramos objetos lúdicos característicos das meninas, como as bonecas das civilizadas. De resto, desde tenras, as crianças do sexo feminino são aplicadas ao trabalho e não lhes sobra muito tempo para os brinquedos.

Os meninos, ao invés, constroem seus pequenos arcos e flechas, com que se divertem aprendendo a atirar ou mesmo a matar aves e peixes.

De uma madeira leve e macia, *poo-gö*, molongó (é a *ambelância grandiflora*, Hub., da família das apocináceas), constroem minúsculas canoas que soltam à água, prêsas a um cordel, acompanhando-as da margem enquanto deslizam.

Possuem ainda outros brinquedos e divertimentos que se vão sucedendo durante o ano. Entre êstes o que se conhece no sul do Brasil por «*cama de gato*». Isto é, com um cordel, com as duas extremi-

dades ligadas, executam figuras com os dedos de ambas mãos, passando ao vizinho que, com diversa posição dos dedos, fá-lo tomar outra figura. Temos visto formar com o cordel 8 ou 10 figuras diversas, algumas bem interessantes e parecidas com o objeto ou animal cujo nome levam. Denomina-se êste brinquedo *mi-pesé* (i. e. brinquedo de tomar).

Uma palavra aqui sôbre alguns divertimentos das crianças. As crianças, respeitando sempre a separação dos sexos, reúnem-se em bandos e se entretêm em folguedos nos quais figuram as abelhas zumbindo em procura das flôres; é o jôgo das abelhas, *mumi-pesé* (40).

Outro brinquedo coletivo é o «esconde-esconde», e denomina-se em Tukano *wãx-ti mãã-ré baágösamim* (*Wãx-ti vai comer-te*), porque o sinal de esconder é dado por uma das crianças gritando: «*Wãx-ti vai comer-te*».

Um dos divertimentos mais comuns, e que aparece até nos *Dabacurís* (vd. VII — 4, e (2) é o que se diz brinquedo «do sapo», *táro-kö-pesé*. Algumas crianças põem-se de cócoras e avançando aos saltos vão cantarolando: *táro-köakã... táro-köakã* (sapinho! sapinho!). Outras crianças de pé impedem o salto dos sapinhos, e entre elas trava-se o seguinte diálogo: — «aonde vão vocês? (*no'õ-põ wãati mãxsã?*) — Vamos ver se na roça há algum abacaxi maduro (*õxsã wexsé-põ yãra wá:, sê'rá to'ó-põ buxtise-pa yãra wá:*) — Lá a vossa avó foi comer abacaxi, caiu e machucou-se (*toó-põ mãxsã ñêxkõ sê'rá baágo myõ-doxké-pyõ-waápõ*). Então os sapinhos exclamam: — Coitada da nossa avó!... (*adé:!! õxsã ñêxkõ!*) e fingem desmaiar, caindo por terra.

Com o folíolo de palma enrolado em espiral improvisam uma flauta capaz de emitir sons diversos, conforme o diâmetro da espiral.

Fabricam pequenas flautas, *purtisé*, de taquara ou paxiúba; o pião, *bextága*, servindo-se do coco de tucumã e outros. Mais recentemente, de posse de canivete e prego, preparam também seus piões de madeira à imitação do dos civilizados.

3) Vestes e calçados

a) Vestes

Sob o influxo dos civilizados (o exemplo do branco, a quem o índio gosta de imitar, a instrução dos Missionários e as vestes que

êstes lhe dão), os indígenas se vão habituando ao uso das vestes. De regra os que passaram alguns anos nos colégios, retornando às suas aldeias, não dispensam mais as vestes. Ao menos uma calça ou calção (os homens) e uma saia (as mulheres), deixando o busto descoberto.

Um particular interessante é que, geralmente, as mulheres só executam, consertam e lavam suas vestes femininas. Os homens recebem roupas feitas, dadas ou compradas, e devem pensar em lavá-las e repará-las. Alguns homens têm sido vistos lavando as vestes de suas esposas.

Primitivamente, isto é, antes de qualquer influência dos civilizados, datando desde os descobrimentos do novo mundo, teriam algum traje? como seria êste?

Por um lado o clima quente não impõe o uso de vestes. Por outro, as chuvas e excursões freqüentes pela mata, que oferece ao indivíduo um abrigo, e lhe gastaria rapidamente as vestes, desaconselham o emprêgo de roupas. Isto o que podêmos a priori deduzir do seu *hábitat*.

O primeiro Vigário Geral da Capitania de S. José do Rio Negro, Padre José Monteiro de Noronha, em 1759, diz muito originalmente: — «Não tendo comumente os Índios destes sertões mais vestido do que aquêles que trajávão nossos primeiros pais no campo Damasceno» (o. c. 145). Releva, como exceção, que os Cambeba usavam vestes compridas de algodão, e sem mangas, abertas lateralmente.

Um século depois, em 1846, o costume é ainda o mesmo, conforme Wallace: — «Êstes índios libertam-se dos estorvos de vestuário, tanto quanto é possível conceber-se. Os homens usam sômente uma pequena peça de tururí, que lhes passa entre as pernas e prende-se a uma corda que lhes cinge a cintura. Mesmo êsse costume as mulheres o dispensam totalmente, não se cobrindo com qualquer cousa que exista. Vivem em nudez completa, e isso é generalíssimo. Entre os índios do Uaupés não se abandonam tais costumes» (O. c. 629).

Setenta anos mais tarde (Boletim Salesiano, fev. 1918 pág 30) depõe o primeiro Superior Salesiano dessas Missões, Mons. Lourenço Giordano: — «Os homens não trazem veste e as mulheres, ordinariamente, não têm melhor que êlles» «O Tucano pode dizer com mais verdade que o filósofo: *omnia mea mecum porto*. Como vestido leva... a *poira* (?), isto é, um cordel ao pescoço, com sementes de diversas côres ou um pedaço de mármore branco, e, ordinariamente, nada mais».

(40) Uma indiazinha falava também do «jôgo do limão», porém não no-lo descreveu, nem tivemos o ensejo de assisti-lo.

Ainda hoje se encontram muitos homens só com o encacho ou *waxsó-ro*, como se diz em Tukano (*cueio*, em Nheengatú), (41), que se assemelha à primeira vista a uma funda herniária. Consiste numa tira de fazenda de seus 6 ou 8 cm de largura, cobrindo as partes pudendas, passando por entre as pernas e prêsa pelas extremidades a um cordel como cinta, na altura das ilhargas. Naturalmente deve ser incômodo êsse cordel, e, provávelmente, para se irem habituando, os meninos antes de usarem o *waxsó-ro*, começam por trazer apenas o cordel de cinta. Parece também que não há idade prescrita para o uso do *waxsó-ro*. Certamente acima dos seis ou oito anos, todos os meninos o trazem.

Quanto às pessoas do sexo feminino dos povoados ao longo dos rios Uaupés, Tiquié e Papurí, desde bem tenras, seguramente desde os 3 ou 4 anos, hoje em dia, se apresentam diante do civilizado com o corpo todo coberto, ou, ao menos com uma saia da cintura até abaixo do joelho. São raríssimos os casos de um simples saiote acima do joelho, ou um pano envolvente à guisa de tanga.

Evidentemente essas coberturas são subministradas pelos civilizados, pròpriamente pelas Missões Católicas. Teriam algo de original, como e de qual matéria?

Não há dúvida que o *waxsó-ro* masculino, pelo feitio e o uso, nem é imitação do Civilizado, nem conselho dêste ao índio, embora se faça com fazenda importada, e não com o tecido fabricado pelos índios com embira de tururí. O *waxsó-ro* é de uso muito antigo e geral nas tribos americanas Karaíba. Wallace um século atrás no-lo descreve entre os índios do Uaupés, como sendo um pedaço de liber ou entrecasca de tururí (42). Os primeiros viajantes do Solimões acenam a índios «de cauda». Wallace tem por certo que o atribuir cauda aos

(41) Pensamos que *cueio* seja apenas uma corrupção da palavra portuguesa *cueiro*, o encacho que se usa com os recém-nascidos. *Waxsó-ro* deriva provávelmente, conforme o gênio da língua Tukano, de *waxsó su'ti-ro*. *Waxsó* quer dizer semen; *su'ti-ro*, vestido. Alguns Missionários que falam o Tukano, pensam que *waxsó-ro* venha de *waxsó-gô*, o nome Tukano da planta *tururí* (da família das esterculiáceas), de cuja entrecasca se tira um tecido aproveitado para a bolsa de guardar o ipadú, para o fabrico das vestes ou máscaras de danças. Note-se, todavia, que tais máscaras se dizem *ya'ko-kó su'ti-ro*, veste das lágrimas, porque só se usam tais máscaras nas danças fúnebres. Não seria, pelo contrário, o nome da planta, *waxsó-gô*, derivado de *waxsó-ro*, pela serventia do seu liber como *cueio*? Releve-se que êste é precisamente o costume dêsses índios, denominar as plantas pelo uso a que a destinam.

(42) No meado do séc. 18 (1759) o Padre José M. de Noronha o refere dos Tecuna (o. c. n.º 139).

índios dessas regiões se deva a uma observação imperfeita dos *waxsó-ro* sujos e retorcidos.

Não parece, porém, uma «veste de decência», porque demasiado apertado e estreito, e por vêzes só cobrindo parcialmente. Poderia ser «veste de atração». Julgamo-lo antes uma «veste de proteção» (43), em se tratando de parte mais sensível que o restante da epiderme do índio, endurecida pelas intempéries.

Quanto à tanga (44) das mulheres, dita em Nheengatú *muruarí*, assemelha-se a um pequeno avental de seus 20 cm de comprimento por 10 cm de largura. Hodiernamente é apenas um ornamento das danças, que as mulheres apresentam juntamente com a pintura; ou estão mesmo sem êle e apenas pintadas. Com as missangas que obtêm dos civilizados, preparam belíssimos *yaxkê waxsó-ro*. Mesmo os originais, tecidos de tucum, eram notáveis trabalhos de tecedura. Um e outro, porém, parecem antes «veste de atração», do que «veste de decência», pois ficam pendendo à cintura, e pela posição e dimensões (a maior dimensão fica horizontalmente) não recobre suficientemente (cfr. VII — 5, b).

b) Calçados

Não fabricam, nem usam calçado de espécie alguma, como o costumam os índios das savanas. São desnecessários para as suas grandes viagens que se fazem por canoa, e incômodos para as excursões na mata, se não forem de matéria resistente como o couro e bem adaptados. Ademais, o clima quente e as chuvas contínuas tornariam seu uso prejudicial à saúde.

4) Alimentação

a) Mandioca

O índio tira da mandioca (*Mánihot utilíssima*) seu principal alimento, preparando-o de diversas maneiras, e dela se serve todos os

(43) Em maio de 1954, expondo a um índio Karapanã, residente desde vários anos em Uaracapá (rio Papurí), por nome Vicente, nosso desejo de visitar a região dos Karapanã, nas cabeceiras do rio Aua, espontâneamente como a prevenir-nos o espírito êle nos informa que por lá ainda não usavam roupa alguma. Depois dessa viagem, conversando com uma senhora Tukano, já cristã e que desde 1926 vive com as Irmãs Missionárias, à questão por que os homens usavam o *waxsó-ro* e as mulheres, nada, ouvimo-la responder que as mulheres não precisavam de uma proteção física como os homens.

(44) Gaspar de Carvajal, na relação da viagem de Francisco de Orellana, em 1540 (o. c.) informa-nos do uso do *waxsó-ro* pelas mulheres. Wallace (o. c. 352), em 1849, informa que no Uaupés as mulheres antes nuas, «à entrada dos brancos cobrem-se com uma tanga». O mesmo ainda acontece um século depois.

dias do ano. Há reminiscências de um período muito longínquo (séculos ou milênios ante do período histórico, que é o séc. XVI) em que não conheciam a mandioca, e comiam a castanha dita *boxpé* (informação de Dorotéia Brito).

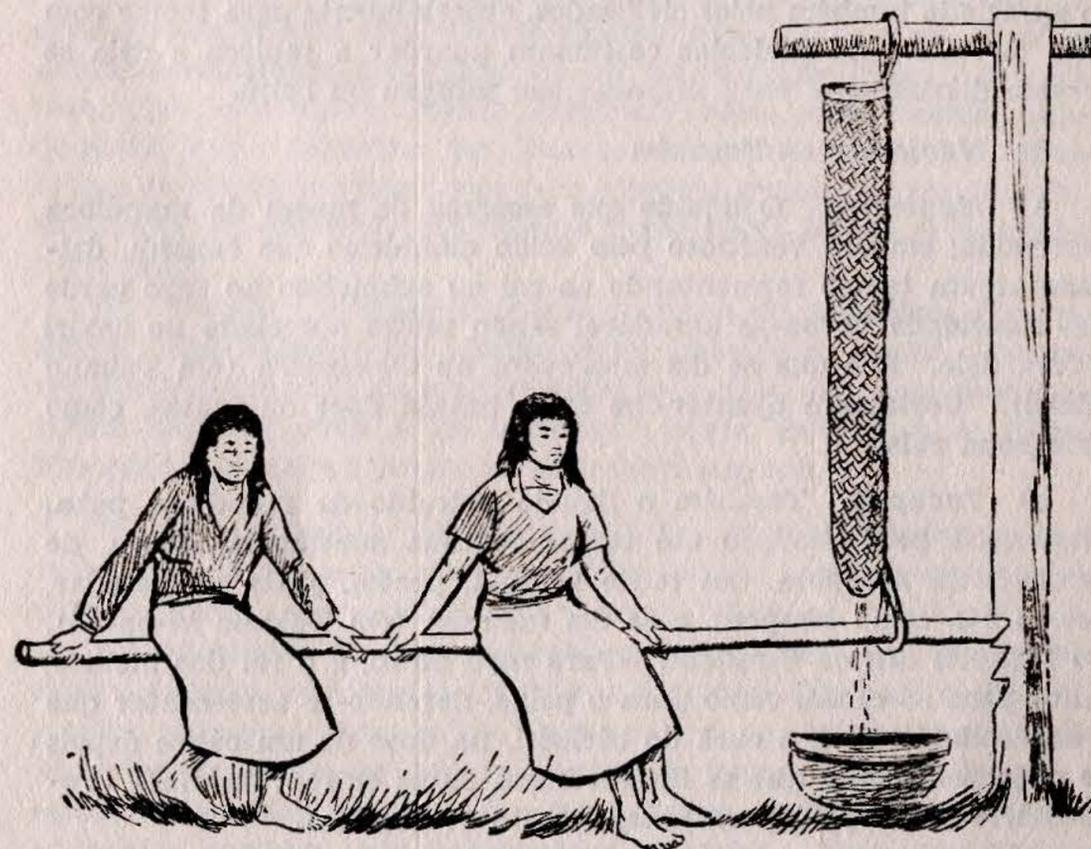
1) *A Farinha.* A farinha, *po'ká*, é alimento indispensável não apenas para os indígenas de todas as tribos do Uaupés, como também para os caboclos do Rio Negro. Sem a farinha não só lhes parece deficiente a mais variada e nutriente refeição, como não suportariam seguidamente nenhum regime alimentar sem a farinha.

Para o fabrico da «farinha água», assim denominada, servem-se da «*mandioca puba*», *ki-bó*. Isto é, são raízes imersas em água (às vezes dentro da canoa, ou em algum paneiro submerso, ou mesmo camotim) por uns seis dias até que apresentam um início de fermentação ou putrefação, com cheiro desagradável. Por simples compressão entre os dedos, solta-se a massa, ficando a casca quase inteira.

A massa, *ki-õ'tá*, depois de espremida à mão em uma peneira de malhas finas, *tõ-pa*, posta sobre um camotim que recolhe o líquido, *yõxká*, é introduzida no *tipiti*. Depois de cheio, suspende-se este pela alça superior a um esteio. Na alça inferior a mulher introduz um pau roliço de uns dois metros, servindo de alavanca, ficando esta imobilizada por uma de suas extremidades contra o esteio, e sobre a outra fará pressão a mulher com os braços ou mesmo sentando-se em cima. Com o peso do próprio corpo e com movimento conveniente faz alongar-se o *tipiti*, o qual assim comprime a massa e obriga a escorrer o líquido, que é cuidadosamente recolhido em uma vasilha.

Há três modos de imobilizar a extremidade da alavanca: 1.º) por meio de um anel de cipó, *õ'tá buhuri-be'tó*, que circunda o esteio; ou 2.º) o esteio é munido de orifícios, *õ'tá buhuri-pé*, e a ponta da alavanca se fixa sucessivamente nos vários orifícios, à medida que se alonga o *tipiti*; ou 3.º) o esteio é cortado como dentes de serra, *õ'tá buhú-yehero*, nos quais se apoia a extremidade mais curta da alavanca. Entre os Arwake dos rios Içana e Aiarí, observamos a preferência por este último processo, e de modo muito prático. A saber, haviam plantado sólidamente no chão uma estaca roliça, de um metro ou pouco mais de altura e seus 10 cm de diâmetro, munida de dentes como uma serra, contra os quais se imobilizava a alavanca do *tipiti*.

Por efeito da compressão a massa sai bastante seca e dura. Passa-se ainda por uma peneira de malhas mais largas, *sõó-a* (Nh. *uru-pema*), a fim de eliminar os fiapos.



Espremendo a massa de mandioca no tipiti

Estando já bem quente o forno, a mulher vai sobre ele esfarinhando a massa com a mão, espalhando-a bem, em pequenas quantidades, e ao mesmo tempo mexendo-a com uma pá de madeira, *po'ká artêri-phî* (Nh. *tarubá*), a fim de ficar bem torrada. Conforme a qualidade da mandioca, a farinha adquirirá cor esbranquiçada (contém sempre *tapióca*, isto é *amido*), ou de um belo amarelo-canário. Do forno passam a farinha para peneiras fundas, *baxti*, a fim de esfriar-se, e mais tarde guardam-na em paneiros para o consumo ou para vender aos civilizados.

2) *Tapioca.* A mandioca fresca descasca-se com os dentes, ou com um terçado (facão) se o possuem, e rala-se servindo-se das duas mãos, num movimento alternado e rápido.

A massa apenas ralada adiciona-se água, a fim de separar o *polvilho* ou *amido*, e deixa-se em repouso em vasos ditos *bixperi-pá*. O polvilho depois de algumas horas deposita-se no fundo. Eliminado o excesso de água, cobre-se às vezes o vaso com um trapo e uma camada de cinza, a fim de clarear melhor o polvilho. Mais tarde leva-se ao forno, e tem-se a *tapioca*, *wextá*, de forma granulada, mui-

to apreciada também pelos civilizados, especialmente para tomar com leite ou café. Os silvícolas costumam guardar a tapioca e dela se servem diariamente para preparar seu mingau ou beijú.

3) *Manicuera* — *Tucupim*

a) *Manicuera*. O líquido que escorreu da massa da mandioca espremida, embora venenoso pelo ácido cianídrico que contém, deixado algum tempo fermentando ao sol ou submetido ao fogo perde sua toxicidade, torna-se agradável sendo muito apreciado no caxiri e fora dêle. É o que se diz *manicuera* ou *manipuera* (em Tukano *yōxká*). Costumam juntar-lhe cará, batata doce ou frutas, como uma sopa rala.

b) *Tucupim*. Também o líquido extraído da mandioca puba, evapora-se pela ebulição até tornar-se uma substância escura, de consistência xaroposa, um tanto acidula, porém, grata ao paladar, que se usa como tempêro, e se diz *tucupim* (em Tukano *ki-bo-kó*). Do *tucupim* afirma Stradelli: «Para meu gôsto, é o rei dos molhos, tanto para as caças, como para o peixe, devendo-se acrescentar que é aconselhado para a cura do béríbéri, na dose de um cálice depois de cada refeição, e que se lhe atribuem curas extraordinárias» (Vocabulário Nheengatú-português, verbete «*tucupim*»).

4) *Beijú e alimentos semelhantes*

a) O *beijú*, dito também *meiú* ou *caçábe* (em Tukano *ahū-ga* ou *ahū-a*), é um bolo feito de massa da mandioca fresca, depois da compressão no tipití. Vai a mulher espalhando a massa aos poucos, sôbre o forno bem quente, comprimindo com as mãos e alisando com uma pequena espátula, até tomar a espessura de uns 3 cm. Quando já está bem cozida a parte de baixo, vira-o para cima, servindo-se de um abano (*wē'ri-rō*).

b) Prepara-se também, embora seja menos apreciado, o beijú de mandioca puba, e denomina-se em Tukano *karibé-hūa*.

c) Semelhante ao beijú é o *curadá* (em Tukano *sirákaro* ou *sídákaro*), porém mais espesso e mais rico de polvilho. É o alimento obrigatório no rito da iniciação das donzelas.

d) *Ō'tá-pekaró* denomina-se o beijú fresco quebradiço, que se obtém da mandioca colhida, ralada e trabalhada no mesmo dia, no intervalo de poucas horas.

e) *Súkaro* é o nome de uma variedade de beijú de mandioca com tapioca.

5) *Mingau*. Obtém-se, geralmente, da tapioca, cozendo-a em água até tomar uma consistência gomosa, como grude mole. Quando podem acrescentam-lhe açúcar ou sal, ou caldo de frutas. É o alimento que, por via de regra, costumam tomar cada manhã, antes de partir para o trabalho. Em Tukano se denomina *yumū-ku*. Note-se que no Tiquié se chama *yumū-ko* a bebida preparada com bacaba; no Uaupés se pronuncia *ñâmã-ko* o nome desta bebida, e *yumū-ku*, o mingau).

6) *Arumbé*. Pode-se preparar a massa da mandioca com pimenta. Denomina-se em Língua Geral, *arumbé* ou *arubé*. Parece-nos que tal alimento, do qual raramente se fala, não seja primitivo, porém herdado, como o foi também o nome, das tribos de língua Nheengatú, ou talvez mesmo do caboclo rionegrino.

7) *Chibé*. Com a farinha dagua rica de tapioca prepara-se o *chibé* em tukano (*po'ká pōóke*). Basta tomar certa quantidade de farinha numa cuia e adicionar-lhe água. Tomam, por exemplo, a água diretamente do rio, enquanto navegam, com um movimento rápido da mão, sem que se entorne a farinha. Esperam alguns segundos, para que subam os fios da mandioca, que existem na farinha (às vêzes facilitam-no, movimentando a massa com os dedos), e escoam fora a água de cima, com êsses fiapos. Após alguns instantes a farinha «cresce», por impregnar-se de água. Está preparado o *chibé*. Essa água amidososa, de sabor acidulo, é naturalmente refrescante. O *chibé* serve de merenda para o índio. Com uma cuia de *chibé*, rema horas a fio. É o alimento regular, ou mesmo único nas viagens, e também sua sobremesa após as refeições.

b) *Milho*

O milho, *ohó-ka* (não sabemos se o índio descobre especial relação entre o pé de milho, *ohó-ka*, e a bananeira, *ohó*; ou se se trata de mera casualidade a semelhança dos termos) não só é de introdução tardia, como, outrossim, de uso muito restrito. Não há propriamente roça de milho, entre as tribos do Uaupés, senão apenas algumas plantas isoladas, quando as há. Um grupo da tribo *Karapanã*, residente entre os rios Papuri e Tiquié, nas cabeceiras do ribeirão do Umari, cultivava em maior abundância o milho, o qual, no entanto, é quase totalmente vendido à Missão Salesiana. Trata-se de uma variedade de grão mole e branco.

Em pequena quantidade, o milho mascado serve, em alguns casos, para facilitar a fermentação das bebidas.

Entra também na preparação de bolos, pelo seguinte processo: depois de pilado o milho, passa-se a farinha pela peneira, e umedece-se com água morna. Com esta massa preparam-se bolos que se

põem a assar sobre as brasas, envolvidas em fôlha de bananeira. Se a mulher «tem boa mão», dizem, sai um bolo adocicado e agradável. É, porém, alimento de pequeno consumo e recebido dos civilizados, como dêstes receberam o uso do milho cozido e assado, aliás muito limitadamente.

c) *Peixes e iguarias de peixes:*

1) *Peixe*. Os peixes, em Tukano *wai*, constituem também uma alimentação habitual para os indígenas que habitam as margens do Uaupés e principais afluentes, suficientemente piscosos para os pequenos grupos de população atuais. Comem o peixe quase sempre *moqueado*, *wai sũókõ* (Uaupés *wai sõxsókõ*), isto é, assado e enfumado a fogo lento, tendo-lhe tirado apenas as vísceras, ou mesmo com elas, se os peixes são pequenos. O fogo é pôsto a 80 ou 100 cm abaixo de uma grelha de madeira, o *moquém* (cfr. VI, 2, f (1)).

O *peixe moqueado* conserva-se muito tempo, pois realiza-se uma desidratação bastante perfeita. E assim, durante semanas, quando a pesca foi abundante, guardam-no em casa ou consomem nas viagens.

2) *Farinha de peixe*. Ao peixe moqueado e ressequido tiram a espinha, pisam-no ao pilão, levam-no ao forno, esfarinhando-o com a mão até ficar completamente enxuto, e está preparada a *farinha de peixe*, *wai póká* (de *wai* peixe, e *po'ká*, farinha; em Nheengatú, *pirá-cuí* de *pirá*, peixe, e *cuí*, farinha) de que se servem quando não há peixe fresco (45).

3) *Quinhapira e maniçoba*. Preparam, outrossim, o peixe fresco cozendo-o em água com muita pimenta, e também com sal, se o têm.

Mais raramente o cozinham com folhas tenras de mandioca; tal iguaria denomina-se *maniçoba* (do Nheengatú *manib*, mandioca, e *çob*, fôlha), e em Tukano *dõxkõ pũ* (Uaupés, *dõxkõ pũni*; de *dõxkõ*, maniva, e *pũni*, fôlhas).

A água apimentada (com ou sem sal) em que se ferveu o peixe ou o *piracuí* é que se chama *byá-tõ* (literalmente, panela de pimenta) e, em Língua Geral, *quinhapira* (de *quinha*, pimenta, e *pirá*,

(45) A propósito desta farinha de peixe, informa-nos o Gen. Couto de Magalhães: "remetida para uma das exposições de Londres, mereceu as honras de ser classificada como a mais perfeita das conservas de peixe". ("Ensaio de Anthropologia — Região e Raça Selvagens, pág. 398: Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, vol. 36 — Rio de Janeiro, 1873).

peixe); e na qual se umedecem os pedaços de beijú antes de serem levados à bôca.

4) *Os peixes*. São muitas as espécies de peixe (46) existentes nos rios dessa zona noroeste do Amazonas, e de quase tôdas se servem os indígenas (47).

Citamos algumas das principais e mais comuns espécies:

a'mã, jandiá ou bagre (*Rhamdia* de várias espécies)

á'ña, arraia (peixe plagióstomo)

bixpári ou *wai-dõxpari*, arari

bo'téa, aracú (*Leporinus mülleri*, Gunther).

bõ'õ, piranha (várias espécies de serrasalmos)

bu'ú, tucunaré (*Cichla ocelláris*, Schneider)

büxkõá-siró, ituim (*Sternópygus carápus*, e várias espécies de gimnotídeos).

büxpó, acará (*Geophagus brasiliensis* e várias outras espécies de ciclídeos)

büxpõ wai, peixe aranha (peixe traquinídeo)

doé, traíra (*Erythrinus taraira*, Lin.)

ixkyã, mandí (várias espécies de silúridas)

mã'hõã, jacundá (*Crenicichla sexatillis*, Lin.)

mix'pi-pũri-wi, piraira

mõõ, piraíba (*Blanchyplatystoma filamentosum*)

õxtã-bwi, uatucupá

sã-ã, puraquê (*Gimnótus eléctricus*, Lin.)

sẽã, pirá mirim (*Brycon striatus*)

uhú, pacú (*Dóras dorsális*, Cuv., e várias espécies de prochilodus)

yaká, acari, cascudo (peixe loricarída dos alagadiços)

yox'sõ-wi, pirá-pucú (*Xiphostoma Cuvieri*, Spix.)

(46) Calculam-se em cerca de 3.700 as espécies de peixes brasileiros, sendo aproximadamente 1.700 dessas espécies peixes de água doce. (J. H. Leoni — Peixes Brasileiros — Edit. Anchieta, 1946).

(47) Um índio Tukano, por nome João, velho pescador de S. Francisco (rio Tiquié) afirmou-nos em 1955: "comemos de todos os peixes, exceto o *pira-boto*". *Boto* ou *pirá-boto*, dito também *pirá-yauára* (i. é, peixe cachorro, e em Tukano, *orkó puxtistéro*, soprador de água?), é um mamífero cetáceo do qual citam quatro espécies na região amazônica: o branco, conhecido por *uiára* (*Inia Geoffroyensis*, Blaw.); o preto ou *pixúna* (*Inia Amazonica*); o vermelho ou *piranga* (*Delphinus fluviatilis*, Gervais) e o cinzento ou *tucuzi*, (*Stena tucuzi*). O *Boto* é, outrossim, um peixe que figura nas lendas, bem como a *pirarara* (em Tukano *mahã-wi*, que quer dizer precisamente *peixe arara*, pelas suas belas côres). Nota-se alguma prevenção contra "os peixes de pele", como sendo causadores de dermatoses.

wai-wexkô, peixe boi (*Manátus americanus*, mamífero do baixo Rio Negro).

waxpé, aracapuri (peixe do gên. *erythrinus*)

d) *Carnes e animais comestíveis*. A caçada para o índio, qual o encontramos na fase atual, é apenas um esporte. Se excetuarmos os «porcos do mato» (dos gêneros *dicótilis* e *tayassú*), que às vezes aparecem em varas, em determinados lugares (48), quando o rio vasa e o javarizeiro amadurece seu coco, as caças são raras. Servem, portanto, apenas para variar de vez em quando o «menu». Tanto mais que o índio repartirá sempre o fruto da sua caçada com os que moram na mesma maloca, e comumente o fará para os que residem nas casas vizinhas à sua (se o não vende ao civilizado).

Preparam a caça «moqueando-a», como ao peixe. E parece que jamais comem carne crua; dizem mesmo que quem come carne crua é só o Wāx-ti. Como também comem carne de cobra. Os principais animais que lhes servem de alimento são (49):

macacos de várias espécies (*axké*, *emôá*, guariba, *sêi*, aimoré, *waú*, uáia-piçá

boxsó, cutivaia, preá (*cávia aperea*, *leupyga*, *fulgida*, etc.)

bu, cutia (*dasyprocta águti*)

byí portá, um rato de pêlo comprido

dyayô, lontra (*lutra brasiliensis*, *paraensis*)

dyá wexkô, capivara (*hydrochoérus capibara*)

míxpi, coatí (duas de *násua*, mamífero procionídeo)

ñamá, veado (*cervus campestris*)

pamô, tatú (*xenartros dasipódidas*; de várias espécies: *pamô soá*, *pamô uhö*, etc.

Semé, paca (*caelógenis paca*)

u, tartaruga (várias espécies de quelônios)

úhuri, jabutí (*testudo tabulata*)

(48) Como a piracema se manifesta, de regra, nos mesmos lugares, assim também os porcos do mato têm seu carreiro habitual e costumam atravessar os rios em determinados pontos, onde os surpreende o caçador.

(49) Os cachorros são geralmente magros e muitas vezes, também, doentes; por isso e pelos serviços que lhes prestam não os comem. Há indícios que em Parí-cachoeira (rio Tiquié) os indígenas comeram um cachorro gordo morto a tiro. O caboclo do Rio Negro é incapaz de matar um cachorro, embora doente. Receia que esse «pecado» (assim pensam e dizem) lhes atrairia o castigo de S. Lázaro, que retêm como protetor dos cachorros, e que os puniria, provavelmente, com a lepra.

wexkô, anta (*tapirus americanus*, Briss.) (50)

yaxsó, lagartos (diversas espécies de lacertílios)

yexsé, porco do mato (caitetú, *dicótylis torquátus*, e queixada, *dicótylis labiátus*)

Dentre as aves mais frequentemente se alimentam de:

ahã, inambú (gêneros *crypturéllus* e *tinamus*, de várias espécies: *dyayró*, *puxtwa*, etc.)

daxsé, tucano (várias espécies de *ramphástus*)

dyá kartá, pato-dagua (várias espécies)

kartá kasörö, jacú (cracídeo penélope)

kortóá, coró-coró (*phimósus infuscátus*, dos ibidídeos)

tã-tã, jacamim (*psóphia crépitans*, Lin.)

wá'röpí, mutum (vários galináceos do gen. *crax*)

kartá, cujubim (*pípíle cuyubí*)

Não se alimentam de *galinha*, nem de ovos, nem de *porco*, embora os criem e vendam aos civilizados (e comem algum pedaço que estes lhes derem). É notável a habilidade do índio em criar algumas aves como jacú, jacamim, mutum, papagaio, araras e outras que se tornam incrivelmente mansos. Fazem-no, porém, por simples divertimento, sem lhes aproveitar a carne (51). A mulher indígena masca o alimento para os filhotes dessas aves, que algumas vezes se vêem tirando o alimento dos lábios mesmos da mulher.

e) *Tubérculos e verduras*.

Comem cozidos ou assados os tubérculos da batata, *yaxpi* (*hipomaéa batátas*, Lam.), do cará, *ñômô* (*dioscórea alata*, Lin.) que foram introduzidos no sec. passado, e vários tubérculos da região,

(50) Quando matam alguma anta, cortam-lhe imediatamente a língua, para que não o conte às outras.

(51) Informa Wallace ("Viagens ao Amazonas e Rio Negro", ed. 1939, pág. 202) que alguns índios criavam araras pela sua plumagem. No local da pena extraída injetavam a secreção leitosa do sapo, e a nova pena nascia de côr amarela ou alaranjada. Outros criavam gaviões reais, *uira-uacú* (*Thrasaétus harpya* Lin.), alimentando-os com duas galinhas por dia, para aproveitar-lhes as penas e por essa razão lhes ficavam caros os seus adornos. Não nos consta que ainda hoje submetam a arara a êsse tratamento. Aliás as araras domesticadas quase que se encontram só nas malocas mais afastadas. Quanto ao *gavião real* e ao *galo da serra* (*rupícola élegans*) hoje em dia só os apanham quando há esperança de vendê-los aos civilizados. Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 50) informa também que os Káwa-tapúya obtinham a côr alaranjada das penas injetando gordura de pirara ou a secreção de um sapo.

como *duxtú*, *karpó* e outros. Não conhecem a batata inglesa (*solanum tuberosum*, Lin).

Quanto às verduras, recusam-nas, quando se lhes oferecem, dizendo que não são vacas (propriamente, anta, *wexkō*).

Nos molhos de peixe, além da pimenta, às vezes põem folhas tenras de mandioca (vd. acima, *maniçóba*). Algumas vezes, também, deixam envelhecer as folhas da mandioca três ou quatro dias, até adquirir a cor escura; machucam-nas, então, fervem-nas e bebem o caldo. É o que se denomina *ki-pū*.

Serviam-se outrora das cinzas do carurú-da-pedra (*mourera fluvialtilis*) que nasce espontaneamente nas pedras de algumas cachoeiras, em substituição do sal, para salgar-lhes a comida (52). Conforme a descrição do Cônego André Fernandes de Souza (fim do sec. 18) o processo se assemelhava ao do preparo da lixívia para o fabrico do «sabão de cinza». A saber: a planta era reduzida a cinzas que se deixavam em infusão em água, a fim de que se dissolvesse o sal, e este, ao depois, pela evaporação se depositava sob forma de cristal esbranquiçado» (pag. 467 das «Notícias Geographicas» ap. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, vol. 10 — Rio de Janeiro, 1870).

f) Insetos

1) Termitas e formigas

a) *Mexkā* (em Nheengatú *maninuara*, *manivara*) é a rainha de uma espécie de cupim amarelo, que sai em abundância dos buracos da terra logo após a chuva. Comem-nas vivas ou assadas. É o alimento obrigatório dos moços e môças no rito pubertário.

b) Nos tempos de escassez, as mulheres sondam o terreno, com varas, nos lugares onde sabem provavelmente existirá um tipo de manivara sem asas, dito *exkó*. Elas saem numerosíssimas e são comidas vivas, ou depois de assadas em pequenos amarrados de folhas de sororoca.

(52) Esta planta fornece excelente salada, já salgada por sua natureza. Porém o índio "não é vaca" para comer verdura. Wallace informa (*Travels*, 340) que dos frutos das palmeiras *inajá* e *jará* (*leopoldinia maior* e *pulchra*, Mart.) preparavam uma farinha de sabor salino. Não nos consta, porém, que atualmente o façam, em razão da facilidade de obter o sal. Os índios que trabalham nas Missões compram sacas inteiras de sal e, ao depois, o vendem, até com exagerada usura, aos das malocas mais afastadas, mesmo em território colombiano.

c) Comem igualmente a tanajura, *dyārā* (Uaupés *dyānā*) e diferentes espécies de formigas *yamī-ka* (formiga-da-noite, porque sai à noite ou de madrugada), *dexpótyāra* (uarabá), *duhúsā* (que saem pela tarde), etc., ao emigrarem dos formigueiros. Quando observam os olheiros limpos e grande movimento de formigas, preparam um jirau à altura de meio metro acima do formigueiro. Pode-se ver uma família inteira postada sobre este jirau, e as tanajuras à medida que emergem da terra, são comidas cruas, muitas vezes também com acompanhamento de beijú ou farinha. Quando é muito abundante a saída, as tanajuras são recolhidas em cestos especiais, nos quais são, em seguida, torradas.

d) Igualmente comem, vivas ou assadas, as *saúvas*, *byā-pōrá* (ou *pōnā*; quer dizer filhos ou crias, *pōrá*, da pimenta, *byá*, pelo seu sabor picante), e ao cupim, *buxtwa*.

2) Larvas.

a) Em certas épocas do ano aparecem numerosíssimas larvas escuras de uns 3 ou 4 cm de comprimento, sobre as plantas do jupará, *ba'ti* (*erisma japurá*, Spr.) e do cunurí, *waxpō* (*cunúria spruceana*, Baill.), devorando-lhes totalmente as folhas. Apenas o percebem, os índios abatem as plantas em redor, para que a larva não passe para outras árvores, e ficam assim obrigadas a descer pelo tronco, em procura de alimento. Na parte inferior do tronco fazem um anel com a folha da pocova sororoca (*ohó pūri*), que é muito lisa. As lagartas ao chegarem aí, escorregam e caem no chão, sendo recolhidas com paus ou fios em peneiras e depois torradas lentamente sobre uma esteira a certa distância do fogo. É tão grande a quantidade, que podem encher cestos, que são conservados no fumeiro para ir consumindo aos poucos.

Mesmo quando o descobrem só na fase de crisálida, cortam os galhos carregadas de casulos, como uma grande espiga de milho, e os torram; sendo assim mais fácil de abrir os casulos, como se fôra uma casca de amendoim torrado. A crisálida constitui uma iguaria muito apreciada, e serve, outrossim, como isca para o anzol. Estas larvas denominam-se em tukano *bá-ti-ya* (piolho? do japurá) e *waxpō-ya* (piolho do cunurí).

b) *Mē'rē-pāma* é o nome Tukano de uma larva amarelo-esverdeada, semelhante ao bicho-da-seda, e que se nutre das folhas do ingazeiro (*ingá edulis* mimosácea), e que muito apreciam, viva ou torrada.

c) Além das indicadas, há várias outras larvas procuradas como alimento, como as denominadas *mē'rē-ka-pectorōá*, igualmente do ingazeiro; *nixtýá*, também do cunurí; *nextoá*, que vive na árvore homônima; *suxpi-sō*, que se nutre das folhas da acuaricuara (de sementes vermelhas miúdas); *pixkōrōá*, da pupunheira; *sitá*, da árvore dita *uxpísikarã*.

3) *Caba* (vespas). A palavra Tukano *uxtyá*, como também a de origem Nheengatú *caba*, indica várias espécies de vespas ou marimbondos (*parachartécus apículis* e outros da família dos vespídeos e pompilídeos). Comem-lhe as larvas com farinha (53).

4) Coleópteros e outros alimentos animais

a) Alimentam-se ainda de certas espécies de gafanhotos e de besouros, vivos ou torrados. Anos há em que uns besouros ditos *úkasya* (Nheengatú *moxiua*) aparecem em tal abundância que conseguem encher muitos cestos e até mesmo grandes canoas.

b) Atravessando a mata, muitas vezes se encontram áreas como se fôssem revolvidas por suínos. É que por ali passaram os Makú com um pedaço de pau, ou com a mão, à procura de vermes para comerem.

c) Apreciam sobremaneira certas espécies de pequenas rãs arborícolas, denominadas *omã*. Sem limpá-las sequer, moqueam-nas ou cozinham-nas com pimenta. Igualmente saboreiam muito uma rã grande terrestre, chamada *tōhōá*.

d) Agrada-lhes grandemente um caranguejo, *sã'ã*, dos igapós ou alagados. O Missionário sr. Manoel Valério observou um particular interessante desse caranguejo, a saber: ele faz seu ninho à margem dos igapós, porém a tal altura que os paixes não venham comer os seus ovos. E assim, pela altura dos ninhos poder-se-ia prever, ano por ano, a alta das águas na enchente.

Quiçá à riqueza de Vitaminas A, hauridas da ingestão de tão variados insetos e larvas, o índio é devedor da admirável visibilidade noturna de que desfruta.

(53) Curioso o processo que empregam. Quando descobrem uma caixa de caba, esfregam a mão na axila e aproximam-na da caixa. Ao cheiro os marimbondos fogem, apoderam-se, então, da caixa com as larvas, e o próprio vespeiro lhes serve de prato, onde põem farinha que comem com as larvas. (Informação do Missionário agrônomo Teotônio Ferreira).

g) Frutas.

Se a alimentação indígena carece de verduras e legumes, são muitas as frutas que consomem.

1) Dentre as fruteiras cultivadas, em primeiro lugar vem cinco ou seis variedades de banana, *ohó*; e comem-nas cruas, assadas ou cozidas e reduzidas a mingau. Até mesmo ainda verdes, comem-nas assadas na cinza.

Apreciam ainda o abacaxi, *sē'rá* (Uaupés *sē'ná*), biribá, *pixká*, cajú, *sō'rá* (U. *sō'ná*), e, mais recentemente, a laranja, *darãñõ*, abacate, *ñômõ*, abio, *kã'rē*.

2) As frutas silvestres que conhecem e comem são numerosíssimas. Lembraremos algumas: *õ'sé*, cucura ou mapatí (*pouróuma cecropiaefóliae*, Mart.), uma morácea muito parecida com a embaúba, produzindo grandes cachos de frutos do tamanho de uma jabuticaba, os quais, quando maduros, são escuros, doces e mucilaginosos, e fermentados dão uma bebida vinhosa; *mē'rē* (U. *mē'nē*), *wirí-mē'rē*, várias espécies de ingá (*ingá cinamómea*, *margináta*, *édulis*, etc. mimosáceas); *burukũña*, maracujá; *õxtã-ñimí*, cumã (fruto da sorveira); *pãgá*, outra espécie de cucura; *kenõ*, jatobá; *simiõ*, uacú; *teheõ* e *ehyú-pu*, variedades de pequiá; *thoá*, yúa-pixuna; *wamã*, umari; *wihí*, paricá; *extoá*, cubio; *wextí*, umirí; *wikasoró*, pequena fruta branca; *tohoá-kaxperí*, *omã-karperí* e *ñerē*, semelhantes ao cumã.

3) E muitas espécies de cocos, mais ou menos oleosos: *ixki*, inajá; *puxpyá*, ucuquí; *míx'pi*, açai; *ã'rē*, pupunha de que são gulosos; *bextá*, tucumã, que muito apreciam, *ñãmã* (U. *ñumũ*), bacaba e patauí; etc.

Açai, patauí e bacaba são cocos pequenos, em cachos. Postos em água quente, desprende-se a polpa que o envolve. Esta, depois de amassada e peneirada, espalha-se no chibé ou no mingau, tornando-o mais nutriente e saboroso.

4) Deixam também em água o umari (*paroquéiba paraénsis*, Ducke), depois de lhe chupar a casca amarela adocicada, a fim de que o caroço perca o suco amargo que possui. Costumam misturar ainda sua massa amarela ao mingau.

5) A pupunheira é uma palmeira ornamental, erecta, de belas palmas, que plantam em todos os seus povoados. Duas vezes por ano produz cachos de pequenos cocos vermelhos ou alaranjados, com uma polpa farinhosa e enxuta. Comem-nos cozidos em água.

Apreciam-no tanto que, nessa época, chegam a abster-se de outros alimentos. Sua polpa diluída em água e deixada a fermentar em camotins durante 24 horas, transforma-se numa bebida muito saborosa, o caxiri de pupunha, *â'rê-kó*.

Quando há muita fartura dêsse côco, preparam grande quantidade de massa, e para conservá-la durante o ano sem se estragar, cavam um buraco nas proximidades da casa, forram-no bem com fôlhas de bananeira, e aí introduzem a massa, premendo-a bem, a fim de expulsar todo o ar, depois recobrem com fôlhas de bananeira e uma camada de terra de um palmo ou mais de espessura. Essa massa servirá para ir preparando o caxiri durante meses.

6) Dentre os mais procurados frutos da mata figura o *japurá*, uma dicotiledônea, como amêndoa, dentro de um invólucro mole. Submetem-no à fervura, a fim de eliminar-lhe a pele fina e amarga que a envolve, e depois esmagam-no, resultando uma massa escura, de um picante que lembra o queijo gorgonzola (54). Comem-na com beijú ou como tempêro do peixe. Quando o fabricam em grande quantidade, conservam-no em buracos na terra, como a massa da pupunha.

Note-se que a mulher não deve ir à sentina, nem mesmo beber água, enquanto prepara o *japurá*. Diversamente a massa ficaria tôda estragada, dizem.

g) O *cunuri*, *waxpô*, também é consumido assado ou cozido. Porém depois de cozido deve ser deixado imerso em água corrente a fim de perder o sabor amargo.

h) Bebidas

Com um têrmo tomado da Língua Geral denomina-se *caxiri*, em Tukano *pêru*, as várias bebidas que o índio fabrica. O têrmo *caxiri*, ou *pêru baxsasé*, designa também as suas festas, que se fazem sempre com bebedeiras. Nem sem estas se concebem aquelas.

O *caxiri* assemelha-se a uma cerveja ou vinho de fruta, pelo paladar (55); tão grosso, porém, que mais parece um mingau ou

(54) Disso já informava o Pe. José Monteiro de Noronha em 1759, no seu "Roteiro de Viagem", pág. 114: "O nome de Japurá lhe impoerão os Índios (a um rio) por ser mui usal entre o gentio dele huma massa branda negra e de ingratiſſimo cheiro feita de certas frutas chamadas Yapurá (assim pronunciado entre os indios o nome do rio) depois de corruptas, a qual come com o seu pão ou beijú, e com tudo o que lhes parece".

(55) "Das palmeiras fazem os indios vinho regalado", traz o Pe. Alonso de Rojas, na sua relação da viagem de 1637 (em "Descobrimientos do Rio das Amazonas, pág. 118).

papa rala, alongada. São bebidas fermentadas, e em muitos casos dá-se, outrossim, fermentação alcoólica. O paladar é agradável, especialmente quando se lhes acrescenta caldo de cana. Torna-se, então, mais doce, porém com maior teor de álcool e mais inebriante.

Preparam-nas de manicuera, *yôxhá*, de beijú, *ahū-ga*, de cará, *ñômô*, e de várias espécies de frutas. O beijú para o caxiri deve ser bem torrado, diz-se precisamente *pêru-ahūā*; sendo depois esmigalhado e misturado à água que se deixa fermentar durante dois dias.

Os principais tipos de bebidas são:

1.º — *Ya'rakê*. Espera-se que o beijú fique meio mofado, adiciona-se depois a mandioca ralada sem descascar, e abundante caldo de cana quente. Para ativar a fermentação o grande vaso, dito *baxpá*, que contém essa mistura, ficará sôbre a cinza quente. Ao cabo de uma semana, mais ou menos, acha-se pronto para o consumo.

2.º — *Tu-sa'békê*. É preparado também com beijú desmanchado na manicuera, e depois adiciona-se caldo de cana. A fermentação é mais rápida, em lugar fresco, recobrindo-se com fôlha de bananeira o coxo que a contém. Ao cabo de três dias pode ser bebido. Quando resulta mais forte e estonteante, crêem que isto se dá porque *Wâx-ti* tomou banho dentro do coxo de bebida, quando ainda recoberto de fôlhas de bananeira (56).

3.º — *Doxké dôxpoasé*. Mais apreciado, e dando oportunidades para as suas maiores festas e danças, é o «caxiri de pupunha», *doxké dôxpoasé*, para o qual todos trabalham. Cabe ao homem a coleta das frutas na mata. As mulheres cozinham-no em grandes panelas, adicionando-se à água fôlhas de pupunheira, para facilitar o cozimento, assim no-lo explicaram. As môças solteiras é que ralam a fruta cozida, ou socam-na, quando apenas amassada. Um ralo cômodo, embora de pouca duração, é o que se diz *waxtá-ñô-saró*, isto é, uma raiz adventícia e aérea, munida de pequenas, porém, numerosas e resistentes saliências, que emite a palmeira *paxiúba*. As índias mais idosas trazem o milho, mastigam-no e acrescentam-

(56) Patrícia Vasconcelos narrou-nos que, certa ocasião em S. Luzia (rio Papuri) achava-se um velho muito fraco deitado na sua rede próxima do cocho de *tu sabékê*. Pôde, da sua rede, ouvir o barulho de *Wâx-ti* que rasgava a folha de bananeira e banhava-se no líquido, e dêle bebia. Chamou, então, seu neto e disse-lhe: — "meu neto, joga essa bebida fora; eu ouvi *Wâx-ti* tomar banho dentro dela".

no à massa, que se dilui em água e deixa-se a fermentar durante três dias com caldo de cana.

Esses três tipos de bebidas são os mais fortes que, originariamente, sabiam preparar. Afirmam que, se os fabricantes têm «mão boa», ficam muito fortes os caxiris. Julgam, outrossim, que os «sopros» dos *Komū* (VII — 2, e (3) emprestarão ainda maior força inebriante à bebida.

4.º — *Pêru kartisé*. É o caxiri habitual, porque se prepara de um dia para o outro, apenas com a manicuera fresca, sem cana. Consome-se num espaço de 24 horas, de meio-dia a meio-dia. Se este caxiri foi feito em pequena quantidade (informou um indígena Taryãna, e o pudemos verificar também entre os Bará do Tiquié), de sorte que até a meia-noite já está tudo terminado, então, talvez fiquem sentados, conversando e soando as flautas-de-pã, porém não dançam. Note-se que fora das danças executam suas músicas sentados, e declararam que o fazem sempre assim, sem contudo indicar a razão desse costume.

5.º — *Duxtú-kó*. É o caxiri que se prepara com a batata *duxtú* (semelhante à batata japonesa). Soca-se a batata já cozida e mistura-se com a mandioca e deixa-se fermentar com suficiente quantidade de água.

6.º — *Nomō-kó*. Prepara-se fazendo-se cozinhar o cará, *ñômō*, o qual depois é insalivado e esmagado ao pilão. Mistura-se, por fim, ao beijú ou à manicuera e deixa-se fermentar.

7.º — *Sibeókê*. É verdadeira aguardente. Obtém-se destilando ao fogo o caldo de cana (*ã'rã-kó* Uapés *a'nã-kó*). O seu uso é mais raro, sendo geralmente reduzido o plantio da cana, *ã'rã*. Parece que às vezes destilam também os caxiris.



alambique (sibeóri-pá)

Sabemos que, embora mais reduzidamente, também no Uapés se prepara *sibeókê*. Em Ambaíba (rio Içana) vimos um desses

alambiques *sibeóri-pá* (*Nheengatú mutiquerepáua*). Constava de um grande *camotim*, com capacidade de uma centena de litros, terminando em bôca mais-estreita, que se fechava por um tampão de madeira ao qual estava adaptada uma *taquara* que conduzia a aguardente para outro *camotim* menor. Os orifícios eram obturados com argila. Não consta ter havido alambiques nem destilação de cachaça nessa região noroeste do Amazonas, e atentando que os indígenas não se preocupam com o problema do resfriamento da destilação, alguns são levados a supor que se trata de uma invenção indígena. Pode, no entanto, ser uma imitação imperfeita dos alambiques que já no séc. 18 havia no baixo Rio Negro.

i) *Excitantes e entorpecentes*

1) *Tabaco*. É pequeno e raro, atualmente, o plantio do tabaco *mō'rō* (Uapés *mō'nō*) (*nicotiana tabácum*), e quase que só se vê nos povoados e malocas de pouca ou nenhuma relação com os civilizados. Preparam-no do modo seguinte: os homens colhem as folhas com o talo, reduzem tudo a pedacinhos e põem-nos ao fogo dentro de uma panela bem quente, movendo o conteúdo até tornar-se uma massa escura. Comprime-se depois a massa em pequenas formas arredondadas. Sob a ação do sol e da fumaça endurecem esses pães de tabaco *mō'rō be'tó* (Nh. *mboti*). Quando querem preparar o cigarro tradicional das festas, esmigalham o tabaco e o enrolam em lâminas finas de tauari (vd. VI — 2, f (5) ou de bananeira, resultando o grande cigarro, *utikaro*, de 15 a 20 cm de comprimento.

O índio gosta muito de fumar. O fumo, porém, que hoje em dia consome (nos três rios cuja área estudamos), é todo obtido dos civilizados. Costuma este obsequiar os adultos, homens e mulheres, com alguns cigarros, ou pedaço de fumo em rôlo ou em vara, a título de amizade. O fumo em rôlo é um produto que sempre tem procura da parte dos indígenas, como pagamento pelos seus trabalhos.

Mais rara é a aspiração do tabaco em pó, pelas narinas. Servem-se, então, de dois pequenos tubos de taquara ou osso, ligados entre si em ângulo de 45º por fio e breu. Introduzindo o pó num dos tubos, o índio aplica a extremidade a uma das narinas e a outra extremidade na bôca, e com um sôpro obriga o pó a subir pela narícula.

2) *Pimenta*. O indígena consome a pimenta, *byá*, em grandes doses, quase sempre como tempêro da quinhapira.

Ordinariamente já tem preparado o seu tempêro, dito *byá-uhá-pyosé* (isto é, pimenta em infusão em água), para aplicar ao peixe.

É freqüente hoje que o índio, em viagens ou mesmo em casa, tenha uma garrafa com pimentas inteiras ou pulverizadas.

Em alguns casos trituram e mastigam a pimenta pura: a malagueta (*capsicum frutescens*, Willd, das solanáceas), e muitas outras, como as denominadas *koró-byá*, *awí-byá*, *orkó-byá*, etc.

É admirável como até crianças, de dois anos ou talvez menos idade, tomam o beijú molhado na quinhapira sem mostrar sentir o ardor da pimenta, que é excessivo para o nosso paladar.

Serve-lhe a pimenta de estimulante do apetite, em falta de sal ou outros temperos.

3) *Kaxpi* (Nheengatú: *Caápi*) (57)

A origem e uso do *Kaxpi* perde-se na lenda (cfr. «Lendas do Uaupés» do Autor). Em uma festa que se realizou entre os Wanána de Carurú-cachoeira (rio Uaupés), com a participação dos Kubêwāna e Huhudēne (de Uaupuim-cachoeira, rio Aiari, afl. do Içana) e de elementos de várias outras tribos, nos dias 24 e 25 de abril de 1955, um pajé Tukano, por nome Henrique, do Japú-igarapé (afl. do Uaupés), levou, com muito cuidado, um par de instrumentos denominados *eheōnō* (isto é, catarro, gripe), muito antigos e religiosamente conservados por ele como feliz herdeiro de seus antepassados. Assemelhavam-se a uma pequena corneta de madeira, reforçada com fio de tucum enrolado, e medindo seus 25 cm. Fazia-se soar soprando com força pelo orifício superior, e simultaneamente abrindo lentamente o orifício inferior, um pouco mais largo que o superior, e que a palma da mão estava obturando. O som imitava um vagido de criança. Explica o detentor dos instrumentos que o *eheōnō* é a «mãe do *kaxpi*». A desenfreada fantasia indígena, excitada pelas bebidas, máxime pelo *Kaxpi*, ao ouvir êsse som, revive a lenda e quiçá mesmo reproduza a cena lendária dos primeiros componentes do grupo, que assaltaram o recém-nascido e devoraram-lhe os ossos «que eram *Kaxpi*».

Kaxpi é uma bebida de sabor amargo, que se obtém de algumas trepadeiras especialmente do gênero *banistéria*. Não saberia se é mais exato chamá-lo excitante ou entorpecente, violento e quase

(57) Como observamos abaixo, a propósito do *Ipadú* a palavra *Kaxpi* pode ter derivado do Nheengatú *Caápi*, ou vice-versa. É certo, por um lado, que o uso do *kaxpi* é muito antigo e perde-se nas lendas, e, por outro, que é generalizado entre tôdas as tribos da região.

instantâneo para os índios (58), à conta do alcalóide *banisterina*, porém, de efeito passageiro. Os pajés Henrique do Japú-igarapé e Marcelino de Juquira (rio Uaupés), ambos da tribo Tukano, informaram que êstes preparam o *kaxpi* com a casca dos seguintes cipós: 1.º) *mêrê-oê-kaxpi-dá* (cipó ingá), 2.º) *boxká-dá* (cipó encontrado, do qual há duas variedades), 3.º) *kúri-kaxpi-dá*, (um cipó nodoso, que dá *kaxpi* dos mais fortes), 4.º) *sêi-pixkōrō-dá* (cipó rabo de guariba), 5.º) *yehé-ñōxkã-dá* (cipó perna de garça). Extraídas as cascas dos cipós, pilam-nas bem em um cocho de madeira, e diluem em água. Maceram, outrossim, as fôlhas de *kaxpi-pūri* e de *kāna-pūri*, reduzindo-as a uma massa como fumo, que se diz precisamente *kaxpi-mōrō* (fumo de *kaxpi*), e que se mistura ao líquido precedente. Misturam-se ainda as fôlhas de *doxké-morēri-dá* e *duxtu-sarēnō-dá*.

Um seringueiro de Urânia (no Uaupés colombiano), de mãe Tukano e criado e vivendo entre os indígenas da região, soube dos Taryana que, além dos cipós precedentes, empregam também o de-

(58) Assim descreve A. R. Wallace («Viagens pelo Amazonas e Rio Negro», 381) o efeito do *kaxpi*: «Um índio velho avançou para o meio da sala, com um grande (?) pote de barro, que parecia pintado de pouco, e que foi pôsto no chão. Então, agachando-se, o velho permaneceu de cócoras, em frente do pote, e começou a remexer o conteúdo. Em seguida, encheu de líquido duas pequenas cuias, e, erguendo-se estendeu os braços, sustendo, porém, em cada mão, uma cuia. Depois de pequena pausa, dois índios avançaram em direção dêle, trazendo os seus arcos e flechas, e as suas lanças. Cada um pegando a oferecida cuia, bebeu a dose que ela continha. Por ser excessivamente amarga aquela bebida, cada um fêz uma cara muito feia. Durante meio minuto, talvez, ficaram imóveis. Repentinamente, ambos deram forte pancada nas cordas de seus arcos, fazendo-as vibrar; sacudiram as suas lanças; bateram com os pés no solo; e, em seguida, foram procurar os seus assentos. As pequenas cuias de novo se encheram e pela mesma forma foram apresentadas a dois outros índios, que se aproximaram e procederam de maneira idêntica. E assim, dois de cada vez, êles se foram sucedendo, uns aos outros. Alguns, entretanto, ficaram como que mais exaltados. Empunhando as lanças, correram em seguida, pela casa furiosamente, como se quisessem matar um inimigo, bateram com os pés no chão, soltaram gritos e pularam selvagememente, numa atitude guerreira e ao mesmo tempo terrível. E, como os outros também o fizeram, voltaram depois, tranqüilamente a ocupar os seus lugares. A maior parte recebe ruidosos e frenéticos aplausos por parte dos assistentes, o que também é feito por vêzes durante as danças». Esta estranha cena final denomina-se «golpe ao-branco» *perká-sâ-pasé*, e têm-na também presenciado (cfr. VII, 4, e (2-8)); porém sem relação com a absorção do *kaxpi*. Pensamos que se trata de um engano de Wallace, supondo-a mero efeito do *kaxpi*, quando, na realidade, é um rito regular dos Dabacurís, e que se pode realizar mesmo antes de beber o *kaxpi*.

nominado *ma-kaxpi-dá*, do qual há 3 variedades, que produzem bebida muito forte, donde a fama de ser mais violento o *kaxpi* dos Taryana.

Poucas horas de infusão em água, dentro de uma ânfora de 8 ou 10 litros de capacidade, com os desenhos costumeiros, dita *kaxpi-tõ*, basta para estar em condições de ser consumido. Seu uso é reservado exclusivamente às pessoas do sexo masculino e de idade madura. Crêem que o «sôpro ritual» do pajé ou de algum *Komû*, aumenta-lhe a virtude excitadora da fantasia. É servido em pequenas cuias, seguido imediatamente de libações de caxirí.

Sob a ação do *kaxpi* o índio diz ter visões agradáveis. «Vê sinais luminosos», foi a expressão do nosso prestimoso auxiliar Tukano, Antônio Barreto. E foi também o que viu Koch Grünberg (*Zwei Jahre*, 201), ao qual parecia ver maravilhosas lentejoulas claras quando voltava os olhos para o escuro, ou chamas vermelhas, quando os deslizava sobre o papel.

Um funcionário da alfândega Colombiana de Iauareté (rio Uaupés) tomou-o e viu imagens de objetos com muita nitidez, e com toda a clareza percebeu figuras geométricas, e até teoremas de trigonometria lhe vieram à imaginação. Um negociante do rio Querarí revelou-nos que o *kaxpi* lhe provocara, em certa ocasião, uma bela e agradável deformação das sensações. Assim as mulheres lhe pareciam cobras coleando com lindíssimos enfeites; as flautas-de-pã davam-lhe a impressão de uma grande orquestra.

Seu efeito é, pois, também uma superexcitação da fantasia. No entanto algumas vezes tomba por terra sem sentidos. «Na quarta cuia, diz o velho índio Antônio a Koch G. (*Zwei Jahre*, 201), a gente cai violentamente, e tem, então, as mais belas visões» (59).

(59) De nossa experiência pessoal podemos informar que temos bebido *kaxpi* preparado por indígenas Makú, Wanãna e Taryana. Na grande festa dos Wanãna de Carurú-cachoeira (Uaupés), da qual se falou supra, foi servido *kaxpi* das tribos Makú, Wanãna e Taryãna. O da tribo Makú foi preparado por um dos Makú que serviam como escravo aos Wanãna da localidade. O dos Taryana o foi pelo velho Taryana Calisto de Iauareté que, desde esta localidade, levava consigo, por esta circunstância, um feixe de cipó grosso (1 polegada de diâmetro e 1,5 m de comprimento aproximadamente). O *kaxpi* foi distribuído pessoalmente pelo tuxaua local, de nome Mandú, que levava simultaneamente duas pequenas cuias, uma para cada pessoa. O *Komû* que «soprara» a bebida, antes que fôssem enchidas as cuias remexia o líquido, servindo-se de um pedaço de cipó grosso, com 4 entumescências, e que é um dos ingredientes da bebida. Toma-se sem dificuldade, pois é de um gosto amargo suportável. No entanto, vários índios fizeram caretas e alguns cuspiram o resto fora. Em seguida três homens, cada

4) *Pátu* (Nheengatú: *Ipadú*) (60)

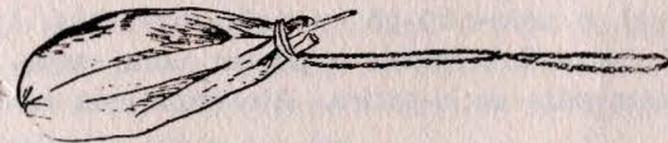
É o produto da *coca*, arbusto da família das eritroxiláceas (*erythroxylon coca*, Lin.) que pega facilmente de galho. Bem que as mulheres adultas possam também tomar o *ipadú*, cabe aos homens o seu plantio e o fazem na roça, e por vezes até perto da maloca, à guisa de sebe. Diariamente os homens vão colhendo as folhas tenras, deixam-nas secar e depois as torram em panela especial, denominada *pátu-axtêri-tõ*. Como tempêro do *ipadú*, *pátu-mõá* queimam folhas de *embaúba* (cecrópias) ou de *cucura*, no interior (61) da maloca, porém junto da porta. Misturando as cinzas com as folhas torradas do *ipadú*, passam longamente por um pilão de forma usual, o *pátu-ahũ-gõ* ou *patu-doxké-khá*, até ficar tudo bem moído. Depositam depois o pó em uma sacola de tururí, a qual denominam *pátu-pa:ri-sutiro*. Atravessa esta sacola uma vara,

qual com duas grandes cuias de caxirí, vinham em fila, zigzagueando e fazendo com a boca um rumor como um zumbido de inseto, e distribuíam o caxirí aos que haviam bebido *kaxpi*, a fim de tirar o gosto desagradável. Alguns indígenas declararam-nos que haviam visto globos ou chamas luminosas. Nada percebemos nós; experimentamos, então, apenas leve excitação nos músculos das pernas, e, à noite, forte dor occipital de cabeça. Cremos, porém, que tais sensações nenhuma relação tinham com a bebida, e eram apenas efeitos do cansaço, do sol e calor do dia. Observamos depois aos índios Taryana, que nos acompanharam à festa, que o *kaxpi* estava fraco e nada sentíamos. Explicaram-nos que faltava um dos ingredientes, um cipó que era plantado por um velho já falecido e não haviam encontrado tal cipó ao empreenderem a viagem. Prometeram-nos preparar mais tarde um *kaxpi* bem forte e com toda a técnica. Efetivamente o fizeram dias mais tarde e no-lo ofereceram. Com receio de uma ação violenta provocada pela bebida não a quisemos tomar publicamente, porém em particular, e não apenas uma pequena cuia, porém sorvemos uma boa cuia em três etapas. Embora como Koch G. tivéssemos ante os olhos papel branco, em que anotávamos nossos apontamentos, nenhuma sensação luminosa logramos perceber, ou de outro sentido externo. Apenas o sabor desagradável provocou-nos um mal-estar, embora sem vômito, obrigando-nos a uma dieta naquele dia e ao uso, mais tarde, de gotas amargas e outras poções estomacais. Opinamos, por isso, que os efeitos sinalados nos indígenas devem ser explicados pela fácil excitabilidade da sua fantasia.

- (60) O nome Tukano *pátu* parece derivar do Nheengatú *ipadú*, fazendo-nos supor que as tribos do Uaupés tenham recebido das tribos do Rio Negro, de língua Nheengatú, o uso do *ipadú*. É verdade que, hoje em dia, os caboclos do Rio Negro e os índios do Içana não empregam o *ipadú*.
- (61) Não sabemos se a queima à porta da maloca seja uma prescrição de caráter mágico, ou apenas por razão de comodidade. Esta segunda hipótese é mais verossímil; efetivamente, sem dificuldade alguma executam as várias operações do preparo do *ipadú* também fora da maloca a fim de serem filmadas.

dita *pátu-pá:-kô*. Introduzindo-a num tubo de forma de pilão alongado (de 1,80 m. e uns 15 cm de diâmetro, e que se diz *pátu-pá:pô*) vão batendo com as duas mãos a sacola contra as paredes do tubo, até que o pó fique tão finamente pulverizado, que passa através da sacola e se deposita no tubo. A fim de facilitar o trabalho, costumam amarrar êsse tubo a uma das colunas da maloca, de sorte que a abertura fique a um metro de altura do solo, posição cômoda para quem deve «bater» o *ipadú*, e a extremidade fechada apoia-se no solo.

Retira-se, por fim, o pó e guarda-se em sacolas apropriadas, também de tururi, ditas *pátu-ahuró* ou *pátu-waxsóro*, cuja bôca é



sacola-de-ipadú (patu ahuró)

atravessada por um fino tubo, *pátu-baari-oã*, de taquara ou de osso de garça (*yehé-oã*), pelo qual se aspira o pó, como nos bares se chupa um refresco. Assim nas viagens, pois em casa o *ipadú* é conservado mais comumente dentro de uma cuia e dêle se servem tirando um punhado com uma espátula de madeira ou mesmo uma fôlha. Fazem-no com atenção para evitar que o pó finíssimo caia no gotto.

Os Makú preparam-no em bolas. O índio serve-se do *ipadú* especialmente quando vai à caça ou à pesca, porque, entorpecente como é, não lhe deixa sentir fome nem sede, e dêste modo dispensa-o de levar alimentos. Fazem dêle uma bola que conservam num canto da bôca, e vai chupando aos poucos. As mulheres, salvo raríssimas exceções, não comem o *ipadú*; apenas os homens adultos.

Seu consumo, hoje, é quase desconhecido no baixo Uaupés; é bem geral, no entanto, entre as tribos do Papurí e Tiquié, mesmo quando têm sua alimentação regular. Talvez o abuso do *ipadú* seja responsável pelo depauperamento orgânico nos velhos e muitas úlceras estomacais. Vicia, ademais, o indivíduo, e seus filhos nascem fracos, apatetados, tarados (62). A geração môça, que passou pelos colégios da Missão, quase não consome mais o *ipadú*.

(62) O Missionário Salesiano, Padre João Marchesi, certa ocasião mostrou a um tuxaua como o filho de um comedor de *ipadú* era tardo de inteligência, não aprendia a ler nem a escrever, não tinha habilidade nos trabalhos manuais, ao passo que as outras crianças o faziam rapidamente.

8) Conclusão

Os indígenas do Uaupés tomam crus apenas os frutos e alguns insetos. Nunca um pedaço de carne ou peixe (63); êstes alimentos são, ordinariamente, *moqueados*. E o peixe é freqüentemente cozido ou reduzido a mólho com pimenta, para acompanhar a ingestão do beijú.

O fogo obtém-se hoje pelo fósforo, «*palito*», como o denominam, e procuram não deixá-lo apagar-se. Dia e noite acha-se aceso o fogo dentro da maloca, e levam, outrossim, panelas com brasas para a roça e nas viagens.

Outrora obtinha-se o fogo girando rapidamente, entre as palmas da mão, um graveto cuja extremidade munida de uma mecha de paina, se vai esfregando no pequeno orifício de outro graveto bem sêco. É o aparelho denominado, em Tukano, *perká-mê wihyasé*.

A alimentação dêstes indígenas, embora de primeira vista não o pareça, é bastante variada, rica em vitaminas de origem vegetal e animal. Quanto aos sais necessários ao organismo, tem-no das raízes e frutas; com efeito, são de forte arcabouço ósseo, e no entanto as águas denunciam deficiência de sais calcáreos. Quanto ao açúcar, só têm o das frutas e da fermentação das suas bebidas. O cultivo da cana de açúcar é insignificante e destinado praticamente ao preparo dos caxiris, embora uma vez ou outra se veja também algum índio chupando-a.

É grande a quantidade de alimentos que o índio ingere diariamente, quando tem fartura; embora outros dias, pela falta de alimento, se veja obrigado a um jejum bem rigoroso. Talvez o próprio caxiri, que bebe em grandes doses, por ocasião das festas, exerça o papel de uma lavagem periódica do estômago, intestinos e rins. É certo que, raramente, se encontram entre êles pessoas magras, se se excetuam as mulheres idosas, que geralmente o são, e os doentes. São, ao contrário, cheios de corpo ou mesmo gordos, sem obesidade ou adiposidades deformantes, fortes e sadios.

Nota-se que o índio exala um cheiro característico que faz pensar seja devido à alimentação preponderante de peixe e pimenta.

(63) Não nos foi possível apurar se é questão unicamente de gosto e costume, ou entrem também motivos supersticiosos. Não nos parece que os haja, embora em uma de suas lendas se diz que *Wax-ti* é que come carne crua.

5) *Caça e pesca*a) *Pesca*

O peixe é um elemento importante na alimentação dos índios, já o vimos. No regime de casa familiar cada chefe de família providencia o peixe; é sua ocupação habitual, embora não exclusiva. No regime de habitação coletiva de várias famílias, a maloca, cabe ainda aos homens a pequena pescaria e saem em grupos de dois ou três, ou mesmo sòzinhos, ou acompanhado de algum filho, quiçá muito pequeno, que reme e governe a canoa. Tôda a preocupação do índio é fazer do filho um ótimo pescador, um *marupiára*. «*Mõ'si-gõ*» é o termo Tukano para indicar o indivíduo feliz na pesca e caça.

Chega, porém, a piracema, época em que os peixes se reúnem em cardumes, *wai tûrîrõ*, especialmente nas cachoeiras, tentando vencê-las a fim de ganhar as cabeceiras. É a oportunidade para que o índio prepare suas reservas de peixe para os dias infrutuosos. É o período das grandes pescarias. Ou ainda, sobrevém a vazante, e os peixes que subiram os igarapés e igapós (64) procurarão ganhar o rio; é o momento também das pescarias em comum. Constituem estas um ato social que estreita os habitantes da maloca ou povoado. Mais ainda, é um divertimento ou esporte coletivo, uma época de festa. Se a distância até o local da pescaria fôr grande, como muitas vèzes o é, por lá deverão pernoitar vários dias, e, neste caso, deverão levar suas redes. Não raro improvisam *tapirís* ou barracas nas proximidades, com a conveniente antecedência. As mulheres prepararão o beijú e a farinha. Os homens atenderão às redes e verão se as canoas estão em boas condições. O preparativo completo compreende além dos instrumentos da pesca, os paneiros para guardar o peixe, o fogo, etc.

Os principais processos de pesca são:

1) *Com veneno* (65)

(64) Igarapés são os pequenos afluentes dos rios; igapós são os braços d'água ou lagos que se formam nas enchentes.

(65) Discute-se sôbre a nocividade do processo, e alguns condenam-no como destruidor dos peixes, dos quais muitos não são aproveitados. O fato é que desde muitas gerações pescam nos mesmos lugares, e sempre acham peixe. Se não são atualmente tão grandes e tão abundantes, talvez se deva atribuir não ao processo, mas à freqüência da pescaria. Parece, também, que muitos peixes ficam apenas entontecidos e conseguem escapar. A circunstância de fato inconveniente é que por vèzes os igarapés estão muito vazios e foi muito grande a dose do timbó, e tanto o peixe como a própria água que bebem, provoca desarranjos intestinais aos índios.

a) *Ehú* (timbó). A grande pescaria (*Wai pu'asé*), é a que se realiza com o *timbó* (66).

Prèviamente foi escolhido um local adaptado, por exemplo um remanso do rio como pequena baía, ou a foz de um igarapé ou igapó e cevou-se, *buxtú-küse*, isto é, com freqüência aí se lançava alimento para os peixes (cupim, *buxtáwá*, donde o termo *buxtú-küse*, ou ainda pupunha, farinha, frutas, massa de beijú, etc.). Depois, durante a noite, cercou-se o sítio com o *parí*, em Tukano *sütérika*, ou seja com uma cêrca bem cerrada de estacas finas de paxiuba, deixando apenas uma abertura por onde entram os peixes. Para facilitar êste trabalho já fabricam o *parí* com uma esteira, não trancada, mas com talas verticais bem unidas, e que adaptam no local escolhido, com fortes estacas. Na noite precedente à pescaria fecha-se a abertura, de sorte que os peixes que entraram para comer não podem voltar para o rio. É o cêrco do peixe ou *wai-õõ*. Soca-se bem o timbó, batendo-o contra as pedras, ou esmagando-o com um bastão. O sumo, que é de cheiro ativo, se espalhará pela água, matando os peixes pequenos e entontecendo os grandes, os quais logo virão à tona. A fim de que o veneno atinja as camadas inferiores da água, lançam também barro com o sumo da planta. Partem, então, as canoas muito de madrugada (ou já se deslocaram com mais antecedência, se o lugar é muito distante), com tôda a família, homens, mulheres carregando os filhos, as crianças, os apetrechos (67). Nesse dia ninguém comerá mingau, nem algo doce (68); devem ir em jejum, porque senão a pesca será infrutuosa. Procurarão todos entrar simultâneamente na água, avançando de cima da correnteza para baixo, gritando em uníssono (e será repreendido quem o fizer atrasado): *pwá-pwá-pwá*, a fim de amedrontar os peixes. Essa ação se denomina *wai nârâ*; é o enxotamento dos peixes, a fim de que penetrem na água envenenada.

Os peixes pequenos sobem à tona mortos e são recolhidos com o puçá, ou com uma peneira, ou mesmo com a mão; é o *wai wa'sá*. Os grandes, apenas entontecidos, são presos com flecha ou azagaia. Alguns peixes conseguem saltar o *parí* de barragem, caso êste tenha

(66) Timbó é o nome de várias leguminosas dos gêneros *Tephrósia* *Lonchocarpus* (*densiflorus*, *rufescens*, etc.).

(67) Não, porém, as mulheres grávidas, porque nesse caso a pescaria não teria bom resultado. Se o cachorro entrar na água, crêem que o timbó perderá sua atividade.

(68) "Eu comi doce e fui feliz na pesca", objetou o Padre Afonso, Missionário Montfortiano de Teresita. — "Mas o senhor não é dos nossos", respondeu-lhe o índio convicto.

ficado muito imerso, mas caem em redes horizontais suspensas ao longo da barragem; é o *wai bu'pú-pearó*.

A pescaria se faz com gritos, risadas, tombos, grande alegria enfim. E todos participam, crianças, mulheres, homens... Nas imediações do local da pescaria preparam o peixe para comerem e moqueiam-no também para conservá-lo.

b) *Wai nimá* (cunambí). *Wai nimá*, quer dizer *veneno-de-peixe*. É (dito em Nheengatú *Cunambí*), *Phyllanthus cunami*, arbusto de folhas grandes, da família das euforbiáceas, que costumam ter plantado nas vizinhanças de sua habitação ou na roça. Pisam-lhe as folhas e sementes, adicionando farinha, cinza de cana brava, pimenta e japurá, obtém uma massa consistente da qual fazem pequenas bolas que são atiradas à água. Antes, porém, de lançar uma dessas bolas, têm-na entre o indicador e o polegar, descrevem com a mão ao redor da cabeça dois círculos para a direita e um para a esquerda. Se se omitir um desses gestos, dizem, nada se pegará. Explicam que a cinza sendo de cana que flutua, também o peixe flutuará (69). O peixe engolindo alguma dessas bolinhas virá depois de alguns instantes à flor d'água, atordoado, e os índios, a nado ou em canoas, o recolhem em cestos. É, porém, passageiro o efeito. A mulher enquanto prepara o japurá para semelhante pesca nada deve comer, nem pode ir à sentina, para que o veneno mantenha toda sua eficiência. Empregam também o veneno-de-peixe como o timbó, misturando seu sumo com o barro.

Do mesmo modo que o *veneno-de-peixe*, podem-se empregar umas folhas miúdas conhecidas por «*doé nimá*», veneno-de-taraíras.

c) *Ehú-pu*. Piquiá, (*caryócar villósum*, Aubl.) é o nome de uma castanha comestível, cuja polpa, no entanto, é venenosa. Por isso, depois de machucada resulta uma massa que, lançada à água, tem ação mais forte ainda que a do timbó, isto é, entontece os peixes, os quais logo sobem à tona, sendo, então, presos à mão ou flechados.

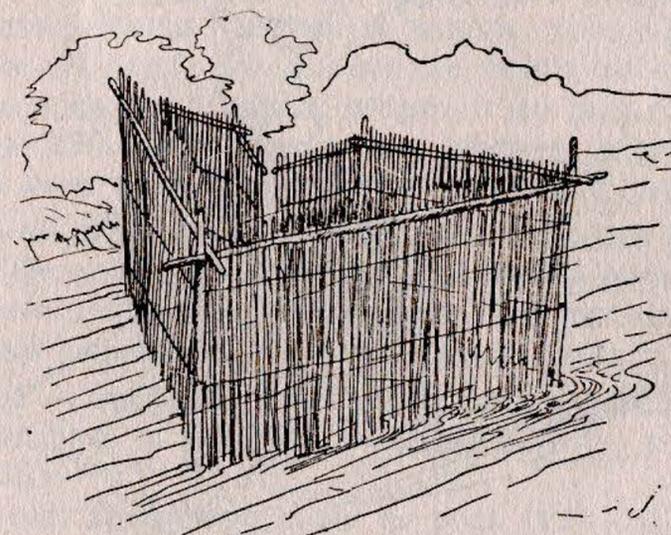
Estes dois últimos processos empregam-se nas pequenas pescarias.

2) Com armadilhas

São várias as espécies de armadilhas de que se servem para a pesca; as principais são:

(69) A explicação talvez seja esta, a potassa da cinza atua sobre a bexiga do peixe, fazendo-a dilatar-se, e o peixe vem à tona.

a) *Büxkôá-wö* (em Nheengatú, *matapí*). É uma nassa ou jequí, como a dos pescadores do sul do Brasil. Consiste numa gaiola de varetas de patauá, de paxiuba, ou mesmo de cipó, em forma de cone ou cilindro alongado. A parte fina é amarrada por cipó, e se desata no momento de, por aí, extrair os peixes presos. Na parte larga, (base do cone) há uma abertura de forma afunilada denominada em Tukano *ÿe'ê-nê-pá*, com varetas flexíveis que se alargam a fim de dar passagem ao peixe. Imerge-se o *matapí* nos pequenos canais, encravando-o entre as pedras da cachoeira, com a boca para o lado de baixo, e a ponta fechada para o lado da correnteza. O peixe, que tem a tendência de subir a correnteza, entra pela boca, porém encontra o fundo fechado. As vezes recolhem diariamente deste modo numerosos e grandes peixes.

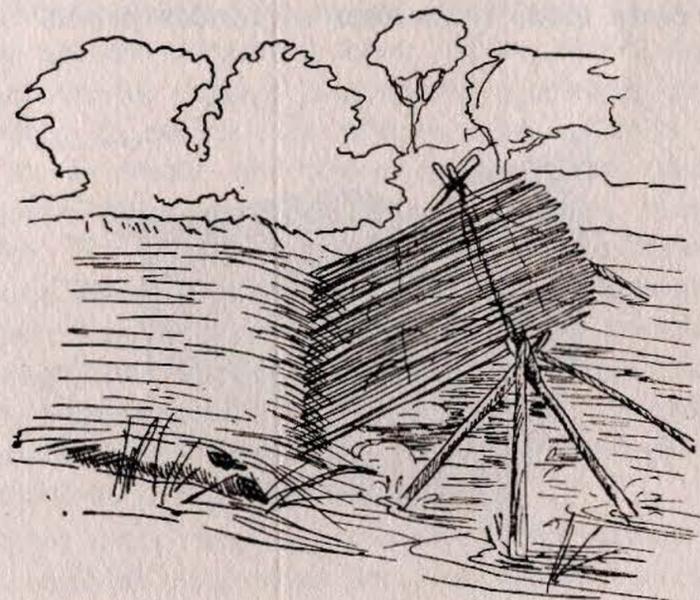


Cacuri (*wai-ro*)

b) *Wai-ro* (em Nheengatú *cacuri*). Consiste num cercado de varetas de paxiúba ou patauá, prêso a estacas bem altas e reforçadas, para que a correnteza do rio não o derrube, localizado próximo da beira do rio, ou de ilhas, por onde sabem que os peixes costumam passar na enchente. O cercado, quase sempre de forma triangular, é continuado lateralmente por dois panos ou barragens de *pari*, que se juntam em ângulo obtuso, encaminhando para o cercado os peixes, os quais, conforme seu instinto, avançam sempre contra a correnteza. Ao chegar ao ângulo da barragem, esta cede passagem, porque aí está solta, porém volta logo a fechar-se pela ação da correnteza. Os peixes avançam, mas encontram o fundo fechado e, não achando o caminho por onde entraram, ficam presos, não raro, em grande quantidade. Este sistema é muito prático, equivale a um viveiro no qual os peixes são conservados vivos e o

pescador mergulha e vai apanhando com o puçá, *wai wehê-kô*, os peixes que deseja. As mulheres quando grávidas, não podem comer peixe do cacurí. Pensam que o espírito da criança nascitura vai à noite chorar perto da armadilha e espanta os peixes. Atribuem os insucessos a tal causa, e remedeiam envolvendo a estacada com um cipó venenoso. O espírito da criança, ao percebê-lo fugirá, e os peixes tornarão a entrar na armadilha.

c) *Imi-nô*. Assemelha-se ao cacurí; é, porém, de pequenas dimensões, geralmente um metro de comprimento e outro tanto de largura. Costuma ser de varetas e encaixa-se, como a massa, por entre as pedras da correnteza.



jirau de pesca (ewá)

d) *Ewá* (em Nheengatú *cajá* ou *jirau*). O índio sabe que o peixe, em certa época, tenta vencer de salto as pequenas quedas de água. Conhecedor desses lugares, aí arma, durante a vazante, um jirau firmado sobre grandes paus, de sorte, porém, que ficará como um plano inclinado, com o lado mais baixo correspondendo ao ponto em que os peixes tentam a passagem. Algumas vezes vêm-se troncos enormes e bem travados que resistem à força da correnteza, representando talvez o trabalho de muitos dias de todos os homens da maloca ou povoado. Os peixes saltam, tentando alcançar a parte de cima da cachoeira, e caem sobre o jirau, donde, várias vezes por dia, os recolhem os pescadores. Ou ainda, tal grade é disposta de sorte que receba a água da correnteza e retém os peixes por ela arrastados. São os *sê'ã* (em Nheengatú *pirá-mirim*) os peixes que logram assim apanhar, enchendo por vezes muitos paneiros.

3) Com flecha e rede

a) *Com flecha*. A margem dos rios existem muitas vezes árvores cujos frutos ou sementes são procurados pelos peixes, como o japurá o é pelo aracú. O índio põe-se, então, à sombra dessas árvores, dentro da sua canoa, e espera que o peixe suba para apanhar esses frutos que sobrenadam; atinge-os nesse momento com flechada certa, e os recolhe na canoa. É um exercício que muito diverte e se diz *wai böé*. Em falta de frutos quebram os ninhos de cupim, cheios de larvas, de que os peixes muito gostam, e lançam-nos à água. Quando os peixes saltam para abocanhar essas larvas, são alvejados pelas flechas.

b) *Com rede*. Vimos o emprêgo da rede afunilada puçá, *wehê-kô*, e com a bôca sempre aberta, para recolher os peixes mortos ou entontecidos pelos venenos. Servem-se também, para o mesmo fim, de suas peneiras ou *baxti*; é o processo que se diz *wai wa'sá*.

Note-se que enquanto o homem prepara o seu puçá, fá-lo escondido, sem fumar nem comer, apenas com ipadú na bôca, e abstém-se de falar ou de ir à sentina, a fim de que o puçá seja eficiente.

Empregam-no também para a pesca direta; é o *wai ñüü*. Parado na bôca do igarapé espera que o peixe assustado pelos que fazem barulho de montante, procure o rio, e com um movimento rápido levantam o puçá trazendo quase sempre algum peixe.

Também na escuridão da noite, especialmente nas praias, surpreendem os peixes e os apanham com seus puçás; é o que se denomina *wai êô*.

Ou ainda, com aquele tipo maior de puçá (VI — 2, e (3), dito em Língua Geral *jereré*, que se abre só no momento do uso, mergulham-no e quando o peixe está dentro fecham a rede, tirando-lhe a cunha. São processos simples, porém, rendosos, especialmente na vazante ou nas piracemas.

Usam ainda o seguinte processo: cercam com parí a bôca de um igarapé deixando uma pequena passagem para os peixes que sobem para dormir. A certa hora da noite um homem se põe com o seu puçá junto dessa abertura, enquanto outros, na parte superior do ribeirão, batem com paus nágua. Os peixes assustados, que procuram voltar ao rio, caem no puçá.

Piracema, *wai turirô*, é a reunião dos cardumes de peixes em certos lugares no tempo da desova, em que, por isso mesmo, são menos ariscos. A *piririca*, isto é, o encrespar das águas, e um ruído característico, *wai böxsörá*, denunciam esses lugares. Metem-se, então, de canoa entre os cardumes, e com o puçá ou com a flecha os índios apanham grandes quantidades de peixes.

4) Pesca com anzol, azagaia e arpão

a) Hábeis pescadores como são, os índios servem-se ainda de outros processos e instrumentos de pesca, e também dos meios introduzidos pelos civilizados, dando-lhes, no entanto, aplicações características.

As vezes com um facho aceso, entontece o peixe que está dormindo; é o que se diz *encandear* ou *fachear* o peixe, e fisga-o com seu arpão. *yōxê-kō*. Este processo denomina-se *wai wā*, (*tataitica* ou *muturisáua* em Nheengatú). Note-se que a própria mata lhe fornece esse facho com a árvore dita *māxpāri* (turí), do gênero Licânia) cuja madeira se separa em fasquias (70) finas, e uma vez acesa, mantém seu facho até consumir-se toda a fasquia.

Na época da piracema saem à noite, duas ou mais canoas com certa velocidade e com fachos de turí. Os peixes, mesmo os grandes, acordados com o rumor e tontos pela luz, saltam e muitos caem dentro das canoas. É o que se diz em Nheengatú *piráquirá*, e em Tukano, *wai nārā*, isto é, enxotamento dos peixes.

b) *Isclas*. São várias as isclas, *ahũñesé*, que empregam, conforme a qualidade de peixe que desejam e cujo hábitat procuram e conhecem. Por vezes empregam a minhoca, *ahwā*, ou larvas de insetos, gafanhotos, etc.

Muitas dessas minhocas vivem dentro de bromélias (ditas por isso, pelos de língua Nheengatú, mãe da minhoca, *šimwí mãña*). O pescador já leva consigo algumas dessas bromélias, verdadeiros depósitos de minhocas vivas (71), denominadas *darakubí* em língua geral.

Outras vezes, como isca, empregam pedaços de peixe ou ainda bagas, frutos ou massa de fruto preparada como pequenas bolas. O *tambaquí*, por exemplo, gosta muito do fruto da jacitara dos igapós, conhecido por *wai-tū-dá* (em Nheengatú, *Kamú-kamú*). O pescador, até sem anzol amarra o fruto na ponta da linha, bate com ele n'água, como se o fruto estivesse caindo diretamente da árvore.

(70) Essas fasquias empregam-se também como ripas, pois a resina torna-a inatacável pelos cupins.

(71) Esse tipo de minhoca *darakubí* encontra-se nas bromélias dos igapós. O *darakubí* quer emigrar, corta um pedaço de si, os anéis finais do Informou-nos um esperto pescador, o sr. Manoel Valério, que quando próprio corpo, e deixa-os cair. Se há peixe pelas proximidades, dará logo um salto para apanhar a isca, e a minhoca pelo ruído tem ciência do perigo e fica quieta. Quando não ouve mais rumor, quer dizer que os peixes já emigraram para o rio, e ela pode sair sem perigo.

O peixe avança sôfrego e engole o fruto. Então, com rápido movimento o pescador o traz fora d'água. Até com simples bola de pau, *doxké-ñō-weheká* (Nheengatú *ya-pōga*) conseguem apanhar o tambaqui, agindo como precedentemente.

c) *Anzóis*. Outrora fabricavam o seu anzol com dois espinhos resistentes de tucum, *bextá*, unidos em ângulo bem aberto, por um fio com breu, no qual se esmaga *karpó*, uma raiz semelhante à batata japonesa. Explicam que o peixe sentirá o cheiro da raiz e virá morder o anzol.

Este, como o anzol metálico comum, prêso a um cordel e revestido de isca, prende-se nas brânquias do peixe que o engoliu.

Muitas vezes o anzol é deixado prêso a uma vara, *weherí wā'sō*, fincada à margem do rio. É o processo dito *wai wehé-kū*.

Ou o índio o traz à mão, fixo à extremidade de uma vara; diz-se *wai wehē*. *Way-myō-he* é quando se dispensa a vara, e o anzol; pois o mandí costuma engolir o fio mesmo sem isca alguma.

Por vezes o caniço do anzol está engenhosamente, com a ponta arqueada e constituindo uma armadilha, *wai yuró*. Quando o peixe morde a isca, o caniço levanta-se e o peixe fica suspenso no ar. Assim costumam apanhar a taraira que vive na beira dos lagos e brejos.

É muito curiosa a maneira de apanhar o *buú* (tucunaré), peixe de escama, muito saboroso, e que durante o dia nada na superfície d'água à caça de outros peixes. O aparelho se diz *buú weherí wāsō* (Nheengatú *pindá siririka*). Consta de uma vara tendo na extremidade um cordel com um floco de penas bem vermelhas do pescoço do tucano, entre as quais se escondeu um anzol. Nos lugares em que há o tucunaré, descrevem com a ponta da vara movimentos rápidos semicirculares na água. O peixe segue o movimento da vara a fim de alcançar as penas coloridas e, quando o consegue, dá um salto para abocanhá-las. Nesse momento o índio, com hábil puxão da vara, fisga o peixe que pode pesar até três ou quatro quilogramas.

As vezes conseguem apanhá-los com o cordel amarrado à popa da canoa, durante as viagens, de sorte que as penas vão roçando à flor d'água; é o meio dito *buú waharí-da* (Nheengatú *pindá wawaká*).

d) *Espinhel*. Atualmente adquirem os anzóis metálicos dos civilizados e empregam-nos ainda com processos muito rendosos e cômodos. Um desses, por exemplo, é o espinhel: processo dito *mō-weherikanō*.

O *espinhel* consta de um cordel bem forte, de 50 a 100 metros de comprimento, atado por uma extremidade à margem do rio, e, pela outra, a uma pedra que se lança no fundo do rio. Um pedaço de molongó, como flutuador, *poogö döxká* ou *pa'sa-ká* (em Nheengatú, *mututi*), prêso ao centro do cordel, conserva-o em profundidade conveniente e serve para a localização do espinhel. Neste cordel longo, a intervalo de 3 ou 5 metros, estão ligados pequenos cordeis, cada qual com o seu anzol munido de isca. Armam o espinhel à tardinha e pela madrugada com a sua canoa o retiram, começando a puxar pela parte da pedra, no meio do rio. À medida que o peixe preso se avizinha da canoa, matam-no com uma bordada na cabeça, pois não raro se encontram grandes surubis e piraibas de 50 kg e até mais. Frequentemente encontram os peixes já cansados pelos esforços feitos para libertar-se, ou até mordidos e semi-comidos pelas piranhas.

O primeiro peixe do espinhel será dado a algum cachorro ou soltam-no à água, ou enterram; o essencial é que não seja comido por pessoa alguma.

A mulher grávida (VII - 4, f (2 d) não pode comer do peixe preso ao espinhel, pois, diversamente, nenhum peixe mais ficará preso.

Na época da enchente quando os rios desbordam, invadindo as matas (são os *igapós*), muitos peixes emigram dos rios, para comer as frutas da mata. Aproveita-se, então, o indígena desse fato para amarrar aos arbustos ou aos galhos das árvores, cordeis com anzóis, de sorte que êstes fiquem mais ou menos um palmo debaixo d'água. Ao passar revista, de madrugada, encontra quase todos os anzóis com o seu peixe. É a pesca denominada *wai portá-poó*. Nos primeiros dias de enchente podem fazer essa operação duas ou três vezes por noite, com resultado positivo, a fim de que o jacaré não coma os peixes.

b) *Caçada*

1) *Caçada de perseguição (amã siró-tú pexkayesé)*

A fauna do noroeste amazônico é pobre, qualitativa e quantitativamente, de animais para alimentação. Mas a caça, além de proporcionar o alimento, é um esporte agradável ao índio. Escassa como é, a caçada na densa floresta virgem só pode ser praticada por grupos de dois ou três índios. Raramente sairá sozinho, a não ser muito recentemente, quando obtém dos civilizados uma espingarda. Com a espingarda ou com o arco os índios são apreciáveis

caçadores. Também raramente irá em grandes grupos; isto só quando localizam em alguma zona uma vara de porcos do mato. Então procuram cercá-los, e com paus terçados e flechas matam grande número (72).

Auxiliar precioso do homem nas caçadas são os cachorros, pequenos, magros e muitas vezes quase cegos, pelas picadas das formigas *taxi*, mas talvez por isso mesmo com o faro mais aguçado.

Os Makú são caçadores especializados. Quando saem ao encalço do animal acuado pelos cachorros, fazem grande algazarra, com gritos característicos, e nada, nem os cipós, espinhos e outros obstáculos, é capaz de detê-los.

2) *Caçada de tocaia (pexkáye du'tigö ou pexkáye pe'sá-kö)*

Os animais têm seus bebedouros (73) onde vão tomar água nos dias quentes, como têm, outrossim, lugares mais ou menos habituais da floresta aonde vão comer frutas. As pegadas sinalam êsses sítios, e a eles costumam ir em horas mais ou menos constantes. Sabedor desse costume, o índio constrói *karsá-wa* (Nheengatú *mutás*) (74) ou jiraus entre os galhos das árvores; é a *pexkaye pe'sá-kö* nas proximidades desses lugares e aí ficam pacientemente de tocaia sem fazer rumor, ou imitando os pios das aves que desejam matar. Ou mesmo ficará no chão escondido atrás de alguma árvore; é a *pexkáye du'tyasé*. Ao aproximar-se o animal dispara uma flecha certa que atingirá mortalmente o animal, ou, ao menos, o ferirá e, neste caso, perseguem-no até matá-lo.

Se o animal se entoca, acendem pequeno fogo, quase sempre com a casa de algum cupim, à boca da cova, e o calor e a fumaça obrigam-no a sair, sendo então, prêsa dos caçadores.

3) *Caçada de mundéu (pexkáye-sã-kö)*

Os animais, especialmente quando têm sua toca, costumam bater os mesmos caminhos ou *carreiros*, à procura do seu alimento ou de água. Descobrendo um desses carreiros, o índio faz uma cova

(72) Não raro acontece que a vara de porcos, esfaimada ou atacada, agride os homens que se salvam trepando ágilmente às árvores.

(73) No alto Tiquié, perto da Cachoeira Grande, vê-se uma pedra que as antas vem lambar. Denomina-se "chupador de anta" o terreno ou pedra, com sais naturais, e, por essa razão, procurado pelas antas, veados e outros animais.

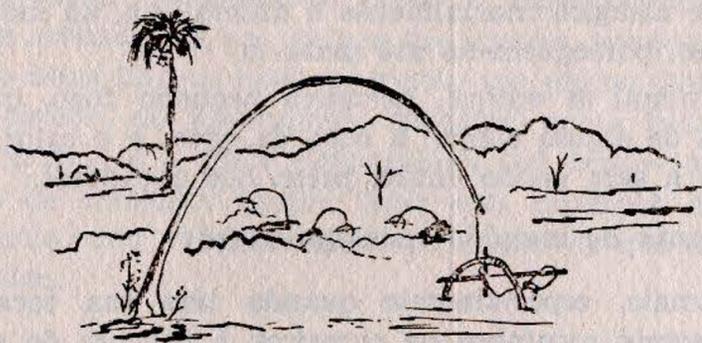
(74) Uma pequena queimada, próxima do *mutá*, atrai algum veado com desejo de lambar as cinzas.

estreita e profunda, tendo o cuidado de transportar para mais distante a terra cavada. Depois recobre bem a cavidade com varas, folhas e detritos, de sorte a não diferenciar do restante trilho, e está feito o *mundéu*, *koxpé*. Nas primeiras noites o animal não passa por aí; mais tarde, porém, vem a cair e o índio o mata. Sucede algumas vezes que se esquece de ir rever o *mundéu*, e encontrará o animal já morto de fome.

4) Caçada de armadilha (*perkáye-kö yuró*)

É simples o processo que usam para os pequenos animais como a cutia. Uma haste forte, porém flexível, é plantada no chão. Servem-se às vezes de arbustos já existentes no local escolhido. Vergam a extremidade livre à qual adaptam um laço, prendendo-a a varas, no local em que prevêem passe o animal, e está pronta a armadilha, *yuró* (Nheengatú *žuká*). Quando o animal tenta comer a isca aí deixada, ou mesmo simplesmente ao passar pelo laço, a haste solta-se violentamente e o animal fica suspenso pela perna. E assim ficará até morrer ou será morto a pauladas.

Modernamente em vez do laço está, muitas vezes, uma espingarda armada que dispara e mata o animal; é a armadilha que se diz *perkáye-wö*.



armadilha para aves e pequenos animais

5) Caçada de canoa

Muito freqüentemente o veado, a anta, lançam-se ao rio, porque perseguidos pelos cães ou para procurar seu alimento na outra margem. Perseguem-nos então, os caçadores com suas velozes canoas e com o remo, um pau, ou facão os matam. Em algumas ocasiões alcançam assim grandes varas de *queixadas*, e matam-nos em grande número.

Na vazante saem também à caça durante a noite, vogando lentamente e sem fazer rumor, enquanto um dos índios traz um facho de turí. Surpreendem assim as *pacas*, que ficam facheadas pela luz e o índio as flecha. Modernamente utilizam para a caçada noturna um farolete de pilhas.

6) Agricultura

A mandioca é que subministra o principal alimento aos índios da bacia do Uaupés. Tôdas essas tribos se acham assim na fase da lavoura, que se pratica, porém, de uma maneira muito primitiva: é a fase do «cavouco» ou da «cova».

Escolhem com liberdade a terra que mais lhes agrada, pela proximidade da sua residência, e pela garantia contra o furto (75), e um pouco arenosa, como o são, em geral, as «terras-firmes» de toda a região, e convém à mandioca. O ato da *derrubada*, *wersé pá:kūrō*, é que lhe dá a propriedade do terreno enquanto o cultivar.

A derrubada se faz nos períodos de menos chuva, a saber, de junho a agosto, e de dezembro a fevereiro. É trabalho exclusivo dos homens. Começam pela escolha de uma área conveniente pela distância e não sujeita a inundações, de terra amarelada, semi-arenosa, *dítá sōarā*, ou preta e algo humosa *nārkā dítá ñyirō*.

«Cercam» a roça (*pū-pé*: é o termo tukano que usam) isto é, delimitam do restante da mata a área que desejam, com uma pequena *picada*, cortando as plantas pequenas e quebrando galhos. Antigamente executavam-no só com o machado de pedra, *ōxtā komé*; hoje se faz a derrubada com o auxílio do facão *di-phi*, e, às vezes, também com o machado de ferro, *komé*. Consiste o trabalho essencialmente em quebrar os arbustos e contornar os troncos grandes com pancadas de modo a fazer saltar a casca. Com isso a árvore vinha a secar e assim podia ser queimada. Sêco todo o arvoredo, de uma área mais ou menos quadrada de seus 50 ou 100 metros de lado (conforme o número de pessoas da família), põe-se fogo em diversos pontos e assim as árvores gigantescas ou se incineram ou ficam reduzidas a um tronco enegrecido, que muitas vezes tomba por terra. Os bulhões de fumo que se erguem, aqui e ali, da verde

(75) Por isso não se fará à beira do rio, a não ser que seja ao lado da sua habitação. Se é na proximidade do rio, deixará sempre uma nesga de mato entre a roça e o rio, para ocultá-la à vista dos que navegam. E o pôrto onde desembarca e amarra a canoa será a certa distância da roça, a fim de não denunciar o local da mesma.

mataria, denunciavam os lugares em que se está realizando uma boa queimada, *ðhðá-dyakã-siri*.

Se a queima não foi bem sucedida, porque não estavam secos os paus, ou por falta de vento, refaz-se o trabalho, abatendo galhos ajuntando-os ao redor das árvores, — a isto se chama *coivara*, em Tukano *doxté-peosé*, e faz-se nova queimada.

Embora a roça seja propriedade individual, ou melhor, familiar, o interessado pedirá, para o trabalho da derrubada e da queima, a colaboração dos seus companheiros da maloca ou do povoado; ou, se êle mora isolado, a dos habitantes mais próximos. E não só da própria tribo, senão até de outra nação. Esse trabalho coletivo (cfr. IX — 2) diz-se *neósé* (em nheengatú *ayurí*). A paga imediata, isto é, no dia ou nos dias de trabalho é um caxiri abundante para todos os trabalhadores; e, mais remotamente, o próprio auxílio, quando solicitado para idêntico trabalho em benefício de outros. O *ayurí* se pratica sempre que se faz mister a participação de muitos para um mesmo trabalho, por exemplo, cortar e trazer madeira da mata, assentar o travamento de uma cobertura de casa, etc. O *ayurí* é uma prática que vigora ainda entre os próprios caboclos do Rio Negro.

Após a operação da *queima* ou da *coivara*, procede-se à *limpa* imperfeita, *o'asé*, removendo para os lados um ou outro tronco e galho que estejam por terra.

Começa agora o plantio que é reservado às mulheres, isto é, à esposa auxiliada por suas filhas ou mulheres que vivem com ela. Como êsse trabalho pode durar longo tempo, se a roça está muito distante da casa, o homem constroi lá uma pequena barraca ou *papiri*, em Tukano *wi'ykã-pama*. São quatro estacas suportando uma cobertura de palha. Aí ficará a sua família durante a *limpa* e o *plantio*. Realiza-se êste, ainda hoje, da maneira mais simples; dita *wexsé bu'bé*, com auxílio do *digging-stick*; a saber, depois de uma chuva, quando a terra está ainda mole, faz-se um buraco em terra com um pau de ponta (mais raramente, hoje em dia, com um ferro de cova), *séri-phî*, e introduz-se obliquamente uma maniva (ramo de mandioca) e ao redor se reúne um montículo de terra.

Atualmente, além da mandioca, plantam nas suas roças, nós de cana (*saccharum officinale*), mudas de bananeira (*musas*), de carás, de batata doce (*hypomoea batata*), de abacaxi (*ananas sativa*), sementes de mamão (*papaya cárica*). Ordinariamente não plantam de uma só vez toda a área roçada, mas em duas etapas ou *duas roças* por ano, nas duas épocas propícias, é o que chamam *dezkó bu'besé*, meio plantio. A plantação é feita em desordem, as

mudas muito próximas e sem passagem. Por essa razão, e também pela pobreza do terreno, o rendimento é sempre escasso. De ordinário não arrancam mandioca para farinha senão depois de um ano. As ervas que crescem são extirpadas à mão, *taá kuresé*, pelas mulheres. Na roça passará a mulher várias horas do dia com seus filhos e ao voltar trará às costas um aturá de mandioca, um feixe de lenha para o fogo e uma criança ou duas enganchadas à cintura.

A colheita, *du'á*, se faz puxando e arrancando com as mãos a planta pela haste. Começam a colheita pela periferia da roça «para enganar a cutia». Dizem que esta, encontrando o terreno revolvido marginalmente, abandona a roça que julga toda colhida. O índio não é previdente, nem pensa em acumular alimentos. Não tem por isso depósito ou armazém. A circunstância do clima o favorece e o induz a isso. De resto, a mandioca, algumas horas depois de arrancada, pelo clima quente e úmido, começa a deteriorar-se; e a farinha e o beijú frescos são mais saborosos.

O homem só periodicamente irá ver a roça, especialmente quando se torna necessária a sua participação para o combate à formiga ou aos animais que assaltam à plantação. Extirpam as formigas, quando em quantidade que causa apreensão, fazendo fogo no olho do formigueiro com caixa de cupim, ou para lá encaminhando as águas das frequentes chuvas.

Conforme a fertilidade do terreno, aí se plantará durante três ou quatro anos. No segundo e terceiro plantio, quando as raízes e troncos vão apodrecendo, a *limpa*, *O'á*, é mais perfeita e se faz arrastando a terra solta com um pedaço de pau. Todo êste processo de queimadas e limpas vai empobrecendo a roça, aí nunca mais se formará mata. Um claro ou uma charneca ficará perpetuando o local. No máximo surgirá ali uma raquítica capoeira.

Com freqüência perto da casa existe uma pequena roça, quando a outra é muito distante, para os dias de chuva ou doença.

A contingência de derrubar nova roça a curtos espaços; a imprevidência indígena, que é um característico racial; a inconstância dos elementos climáticos, que o é da região (76), acarretam períodos de escassez. Pode-se fixar também em cada três ou quatro anos

(76) A inconstância dos fatores climáticos, que caracteriza toda a bacia do Rio Negro, por um lado, e pelo outro a pobreza quase geral do solo e as pragas (insetos) de toda espécie, incapacitam a região para uma produção agrícola suficiente e econômica. O problema da fome enxotando para fora os habitantes do Uaupés, ainda não se pôs (e tardará ainda, como notamos alhures), porque se trata de pequenos ajuntamentos humanos, com um *mínimum* de exigências e já parcialmente

o *periodismo da fome*, para estas populações. O *conformismo indígena*, filho da indolência, da ignorância, da falta de ambições; o *hábito dos jejuns*, forçados pela carência de alimentos ou impostos pelas tradições; as *reservas de frutas* que a mata proporciona, e, por vèzes, justamente na quadra da carestia de farinha, ajudam o índio a superar esta dificuldade que, pela sua freqüência, já o não impressiona. Modernamente encontra êle nas Missões Salesianas um alívio para estas crises periódicas. Durante as épocas em que as suas roças não lhes fornecem a mandioca para a farinha e o beijú, corre a família inteira, marido, mulher e filhos, aos centros missionários. Os pais serão ocupados em um serviço qualquer, e, além da diária que vencem, para aquisição de roupas e utensílios, está assegurada a alimentação para si e os filhos todos.

7) Indústria e comércio

Já o temos notado, nestas tribos que moram tão vizinhas, em ambiente mais ou menos com idênticos recursos naturais e ligadas entre si pelo matrimônio, e por vèzes morando no mesmo povoado, há um intercâmbio cultural, de sorte que uma tribo vai aprendendo a fabricar objetos que outrora constituíam exclusividade da outra, e ainda hoje é especialidade sua, pois os faz com mais perfeição. Desta exclusividade na produção de certos objetos, que correspondem às primeiras necessidades para a vida, seguia-se, naturalmente, um comércio entre as várias tribos. Parece que dentro da tribo ou maloca não há comércio, porque todos sabem fazer as mesmas cousas. Além disso o espírito comunitário não favorece o comércio pròpriamente dito.

socorridos pelos gêneros alimentícios que as Missões Salesianas mensalmente carregam de Manáus e de outros pontos do país.

Vem aqui a propósito uma conversa que tivemos na manhã do dia 8 de março de 1956, com o Missionário Salesiano Pe. João Marchesi, que desde 1922 moureja herôicamente na Prelazia do Rio Negro, e que se acha resumida em 6 pontos, em nosso "Diário", dos quais os cinco últimos se prendem ao assunto em foco. A saber: "1.º — Este ano morreu um número maior de índios Brasileiros que trabalhavam na Colômbia, entre os quais três de Pari-cachoeira (rio Tiquié); 2.º — O Caiari (Uaupés) hoje tem menos gente do que antes, e vai diminuir ainda mais; 3.º — Os índios tendem a descer, e um bom grupo dêles já se estabeleceu em Tapurucuá (antiga S. Isabel, no baixo Rio Negro); 4.º — Dos Pirá-tapúya de Aracú-ponta (Uaupés) muitos já baixaram para o Rio Negro, e outros querem descer para lá (e efetivamente em nossa companhia, e na mesma lancha, aos 14 de novembro de 1956 baixaram para Tapurucuá umas duas dezenas de Pirá-tapúya; 5.º — Também de S. Luzia (rio Papurí) estão descendo; alguns já se esta-

Nunca houve uma moeda (77) para a realização do seu comércio. Efetuava-se, outrora como hoje, o comércio «em espécie», a saber, a permuta de um objeto por outro. Vai-se acentuando modernamente entre os índios, pelas relações com os civilizados, o conceito de um *valor intrínseco* dos objetos, pela raridade não só, como também pelo trabalhoso do seu fabrico e dificuldade de obter a matéria-prima. Ainda hoje, no entanto, e muito mais intensamente outrora, consideravam apenas o *valor apreciativo*, isto é, o valor dependia do desejo ou da necessidade de um objeto. Compreende-se facilmente que sendo uma tribo produtora exclusiva de uns objetos e outra, de outros, não era difícil chegar a um acôrdo.

Não se tem informação alguma sôbre a existência de mercados intra ou extra-tribais, isto é, lugares para a exposição dos produtos destinados ao comércio. O índio outrora, como ainda hoje o faz, sob a necessidade de um objeto, empreendia uma viagem (e foram sempre muito andejos, parecendo mesmo reminiscência de um *nomadismo ancestral*) aos povoados de outra tribo, levando algo para a troca (78). Êste comércio era mais freqüente com as tribos com as quais havia relações matrimoniais.

Se bem que se mantenha ainda hoje o comércio entre as tribos, pela permuta dos produtos de sua especialidade ou exclusividade, tornou-se êle muito mais intenso pelas relações com os civilizados, que desde o século 18 navegam, com maior ou menor freqüência, aquêles rios.

Em primeiro lugar o civilizado precisa do serviço do indígena. Foram sempre êles os remadores para os primeiros viajantes dos

beleceram perto de Bela-Vista e Tauá (baixo Uaupés), onde há boas terras, e vão se dedicar a tirar borracha que venderão ao José Maria (Prefeito de Uaupés). E repetiu-nos, nesta altura, a queixa que ouvira dos índios: "a terra está pobre, não dá. Onde vamos buscar sal e roupinhas para nossas mulheres"?

(77) Temos visto as crianças brincando com favas chatas e arredondadas, como as fichas ou moedas, e essas crianças dizem que são a sua *moeda*. Um grande número delas, hoje em dia, sabem o que é uma moeda. Talvez o denominar moedas a tais favas, derive da forma que apresentam. É possível, no entanto, que os antigos se servissem dessas favas como unidades para facilitar-lhes os cálculos (vd. contagem pelos dedos, VII-2, b).

(78) Temos visto alguns índios levando nas viagens mercadorias recebidas dos civilizados (sal, facão, espelho, etc.), com intenção de trazer em troca algum objeto indígena (canoa, ralo, puçá, etc.). Em alguns casos sucederá que não encontram para permuta o objeto que desejam; ou não interessa aos dos vários povoados os objetos oferecidos, e o seu dono retorna da viagem com a mercadoria que levava. Podemos pensar que o mesmo se daria outrora, talvez mais raramente do que hoje.

rios (79), e hoje são os «marinheiros», isto é, práticos, maquinistas, remadores, carregadores das lanchas. E não raro são contratados como guias e intérpretes. Todos êstes serviços são pagos com mercadorias. Desde o tempo da Capitania de S. José do Rio Negro e da do Amazonas (80), e em menor escala ainda hoje, com irregularidade descem ao baixo Rio Negro levam mais ou menos numerosas de índios de diversas tribos para os mais variados trabalhos, particularmente a extração de vários produtos (borracha, piaçaba, castanha, madeiras, etc.).

Da indústria indígena objetos de compra não são apenas os seus artefatos para coleções de museus ou adornos de casas particulares. Os que vivem ou viajam por suas regiões obtêm dos índios parte da sua alimentação (81), em frutas (especialmente bananas, mamões, abacaxis), farinha, beijú, peixe, caça. São ainda os silvícolas que fornecem aos civilizados daquelas paragens canoas, material para construção das residências (madeira, cipó, palmas para a cobertura), bancos, cerâmicas, esteiras, cestos, peneiras, etc. Os índios do alto Rio Negro e do Rio Xié dedicam-se atualmente ao fabrico de cordas de piaçaba que são vendidas não só para espias das lanchas daqueles rios, senão também regularmente para os navios do rio Amazonas e até para os Estados.

Dos civilizados os índios quase todos procuram hoje anzóis, fósforos, fazendas (e os acessórios para a roupa), sal, fumo, sabão. Tem menor procura pólvora, chumbo, espoletas, machados, facões, espingardas. A prática mercantil já fixou mais ou menos os preços dos diversos artigos. Não obstante, os índios, sob o estímulo do interesse e de certos preconceitos contra os brancos, querem sempre vender caro e comprar barato ou obter de graça.

(79) Sabemos, por exemplo, que na esquadra de Pedro de Teixeira, em 1637, havia 1.200 índios para o labor do remo e outros serviços.

(80) Vd. "Relatórios" dessas Províncias. Infelizmente em vez de contratos de trabalho, houve negociatas entre os latifundiários ou negociantes do Rio Negro e os tuxauas ou os que, em caráter particular ou oficial, se achavam em relação com os índios ou moravam entre eles, para explorar os silvícolas. Desciam êstes iludidos com promessas que não correspondiam à realidade e eram vítimas de impaludismo ou outras doenças. Não se lhes facilitavam os meios para voltarem aos seus povoados. Explorava-se seu fraco pelo álcool e com algumas garrafas de aguardente pagavam-se-lhe meses de serviço. A exposição documentada dessas "descidas" dos índios constituem capítulos bem negros da futura História dos índios do Brasil.

(81) As Missões Salesianas têm trazido grande estímulo aos índios para a produção dos meios de subsistência, pois mantendo mais de milhar de crianças indígenas no regime de internato, devem comprar ao índio

Os índios que estão em contacto com os civilizados adquirem dêstes roupas e muitos objetos para depois revendê-los a outros indígenas. Tem-se verificado que nesse comércio revelam tino econômico e sabem auferir grandes lucros não só com os índios de tribo diversa, senão também dos seus próprios «irmãos» de tribo (82).

8) Vias de comunicação

Para seu comércio e relações sociais as vias de comunicação são os rios e igarapés; a canoa é, pois, o primeiro meio de transporte (83). Como de ordinário êstes rios são bastante largos e sujeitos a grande desnível e impetuosidade das águas nas enchentes, não é possível a construção de pontes. Quanto à passagem nos pequenos riachos, ou o fazem a vau, ou derrubam árvores sem nenhum cuidado senão que liguem as duas margens. Êste trabalho é, aliás, raríssimo, porque a cada passo se encontram árvores, abatidas pelas tempestades, que servem de ponte.

A floresta amazonense entrançada como é de lianas (um pouco menos, é verdade, do que aparece a quem só a vê pela margem dos rios) atravessa-se com certa dificuldade, e talvez por isso não é retalhada de passagens. É conhecido o costume dos índios de caminhar sempre um atrás do outro, jamais ao lado. É o que se diz «fila indiana», isto é, por um de fundo. O indígena não penetra muito na mata; tem medo de Wãx-ti (VII — 4, d (5)). Quanto à sua roça, é até desejável que não haja caminho revelador do sítio. Assim estará mais a coberto dos furtos. Por essas razões não abrem estradas senão a que leva da maloca ou povoado ao pôrto, de ordinário poucas dezenas, ou no máximo, uma ou duas centenas de metros de extensão.

farinha, beijú, peixe, frutas, caça, etc. para os seus alunos. Durante a segunda conflagração mundial passavam regularmente negociantes comprando grande quantidade de farinha para os que trabalhavam nos seringais da Venezuela e Colômbia. Hidroaviões americanos vinham periodicamente até o Papurí recolher e transportar centenas de paineiros de farinha.

(82) Sabemos, por exemplo, que os índios Tukano residentes em Melo Franco recebiam farinha de outros Tukano da foz do Aua para vendê-la à Missão Salesiana, e só por essa transação exigiam dos seus "irmãos" 50% do preço da farinha.

(83) Jamais constroem jangadas. Os Makú, porque só vivem no interior das matas, não sabem fazer canoas, nem as possuem. Dizem que algumas vezes improvisaram jangadas para atravessar os rios ou paranás. São episódios, porém, raríssimos.

Descobrem, no entanto, passagens mais curtas que as intermináveis voltas pelos rios ou igarapés, de uma maloca a outra. Tais passagens, quanto mais freqüentadas para as trocas de mulheres, as festas ou comércio, tornam-se melhores e constituem o que se denomina *varadouro* (em Tukano *ma'á*) (84). Todo o transporte de carga por terra se faz por meio dos aturás ou *pi'i*, que a mulher carrega às costas.

Na enchente dos rios formam-se entre a mata canais navegáveis por canoas, pois a selva converte-se num mar, e o indígena disso se aproveita para encurtar as viagens; a sua canoa atalha pela mata a dentro, em vez de seguir toda a sinuosidade do rio. A sua memória topográfica dos rios nos quais vivem subindo e descendo, não os deixa extraviar-se.

Cap. VII

CULTURA ESPIRITUAL

O homem é sempre o animal racional, e são inúmeras e vêm a cada momento, as provas da sua natureza racional. Mas também é sempre verdade o *primum vivere, deinde philosophari*, a saber, só se pode dar às especulações, depois de satisfeitas as necessidades prementes da matéria. A inteligência necessita de um ambiente favorável para desenvolver-se; porém, mesmo no ambiente mais adverso, dará sempre manifestações de sua presença. E são muitas estas manifestações que nos autorizam a dizer, de uma maneira geral, que o índio é inteligente. A facilidade relativa com que se adapta à nossa civilização, com que aprende e fala várias línguas indígenas e algumas noções do português que lhe são ministradas nas escolas, a perspicácia com que observa o branco, ouve-o e lhe fala, são provas do nosso asserto sobre a sua inteligência. Até o presente, porém, nenhum indígena do Uaupés adquiriu uma instrução secundária ou superior, nem mostrou interesse de adquiri-la, apesar dos estímulos oferecidos pelas Missões Salesianas (1). Não é para estranhar-se o insucesso das primeiras tentativas, porque a instrução supõe uma civilização, isto é, hábitos de vida, de estudos, que só uma segunda ou terceira geração indígena, criada no regime civilizado, poderá apresentar.

Indicaremos aqui as manifestações primitivas da sua cultura (*Persönlichkeitkultur*), entendendo por esta expressão o que êsses silvícolas apresentam de cultura própria e não recebida do branco, e que facilmente se descobre da convivência com êles.

(84) Parece que originariamente o termo Tukano *ma'á* significava só o trajeto que devia seguir a canoa nas passagens perigosas das cachoeiras. Hoje o termo *ma'á* se usa como equivalente às palavras portuguesas: varadouro, caminho, estrada, etc.

(1) Os Salesianos contam entre os seus membros, na qualidade de Irmão Coadjutor, um índio *Taryana*, com uma instrução maior que a primária, e que é um bom mestre alfaiate, com curso de especialização em Recife. Os Padres Montfortianos recrutaram para o seu Instituto dois índios, um *Desana* e um *Taryana*. Moças de diversas tribos se encontram presentemente (1958) em Manaus fazendo o curso de enfermagem, por conta das Missões Salesianas.